Maria Natália de Magalhães Moreira Lobo

O ENSINO DAS ARTES APLICADAS (ourivesaria e talha) NA ESCOLA FARIA GUIMARÃES DE 1884 A 1948

REFLEXO NO DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO DA CIDADE DO PORTO

Volume II

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DE ARTE

Universidade do Porto
Faculdade de Letras
1998

Maria Natália de Magalhães Moreira Lobo

O ENSINO DAS ARTES APLICADAS (ourivesaria e talha) NA ESCOLA FARIA GUIMARÃES DE 1884 A 1948

REFLEXO NO DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO DA CIDADE DO PORTO

Anexos

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DE ARTE

Universidade do Porto
Faculdade de Letras
1998

ANEXOS

SUMÁRIO

ÍNDICE DE IMAGENS

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente volume é constituído por um conjunto de cinco anexos, cuja inclusão visa proporcionar uma melhor explicitação de alguns aspectos tratados no volume do texto e, ao mesmo tempo, propiciar um maior aprofundamento de algumas vertentes do campo em estudo.

No Anexo A, elencamos de forma pormenorizada os planos curriculares dos cursos ministrados na Escola Faria Guimarães desde 1884, ano da sua criação (Decreto de 3 de Janeiro de 1884) até 1948, data da aprovação do Estatuto do Ensino Profissional, Industrial e Comercial (Decreto nº 37 029 de 25 de Agosto de 1948), explicitando assim melhor as informações sobre a matéria, contidas no texto desta dissertação.

No Anexo B, mostramos imagens relativas ao inventário a que procedemos de modelos existentes no Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, o qual inclui não só os modelos em gesso que constituíram o material pedagógico de que a Escola dispôs, mas também os trabalhos em gesso, madeira e metal, elaborados por alunos e que, pela sua qualidade, se constituíram também como modelos. Paralelamente, referenciamos, um conjunto de imagens que procuram também evidenciar o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. Neste campo reproduzimos imagens das exposições de trabalhos escolares e de alguns trabalhos realizados por alunos, no âmbito das disciplinas de desenho e modelação.

Um conjunto de imagens, elucidativas do desempenho artístico de alguns ex-alunos da Escola Faria Guimarães, está contido no Anexo D.

O Anexo E comporta notas biográficas sobre a actividade profissional e artística de ex-alunos da Escola Faria Guimarães que, por força do limite de extensão imposto a este tipo de dissertação, não puderam ser incluídas no volume de texto. Estas notas estão ainda ilustradas com um conjunto de imagens, representativas do trabalho artístico desenvolvido por esses alunos.

Por fim, apresentamos o Anexo F onde são feitas referências biográficas a alguns professores e mestres da Escola Faria Guimarães, que mais profundamente marcaram os ex-alunos por nós entrevistados.

Plano Curricular da Reforma de 1884

Graus de Ensino	Classes		Duração da Aula	Tempos Semanais
A - Elementar ou Geral	1° - Preparatório em Desenho simples linear à vista		1 hora	6
	2° - Complementar em Desenho real à vista		1 1/2 hora	6
	Ramos (cursos de dois anos)	Disciplinas		
B - Industrial ou Especial	1° Ornamental	-Desenho Geométrico -Desenho Ornato -Perspectiva e Aguadas -Modelação	1 hora 1 hora 1 hora 1 hora	6*
	2° Mecânico	-Desenho Geométrico -Perspectiva e Aguadas -Desenho à vista de Máquinas -Elaboração de Cortes etc.	1 hora 1 hora 1 hora 1 hora	6*

* Os cursos de desenho industrial tinham por dia quatro lições de uma hora, duas diurnas e duas nocturnas, leccionando-se de dia o primeiro ano de um ramo e o segundo de outro, e de noite o inverso.

Nota: De acordo com as determinações constantes do Regulamento de 6 de Maio de 1884.

Plano Curricular da Reforma de 1889

Cursos	Classes		Duração da Aula	Tempos Semanais
Elementar *	1° - Preparatório em Desenho simples linear à vista		1 hora c)	6 c)
	2° - Complementar em Desenho real à vista		1 1/2 hora c)	6 c)
		Disciplinas		
Industrial *	1° Ornamental	-Desenho Geométrico -Desenho Ornato -Perspectiva e Aguadas -Modelação a) Aritmética e Geometria elementar a) Química Industrial b) Língua Francesa	1 hora c) 1 hora c) 1 hora c) 1 hora c)	6 c)

* De acordo com o ponto § único do art°.49° do Regulamento das Escolas Industriais e do Desenho Industrial aprovado pelo Decreto de 23 de Fevereiro de 1888, *"os cursos das Escolas Industriais poderão ser bienais em cada uma das cadeiras da Escola, se assim convier ao ensino, mediante proposta fundamentada do Inspector da circunscrição respectiva, e aprovação do Governo"*

a) Cadeiras criadas pelo decreto de 13 de Junho de 1888.

b) Cadeira criada pelo decreto de 10 de Janeiro de 1889.

c) Supomos que estes serão os tempos semanais e a duração das aulas destas disciplinas, embora não nos tenha sido possível verificar cabalmente este aspecto.

ANEXO A

PLANOS CURRICULARES DOS CURSOS MINISTRADOS NA ESCOLA FARIA GUIMARÃES DE 1884 A 1948

Plano Curricular da Reforma de 1893

Curso Elementar

Disciplinas	1º Ano	2º Ano	Total de Horas Semanais
Desenho	2 1/2 horas	3 horas	5 1/2 horas
Trabalhos Manuais	4 horas	5 horas	9 horas

Cursos Industriais

Pintor Decorativo - Tecelão - Formador - Estucador

Disciplinas	Horas Semanais			
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Desenho Geral	4 1/2 horas			
Desenho Ornamental		4 1/2 horas	4 1/2 horas	4 1/2 horas
Trabalhos Manuais	4 horas	4 horas	4 horas	4 horas

Nota: De acordo com as determinações constantes do Decreto de 5 de Outubro de 1893.

Plano Curricular da Reforma de 1897

Curso Geral

Disciplinas	Nº de Anos	Duração da Aula	Tempos Semanais
Desenho Elementar	1º ano 2º ano	1 1/2 horas 1 1/2 horas	6 6

Curso Especial

Disciplinas	Nº de Anos	Duração da Aula	Tempos Semanais
Desenho Ornamental e Modelação	1º ano 2º ano 3º ano	2 horas 2 horas 2 horas	6 6 6

Nota: De acordo com as determinações constantes do Decreto de 14 de Dezembro de 1897. Neste decreto não é atribuída à Escola Faria Guimarães a disciplina de trabalhos oficinais.

Plano Curricular da Reforma de 1900/01

Curso de Desenho Industrial b)

Disciplinas	**Nº de Anos**	**Duração da Aula**	**Tempos Semanais**
I - Desenho Geral Elementar	1º ano	1 1/2 horas	9
	2º ano	1 1/2 horas	9
II - Desenho Ornamental	1º ano	2 horas	12
	2º ano	2 horas	12
	3º ano	2 horas	12
Trabalhos Oficinais (masculinos)	*	5 a)	30
Trabalhos Oficinais (femininos)	*	3 a)	18

* Os trabalhos Oficinais iniciam-se a partir do 2º ano, inclusive do Desenho Geral Elementar.
a) O numero de horas diárias nunca deverá ser inferior ao estabelecido neste quadro.
b) A duração deste curso é, como se verifica, de 5 anos.
Nota: De acordo com o Decreto de 24 de Dezembro de 1901 e Portaria de 4 de Dezembro de 1900. Esta última continua em vigor e estabelece a distribuição do tempo dos exercícios escolares.

Plano Curricular da Reforma de 1916

Curso	Disciplinas	N.º de Anos	Duração da Aula	Tempos Semanais
Desenho Industrial	Desenho Elementar	1º Ano	1 1/2 hora	7 1/2
		2º Ano	1 1/2 hora	7 1/2
	Desenho Especial: ornamental e modelação	3º ano	2 horas	10
		4º ano	2 horas	10
		5º ano	2 horas	10
	Trabalhos Oficinais * Sexo masculino	1º ano	3 horas	15
		2º ano	3 horas	15
		3º ano	4 horas	20
		4º ano	4 horas	20
	Trabalhos Oficinais * Sexo feminino	1º ano	3 horas	15
		2º ano	3 horas	15
		3º ano	3 horas	15
		4º ano	3 horas	15

* A disciplina de Trabalhos Oficinais inicia-se no 2º ano de Desenho Elementar e tem a duração de quatro anos.
Nota: De acordo com o Regulamento das Escolas de Desenho Industrial, Industriais, Industriais-Comerciais, Preparatórias e Elementares de Comércio e de Arte Aplicada, aprovado pelo Decreto n.º 2.609-E de 4 de Setembro de 1916, in Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública, Ano I, n.º6 a 12, Lisboa, 1916, pp. 818- 835.

Plano Curricular da Reforma de 1918/19
Cursos de Aprendizagem

1º Grau Preliminar

Disciplinas	Tempo das Lições	Horas Semanais
Elementos de Desenho Geral	1 hora	6 horas
Língua Pátria	1 hora	3 horas
Noções de Aritmética e Geometria	1 hora	3 horas
Trabalhos Oficinais de Madeira e Ferro	1 1/2 horas	4 1/2 horas
Trabalhos Oficinais de Modelação e Pintura	1 1/2 horas	4 1/2 horas
Trabalhos Oficinais de Costura Bordados e Rendas	1 1/2 horas	4 1/2 horas

2º Grau Geral

Disciplinas	Sexo Masculino				Sexo Feminino			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
Língua Pátria	3	3			3	3		
Aritmética e Geometria	3	3			3	3		
Princípios de Física e Química e Noções de Tecnologia			3	3			3	3
Geografia e História			3	3			3	3
Língua Francesa			3	3			3	3
Desenho Geral	9 a)				9 a)			
Desenho Especializado (ornamental)		12 a)	12 a)	12 a)		12 a)	12 a)	12 a)
Trabalhos Oficinais *	15	15	20	20	12 1/2	12 1/2	15	15
Total de Horas Semanais	30	33	41	41	27 1/2	30 1/2	36	36

* Os Trabalhos Oficinais nesta Escola eram de: Marcenaria e Trabalhos em Madeira; Cinzelagem; Ourivesaria; Gravura em Aço; Costura, Bordados e Rendas.

a) A duração de cada lição é de uma hora para todas as disciplinas. Contudo, as aulas de desenho geral têm a duração de hora e meia cada uma e as aulas de desenho especializado (ornamental) de hora e meia a duas horas.

Nota: De acordo com o artº. 22º e § 1º do Decreto nº6.286 de 19 de Dezembro de 1919, que aprova o Regulamento das Escolas Industriais, publicado em Diário do Governo, I série, nº528 de 19 Dezembro de 1919.

3º Grau Complementar
Curso Complementar de Cinzelagem e Ourivesaria *

Disciplinas	Horas Semanais
Desenho Ornamental	12 horas
Composição	3 horas
Modelação	12 horas
Trabalhos Oficinais de Cinzelagem, Ourivesaria e Galvanoplastia	18 horas

Curso Complementar de Marcenaria *

Disciplinas	Horas Semanais
Desenho Construção	12 horas
Trabalhos Oficinais de Marcenaria	24 horas

Curso Complementar de Modelação e Pintura *

Disciplinas	Horas Semanais
Desenho Ornamental	12 horas
Modelação	12 horas
Pintura	12 horas

* Estes cursos têm a duração de dois anos, sendo o número de horas semanais igual nos dois anos

Nota: A organização curricular destes cursos foi elaborada pelo Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães e encontra-se registada na acta nº20 da sessão do Conselho Escolar de 30 de Janeiro de 1920, in Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bomfim - Porto, fls. 11v - 13v.

Cursos de Aperfeiçoamento

Curso Especial de Desenho Industrial **a)**	Ano	Horas Semanais	Curso Especial de Cinzelagem e Ourivesaria **b)**	Anos	Horas Semanais	Curso Especial de Marcenaria e Carpintaria **b)**	Anos	Horas Semanais	Curso Especial Complementar **c)**	Anos	Horas Semanais
Desenho Geral	1º 2º	7 1/2 horas 7 1/2 horas	Desenho Geral	1º 2º	7 1/2 horas 7 1/2 horas	Desenho Geral	1º 2º	7 1/2 horas 7 1/2 horas			
Desenho Ornamental e Modelação	3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas	Desenho Ornamental e Modelação	3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas	Desenho Arquitectónico Aplicado	3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas			
Pintura (facultativa)	2º 3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas 10 horas	Trabalhos Oficinais Galvanoplastia	2º 3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas 10 horas	Trabalhos Oficinais	2º 3º 4º 5º	10 horas 10 horas 10 horas 10 horas			
			Língua Pátria	1º 2º	3 horas 3 horas	Língua Pátria	1º 2º	3 horas 3 horas	Língua Pátria	1º 2º	3 horas 3 horas
			Aritmética e Geometria	1º 2º	3 horas 3 horas	Aritmética e Geometria	1º 2º	3 horas 3 horas	Aritmética e Geometria	1º 2º	3 horas 3 horas
			Princípios de Física e Química e Noções de Tecnologia - Galvanoplastia	3º 4º	3 horas 3 horas	Princípios de Física e Química e Noções de Tecnologia	3º 4º	3 horas 3 horas	Princípios de Física e Química e Noções de Tecnologia	3º 4º	3 horas 3 horas
									Língua Francesa	3º 4º	3 horas 3 horas
									Geografia e História	3º 4º	3 horas 3 horas

a) Este curso era destinado a pintores, decoradores, debuxadores e outras artes afins.
b) Estes cursos eram destinados a cinzeladores, ourives, estucadores e entalhadores.
c) Este curso era destinado aos indivíduos que desejassem instruir-se nas disciplinas que o contituíam.
Nota: A Organização curricular destes cursos foi elaborada pelo Conselho Escolar da Escola Faria Guimarães e encontra-se registada na acta nº 20 da sessão de Conselho Escolar de 30 de Janeiro de 1920, in Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bomfim -Porto, fls. 11V. - 13V.

Plano Curricular da Reforma de 1930

Curso Gravador de Aço					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Física e Química	-	-	4	-	-
Desenho Geral	10	-	-		-
Desenho Ornamental	-	10	10	10	-
Tecnologia	-	-	-	3	-
Modelação	-	-	6	6	-
Fauna e Flora - Estilos	-	3	-	-	-
Oficina	6	10	15	20	20
Total	25	29	38	39	20

Curso Cinzelador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Física e Química	-	-	-	4	-
Desenho Geral	10	-	-		-
Desenho Ornamental	-	10	10	6	-
Tecnologia	-	-	-	-	3
Modelação	-	6	6	6	-
Fauna e Flora - Estilos	-	-	3	-	-
Oficina	6	10	15	20	20
Total	25	32	37	36	23

Curso de Marceneiro					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho de Projecção	-	10			-
Tecnologia	-	-	-	3	-
Desenho de Construção	-		10	10	6
Oficina	15	15	15	20	20
Estilos	-	-	-	3	-
Total	34	31	28	36	26

Curso de Entalhador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental	-	10	10	6	
Modelação	-	6	6	6	6
Flora e Fauna	-	-	3	-	-
Estilos	-	-	-	3	-
Oficina	6	10	10	20	20
Total	25	32	32	35	26

Curso de Pintor Decorador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Física e Química	-	-	4	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental	-	10	10	10	-
Tecnologia	-	-	-	3	-
Pintura	-	9	12	12	15
Flora e Fauna	-	-	3	-	-
Estilos	-	-	-	3	-
Total	19	25	32	28	15

Curso de Tecelão Debuxador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Física e Química	-	-	4	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental	-	6	6	10	-
Tecnologia	-	-	-	3	-
Desenho de Debuxo	-	10	10	10	10
Estilos	-	-	1	-	-
Oficina	6	15	15	15	20
Total	22	37	39	38	30

Curso de Costureira de Roupa Branca					
	Carga Horária				
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Profissional	-	10	10	-	-
Oficina	10	15	20	20	-
Total	26	31	33	20	

Curso de Modista de Vestidos					
	Carga Horária				
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Francês	-	-	3	3	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental	-	-	-	6	-
Tecnologia	-	-	3	-	-
Desenho Profissional	-	10	10	-	-
Estilos	-	-	-	3	-
Oficina	10	15	20	20	-
Total	26	31	39	32	

Curso de Bordadeira					
	Carga Horária				
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Profissional	-	10	10	-	-
Oficina	10	15	20	20	-
Total	26	31	33	20	

Curso de Ourives					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Geografia e História	3	-	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Física e Química	-	-	-	6	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental	-	6	6	6	-
Modelação	-	6	6	6	
Tecnologia	-	-	-	-	3
Oficina	10	10	15	15	20
Flora e Fauna	-	-	2	-	-
Estilos	-	-	-	2	-
Total	29	28	32	35	2

Nota: in Decreto nº 18.420 de 4 de Junho de 1930, publicado em Diário do Governo nº 128, Iª Série de 4 de Junho de 1930.

Plano Curricular da Reforma de 1931

Curso de Marceneiro					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho de Projecções	-	10	-	-	-
Desenho Profissional e Estilos	-	-	10	10	10
Tecnologia	-	-	-	2	2
Francês	-	-	-	3	3
Oficina	6	15	18	18	20
Total	22	33	33	33	35

Curso de Entalhador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Flora, Fauna e Estilos	-	10	10	10	6
Modelação e Composição	-	6	6	6	10
Francês	-	-	-	3	3
Oficina	6	12	18	18	20
Total	22	36	39	37	39

Curso de Pintor Decorador					
Disciplinas	**Carga Horária**				
	1º Ano	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Fauna, Flora e Estilos	-	10	10	10	10
Pintura e Tecnologia	-	10	15	18	23
Francês	-	-	-	3	3
Total	16	28	30	31	30

Curso de Gravador de Aço					
	Carga Horária				
Disciplinas	**1º Ano**	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Fauna, Flora e Estilos	-	10	10	6	6
Física e Química	-	-	-	4	4
Tecnologia	-	-	-	-	3
Modelação e Composição	-	-	-	6	6
Francês	-	-	3	3	-
Oficina	6	12	18	18	20
Total	22	30	36	37	39

Curso de Cinzelador					
	Carga Horária				
Disciplinas	**1º Ano**	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Fauna, Flora e Estilos	-	10	10	6	-
Física e Química	-	-	-	4	4
Tecnologia	-	-	-	-	3
Modelação e Composição	-	6	6	6	-
Francês	-	-	-	3	3
Oficina	6	12	18	18	20
Total	22	36	39	37	30

Curso de Ourives					
	Carga Horária				
Disciplinas	**1º Ano**	**2º Ano**	**3º Ano**	**4º Ano**	**5º Ano**
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Fauna, Flora e Estilos	-	6	10	10	-
Tecnologia	-	-	-	-	3
Modelação	-	6	6	6	-
Oficina	6	12	15	15	20
Total	22	32	36	31	23

Curso de Tecelão Debuxador					
	Carga Horária				
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental e Estilos	-	6	6	6	6
Tecnologia	-	-	-	3	-
Desenho de Debuxo	-	10	10	10	10
Francês	-	-	-	3	3
Oficina	6	12	15	15	20
Total	22	34	34	37	39

Curso de Tecelão Debuxador (Nocturno)					
	Carga Horária				
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	-	-	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Debuxo e Estilos	-	10	10	10	10
Francês	-	-	-	3	3
Oficina	-	-	9	9	9
Total	16	16	22	22	22

Curso de Costureira de Roupa Branca						
	Carga Horária					
Disciplinas	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano
Português	3	3	3	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-	-
Francês	-	-	-	3	3	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-	-
Desenho Ornamental, Fauna, Flora e Estilos e Composição	-	4	4	6	-	-
Desenho Profissional	-	-	-	6	6	10
Oficina	10	15	15	18	20	20
Total	26	25	22	33	29	30

Curso de Modista de Vestidos						
Disciplinas	Carga Horária					
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6º Ano
Português	3	3	3	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-	-
Francês	-	-	-	3	3	-
Desenho Geral	10	-	-	-	-	-
Desenho Ornamental e Estilos	-	-	-	6	6	6
Desenho Profissional e Tecnologia	-	10	10	-	-	-
Oficina	10	15	20	20	20	20
Total	26	31	33	29	29	26

Curso Bordadora Rendeira						
Disciplinas	Carga Horária					
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6ºAno
Português	3	3	3	-	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-	-
Matemática	3	3	-	-	-	-
Francês	-	-	-	-	3	3
Desenho Geral	10	-	-	-	-	-
Desenho Ornamental Estilos e Composição	-	-	-	6	6	6
Desenho Profissional e Tecnologia	-	6	6	6	6	6
Oficina	10	15	15	18	18	20
Total	26	29	26	30	33	35

Curso de Habilitação às Belas - Artes					
Disciplinas	Carga Horária				
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
Português	3	3	3	-	-
Matemática	3	3	3	-	-
Geografia e História	-	2	2	-	-
Geometria Plana Projecções e Perspectiva	6	6	6	-	-
Desenho Ornamental	10	6	6	-	-
Física e Química	-	-	-	4	4
Modelação	-	-	-	6	6
Francês	-	-	-	3	3
Desenho de Figura	-	10	10	10	10
Total	26	30	30	23	23

Nota: in Decreto nº 20.420 de 21 de Outubro de 1931, publicado no Diário do Governo nº 243, Iª Série de 21 de Outubro de 1931.

Plano Curricular da Reforma de 1948

CURSOS DE FORMAÇÃO:

Pintura Decorativa

Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	2	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Letra	2	2	-	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
Composição Decorativa	-	4	6	6
Arquitectura de Interiores	-	-	-	4
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia	12	12	18	20
Total	39	43	40	39

Escultura Decorativa

Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Figura e Panejamentos	-	6	6	6
Modelação de Ornato	10	4	-	-
Modelação de Figura e Noções de Escultura Sacra	-	-	4	8
Composição Decorativa	-	-	4	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia	12	12	18	20
Total	41	41	42	43

Cerâmica Decorativa				
	Carga Horária			
Disciplinas	**1ºAno**	**2ºAno**	**3ºAno**	**4ºAno**
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Química Aplicada	-	-	2	3
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Letra	-	-	2	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
Modelação	4	4	4	4
Composição Decorativa	-	-	4	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia	12	12	15	20
Total	41	41	43	42

Cinzelagem				
	Carga Horária			
Disciplinas	**1ºAno**	**2ºAno**	**3ºAno**	**4ºAno**
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
Modelação	4	4	4	4
Composição Decorativa	-	-	4	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia	15	15	18	24
Total	42	42	42	43

Mobiliário Artístico				
Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Matemática	2	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	-	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Mobiliário	-	-	12	10
Modelação	4	4	4	-
Arquitectura de Interiores	-	-	-	4
Orçamentos e Contas de Obras	-	-	-	1
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia	15	18	20	21
Total	40	43	40	42

Fotógrafo de Artes Gráficas				
Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Física e Química Aplicadas	-	-	3	3
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Fotografia	9	12	18	24
Total	34	37	37	36

Gravador Fotoquímico				
Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Química Aplicada	-	-	2	2
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Gravura Fotoquímica	12	15	18	18
Total	35	38	35	30

Gravador de Bronze, Cobre e Aço				
Disciplinas	**Carga Horária**			
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**	**4ºAno**
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
Modelação	4	4	4	4
Composição Decorativa	-	-	4	6
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Gravura	10	12	18	20
Total	41	43	41	40

Compositor Tipógrafo				
Disciplinas	Carga Horária			
	1ºAno	2ºAno	3ºAno	4ºAno
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Composição Tipográfica	12	12	20	24
Total	37	38	32	31

Concluído o 2° ano, os alunos optarão pela Oficina de Composição Manual ou pela Oficina de Composição Mecânica, fazendo-se no respectivo diploma a anotação correspondente.

Impressor Tipógrafo			
Disciplinas	**Carga Horária**		
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**
a)			
Português	3	2	-
Francês	3	5	-
Noções de História de Arte	-	2	2
Matemática	3	2	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6
b)			
Religião e Moral	1	1	-
Formação Corporativa	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1
Educação Física	1	1	1
c)			
Oficina e Tecnologia de Composição Tipográfica Manual	12	-	-
Oficina e Tecnologia de Impressão Tipográfica Mecânica	-	18	24
Total	31	39	35

Desenhador - Gravador - Tipógrafo				
Disciplinas	**Carga Horária**			
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**	**4ºAno**
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	4
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Letra	4	4	8	10
Caligrafia	-	-	4	4
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Gravura de Bronze, Cobre e Aço	10	12	18	20
Total	39	41	40	41

Desenhador - Gravador - Litógrafo				
Disciplinas	**Carga Horária**			
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**	**4ºAno**
a)				
Português	3	2	-	-
Francês	3	5	-	-
Noções de História de Arte	-	-	2	2
Elementos de Física e Química	4	4	-	-
Matemática	3	2	-	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6	-
Desenho de Projecções e Perspectiva	2	2	-	-
Desenho de Figura	-	-	6	6
Desenho de Letra	4	4	-	-
Composição Decorativa	-	-	4	6
Caligrafia	-	-	4	4
b)				
Religião e Moral	1	1	-	-
Formação Corporativa	-	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1	-
Educação Física	1	1	1	-
c)				
Oficina e Tecnologia de Litografia	12	12	15	20
Total	41	41	38	40

Impressor - Transportador - Litógrafo			
Disciplinas	**Carga Horária**		
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**
a)			
Português	3	2	-
Francês	3	5	-
Noções de História de Arte	-	2	2
Matemática	3	2	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6
b)			
Religião e Moral	1	1	-
Formação Corporativa	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1
Educação Física	1	1	1
c)			
Oficina e Tecnologia de Impressão Litográfica	12	18	24
Total	31	39	35

Encadernador - Dourador			
Disciplinas	**Carga Horária**		
	1ºAno	**2ºAno**	**3ºAno**
a)			
Português	3	2	-
Noções de História de Arte	-	2	2
Matemática	3	2	-
Desenho de Observação e Ornato	8	8	6
Composição Decorativa	-	-	4
b)			
Religião e Moral	1	1	-
Formação Corporativa	-	-	1
Noções de Higiene	-	-	1
Educação Física	1	1	1
c)			
Oficina e Tecnologia de Encadernação	12	18	24
Total	34	36	39

Secção Preparatória para os cursos de Pintura e Escultura das Escolas de Belas-Artes		
	Carga Horária	
Disciplinas	1ºAno	2ºAno
Português	2	2
Inglês	3	5
História	-	3
Geografia	3	-
Matemática	3	3
Ciências Naturais	2	2
Física e Química	3	3
Geometria Descritiva	3	3
Esboço Natural	4	4
Desenho de Figura	6	6
Modelação	4	4
Oficina	4	4
Total	37	39

Especializações

Curso de Serralheiro de Arte			
	Carga Horária		
Disciplinas	**1ºAno**	**2ºAno**	**3ºAno**
a)			
Desenho	4	4	4
Modelação	4	4	4
c)			
Oficina e Tecnologia	4	4	4
Total	12	12	12

Neste curso podem ser admitidos candidatos habilitados com aprovação nas disciplinas de Desenho e oficina do 1° ano do curso de serralheiro.

Curso de Cinzelagem (Ourives)		
	Carga Horária	
Disciplinas	1ºAno	2ºAno
a)		
Ligas, Contrastes e Legislação Aplicável	1	-
Desenho	6	6
c)		
Trabalhos Práticos	5	6
Total	12	12

Neste curso podem ser admitidos candidatos habilitados com aprovação no 2° ano do curso de Cinzelagem.

Nota: in Decreto n° 37.029 de 25 de Agosto de 1948, publicado no Diário do Governo n° 198, Iª Série de 25 de Agosto de 1948.

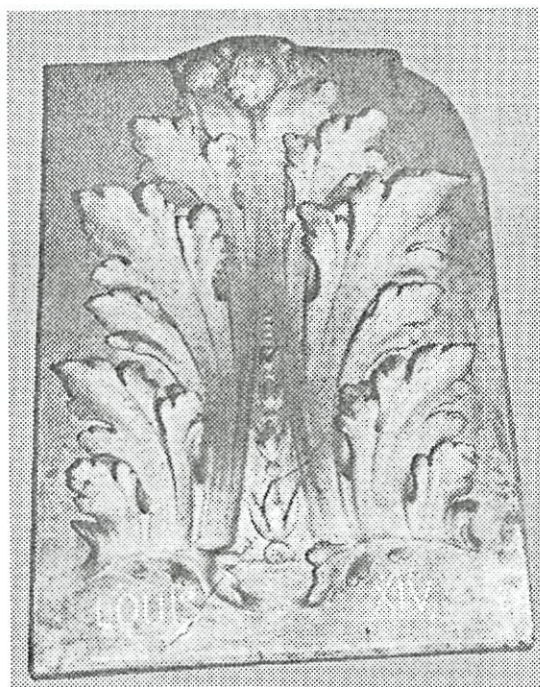
ANEXO B

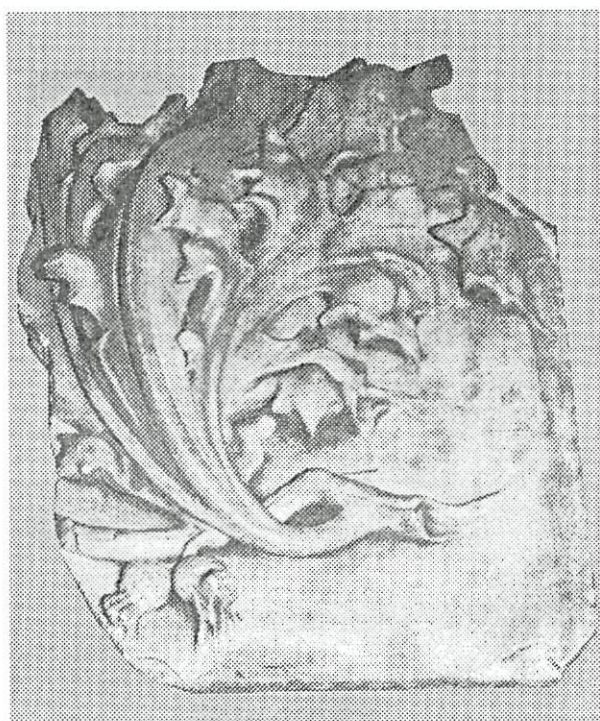
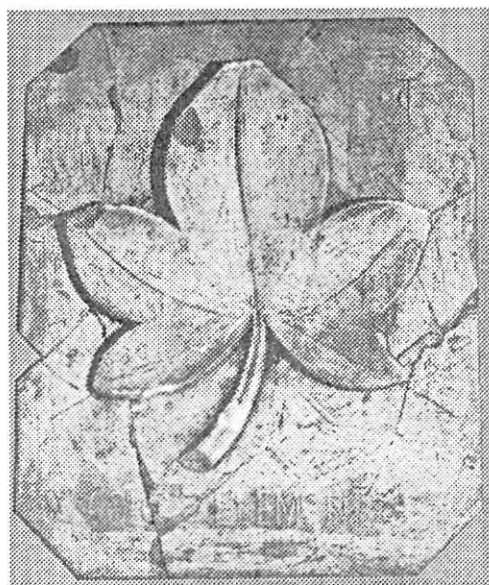
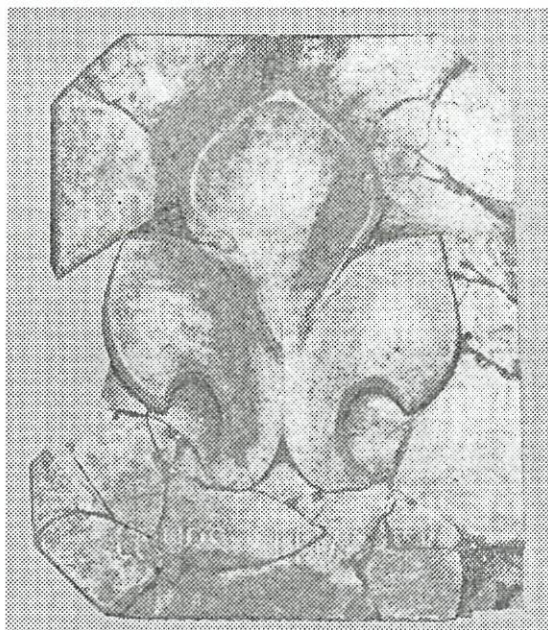
IMAGENS DE MODELOS

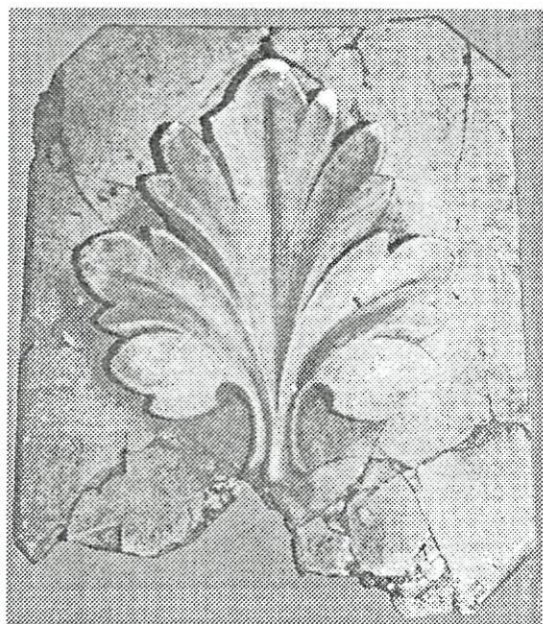
1 - Folha de acanto - "XII Siecle"

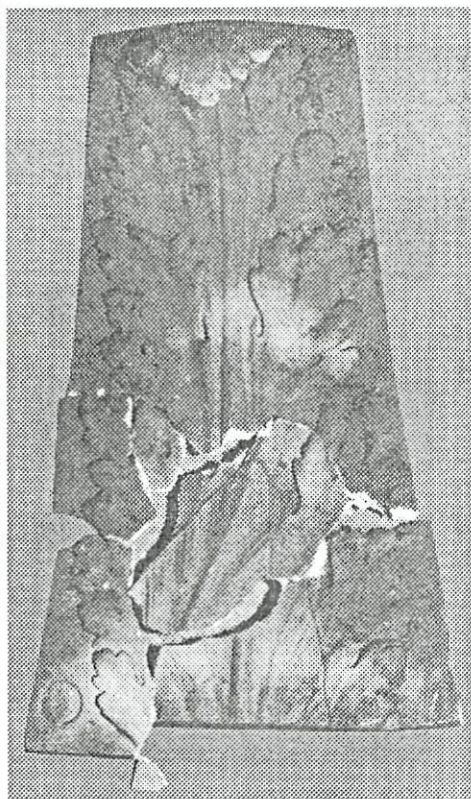
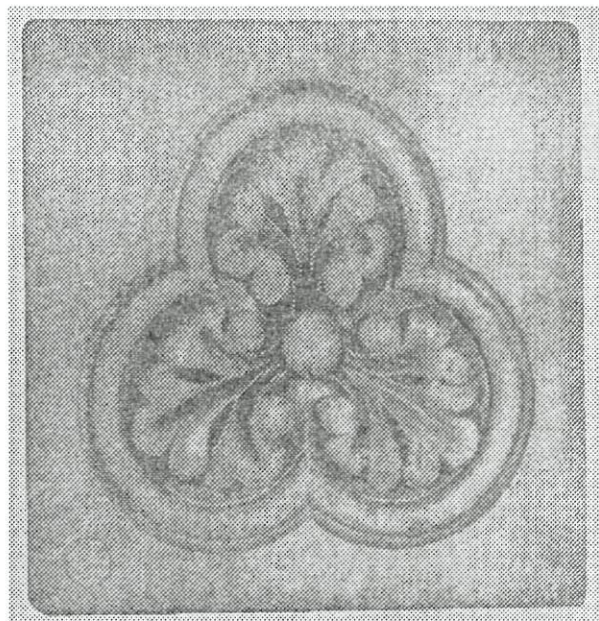
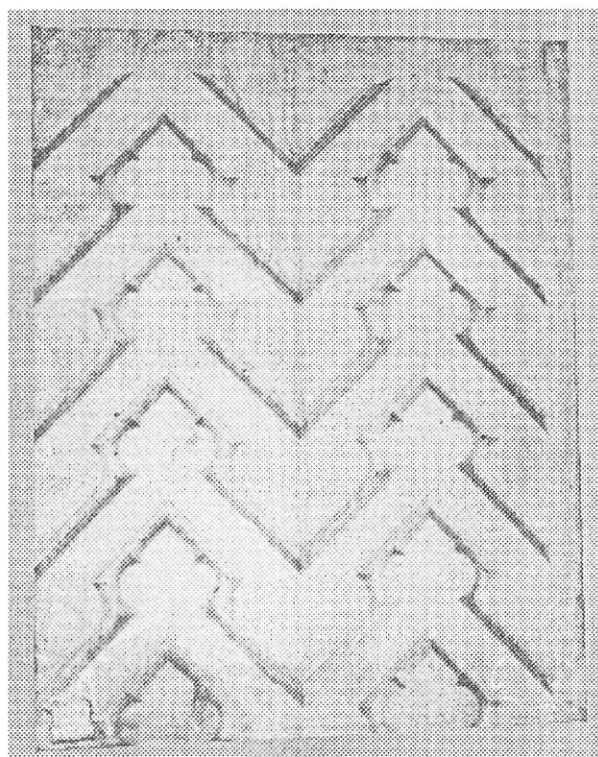
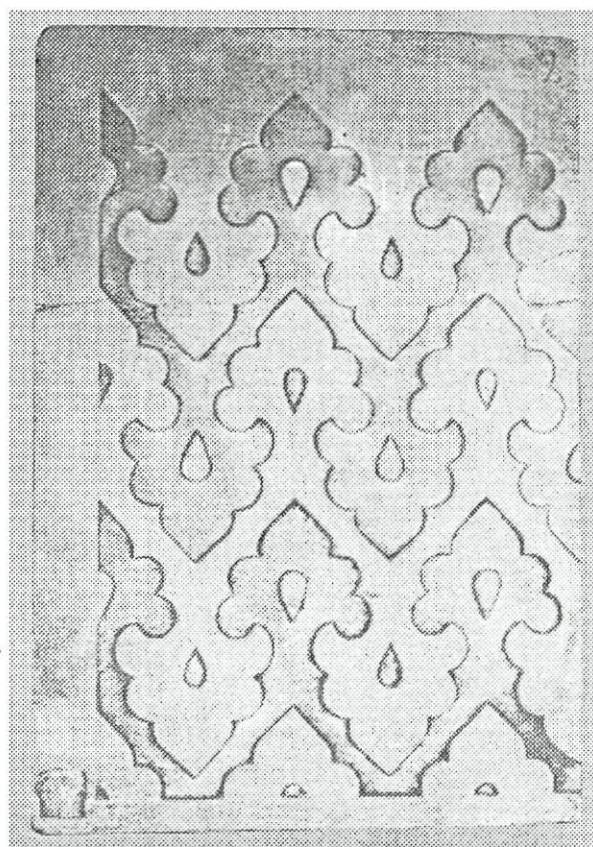
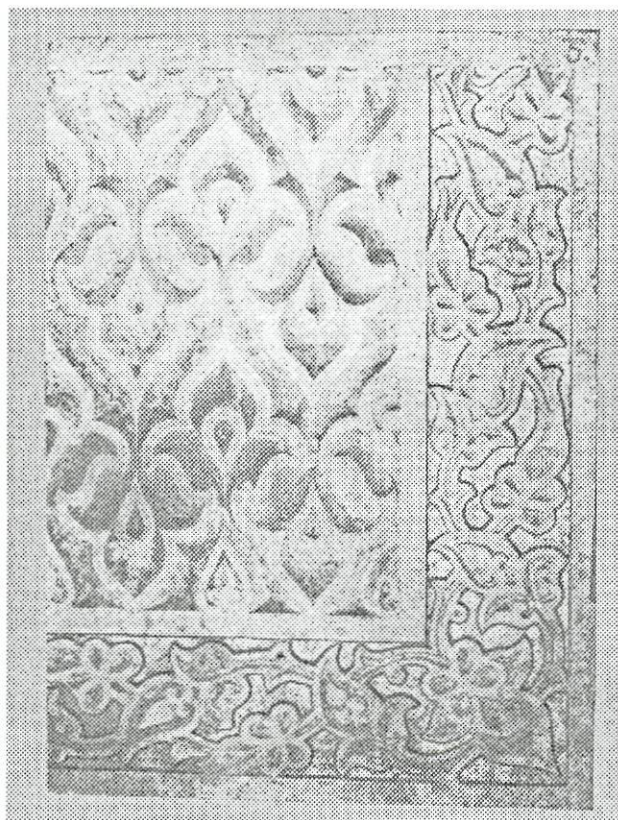
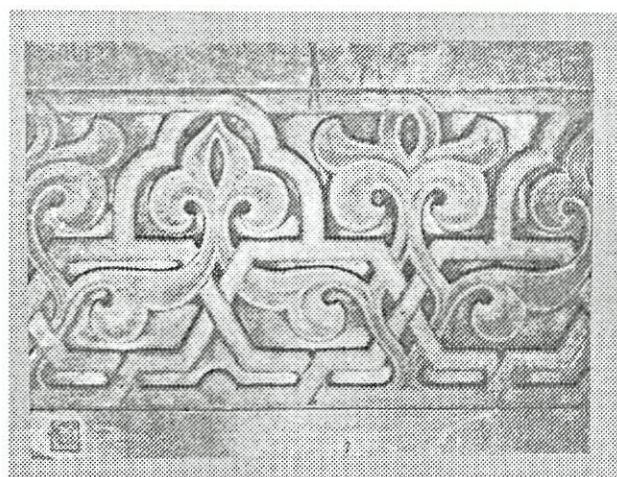
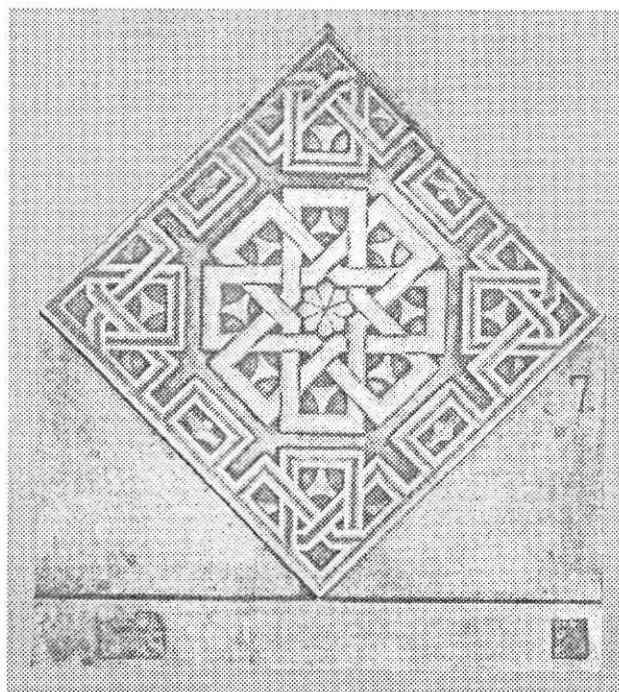
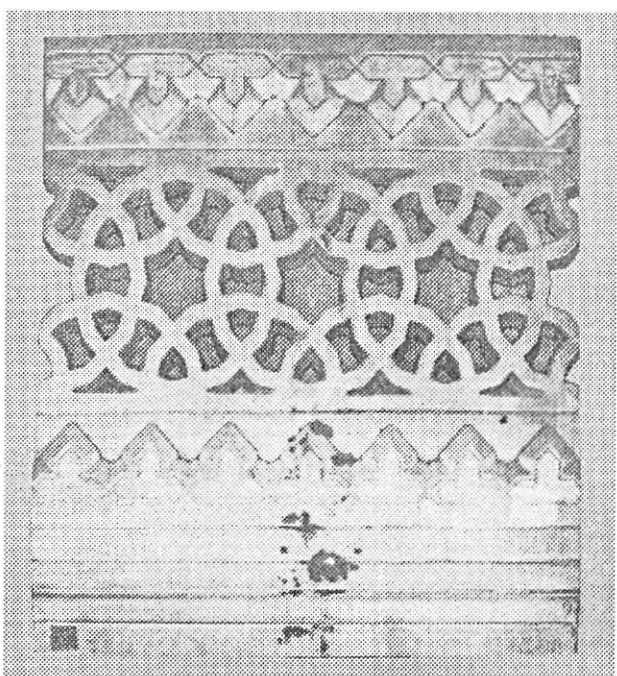
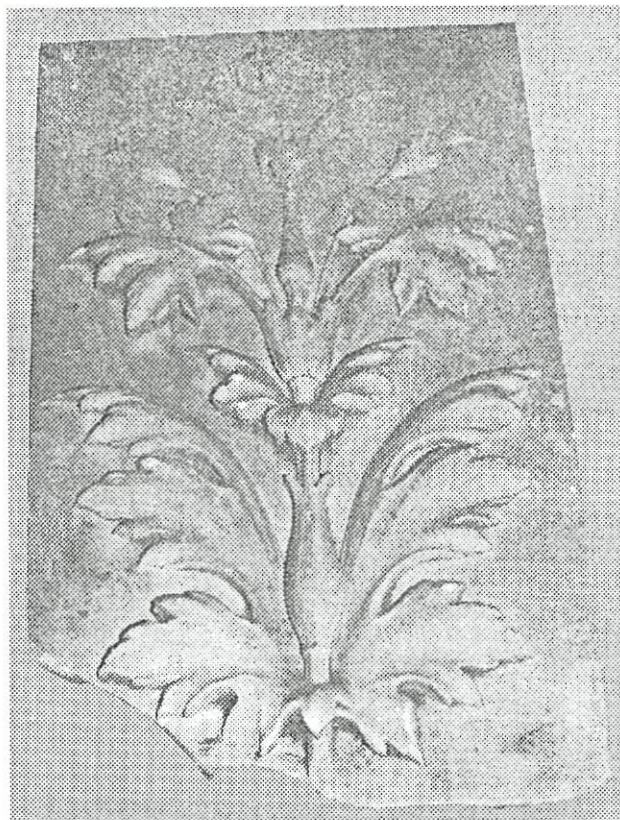
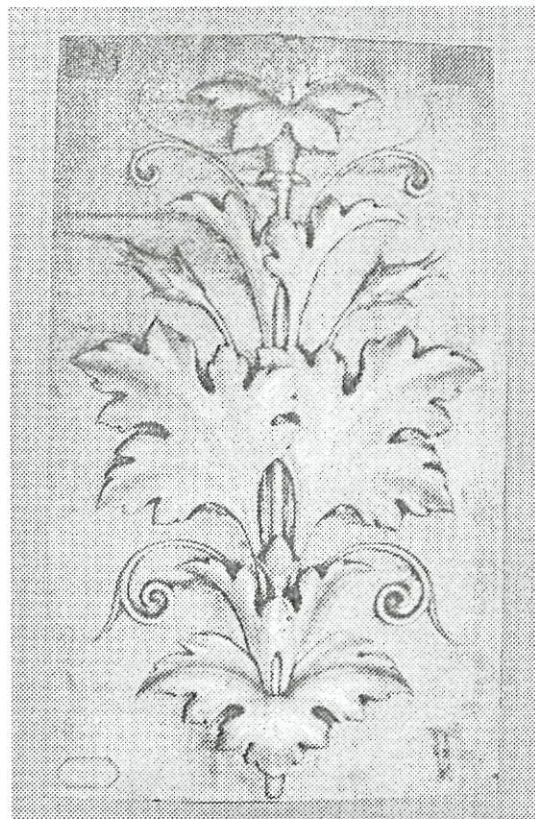
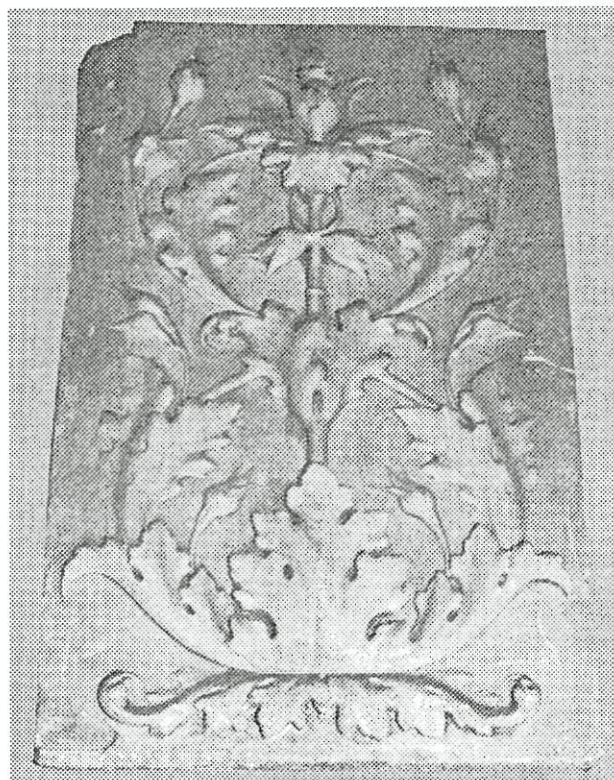
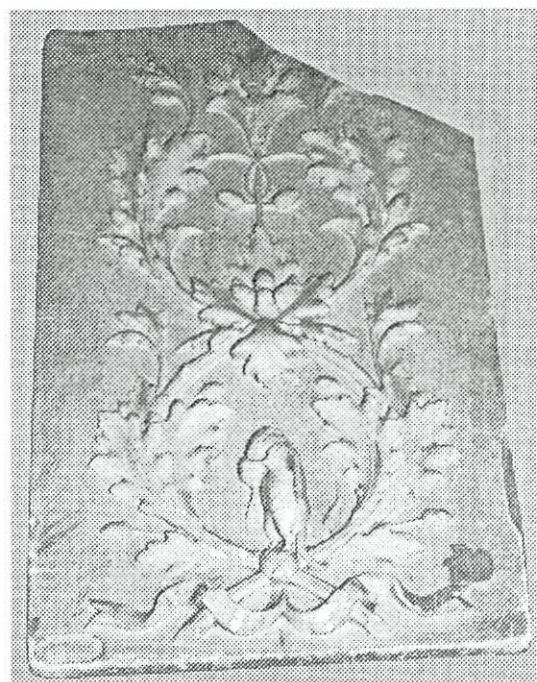
2 - Modelo em gesso-Folha de acanto "Louis XV"

4 - Modelo em gesso-Folha de acanto- "Greg"

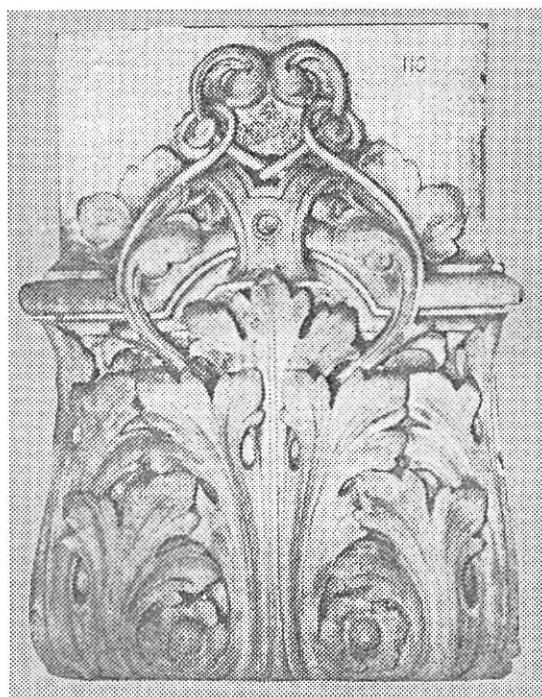
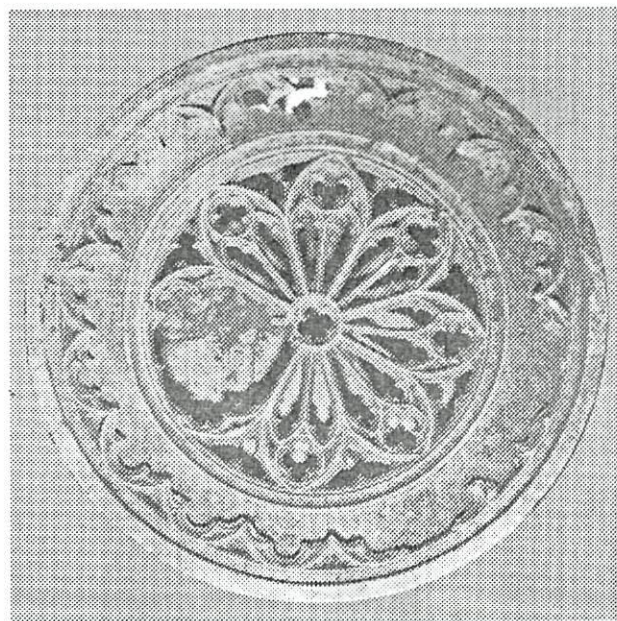
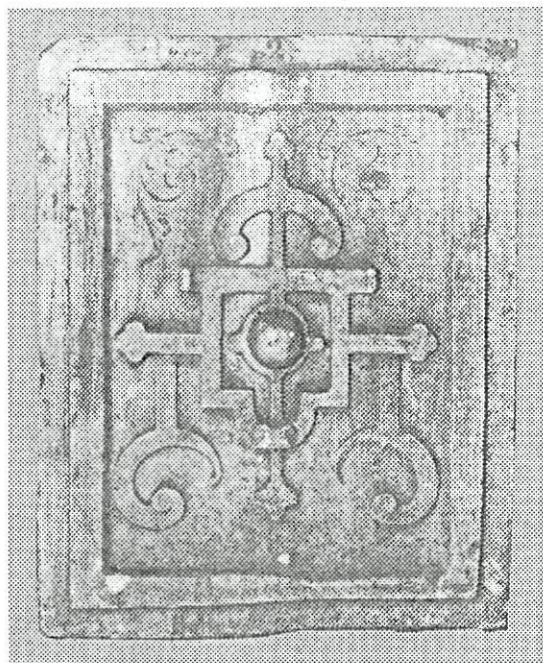
3 - Modelo em gesso-Folha de acanto "Louis XIII"

5 - Modelo em gesso-Folha de acanto "Louis XIV"

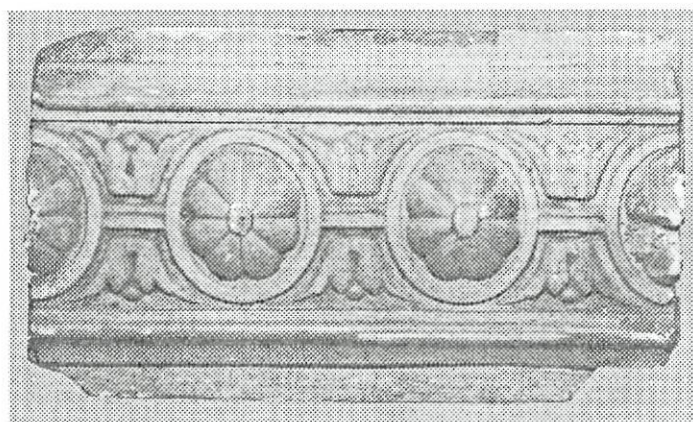
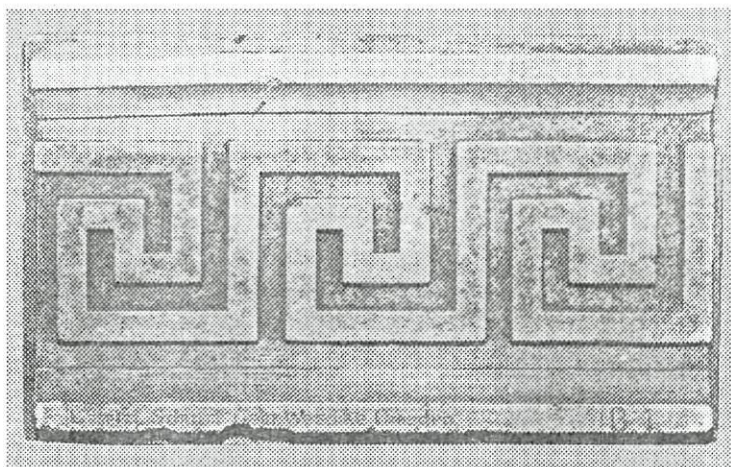
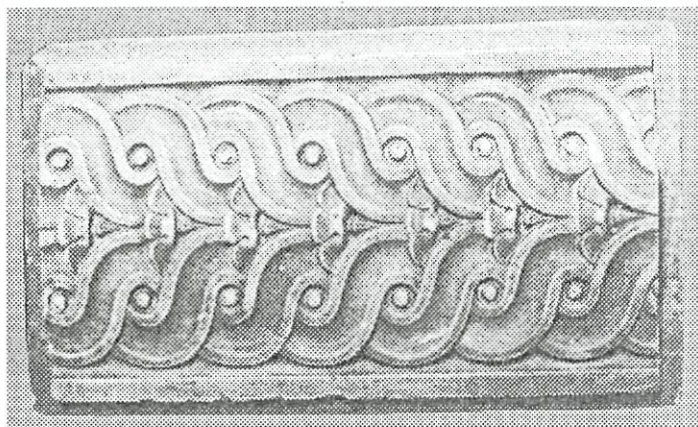
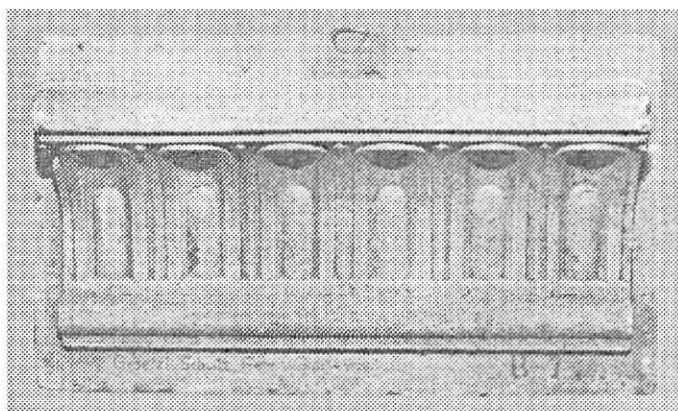
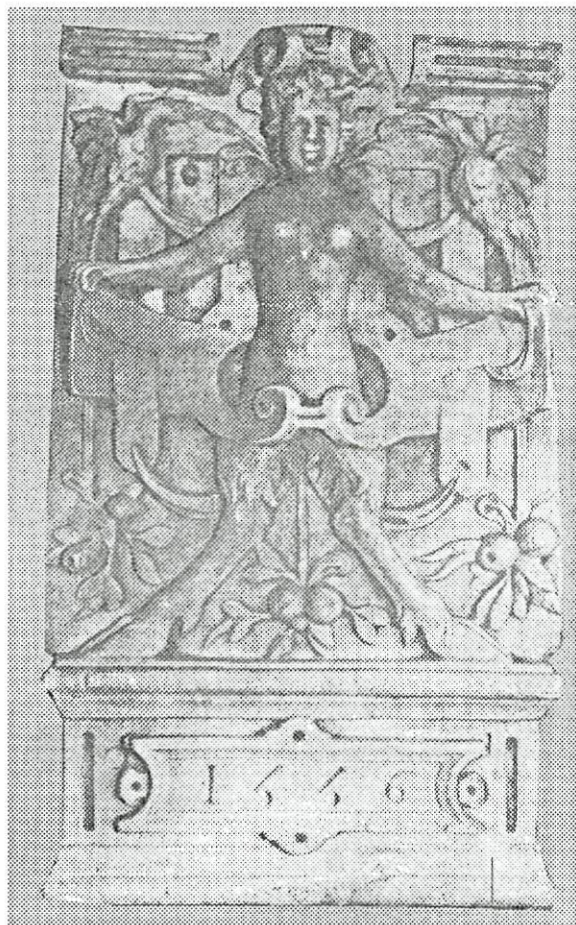
6 - Modelo em gesso-Folha de acanto-"Renaissance"

7 - Modelo em gesso- Parte de modelo de folha de acanto-"Siécle"

8 - Modelo em gesso- " Cours Elementair"

9 - Modelo em gesso. "Cours Elementair"

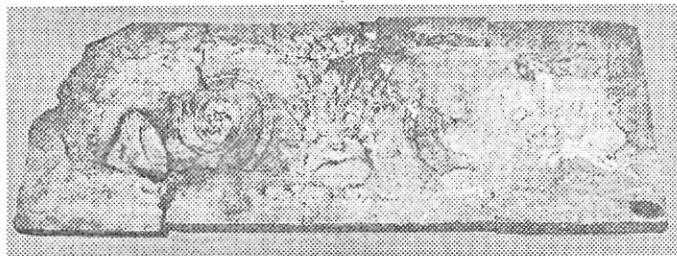
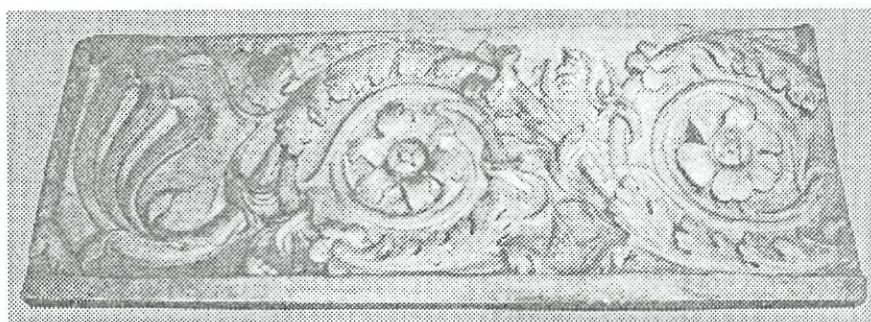
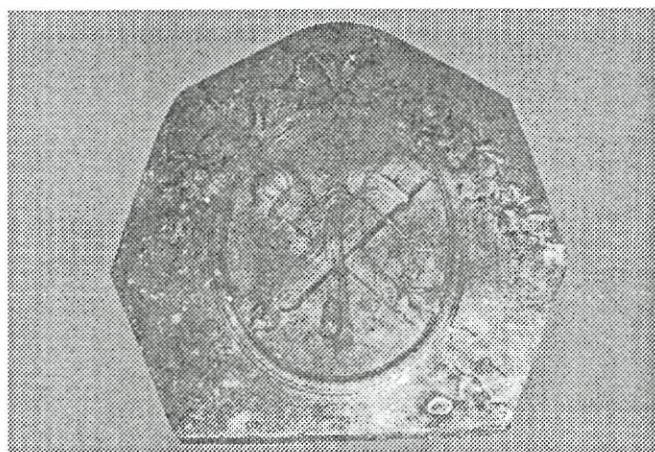
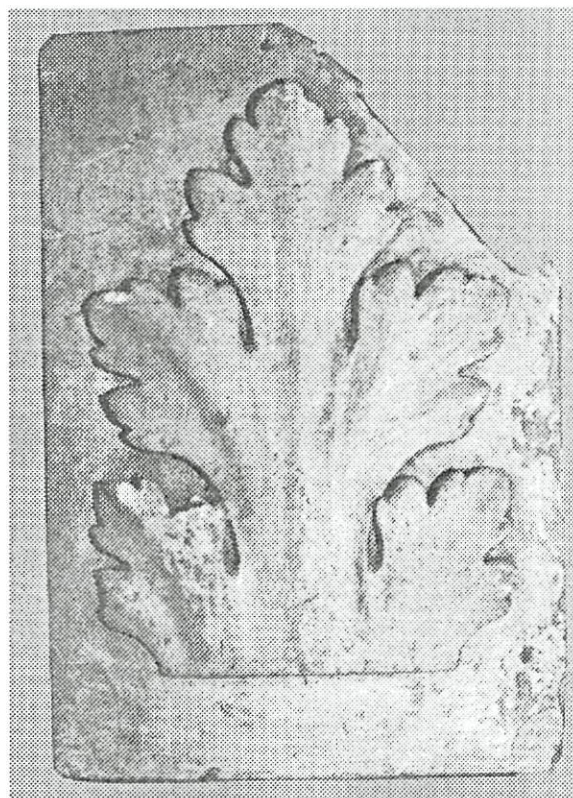
10 - Modelo em gesso-Folha de acanto- "Cours Elementair"

11 - Modelo em gesso-Folha de acanto-"Cours Elementair"

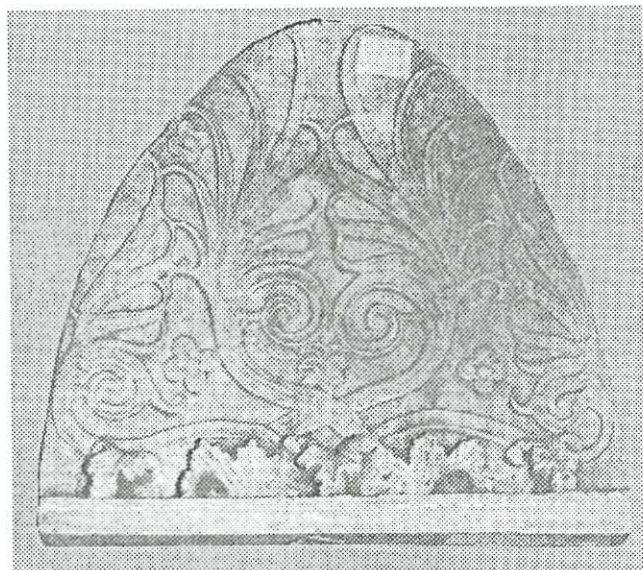
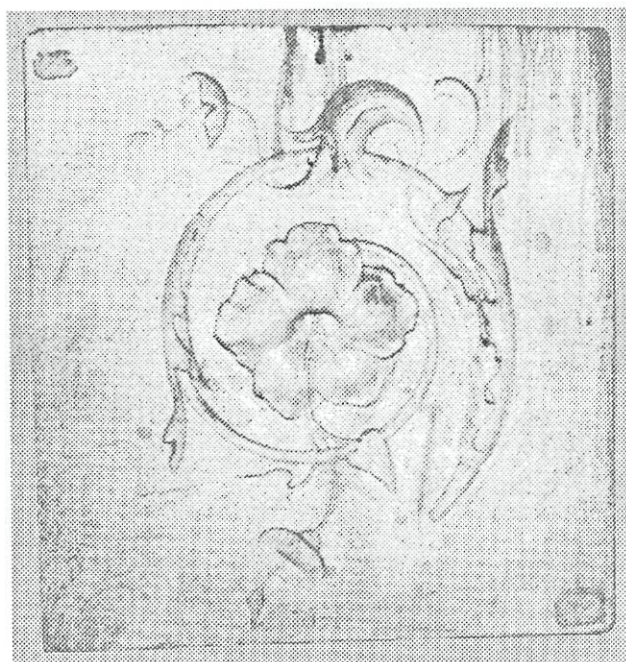
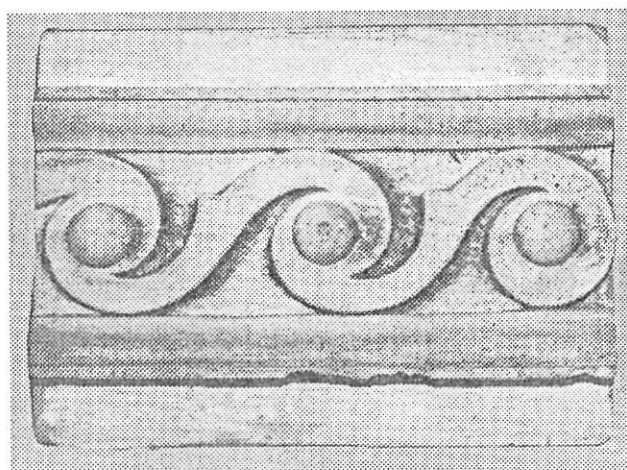
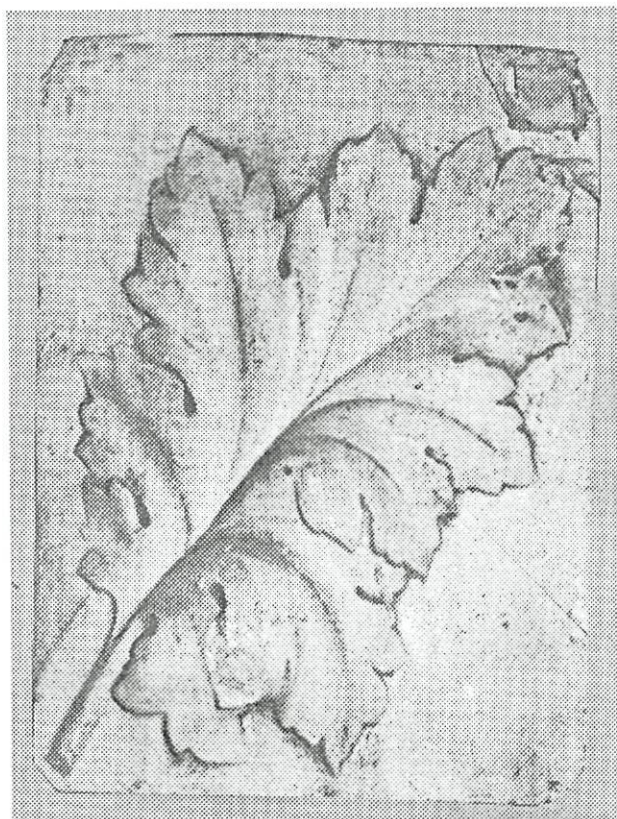
12 - Modelo em gesso - "Cours Elementair"

13 - Modelo em gesso-Folha de acanto encorvada

14 - Modelo em gesso com o nº63 e carimbo de "CH. Delagrave Éditeur - Paris"

15 - Modelo em gesso Art Arabe nº1 com carimbo "A. Quantin Éditeur - Paris"

16 - Modelo em gesso Art Arabe nº2 com carimbo "A. Quatin Éditeur - Paris"

17 - Modelo em gesso "Art Arabe" nº3 com carimbo de "A. Quatin Éditeur - Paris"

18 - Modelo em gesso "Art Arabe" nº6 com carimbo "A. Quantin Éditeur - Paris"

19 - Modelo em gesso "Art Arabe" nº7 com carimbo "A. Quantin Éditeur - Paris"

20 - Modelo em gesso "Art Arabe" nº9 com carimbo "A. Quantin Éditeur - Paris"

21- Modelo em gesso com o nº3 inscrito no canto inferior direito e o carimbo "Die Mobile Sind Eigentum P.X. Polti Schule in Dresden"

22 - Modelo em gesso com o nº4 inscrito no canto inferior direito e com o carimbo "Die Mobile Sind Eigentum P.X. Schule in Dresden"

23 - Modelo em gesso com o nº6 inscrito no canto inferior direito, com o carimbo "Die Mobile Sind Eigentum P.X. Polti Schule in Dresden"

24 - Modelo em gesso com o nº 7 inscrito no canto inferior direito, com o carimbo "Die mobile Sind Eigentum P.X. Polti Schule in Dresden"

25 - Modelo em gesso com o nº9 inscrito no canto inferior direito com o carimbo "Die Mobile Sind Eigentum P.X. Polti Schule in Dresden"

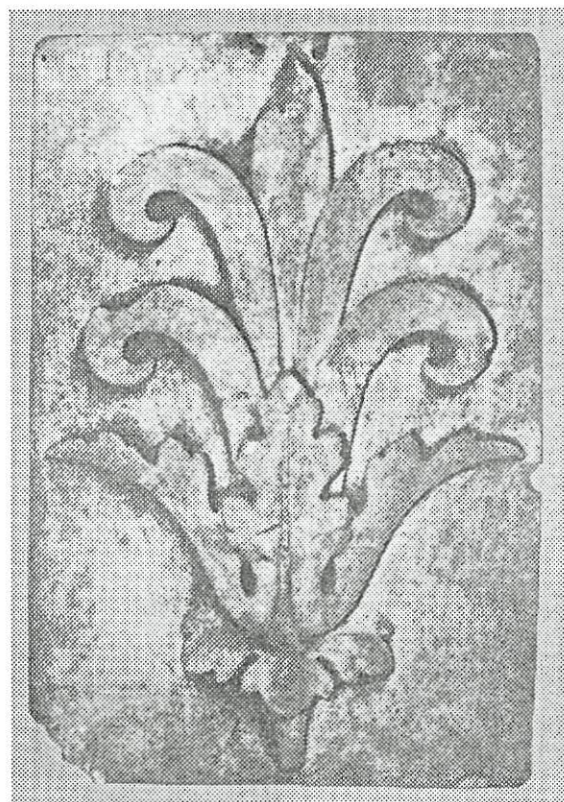
26 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto superior esquerdo "S.II." e no canto inferior direito o carimbo "Die Mobile Sind Eigentum P.X. Polti Schule in Dresden"

27- Modelo em gesso com o nº110 inscrito no canto superior direito e com o carimbo "J. G. Bufinger Modeileur, Stuttgard"

28 - Modelo em gesso Rosácea gótica com o carimbo "J. G. Bufinger Modeileur, Stuttgard"

29 - Modelo em gesso com o nº2 inscrito na parte superior do modelo. Na parte inferior está inscrito Heullen, sendo o resto ilegível; supõe-se que a inscrição seja "Hullenlocher Julermosler, Stuttgard"

30 - Modelo em gesso com o nº 19 inscrito na parte superior do modelo. Ostenta na parte inferior a inscrição "Hullenlocher Julermosler Stuttgard"

31 - Modelo em gesso. Friso com a referência B... (ilegível) no canto inferior direito e com a inscrição: "Gesetzl. Schutz. Gebr. Weschke, Dresden"

32 - Modelo em gesso. Com a referência B1 no canto inferior direito e com a inscrição: "Gesetzl. Schutz. Gebr. Weschke, Dresden"

33 - Modelo em gesso com a referência B5 no canto inferior direito e com a inscrição: "Gesetzl. Schutz. Gebr. Weschke, Dresden"

34 - Modelo em gesso. Com a referência B7 no canto inferior direito e com a inscrição: "Gesetzl. Schutz. Gebr. Weschke, Dresden"

36 - Modelo em gesso exibindo na base o carimbo:"Ecole Centrale des Arts Industriels, Geneve"

35 - Modelo em gesso. Este modelo, pelo seu estado de deterioração não tem já a sua parte inferior, não sendo por isso possivel dentificá-lo correctamente. Contudo pensamos pertencer à série de modelos de frisos provenientes de: "Gesetzl. Schutz. Gebr. Weschke. Dresden"

37 - Modelo em gesso exibindo no canto inferior direito o carimbo:"Ecole Centrale des Arts Industriels, Geneve". Este gesso está muito deteriorado

38 -Modelo em gesso exibe o carimbo:"Ecole Centrale des Arts Industriels, Geneve"

39 - Modelo em gesso. O carimbo que exibe no canto inferior direito supomos ser o da "Ecole Centrale des Arts Industriels - Geneve"

40 - Modelo em gesso. Este modelo tem inscrito no canto superior esquerdo "S.I.". Exibe ainda no mesmo canto um selo de papel do "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

42 - Modelo em gesso. Ostenta no canto superior esquerdo um selo de papel com a referência "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

41 - Modelo em gesso.Ostenta um selo de papel do "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

43 - Modelo em gesso. Ostenta no canto superior esquerdo um selo de papel com a referência: "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

44- Modelo em gesso. Possui no canto superior direito um selo de papel com a referência: "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

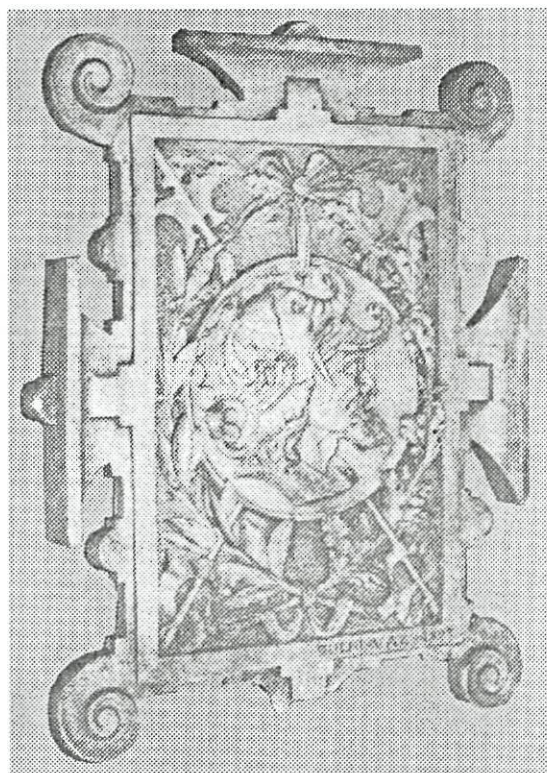
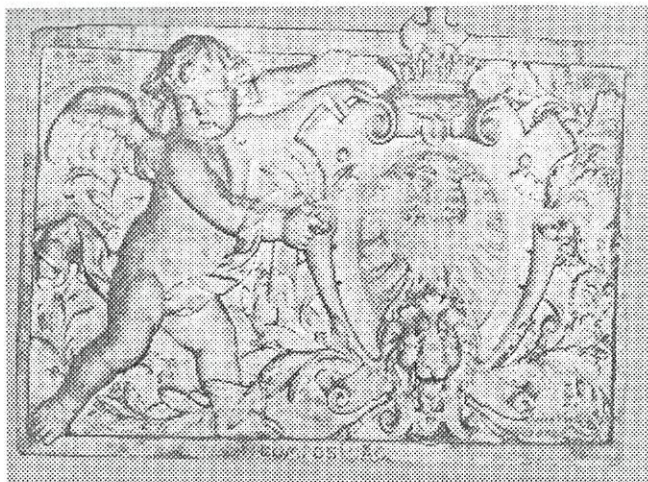
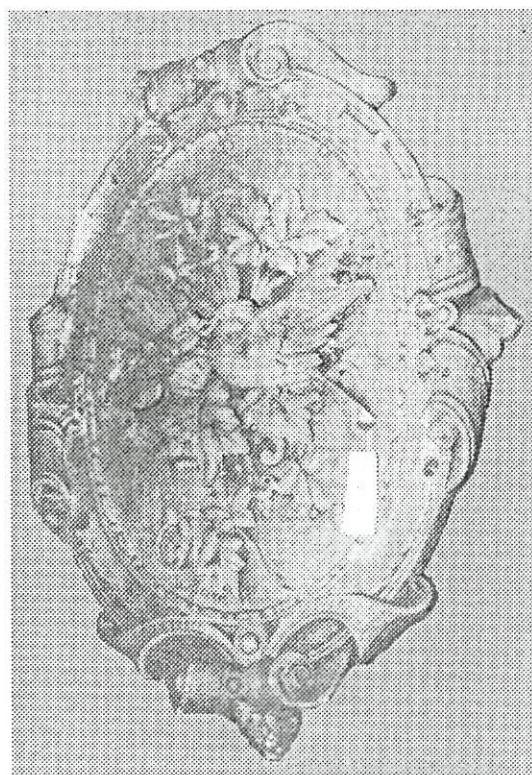
45 - Modelo em gesso. Exibe no canto superior direito um selo de papel com a referência: "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

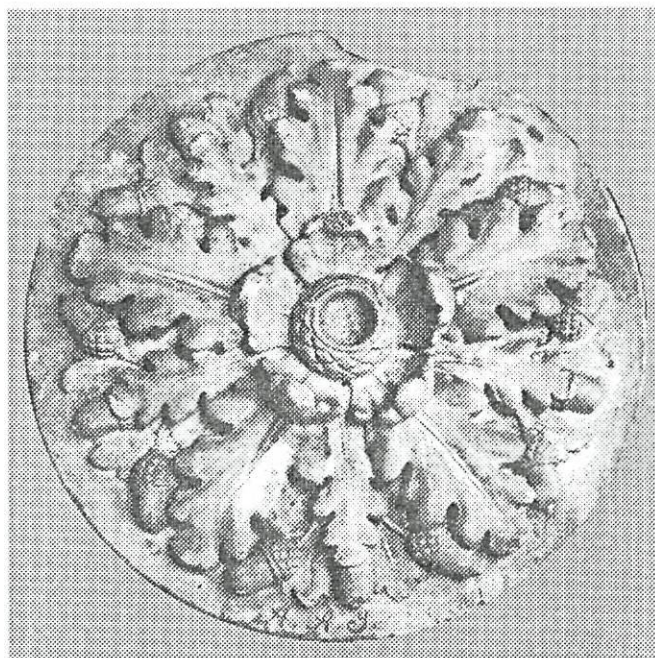
46- Modelo em gesso. Exibe no canto superior direito um selo de papel com a referência: "Instituto Industrial e Comercial do Porto - Gabinete de Desenho"

47 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto superior esquerdo as letras "S.I."

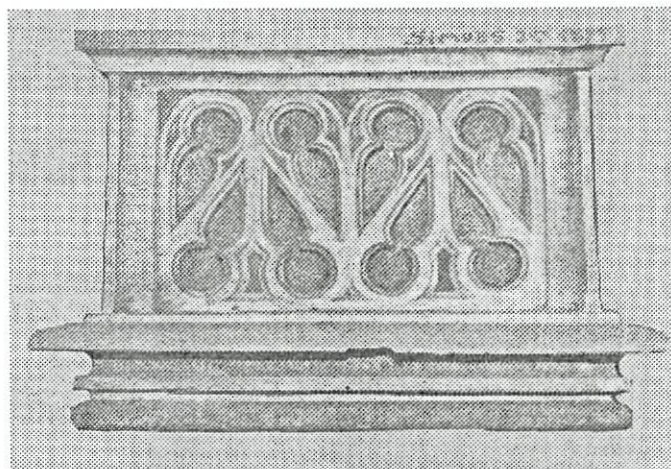
48 - Modelo em gesso. Folha de acanto com a inscrição na parte inferior: "Renascença Porto - 15/III/1895, Vasco Ferreira". Tem no canto superior esquerdo um carimbo onde está gravado "Instituto Ind. e Com. do Porto, Anno lectivo 1894 - 95"

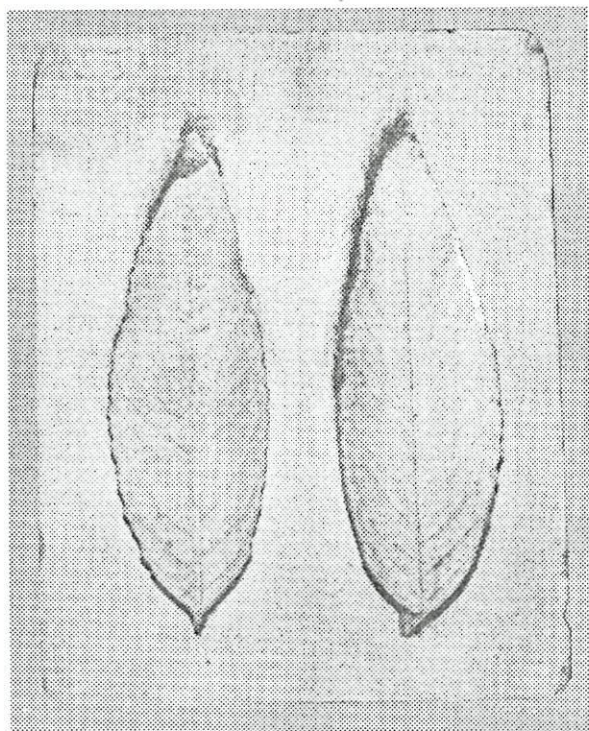
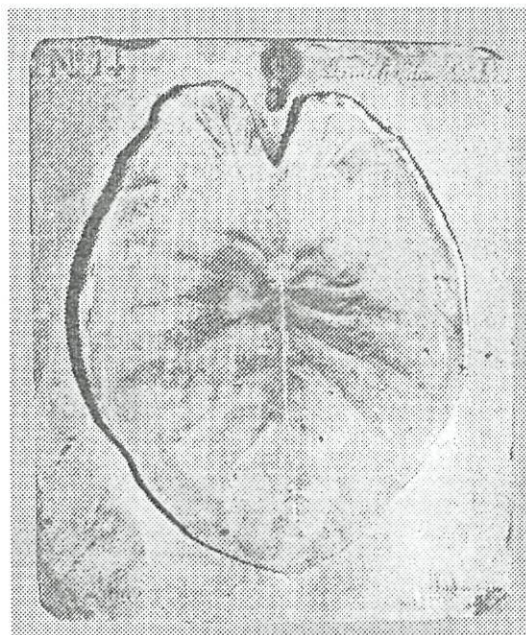
49- Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior "Século XIV" e no canto inferior direito "Salvador de Carvalho". No canto superior esquerdo tem impresso um carimbo onde se pode ler: "Instituto Ind. Com. Porto. Anno lectivo 1897/98".

50 - Modelo em gesso. Assinado na parte inferior do lado direito por Abel de Co... (ilegível). No lado esquerdo tem impresso um carimbo onde se pode ler "Instituto Ind. Com. Porto, Anno lectivo de 1892/93".

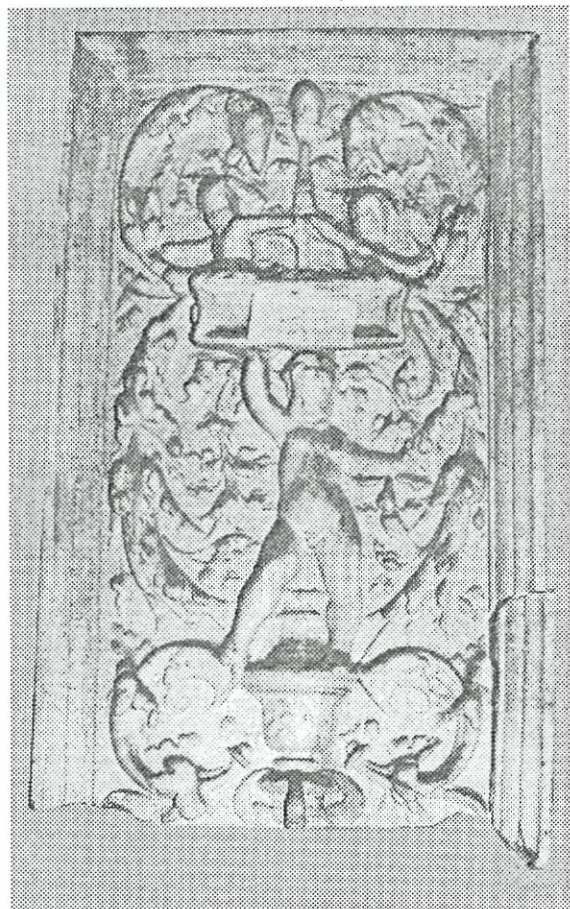
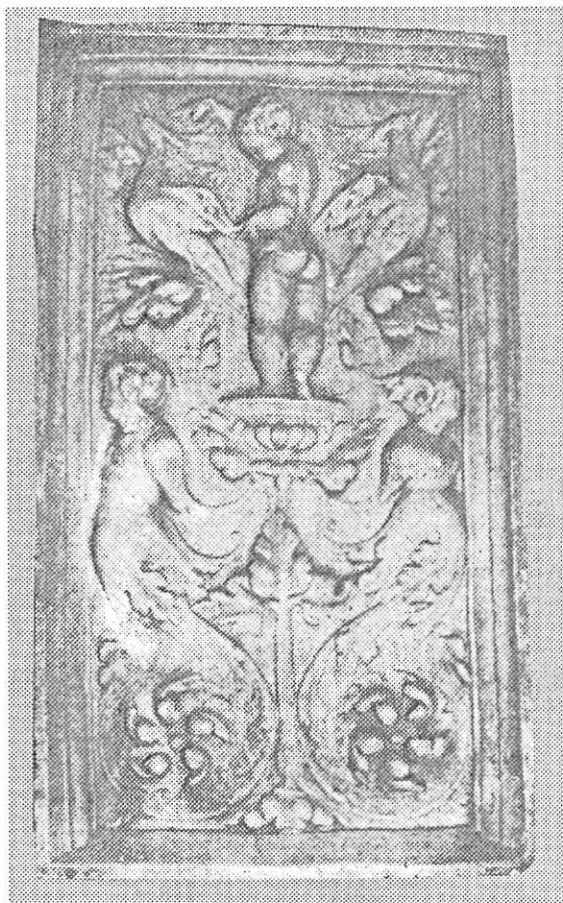
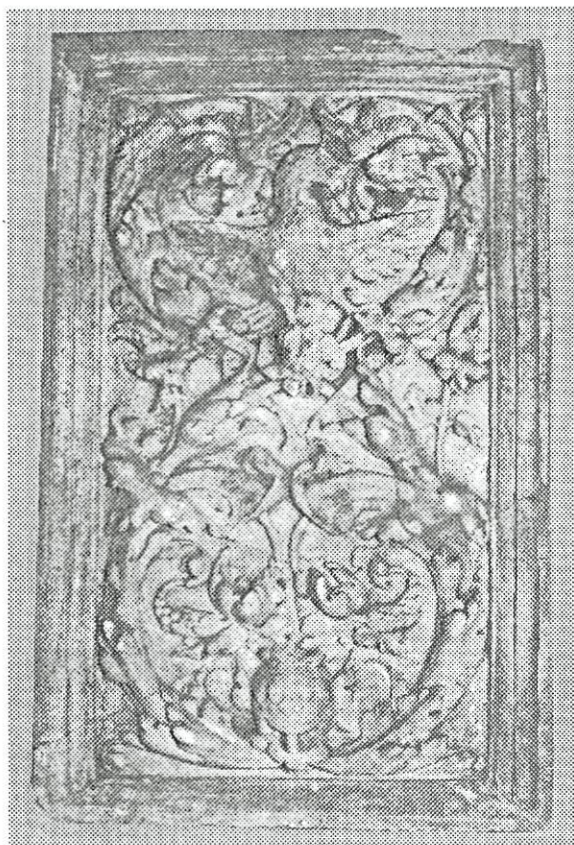
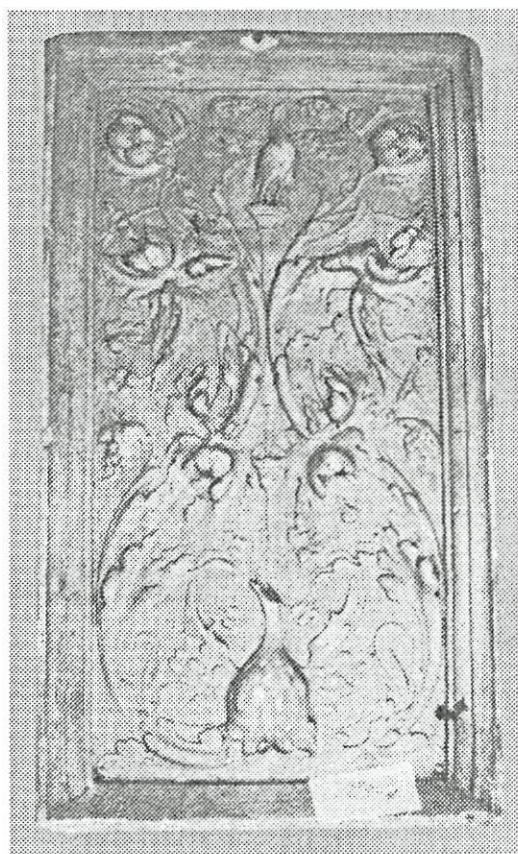
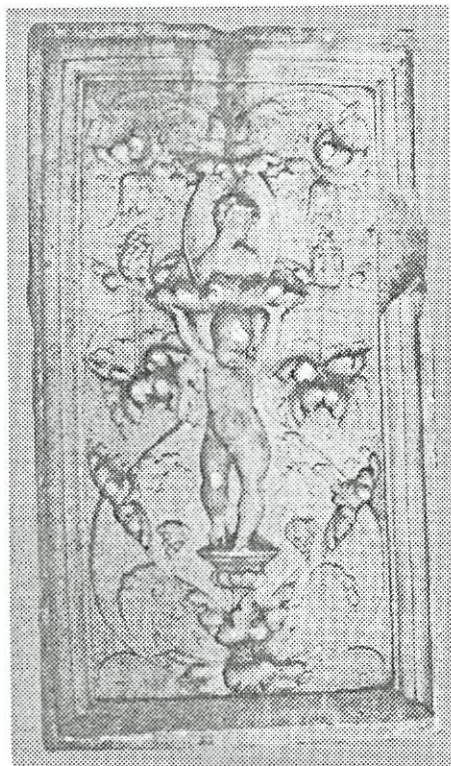
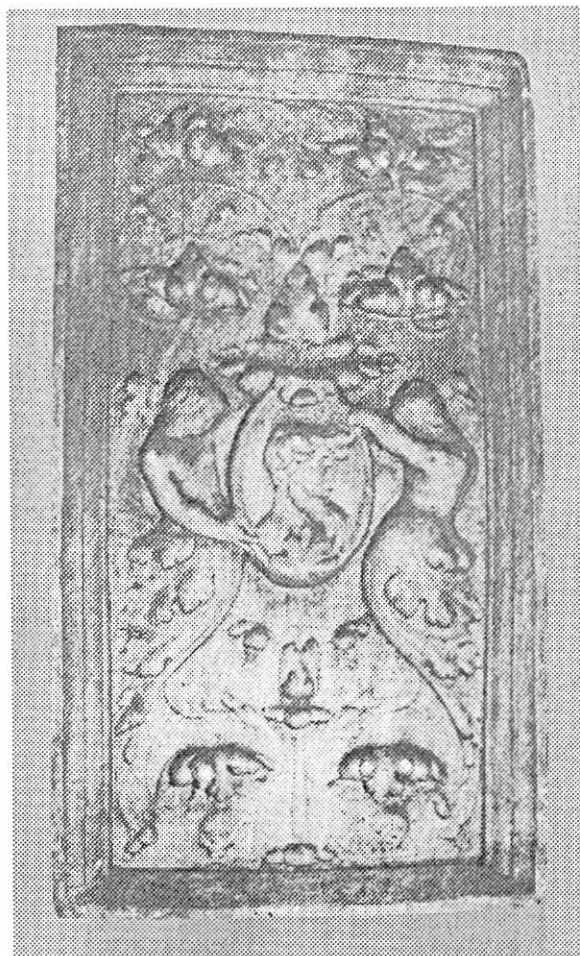
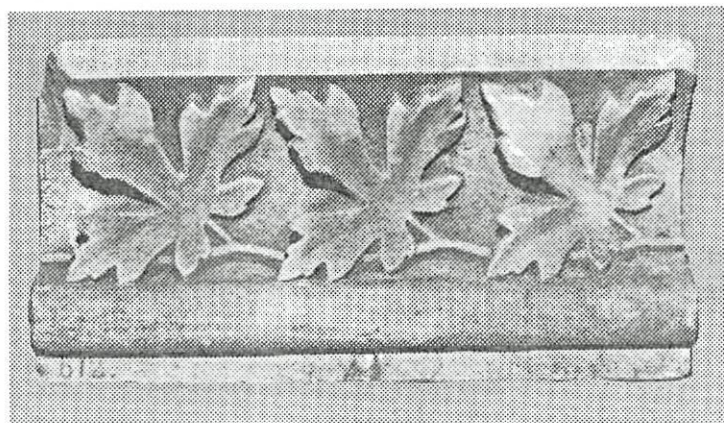
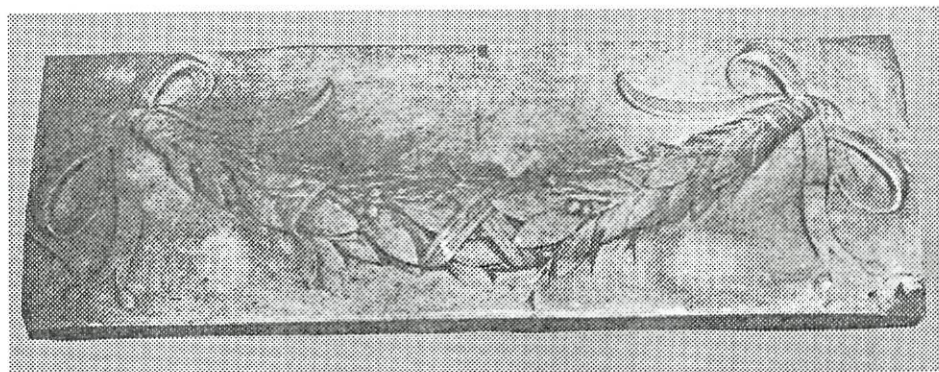
51 - Modelo em gesso. Este modelo tem impresso, na parte inferior direita, um carimbo do Instituto Industrial e Comercial do Porto, mas dado que se encontra partido não é possivel verificar o ano lectivo em que foi realizado, nem o aluno que o produziu.

52 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto inferior direito "Julio Vaz - 1897". No verso do modelo está gravado "Instituto Ind. Com. Porto, disciplina, prof. Müller".

53 - Modelo em gesso. Tem escrito na base "Composição" e no canto inferior direito "Júlio Vaz Jr. 1898." No canto superior esquerdo tem impresso o carimbo "Instituto Ind. Com. Porto".

54 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior esquerda "A. Meira" e tem impresso o carimbo "Instituto Industrial e Comercial do Porto." Não tem referência nem data.

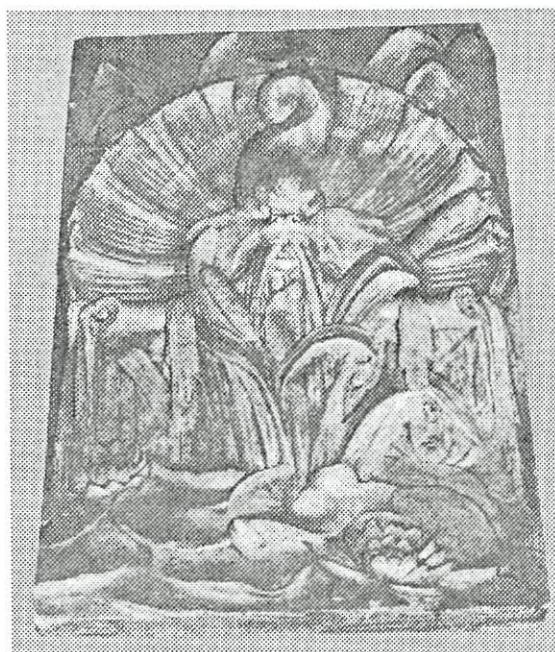
55 - Modelo em gesso. Tem impresso no canto inferior direito o carimbo "Instituto Ind. Com. Porto, Anno Lectivo 1894/95".

56 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior "A. A. Serra" e na parte superior o carimbo "Instituto Ind. Com. Porto, Anno Lectivo 189..." (ilegível).

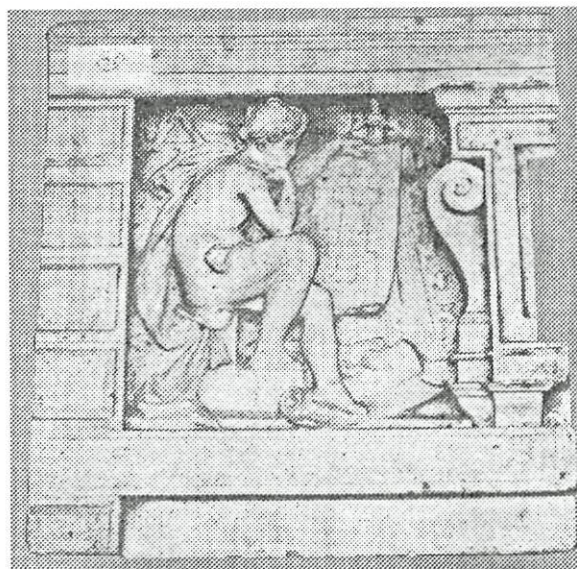
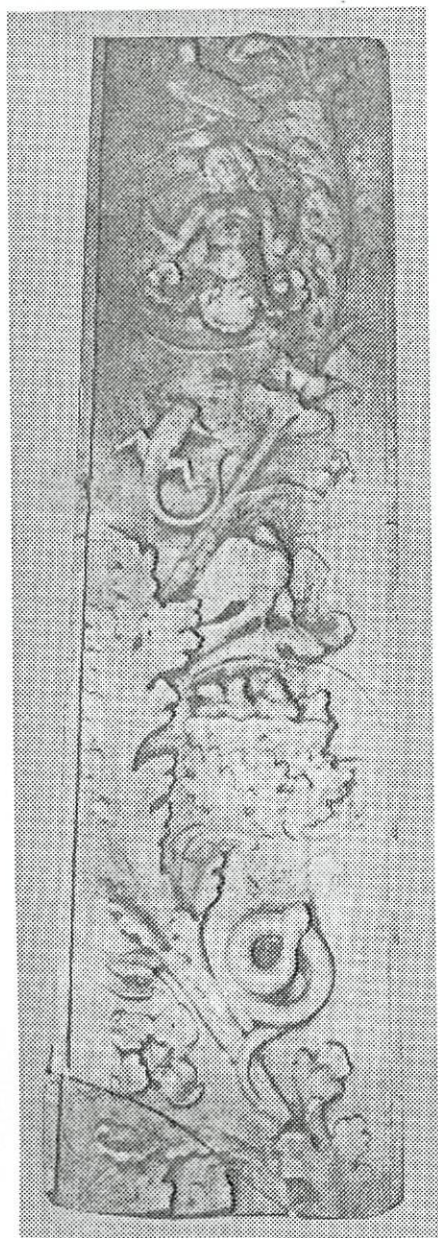
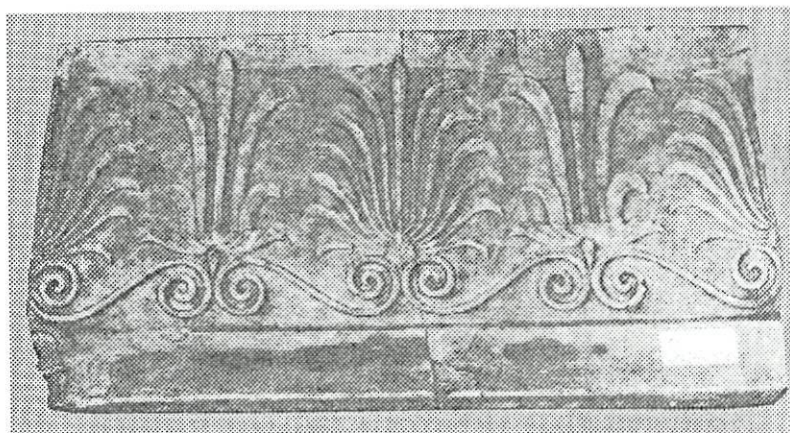
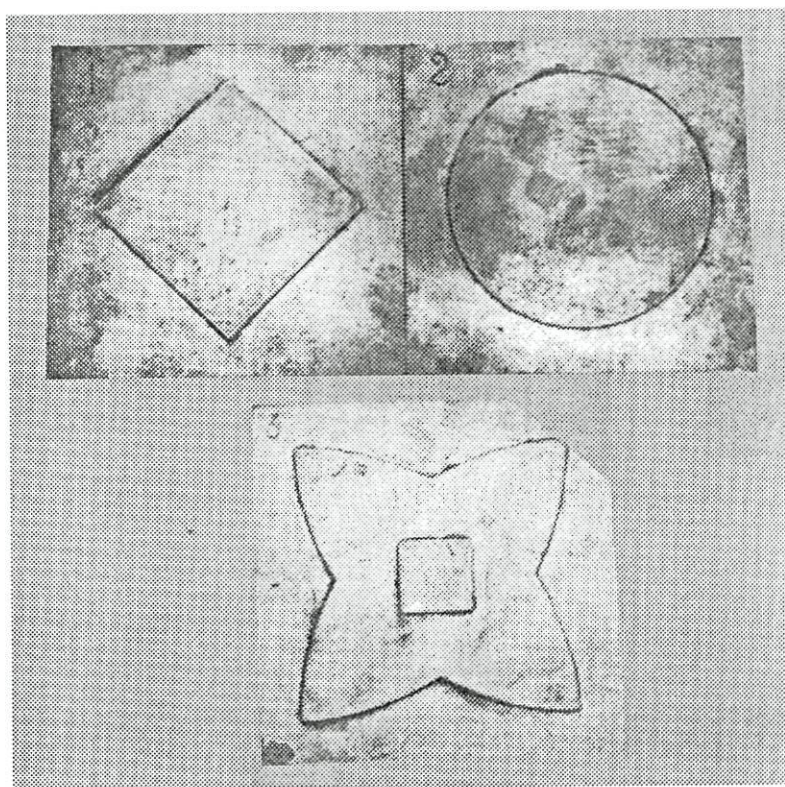
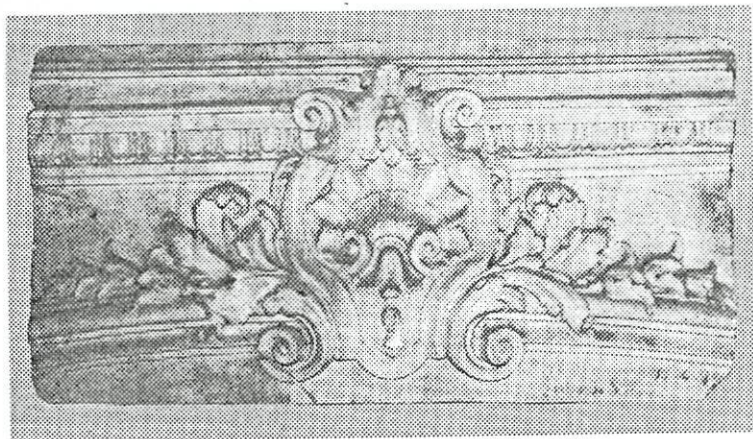
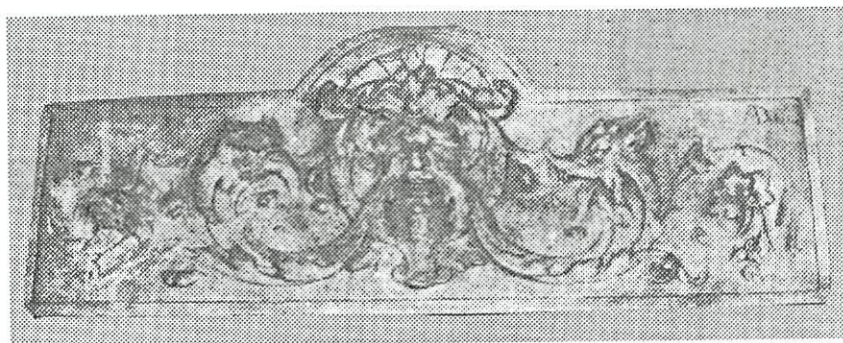
57 - Modelo em gesso - Capitel. Na parte de trás do gesso está impresso o carimbo "Instituito Ind. Com. Porto - Anno Lectivo 1894/95 - IX- cadeira". Aparece ainda impresso "Avelino Ramos Meira - 10/III/1895, XVIIIª disciplina I.P."

58 - Modelo em gesso. Na parte superior direita tem impresso "Simões 2º (supõe-se ser 2º ano) 1895." Na parte de trás do gesso aparece impresso o carimbo "Instituto Ind. Com. Porto".

59 - Modelo em gesso. Tem impresso "A. Almeida 10/7/1894" e no canto superior esquerdo o carimbo "Instituto Ind. Com. Porto".

60- Modelo em gesso. Este modelo tem inscrito no canto superior esquerdo o nº39, no centro "Temática do Natural" e na base "Prunus Serotina - Família das Rosáceas - Cerejeira"

61- Modelo em gesso.Tem inscrito no canto superior esquerdo o nº14, no canto superior direito "Família das Aráceas" e na base "Alocasia... (ilegível) - Inhame"

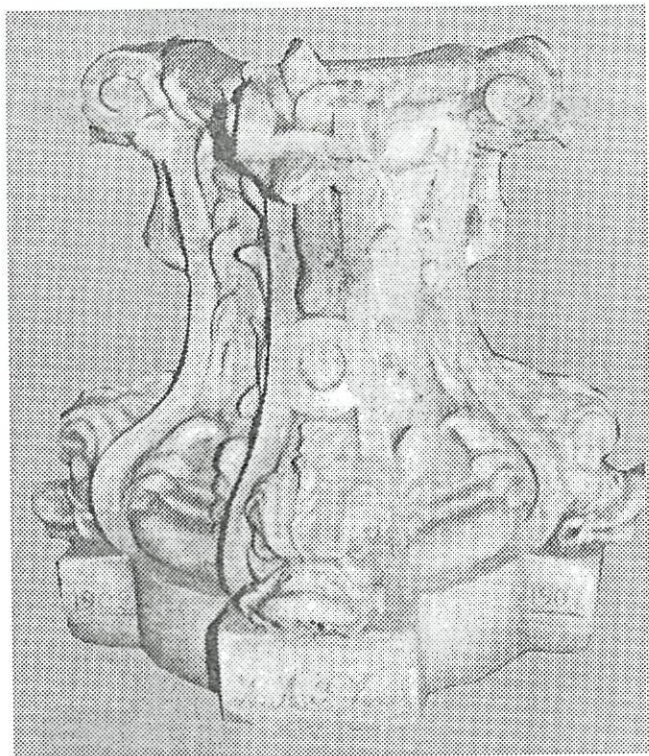
62 - Modelo em gesso. Este modelo tem inscrito "Folha de Salsa Natural - p. J. Felgueiras". Este modelo conserva ainda um cartão onde está escrito "Modelo em Serviço".

63 - Modelo em gesso. Na parte inferior do modelo aprece inscrito "Interpretation" e no canto superior esquerdo as letras "R.S.I.L."

64 - Modelo em gesso. Não é possivel conhecer a sua numeração por falta da base.

65 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto inferior esquerdo o nº756.

66 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto inferior esquerdo o nº759.

67 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto inferior esquerdo o nº 760.

68 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior esquerdo o nº762.

69 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior esquerdo o nº764.

70 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior esquerdo o nº 612.

71 - Modelo em gesso. Na parte inferior direita tem inscrito "Darant - 1876".

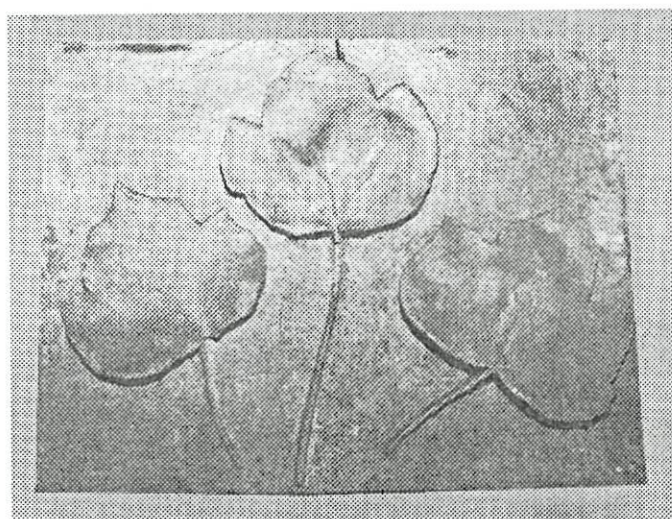
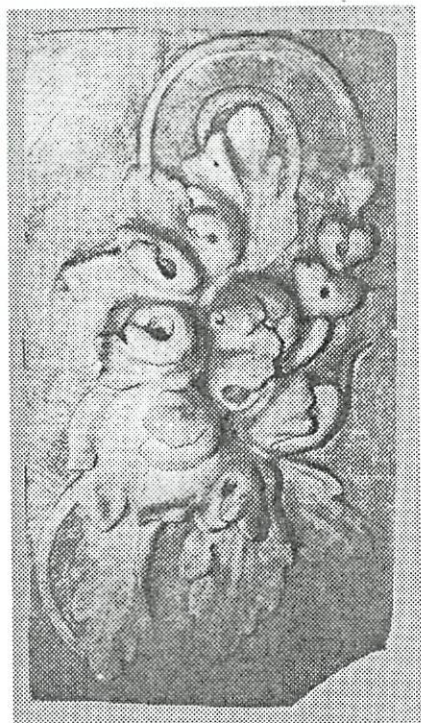
72 - Modelo em gesso. Assinado no canto inferior esquerdo por "J. Füller".

73 - Modelo em gesso. Assinado no canto inferior esquerdo por "J. Füller".

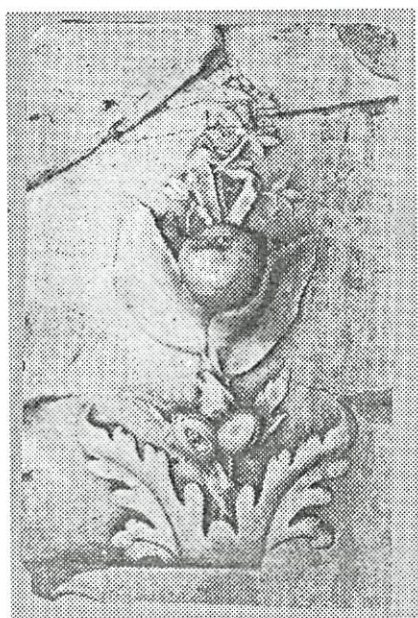
74 - Modelo em gesso. Assinado na parte inferior esquerda por "J. Füller".

75 - Modelo em gesso. Assinado por W. Rosch (um jovem arquitecto). Este modelo está numerado com o nº54. Não tem indicação de data ou proveniência.

76 - Modelo em gesso. Assinado na parte inferior direita por "Zatello".

77 - Modelo em gesso. Este modelo tem gravado no canto superior esquerdo o nº 373.

78 - Três modelos em gesso. Estes modelos estão referênciados com os nº "1", "2" e "3".

79 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito: "1º ano Júlio J. Silva - 18/6/1892".

80 - Modelo em gesso. No canto superior direito tem impresso "AD.1898".

81 - Modelo em gesso. Na parte inferior tem inscrito "J. dos Santos Nogueira 1899". No canto superior direito tem inscrito "II" que se supõe signifique 2º ano.

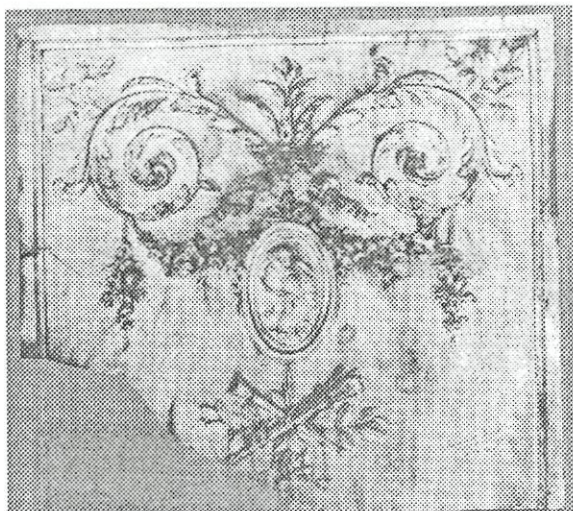
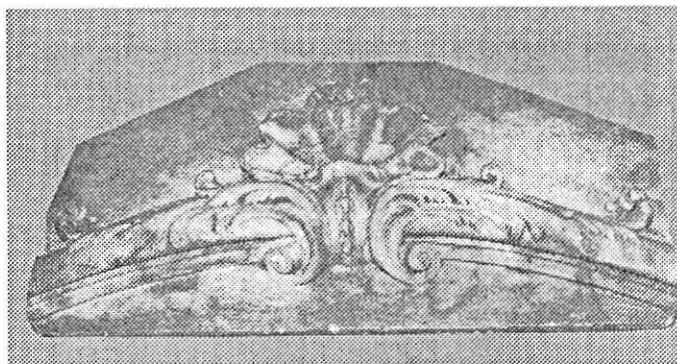
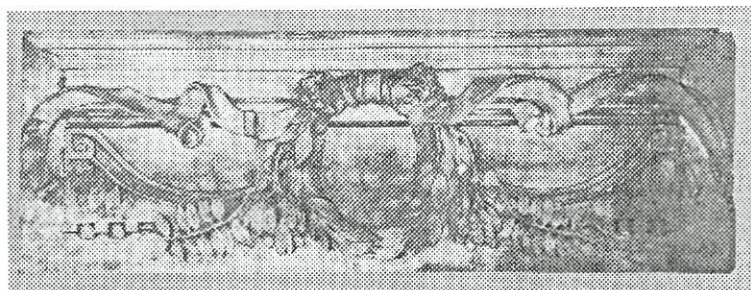
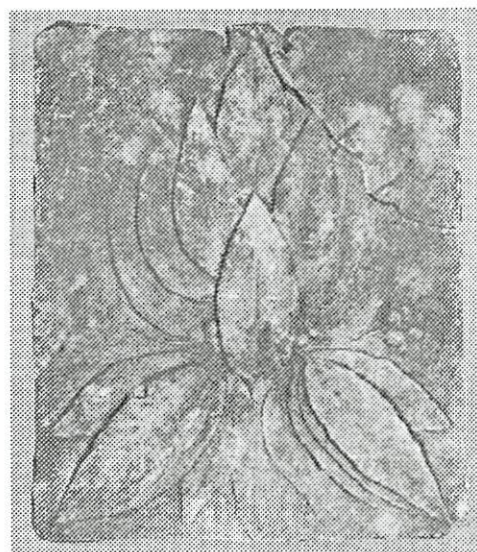
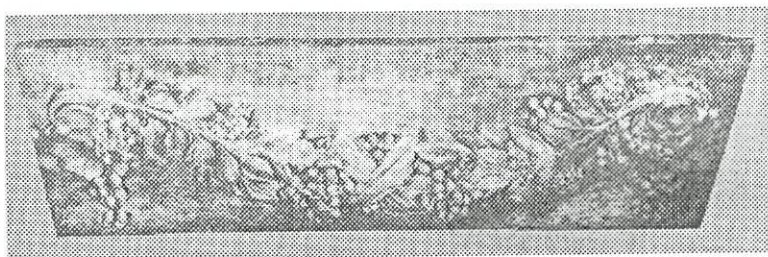
82 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior esquerda "G. L. d'Abreu 1901".

83 - Modelo em gesso. Tem inscrito na base "A.A.F. Vidal" e "1902".

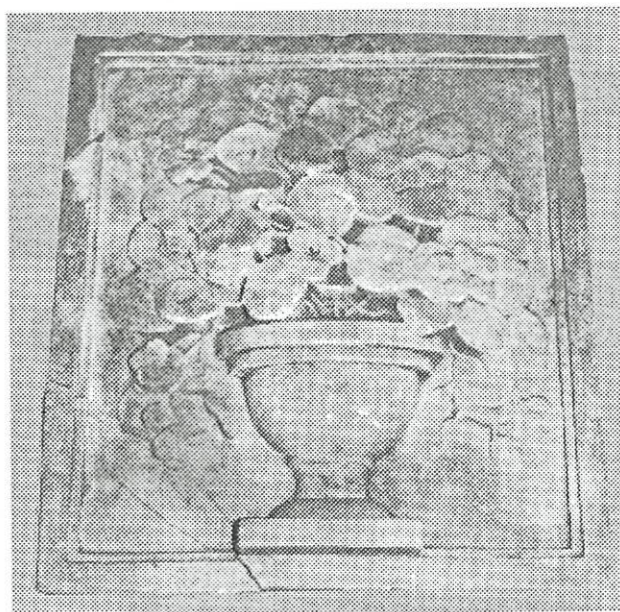
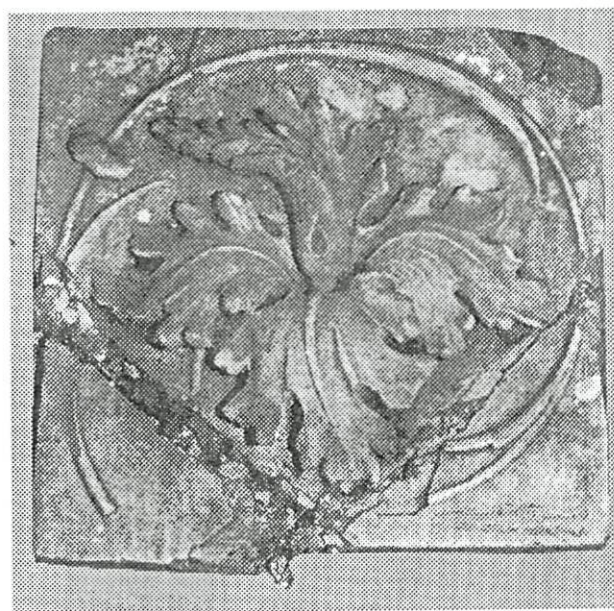
84- Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "A.D. Santos, 1904".

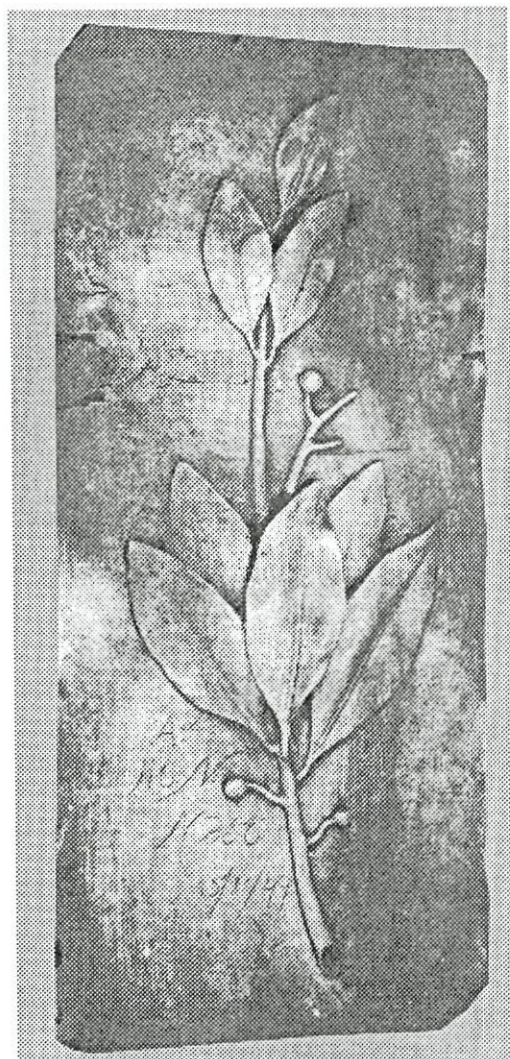
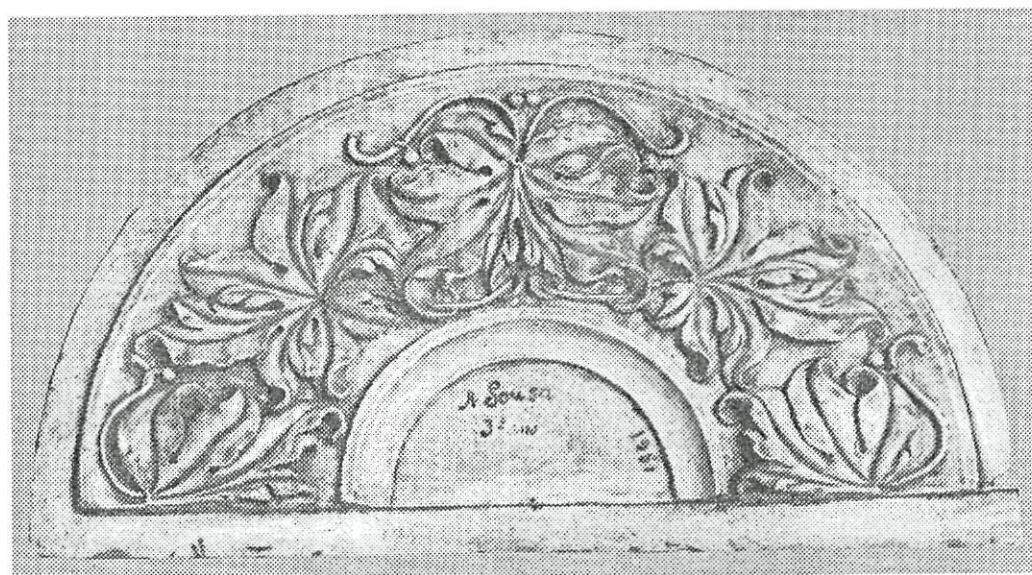
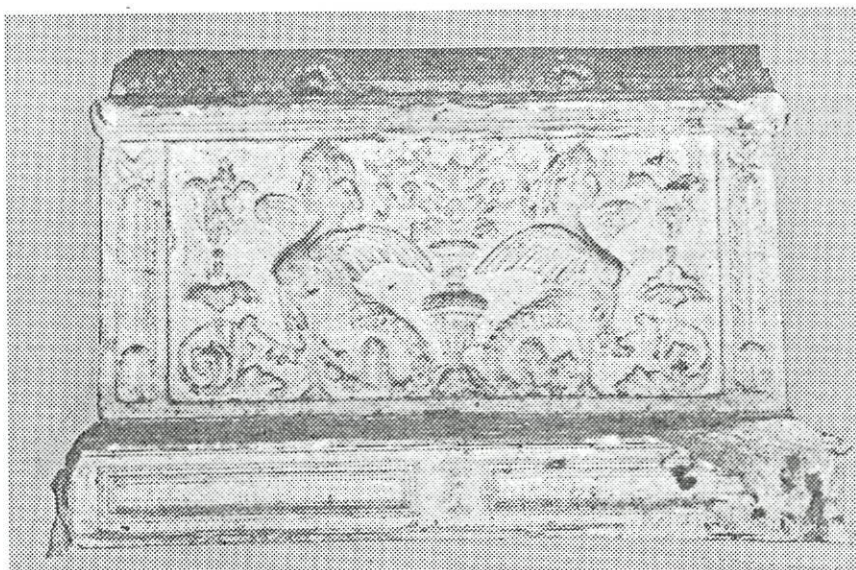
85 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "A.D. - 9/7... "(ilegível)".

86 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Nogueira - 1906".

87 - Modelo em gesso. No canto inferior direito tem inscrito "1907/08 J. Morae... (ilegível)".

88 - Modelo em gesso. Tem impresso no canto inferior esquerdo "Porto,1909, Faria".

89 - Modelo em gesso. Tem a inscrição: "A. Baganha 1912".

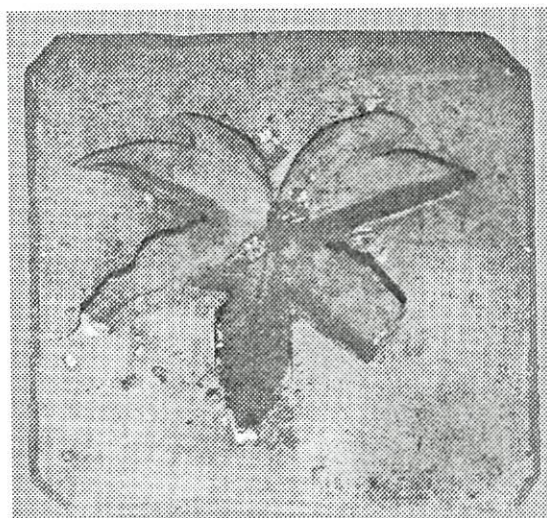
90 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "J.A. Carvalho, Porto VI, 1915".

90- A - Este modelo é cópia da parte inferior do modelo 90, do qual se desconhece a identificação e/ou proveniência.

91 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Franklin M. Ramos, 19/05/1928".

92 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Rogério de S. Almeida, 2/12/1928".

93 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Original de Júlio J. Silva 9/6/1928".

94 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito"Heculano Figueiredo, 3º ano, 21/1/1930, Ano lectivo 1929/30".

95 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Avelino dos Santos, 2/05/1930, 3º estudo".

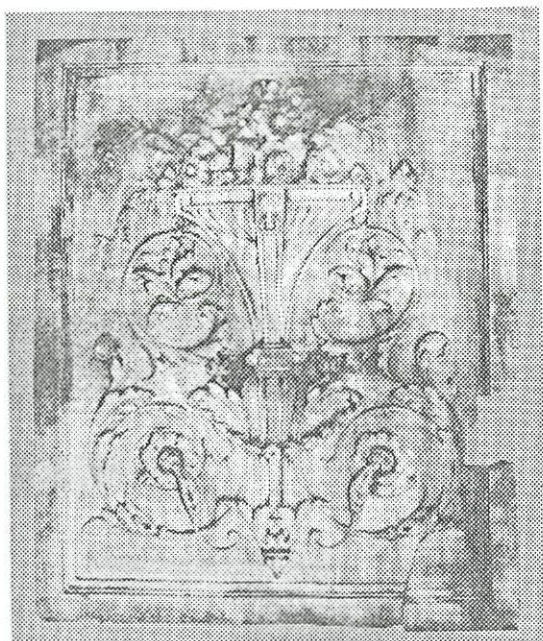
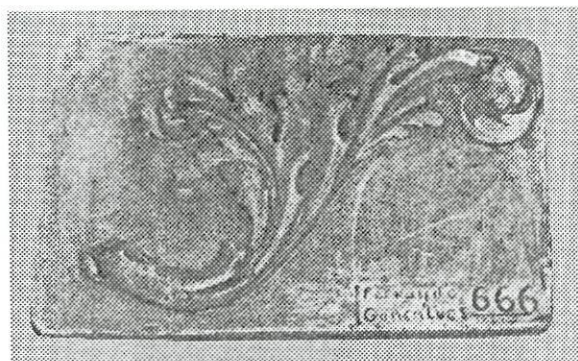
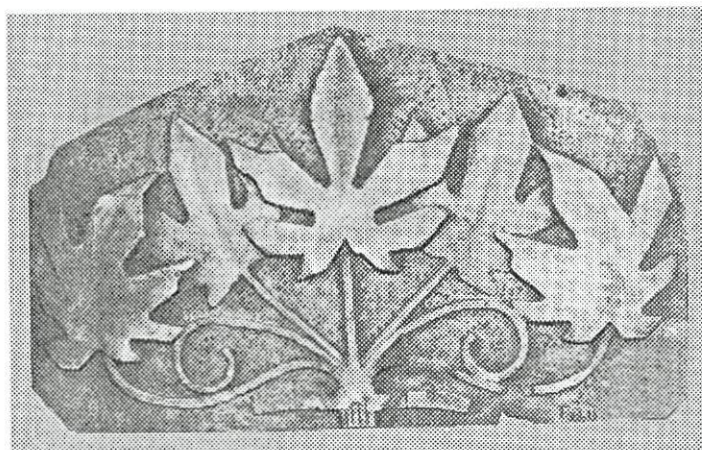
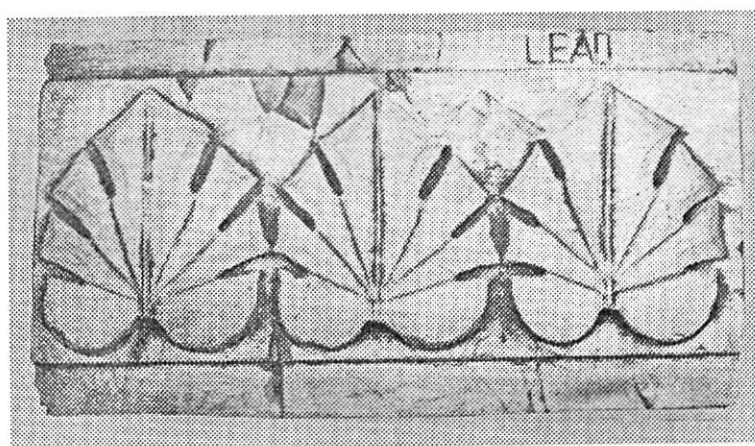
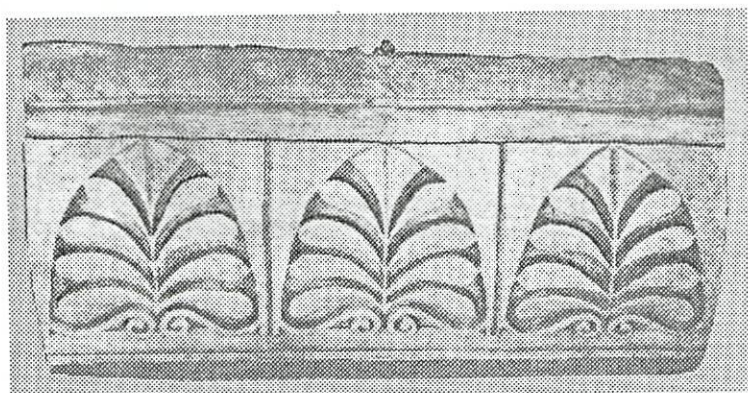
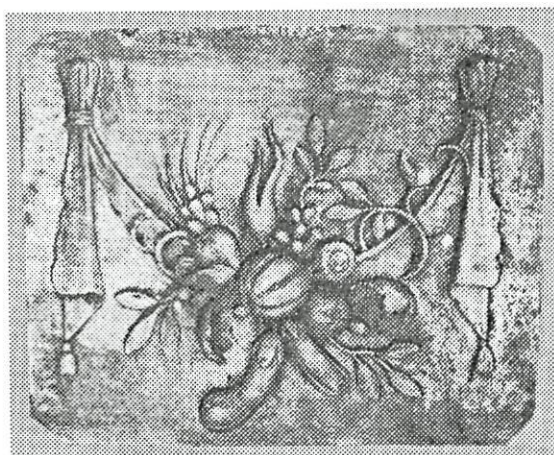
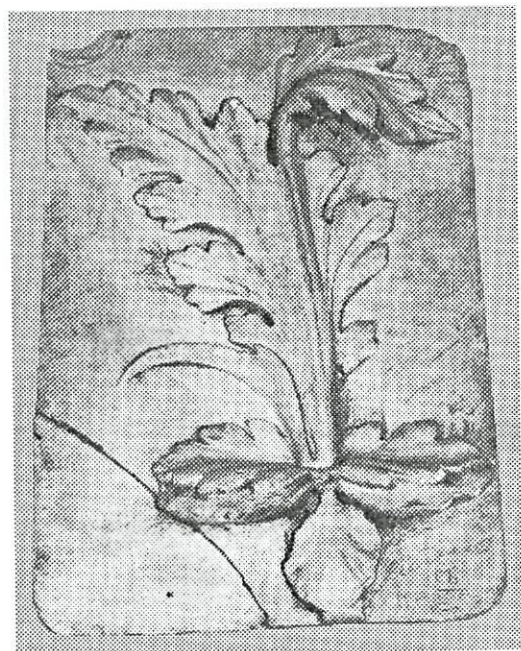
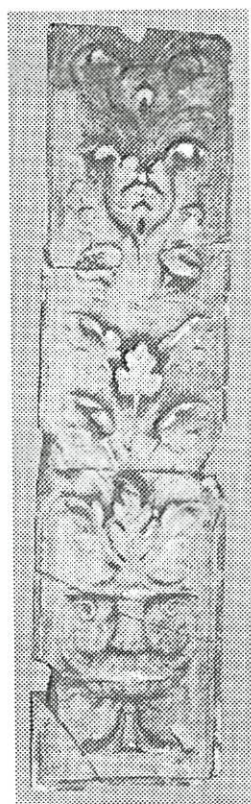
96 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Humberto, nº945, 2º ano, 1930".

97 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Alberto Rodrigues da Silva, aluno... (ilegível) nocturno, Porto 14/3/1937".

98 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Joaquim Teles Figueira, 2º ano, 1942/43".

99 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Redução 1944", e no canto inferior esquerdo "José Salvador".

100 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior esquerda "A.H.C.N. nº 256, 15/1/49".

101 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte central do modelo (salva) "A. Sousa, 3º ano, 1951".

102 - Modelo em gesso

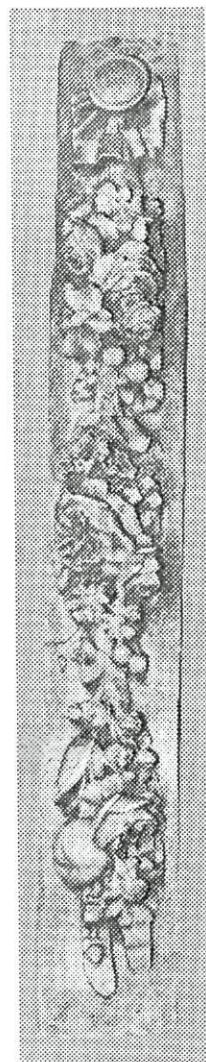
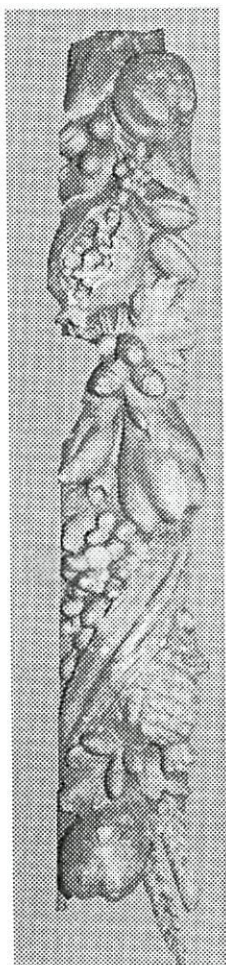
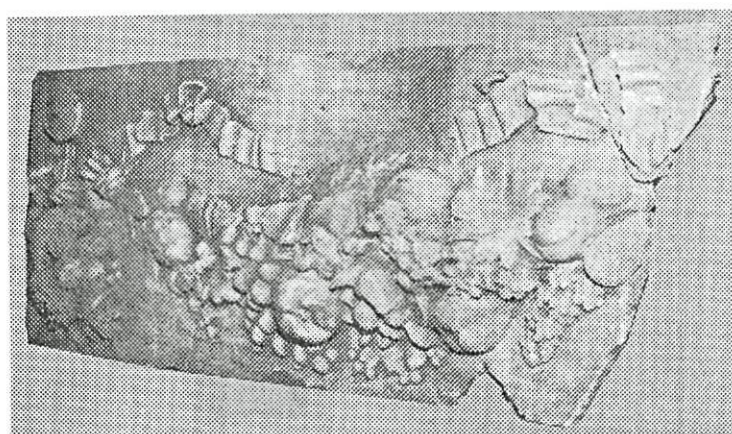
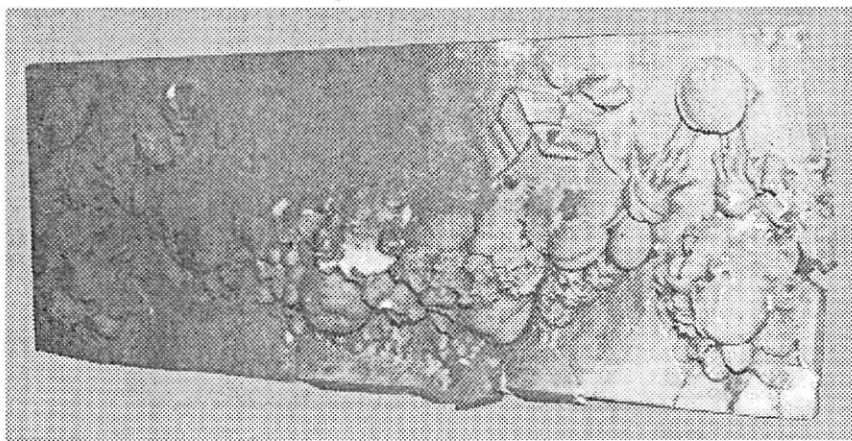
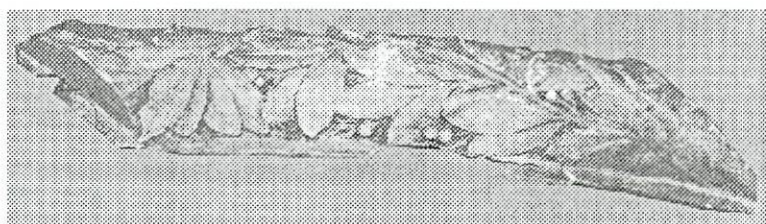
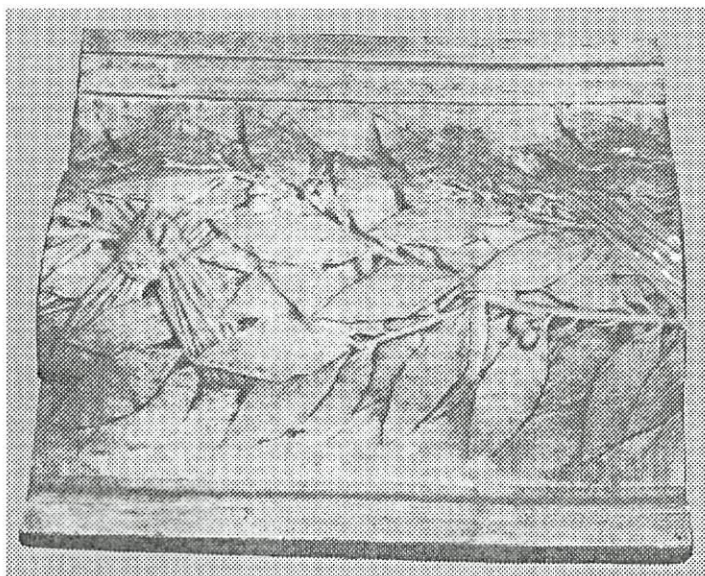
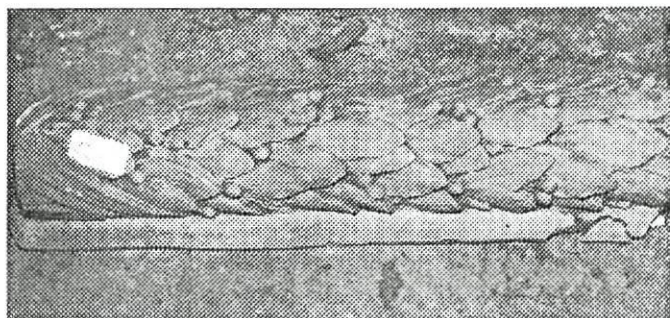
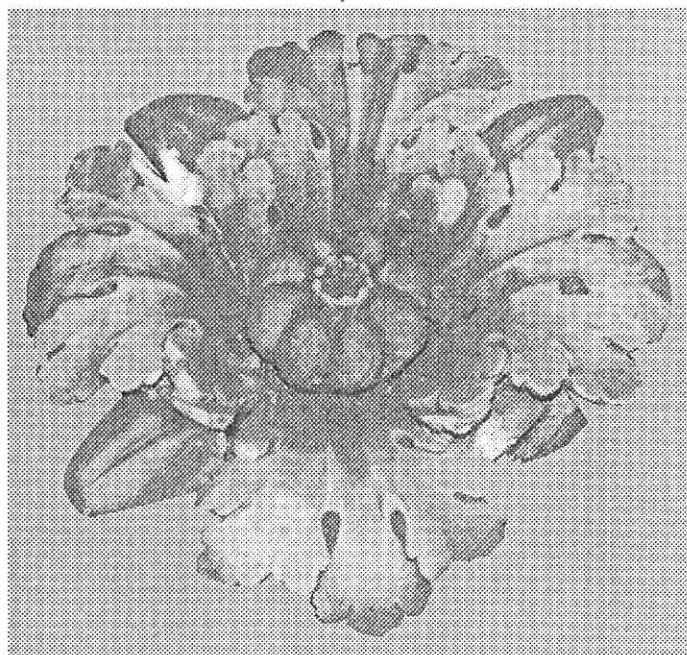
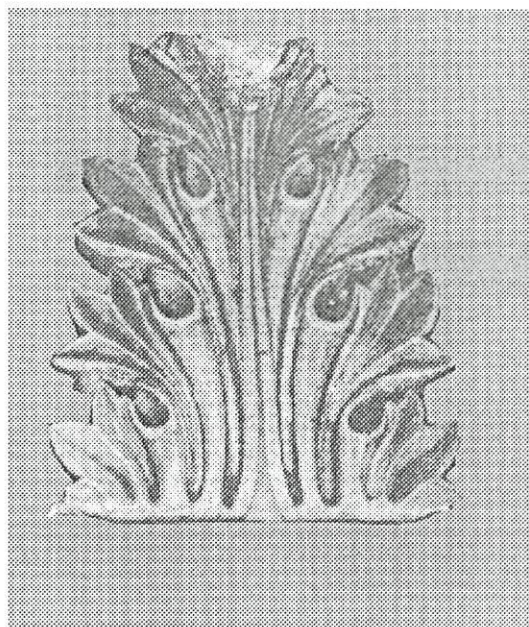
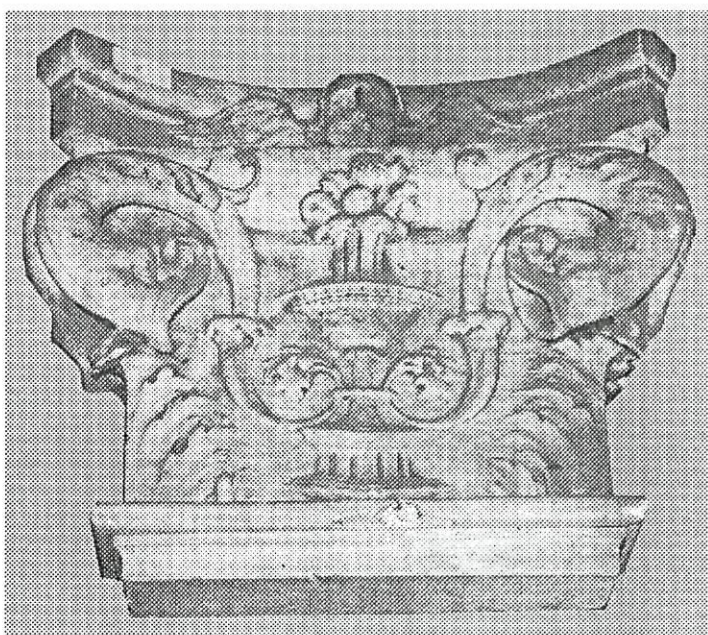
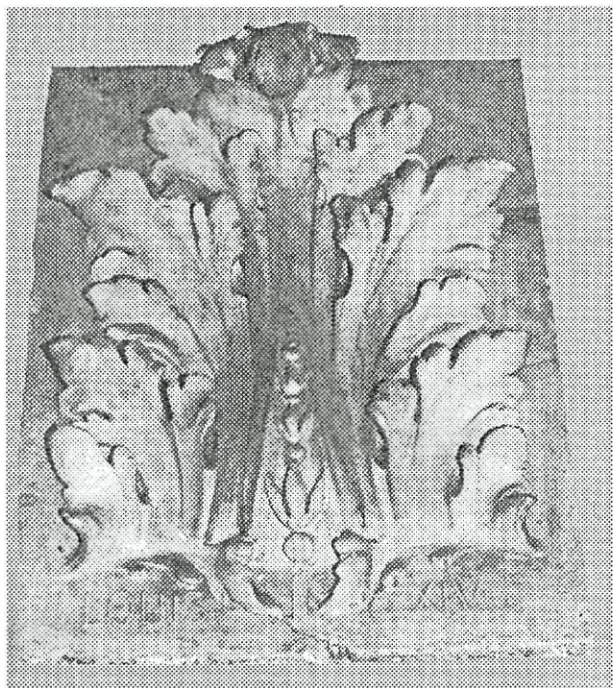
103 - Fotografia de um trabalho do aluno Manuel Vieira de Miranda apresentado pela Escola Faria Guimarães na Exposição do Rio de Janeiro de 1908.

104 - Modelo em gesso. Folha de acanto que tem impresso no canto inferior direito "Maria Alice".

105 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Filipe, 2º ano".

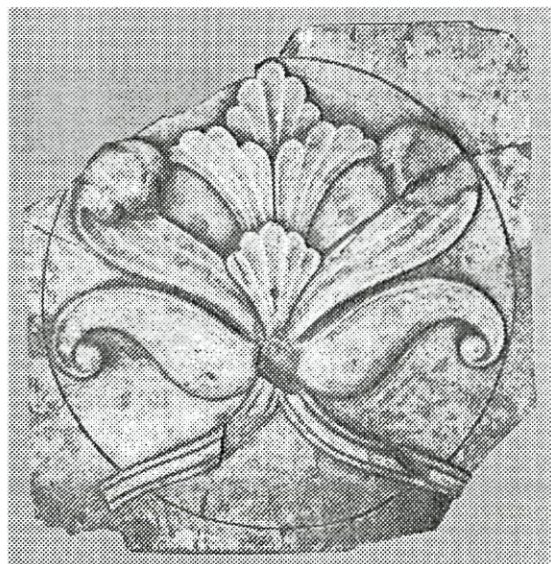
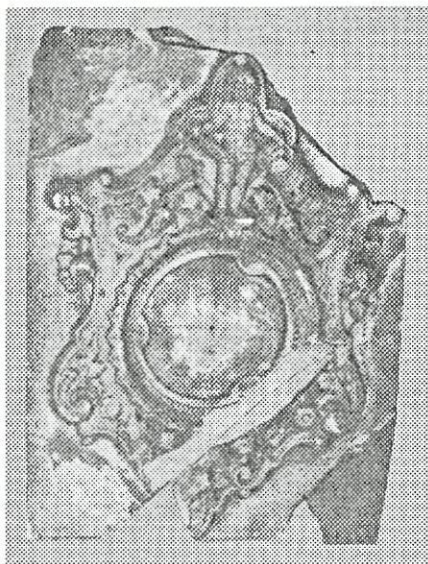
106 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Constantino 1º ano".

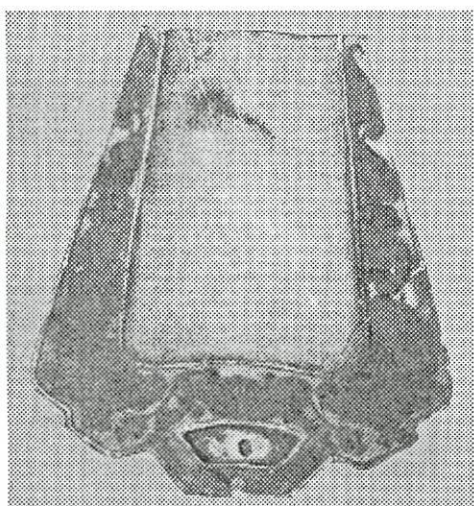
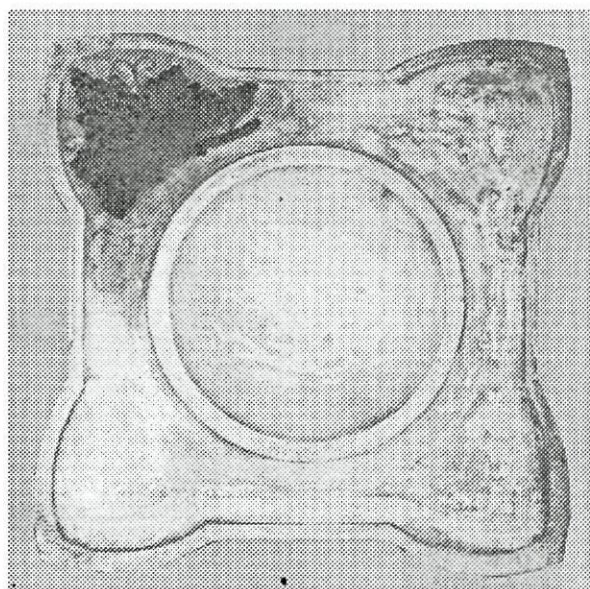
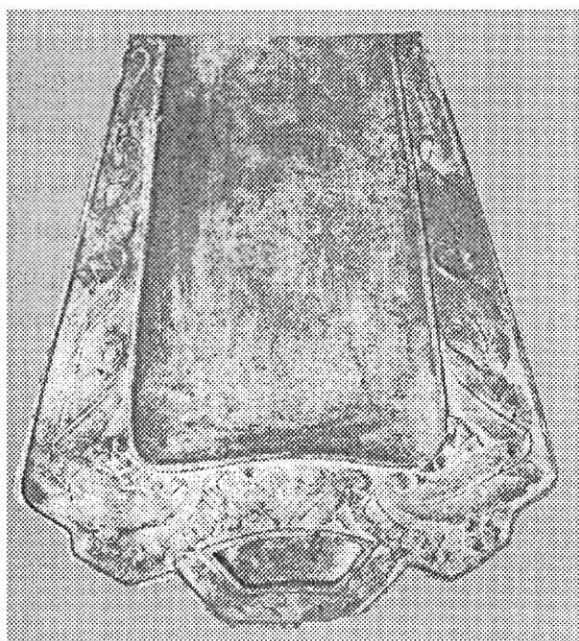
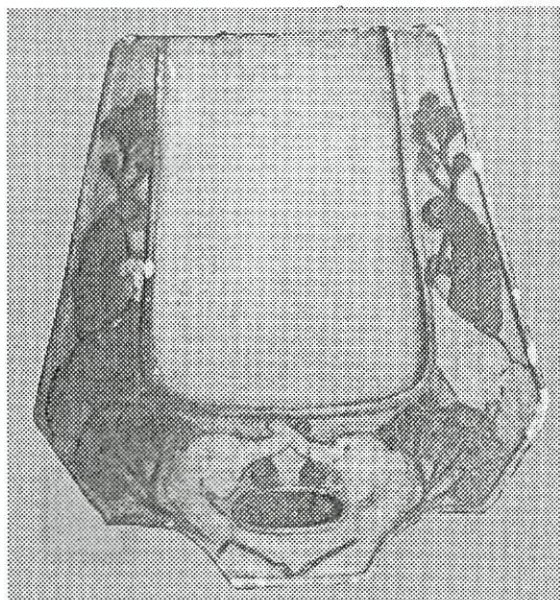
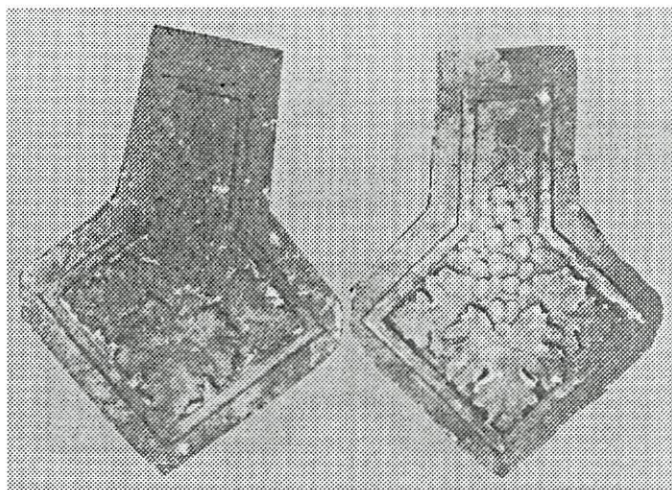
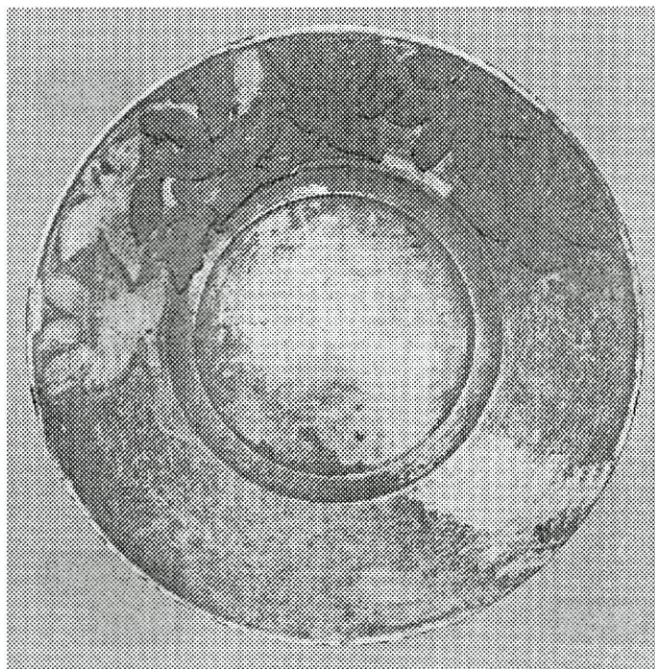
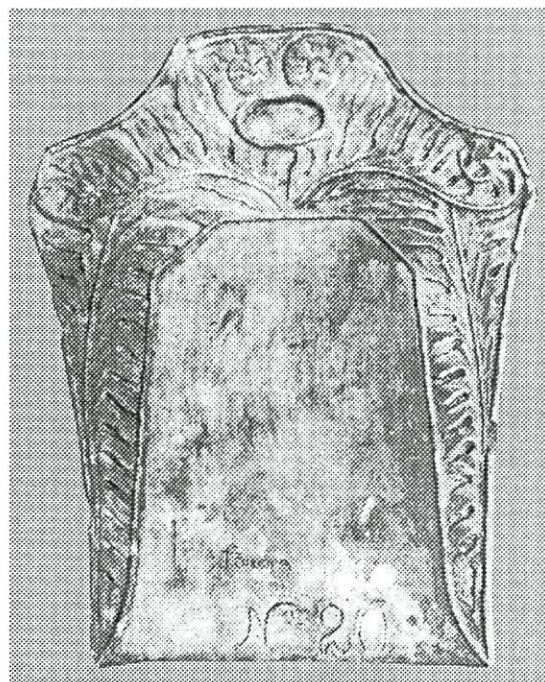
107 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior esquerdo "Antonio 1º ano".

108 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Ilídio M. Caravel".

109 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito"Fernando Gonçalves, 666."

110 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto inferior direito "Filipe".

111 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto superior direito "Leão".

112 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte inferior direita "Alberto Pinto - 1º ano".

113 - Modelo em gesso. Tem inscrito na parte superior "2º ano, nº 554 - Marques".

114 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto superior direito "754 - 2º ano".

115 - Modelo em gesso. Tem gravado no canto inferior esquerdo o nº 263

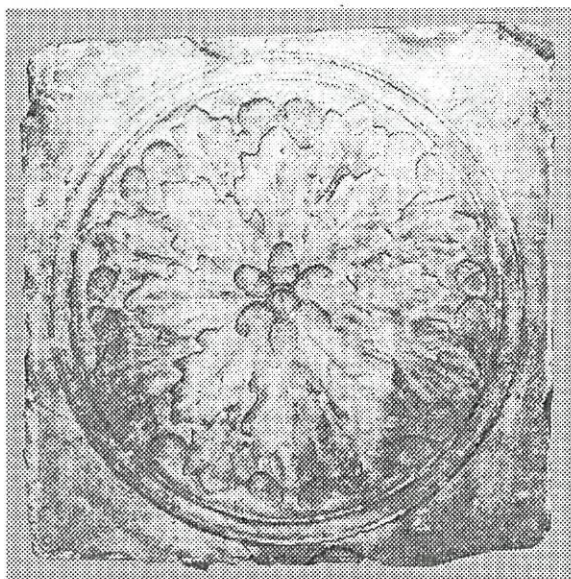
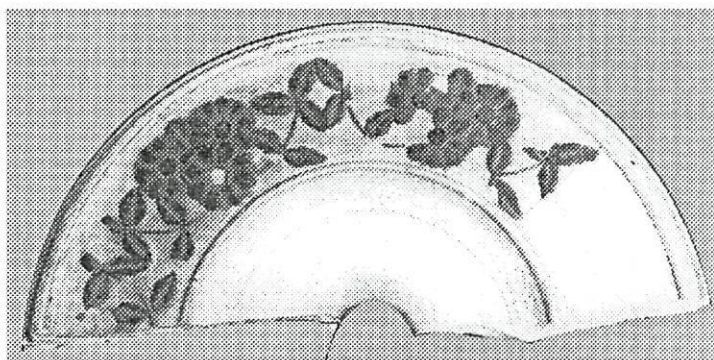
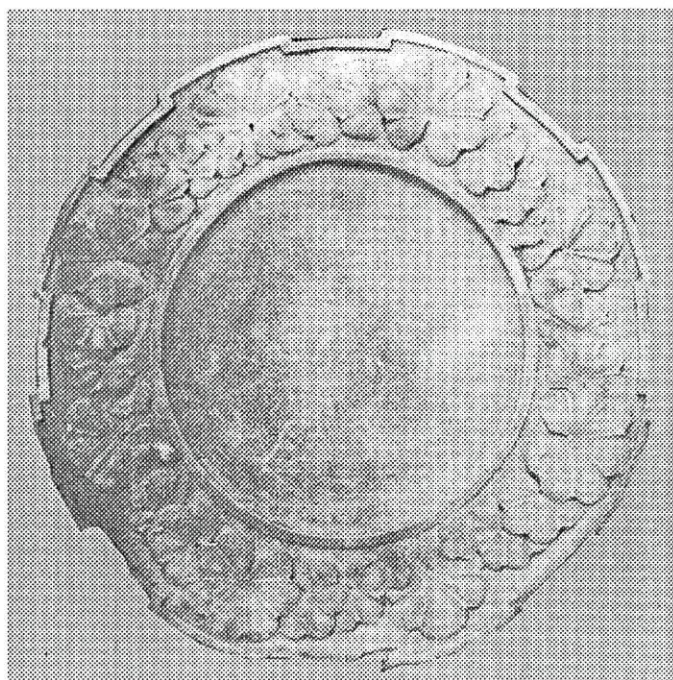
116 - Modelo em gesso. Tem inscrito no canto superior direito o nº 6.

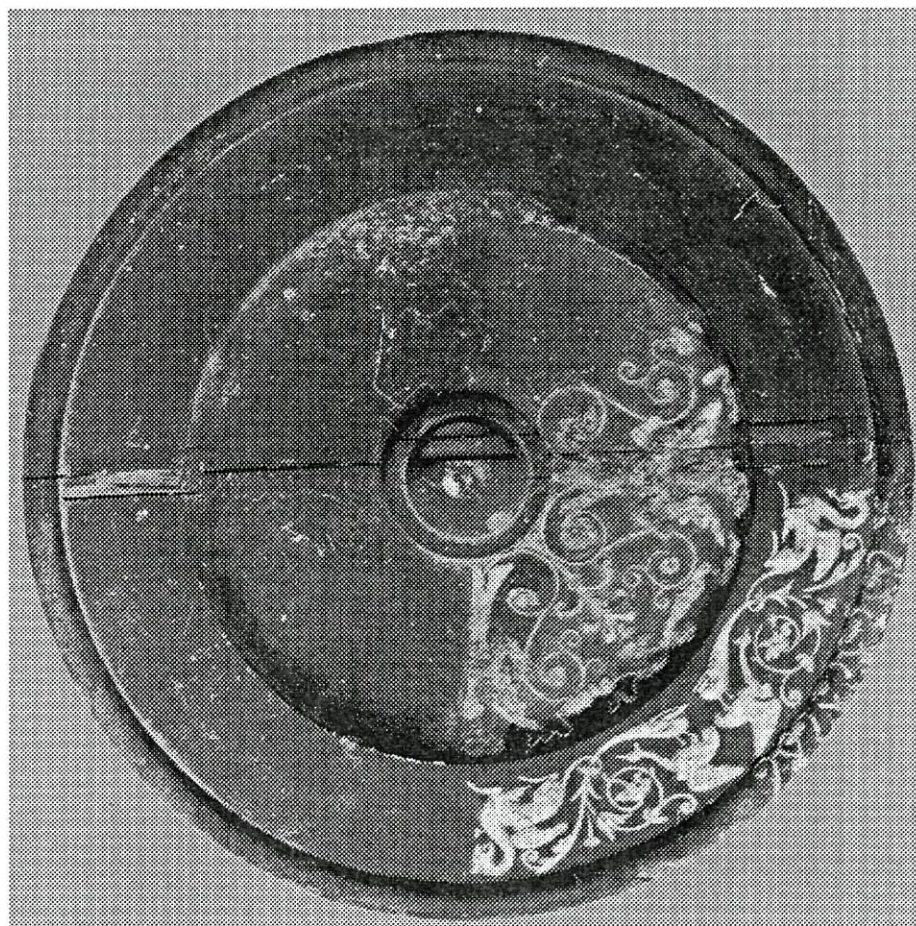
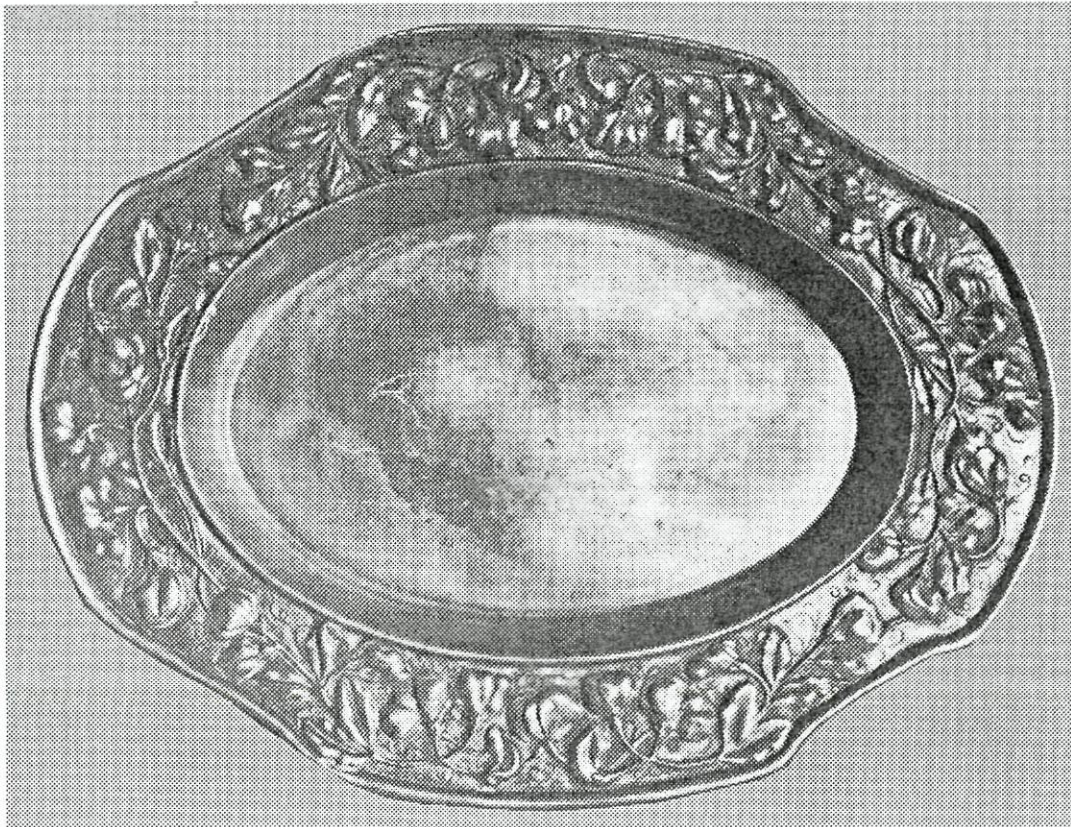
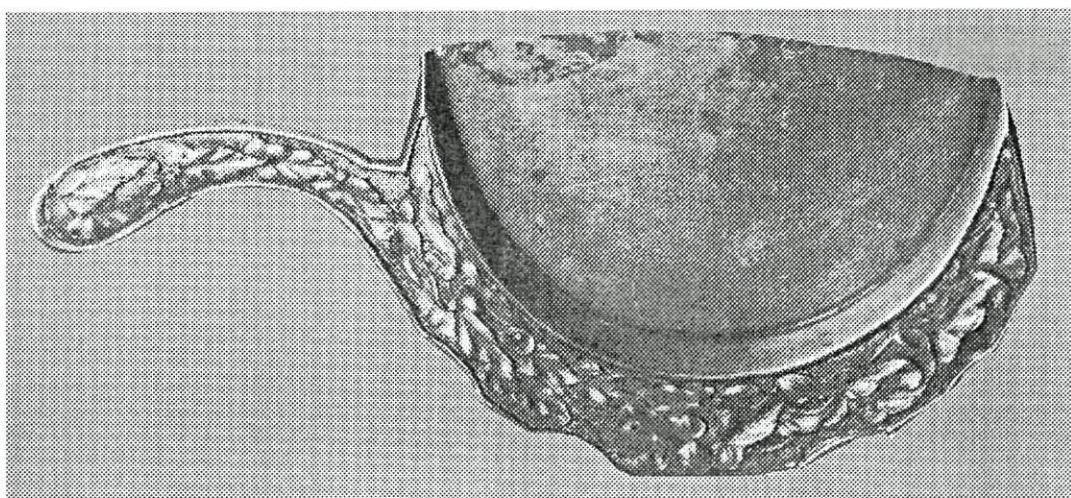
117 - Modelo em gesso

118 - Modelo em gesso

119 - Modelo em gesso

120 - Modelo em gesso

121 - Modelo em gesso

122 - Modelo em gesso

123 - Modelo em gesso

124 - Modelo em gesso

125 - Modelo em gesso

126 - Modelo em gesso

127 - Modelo em gesso

128 - Modelo em gesso - Folha de acanto com a inscrição "Louis XIV

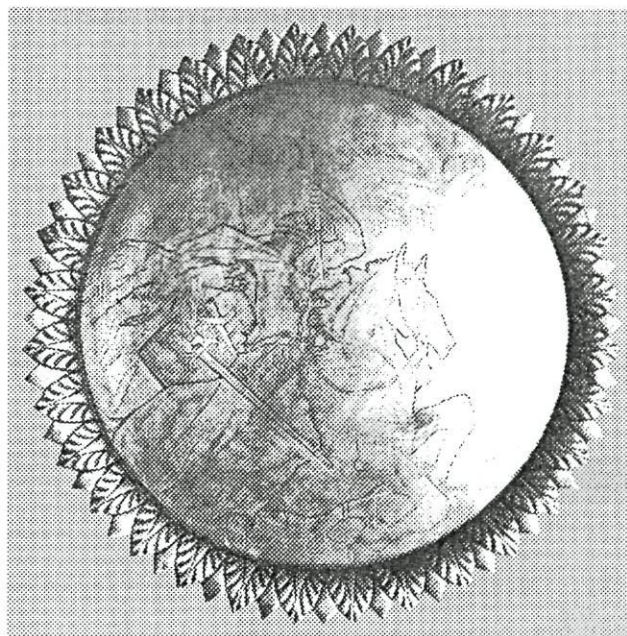
129 - Modelo em gesso - Com a inscrição "Reprodução"

130 - Modelo em gesso

131 - Modelo em gesso

132 - Modelo em gesso - moldura para fotografia

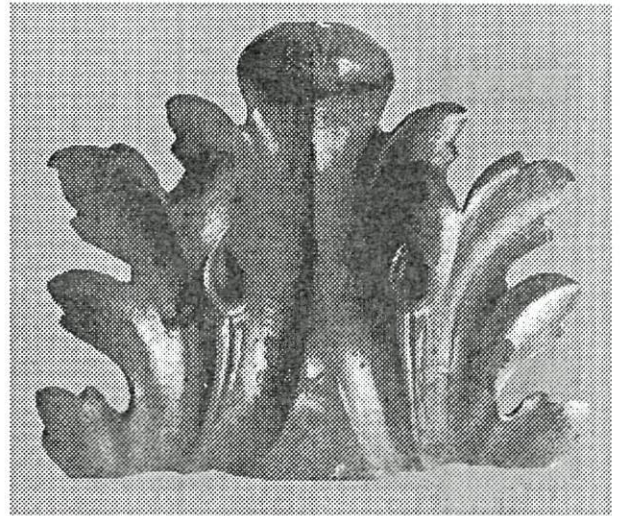
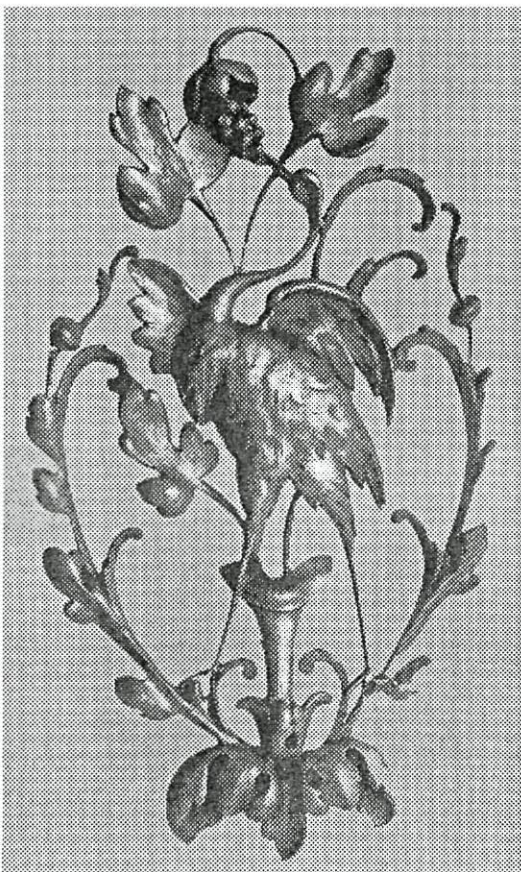
133 - Modelo em gesso - moldura para fotografia

134 - Modelo em gesso com a decoração modelada em cera apanha-migalhas

136 - Modelo em gesso com a decoração modelada em cera - moldura para fotografia

135 - Modelo todo em gesso igual ao anterior

137 - Modelo em gesso com decoração modelada em cera - apanha-migalhas

138 - Modelo em gesso - elementos decorativos

140 - Modelo em gesso - Apanha-migalhas Trabalho do aluno nº20 Ferreira

139 - Modelo em gesso com decoração modelada em cera - salva

141 - Modelo em gesso - salva ou prato de parede

142 - Modelo em gesso, com decoração em cera - salva

143 - Modelo em gesso - salva

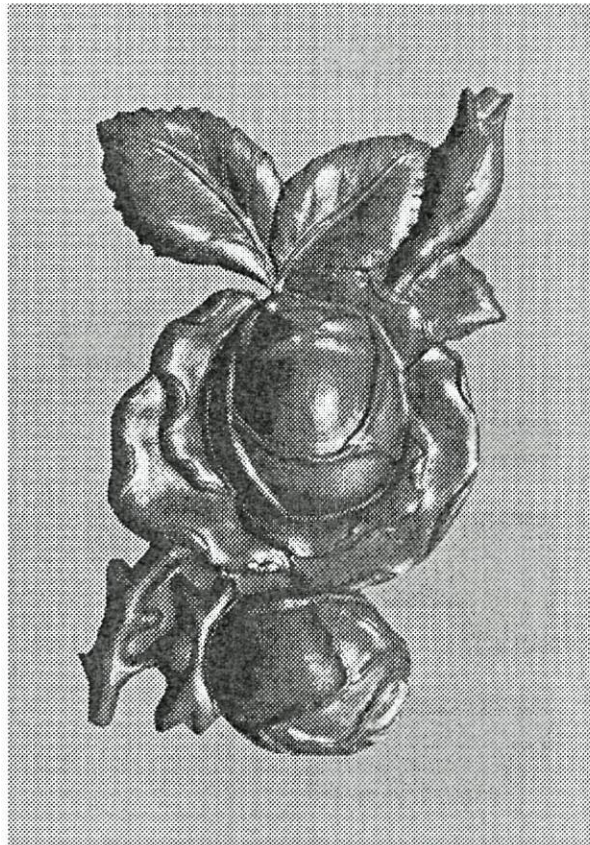
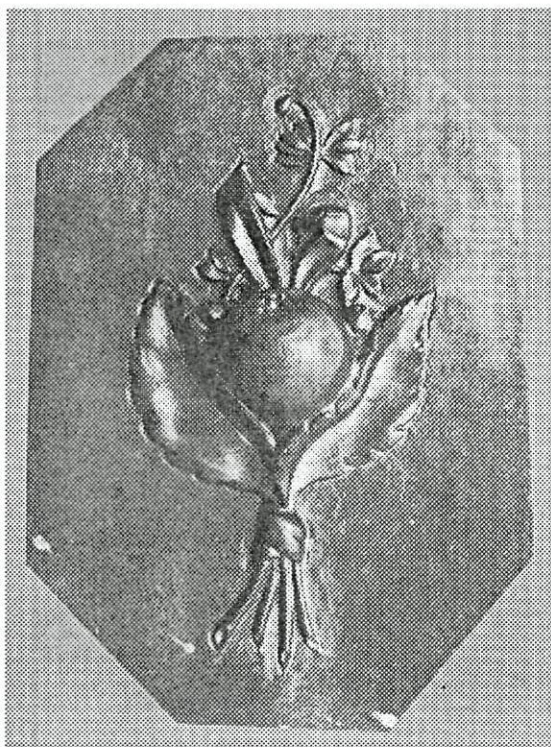
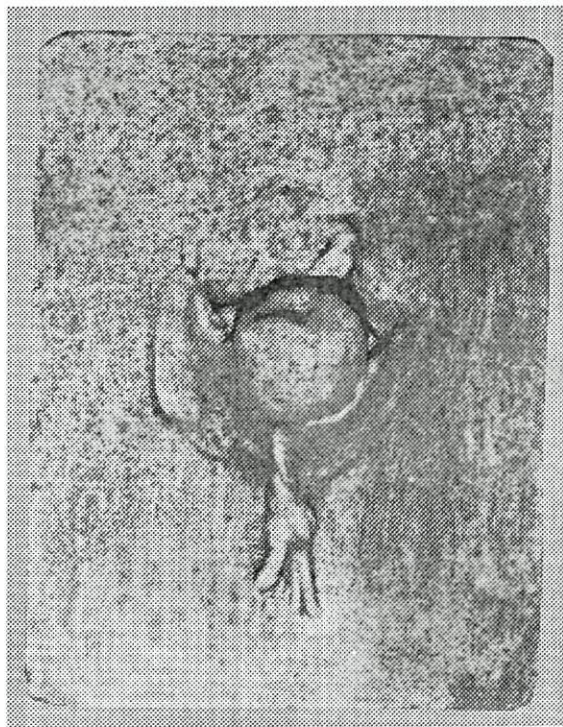
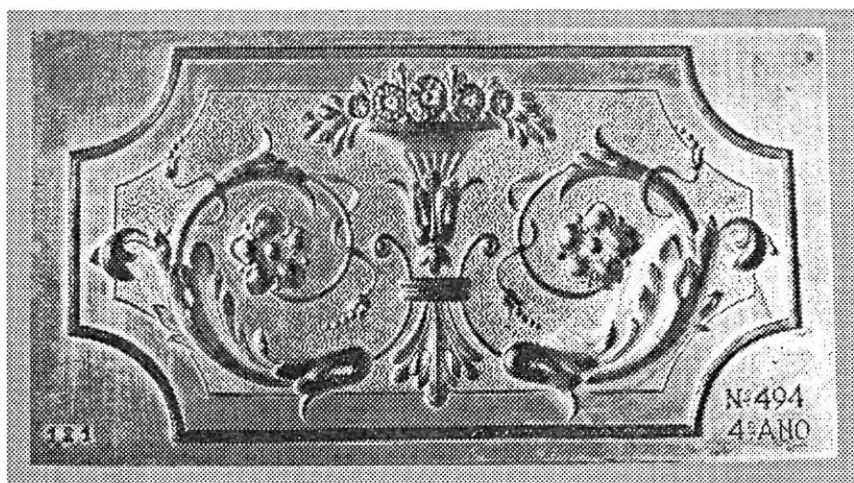
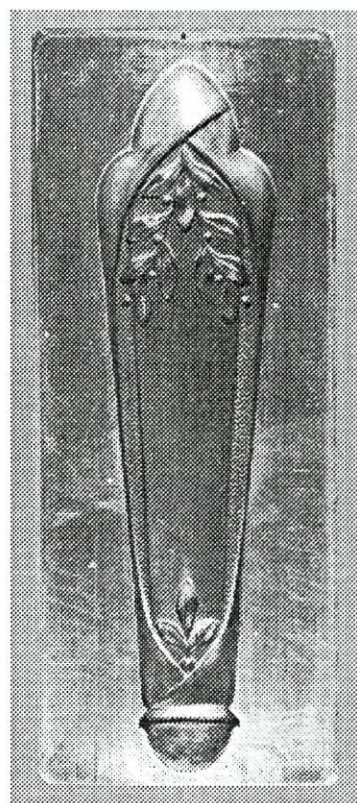
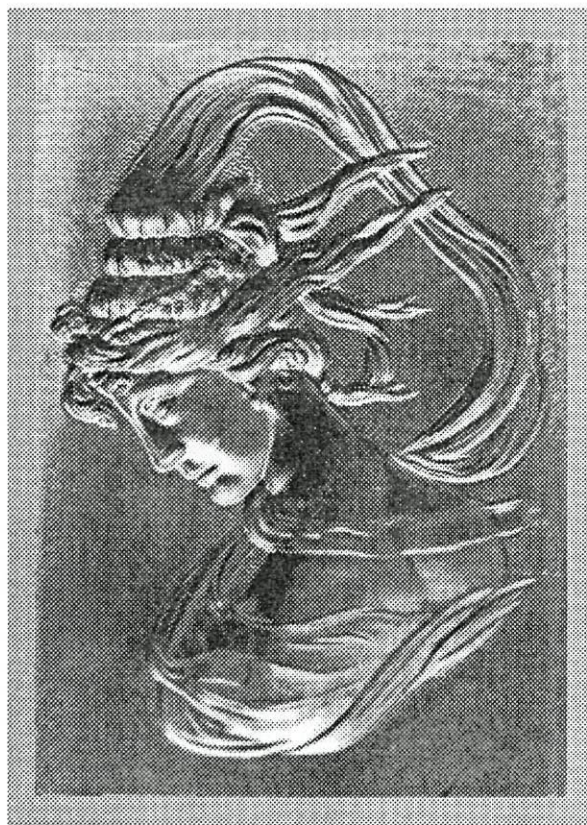
144 - Modelo em gesso - prato de parede

145 - Modelo em madeira com decoração modelada em cera - salva

146 - Travessa em metal

147 - Apanha-migalhas em metal

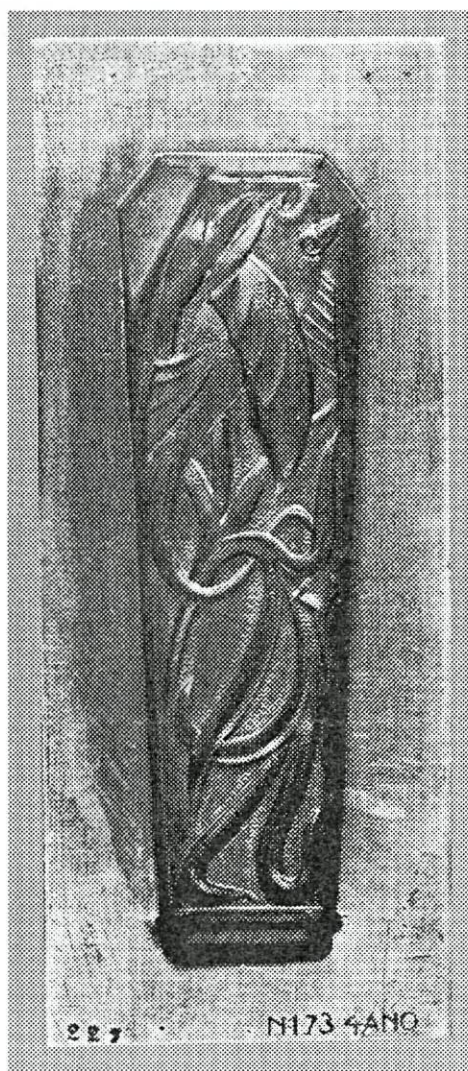
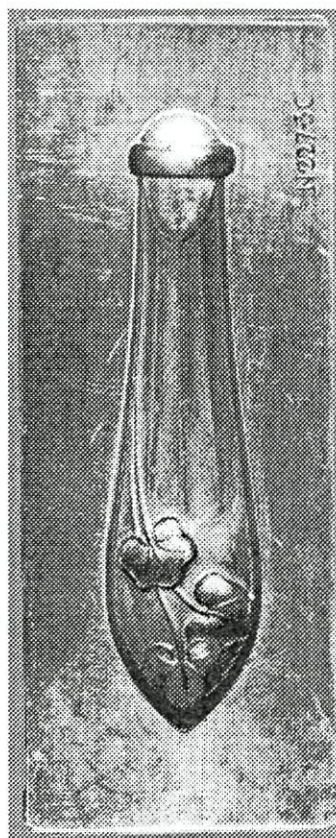
148 - Prato de parede em metal com o escudo da cidade do Porto ao centro e decoração manuelina. Executado pelo aluno António Rodrigues Vieira Cabêda.

149 - Prato de parede em metal tendo no centro gravada a figura de D. Afonso Henriques, executado pelo aluno Jorge C. Felgueiras de Figueiredo.

150 - Prato de parede em metal com o escudo da Mocidade Portuguesa

151 - Máscara em metal

152 - Folha de acanto em metal

153 - Ave em metal

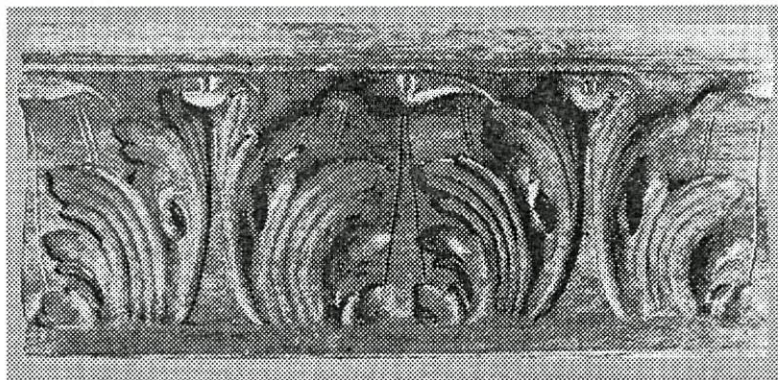
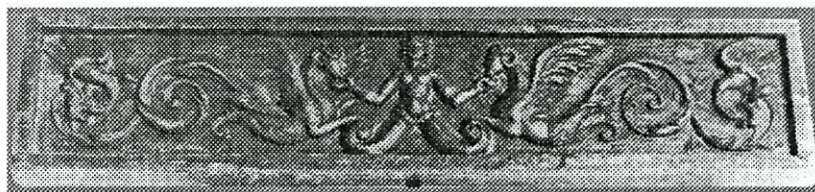
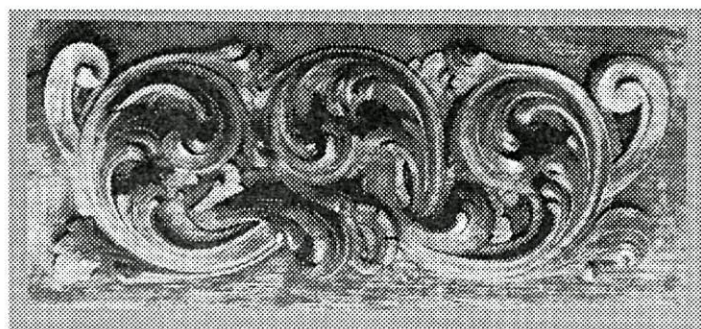
154 - Salva em metal

155 - Ramo de frutos e flores em metal

156 - Ramo de frutos e folhas em metal

157 - Ramo de rosas em metal

158 - Modelo em gesso

159 - Cunho para tampa de caixa

160 - Cunho para cabo de talher

161 - Cunho para tampa de caixa

162 - Cunho para tampa de caixa

163 - Cunho para cabo de faca ou corta-papéis

164 - Cunho para cabo de talher

165 - Cunho com pardal

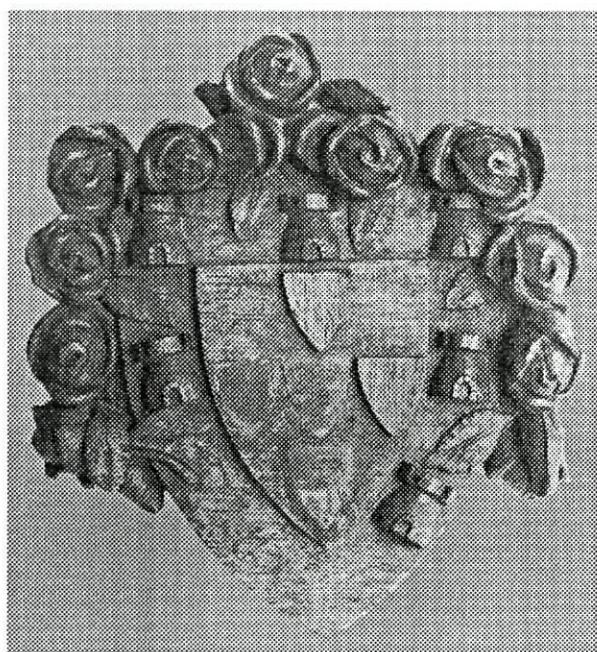
166 - Cunho com faisão

167 - Cunho com pomba

168 - Modelo em madeira - friso de folhas de acanto

169 - Modelo em madeira

170 - Modelo em madeira - folhas de acanto entrelaçadas

171 - Modelo em madeira - folha de acanto

172 - Modelo em gesso - folhas de acanto

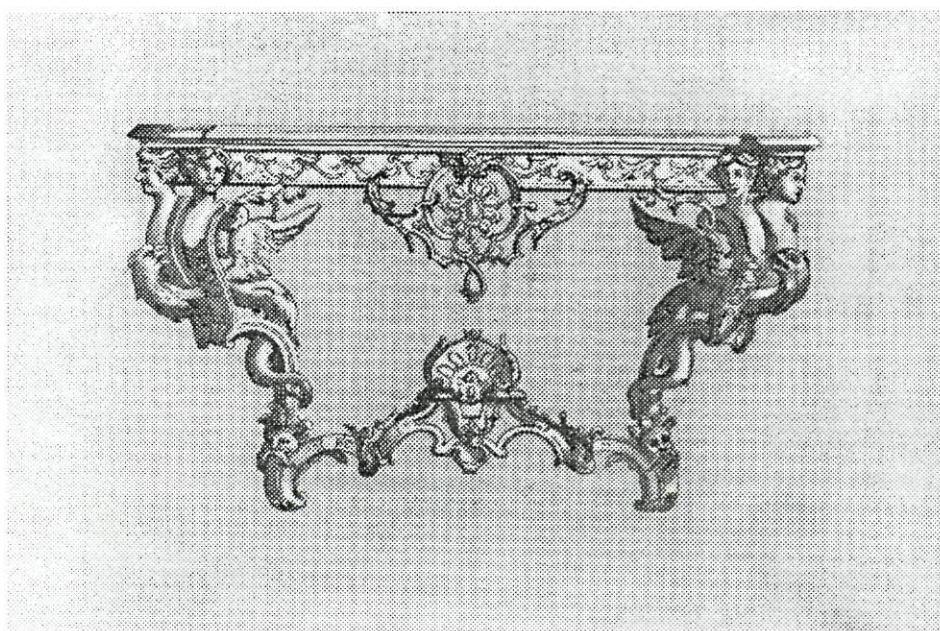
173 - Modelo em madeira

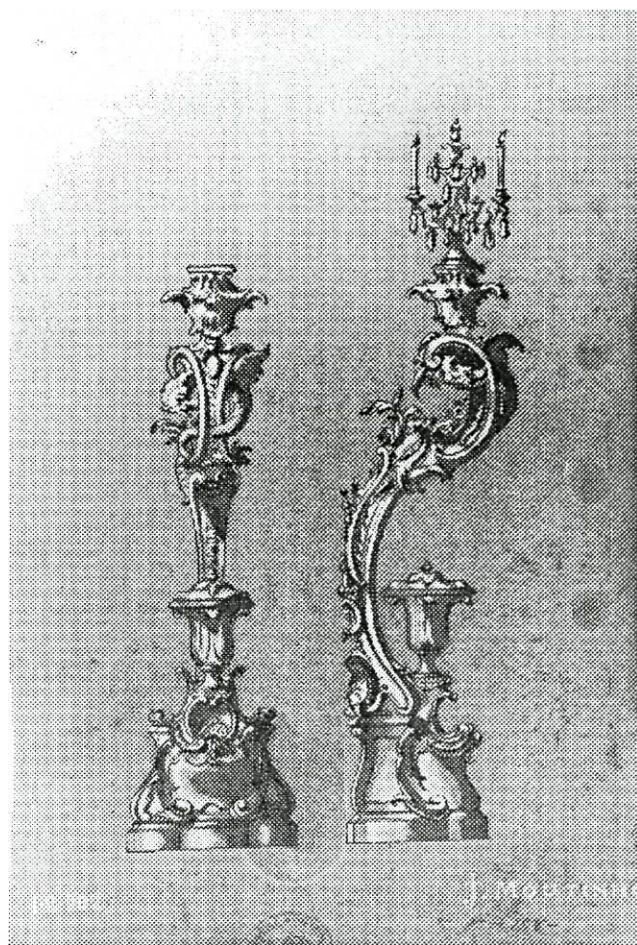
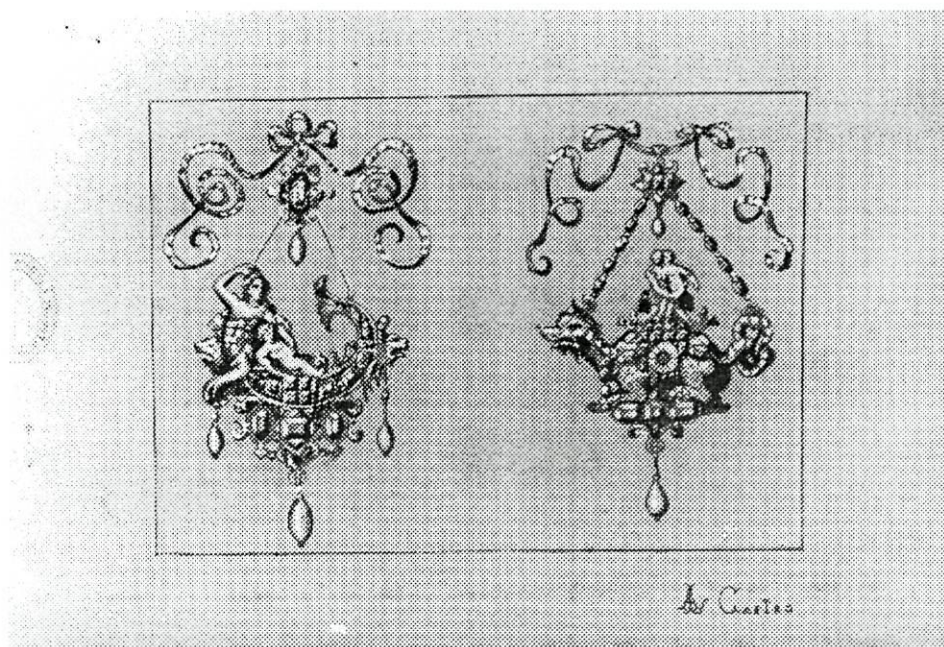
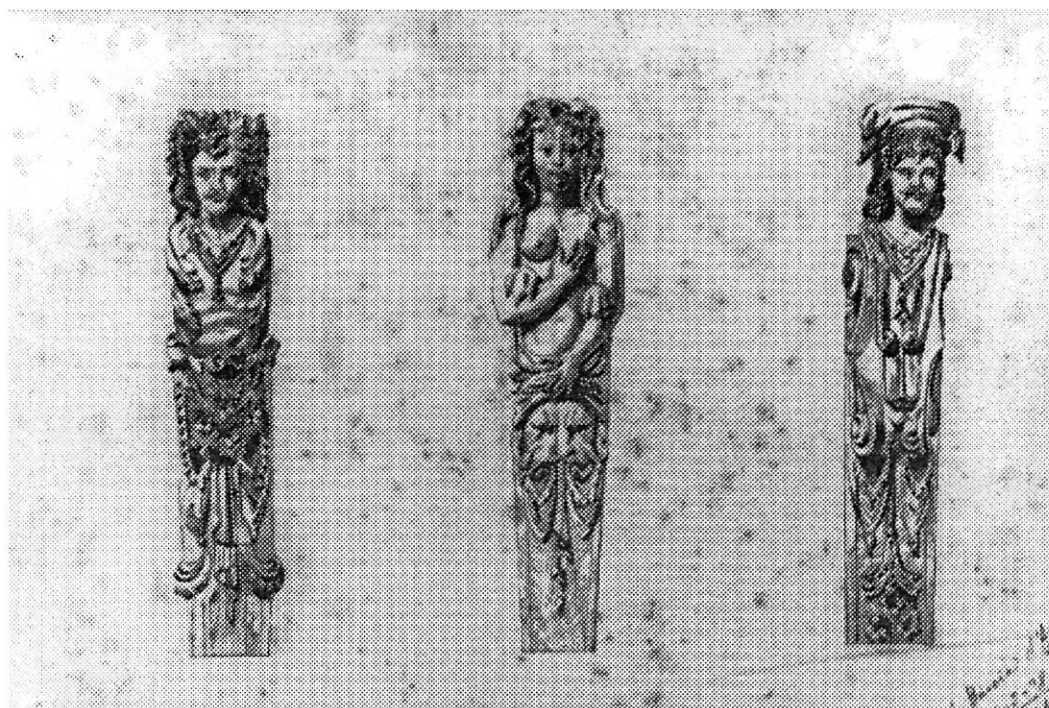
174 - Modelo em madeira

175 - Modelo em madeira

176 - Peça de mobiliário - berço

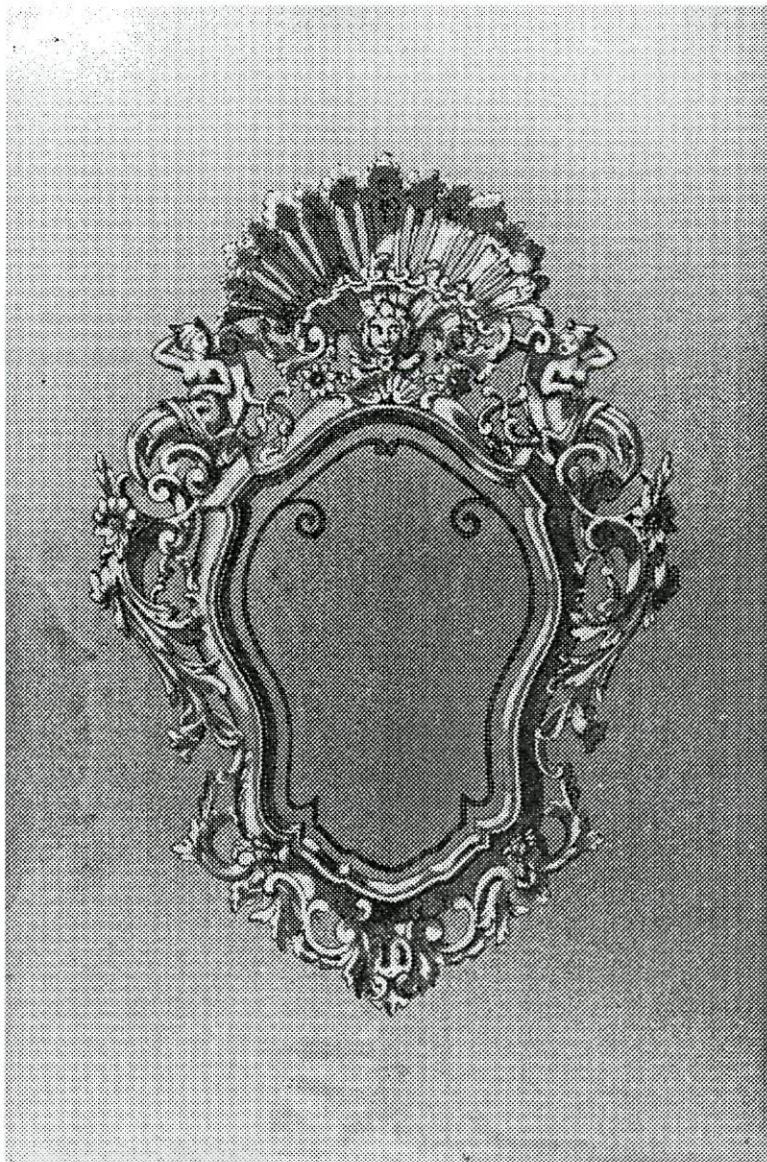
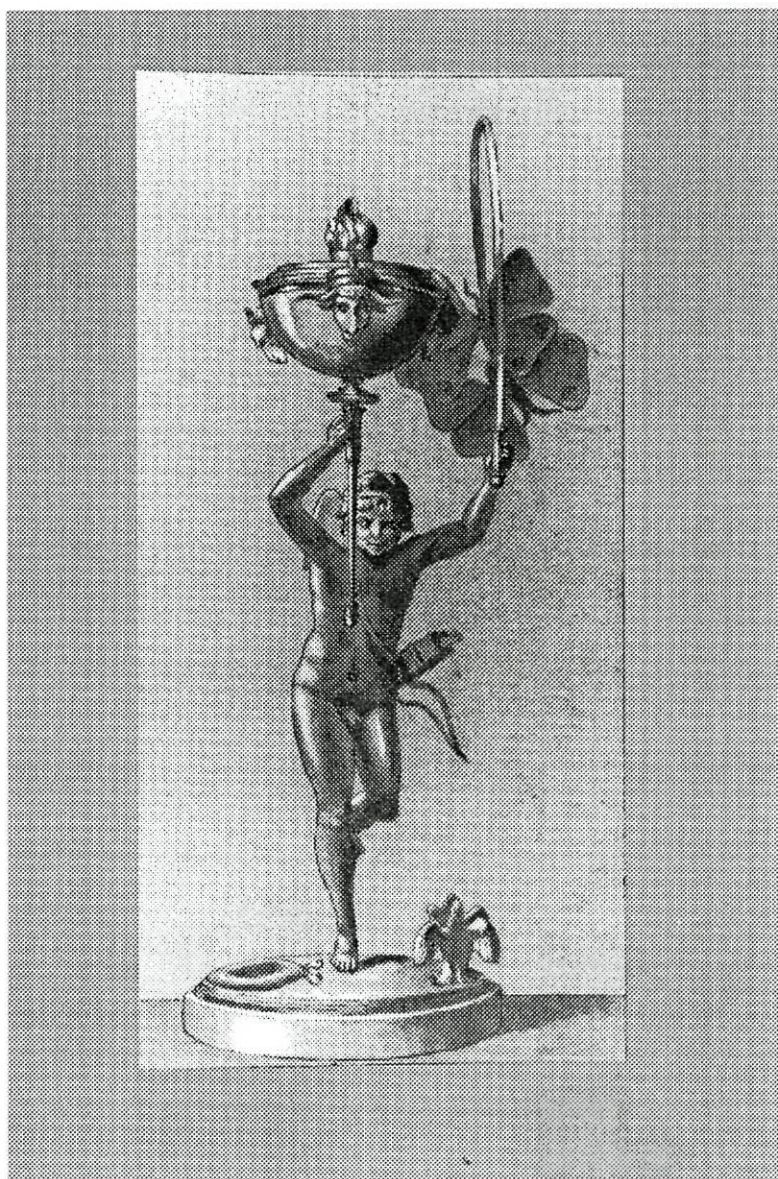
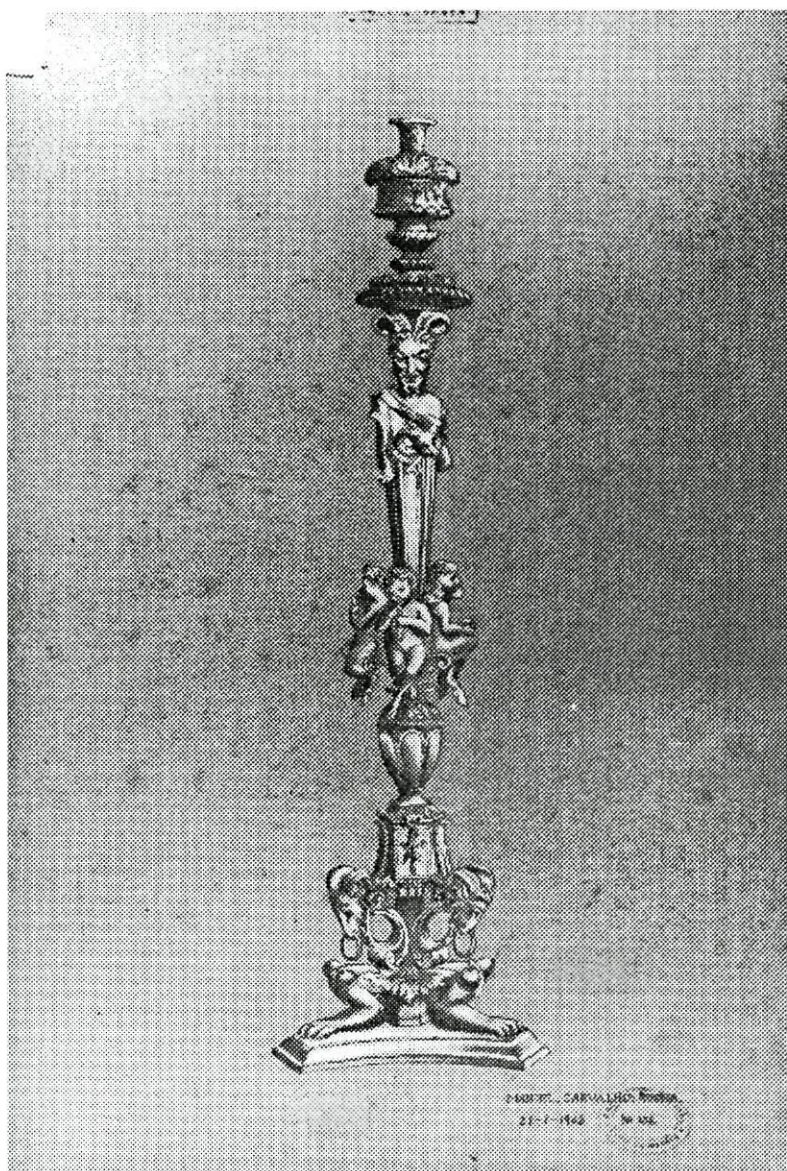
177 - Pormenor do berço

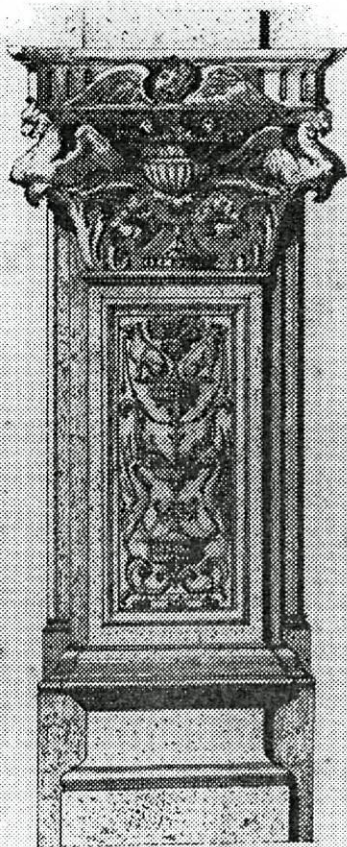
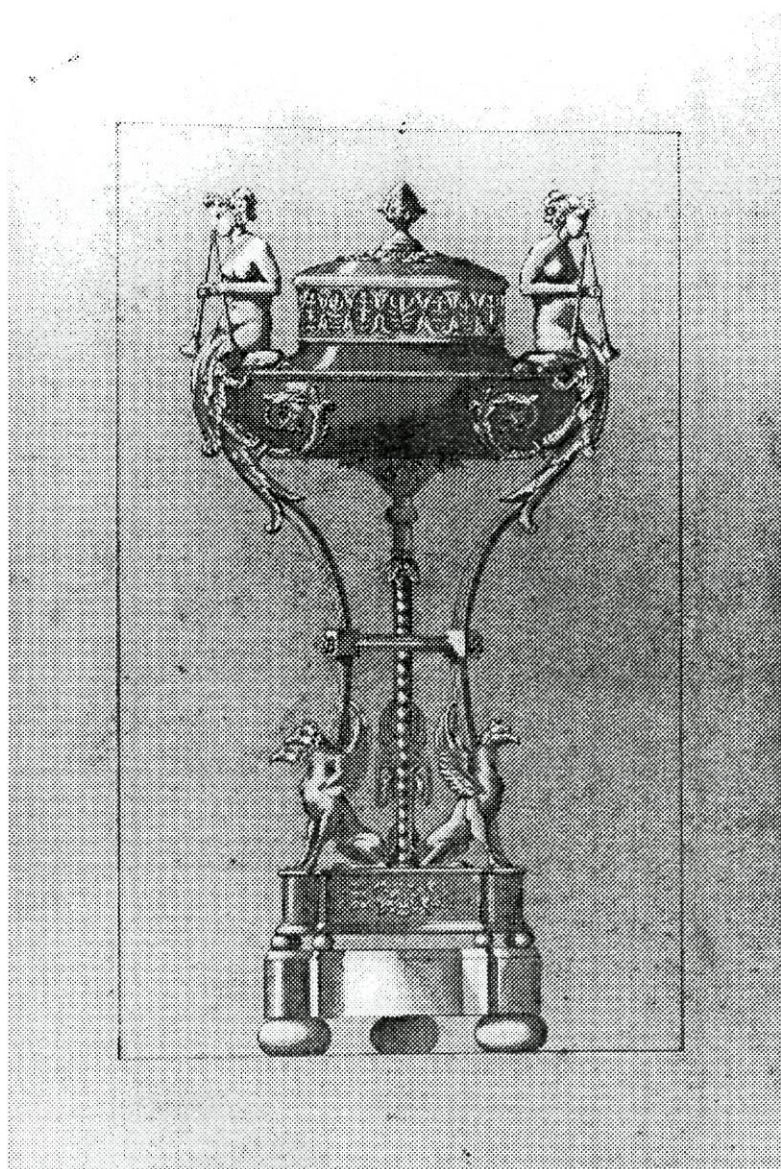
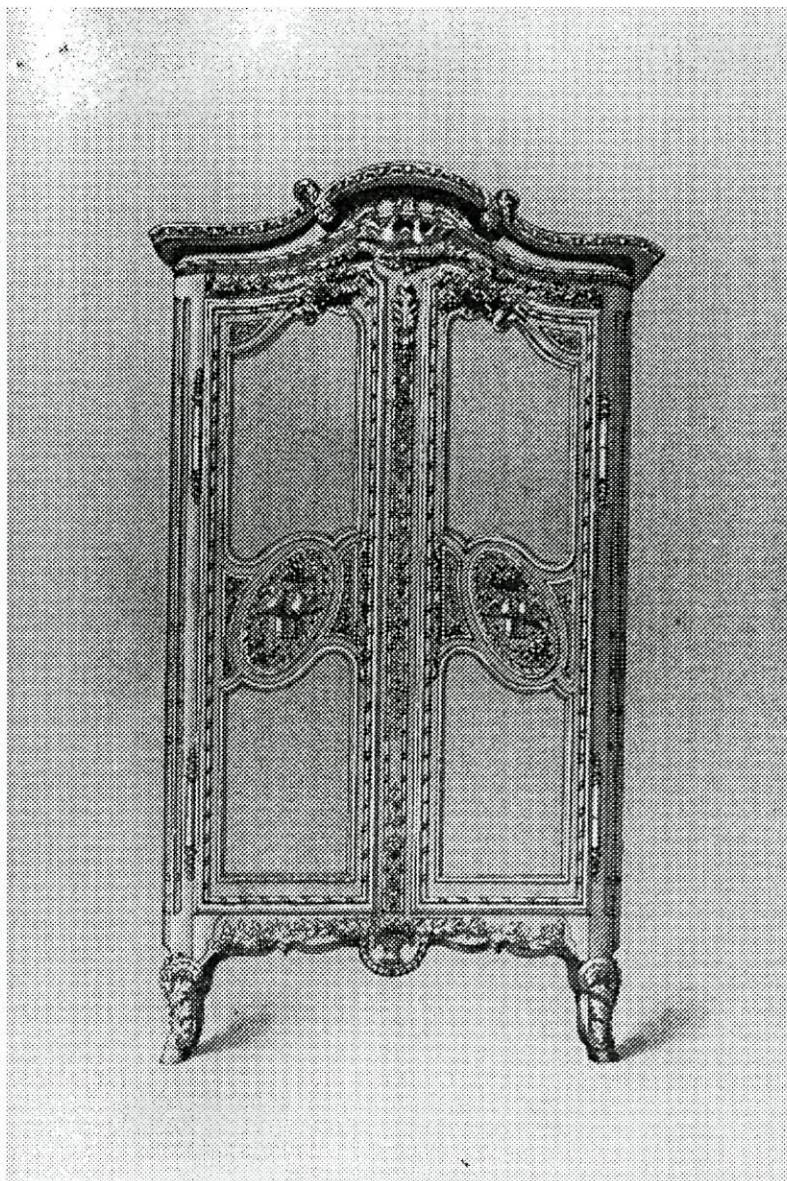
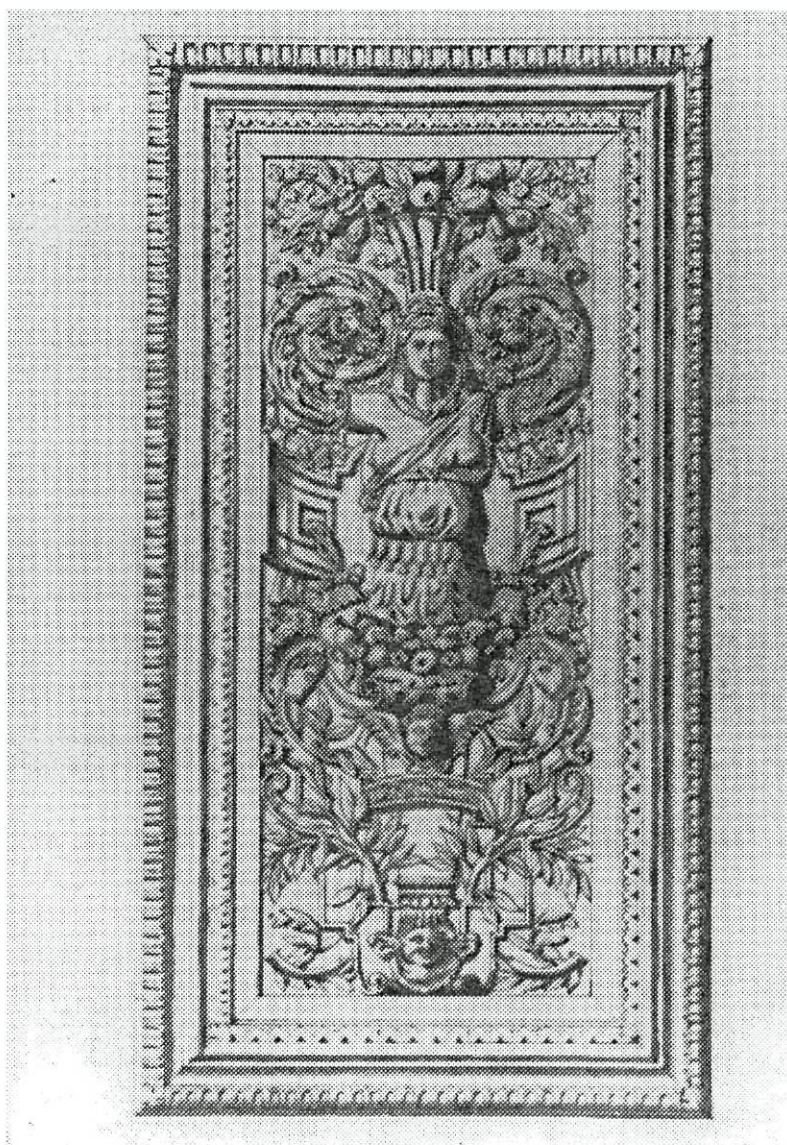
178 - Peça de mobiliário - arca. Imagem da oficina de entalhador, onde se pode ver o mestre Adolfo Marques.

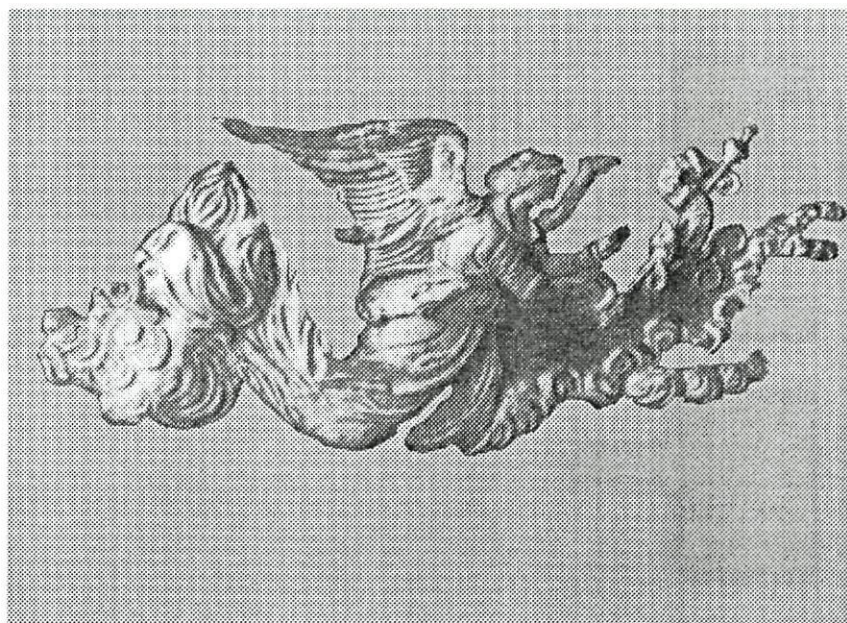
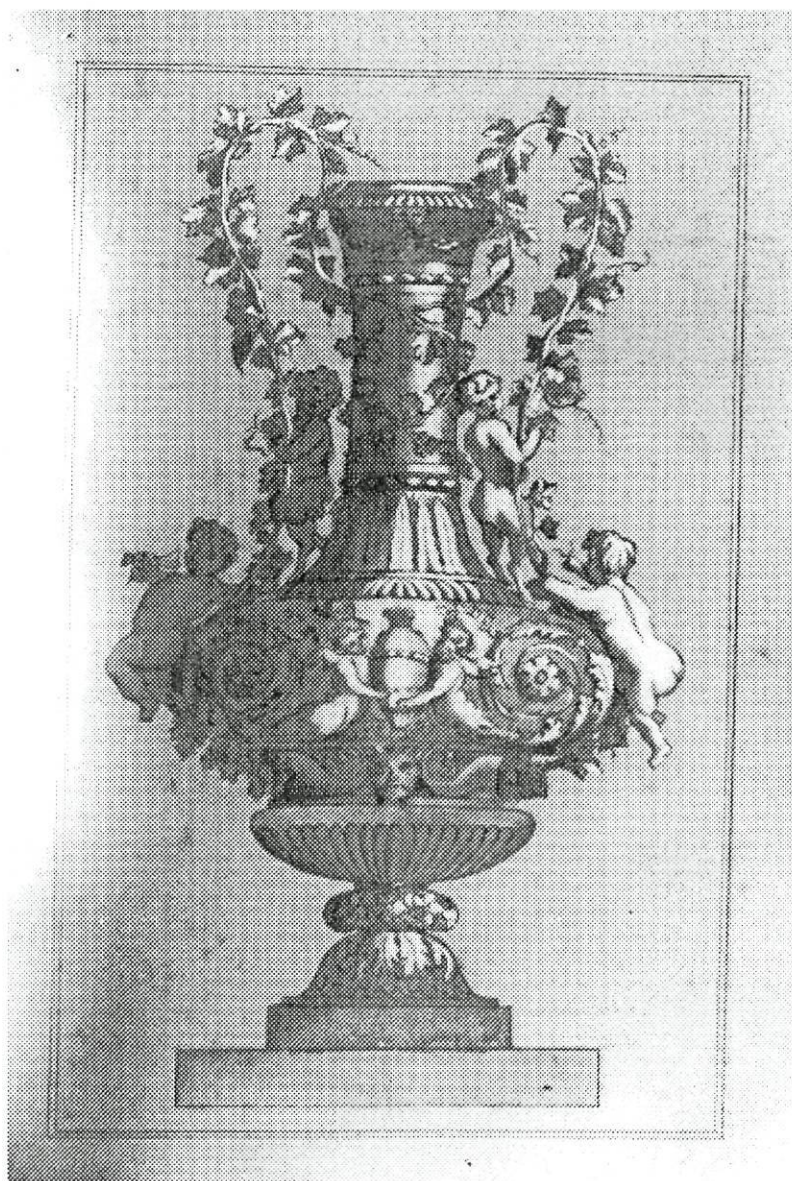
179 - Desenho do aluno José Ribeiro de Souza (ourives), datado de 28 de Abril de 1899

180 - Desenho do aluno F. Rocha Coimbra, datado de 11/05/1900

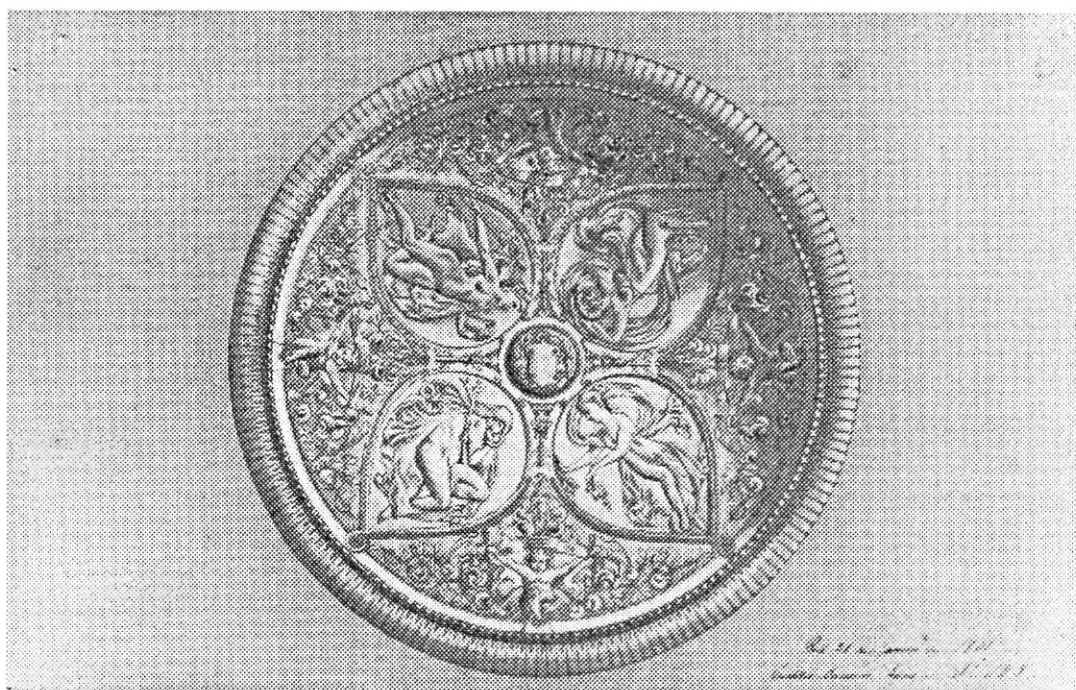
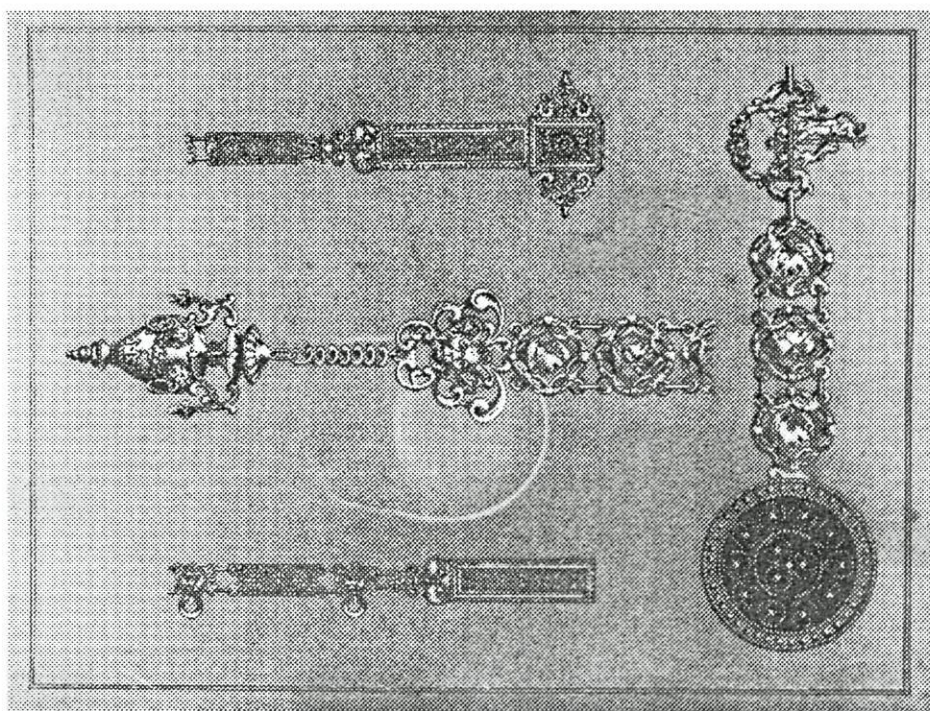
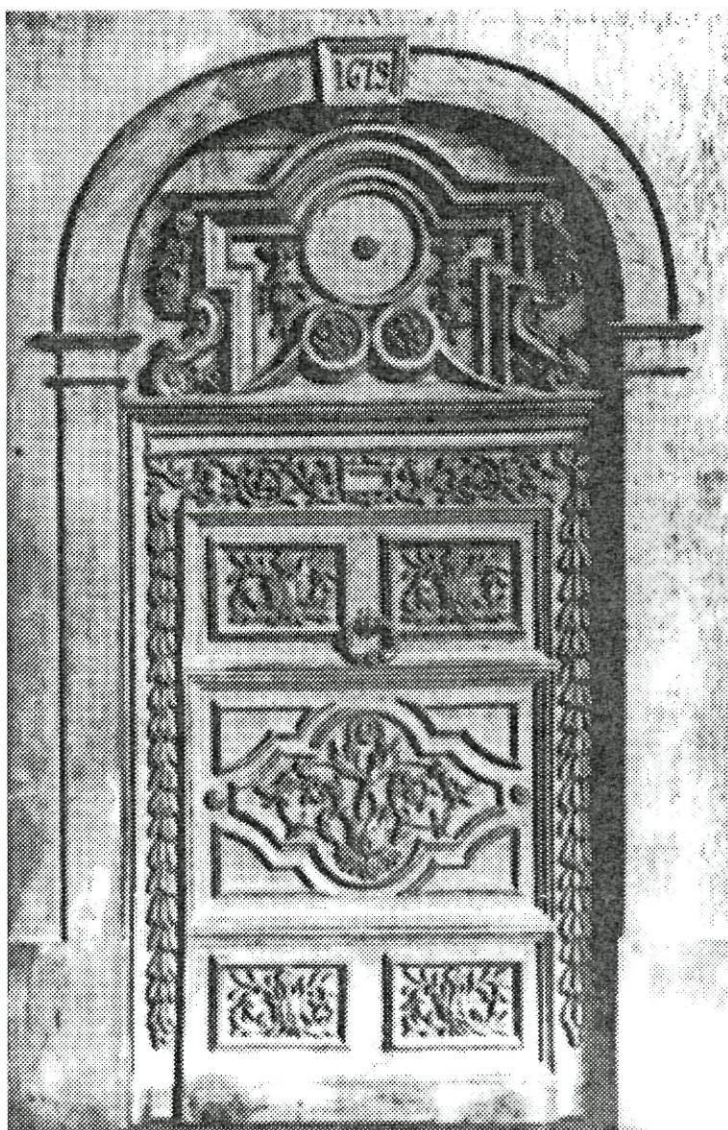
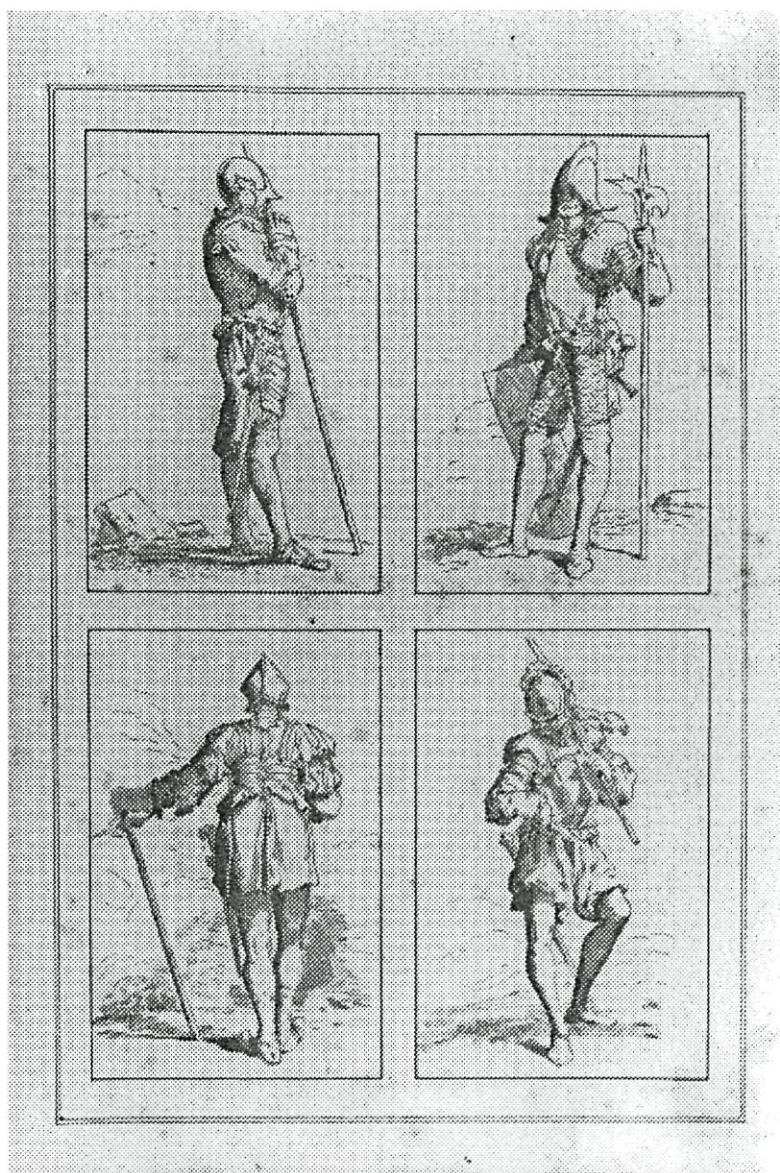
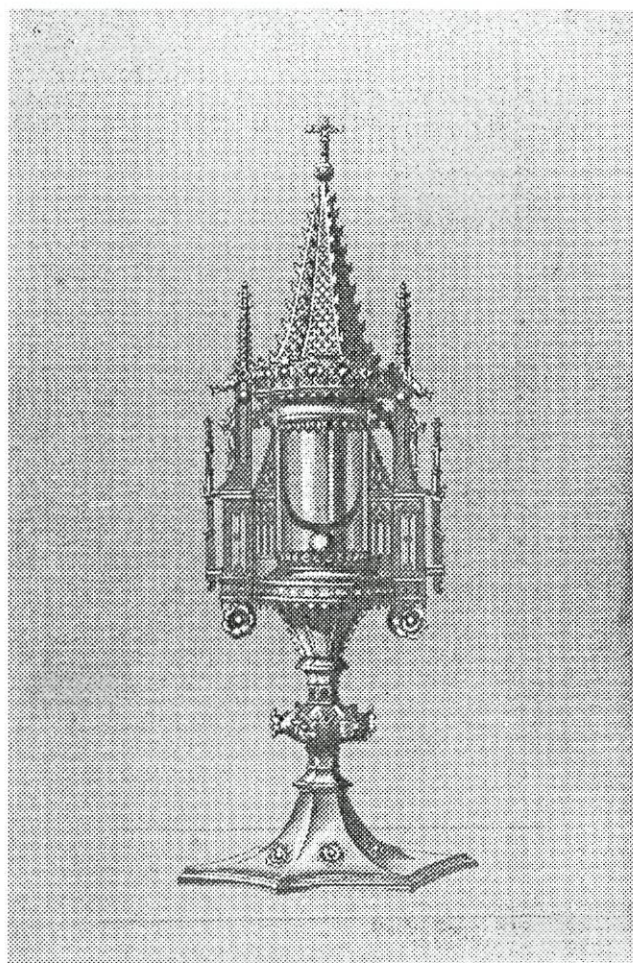
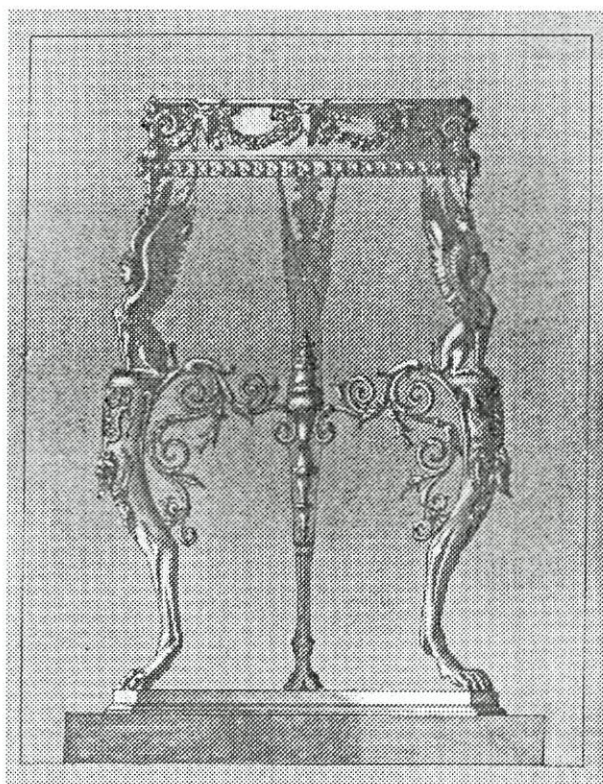
181 - Desenho do aluno Custódio Augusto Pereira (lavrante) datado de 13/5/1903

182 - Desenho do aluno (ourives) José Tavares Moutinho, executado em 1/2/1902

183 - Desenho do aluno Luís António de Castro (ourives), sem data

184 - Desenho do aluno José Bárcia D´Aquino, executado em 16/3/1898

185 - Desenho do aluno José Ferreira Apolónia, datado de 26/03/1906

186 - Desenho do aluno M. Loureiro Pêgo datado de 23/1/1900

187 - Desenho do aluno Joaquim Gonçalves da Silva, datado de 11/12/1905

188 - Desenho do aluno Jerónimo Joaquim Monteiro (ourives), datado de 30/10/1900

189 - Desenho do aluno Manoel Carvalho Rocha (cinzelador), datado de 31/01/1903

190 - Desenho do aluno Ernesto Alves San Simão (entalhador) datado de 7/11/1902

191 - Desenho do aluno Manoel Gonçalves Ribeiro, datado de 28/02/1898

192 - Desenho do aluno A.S. Machado, datado de 3/12/1901

193 - Desenho do aluno José Cardoso (entalhador), datado de 4 de Abril de 1906

194 - Desenho do aluno José Pereira dos Santos Cruz, datado de 30/5/1901

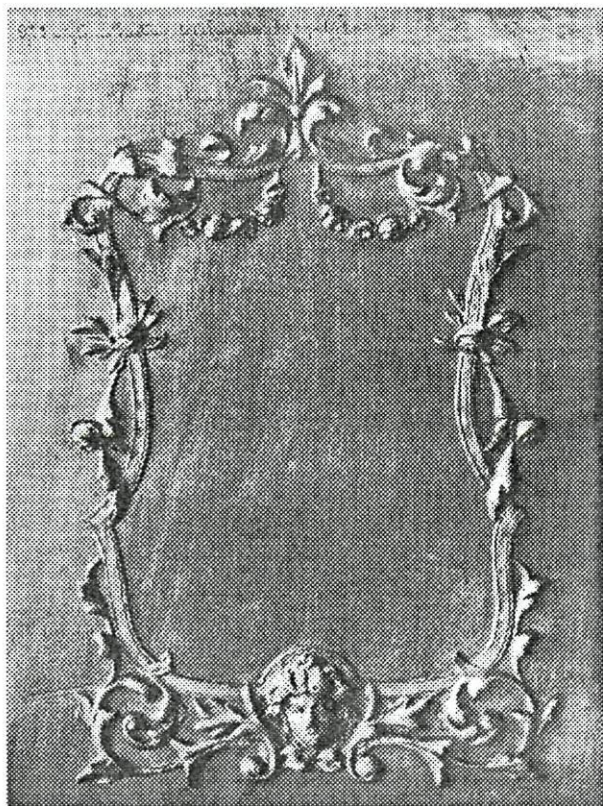
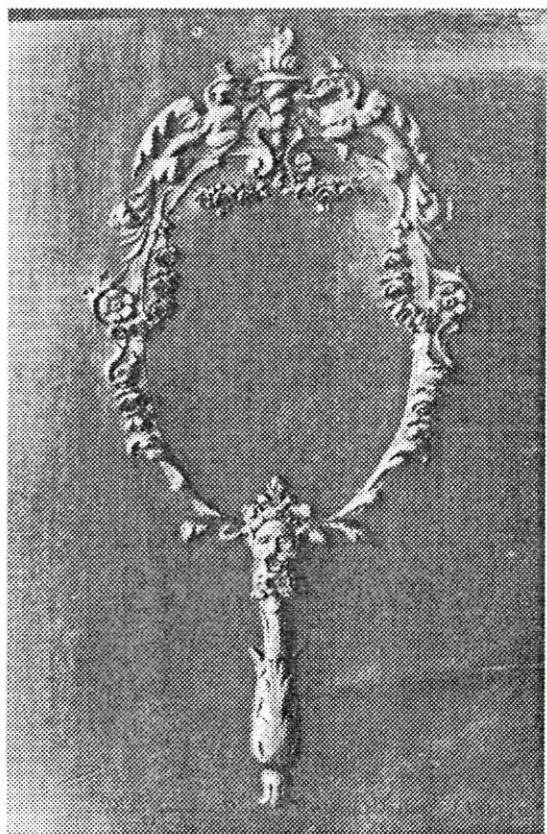
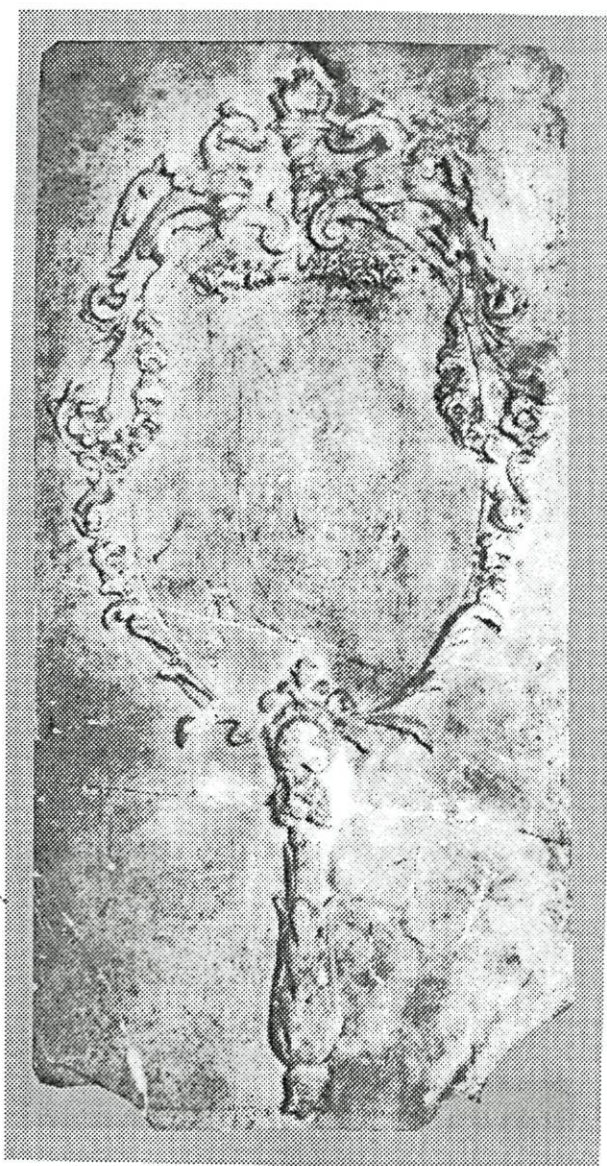
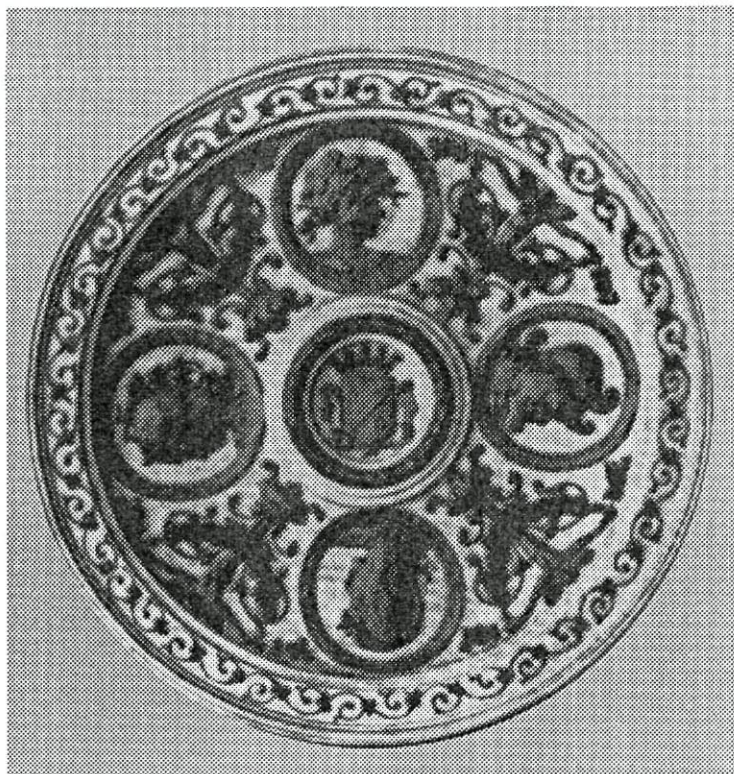
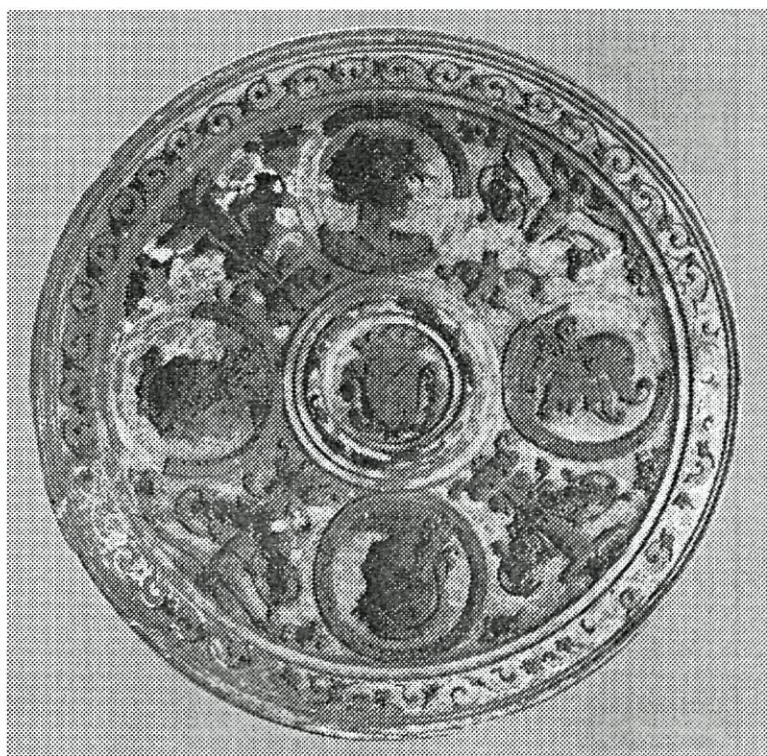
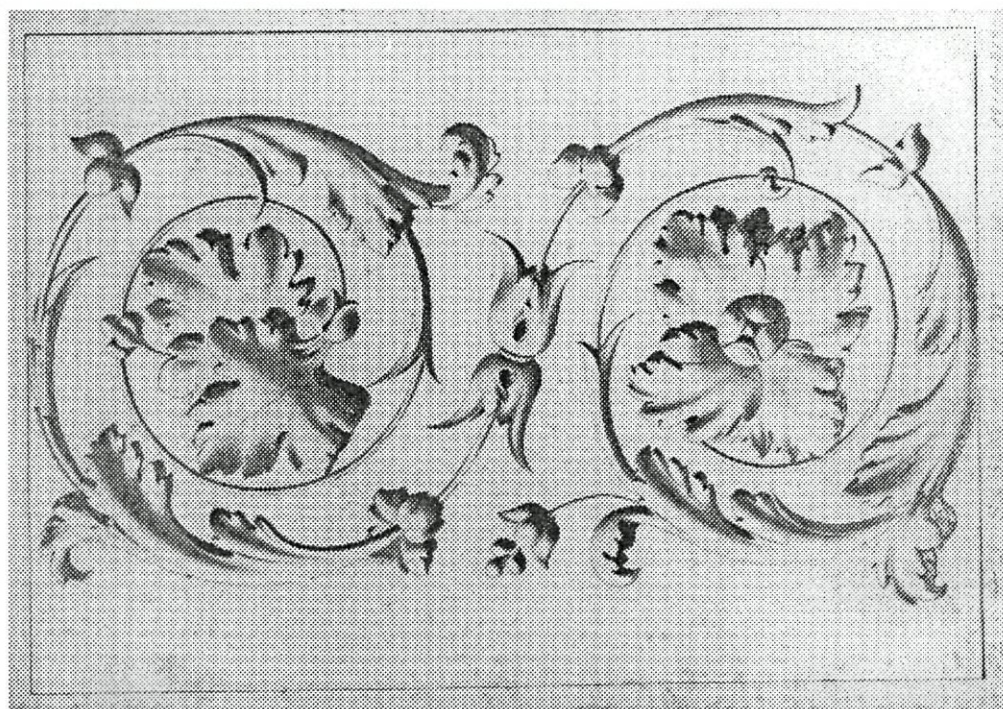
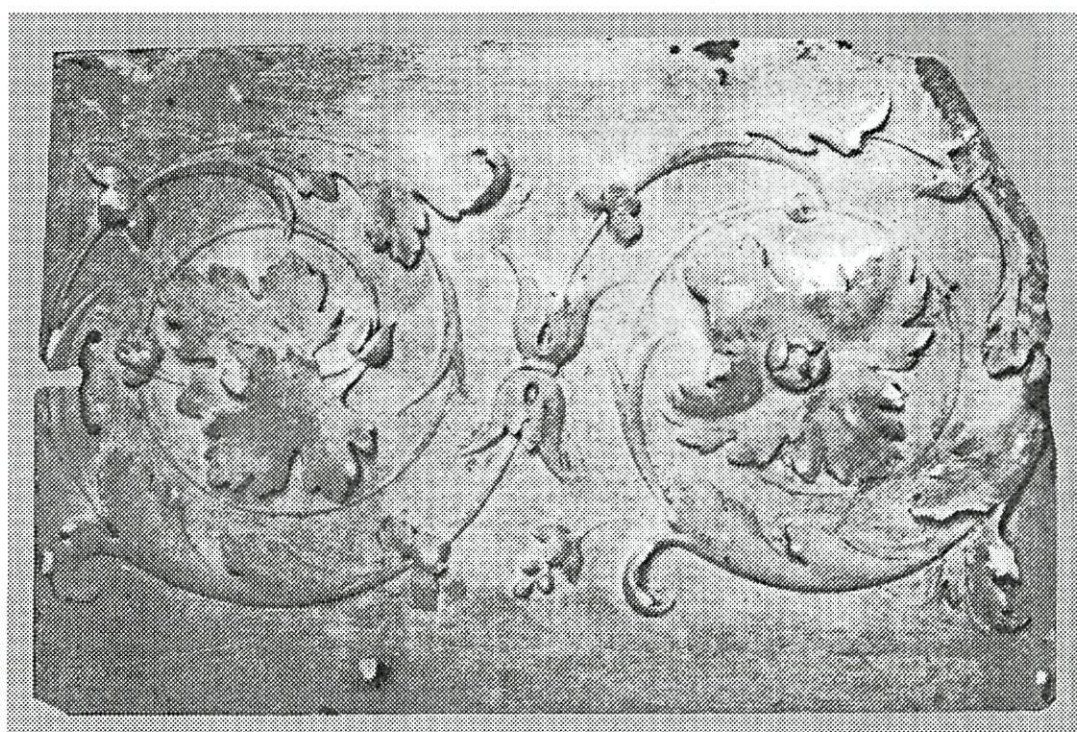
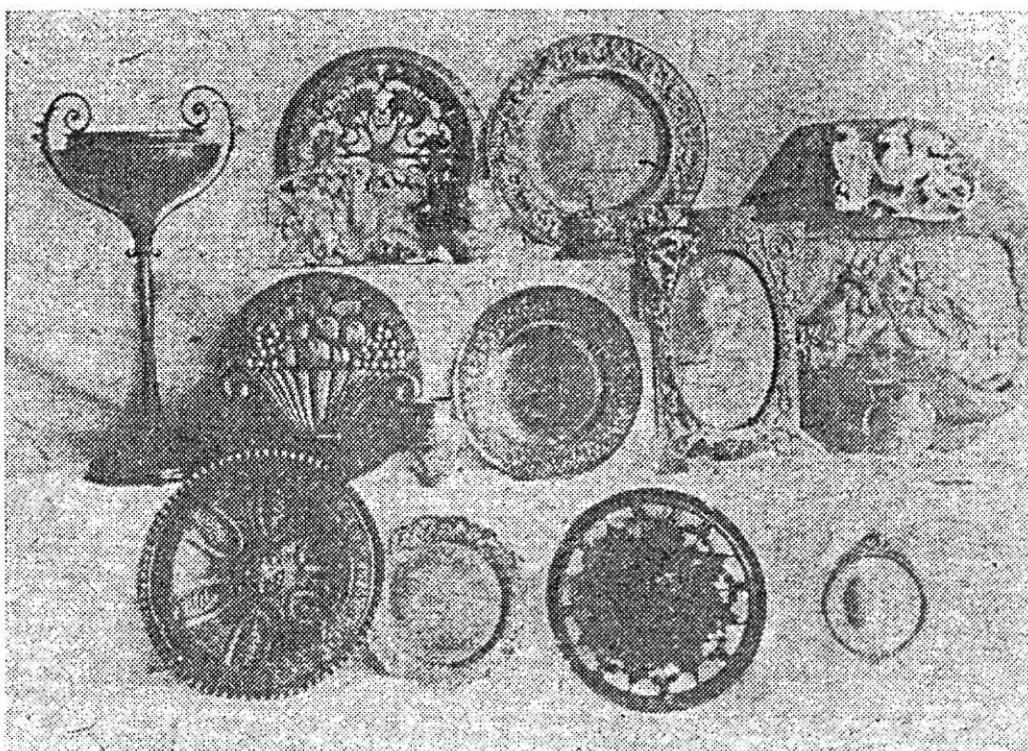
195 - Desenho do aluno António Ribeiro Pinto (cinzelador), datado de 12/4/1910

196 - Modelação do aluno António Ribeiro Pinto, também executada em 1910

197 - Desenho do aluno Gaspar Gomes de Souza, datado de 15/5/1908

198 - Desenho do aluno António J. Dias Guimarães, datado de 27/5/1910

199 - Desenho do aluno Custódio Bernardo Lopes (cinzelador), datado de 31/1/1918

200 - Desenho do aluno António Pereira Braga, datadode 30/1/1908

201 - Trabalho do aluno David Ferreira Soares, datado de Novembro de 1910

202 - Desenho do aluno António Martins D´Oliveira Júnior, datado de 28/11/1908

203 - Desenho do aluno Filippe José Bandeira (cinzelador), datado de 2/6/1913

204 - Desenho do aluno Albino Moreira da Cunha

205 - Trabalho do aluno Firmino Coelho da Rocha Cuimbra

206 - Trabalho do aluno Manuel Vieira de Miranda

207 - Trabalho do aluno Carlos Pinto da Silva, realizado no ano lectivo 1915/16

208 - Trabalho do aluno Custódio Bernardo Lopes, realizado no ano lectivo 1910/11

209 - Trabalho do aluno António Caetano de Almeida Júnior, realizado no ano lectivo 1919/20

210-A - Trabalho executado pelo aluno Joaquim Dias Ferreira Bastos Júnior (cinzelador) realizado no ano lectivo 1919/20

210-B - Modelo em gesso do mesmo trabalho

211-A - Trabalho do aluno Armando da Cruz Gaio (cinzelador) executado em 1919/20

211-B - Modelo em madeira, modelado em cera do mesmo trabalho

212-A - Desenho do aluno Ernesto Alves San Simão, datado de 14/12/1910

212-B - Modelo em gesso

213 - Conjunto de trabalhos executados por alunos da Escola Industrial Faria Guimarães, Junho 1926

214 -Bilheteira

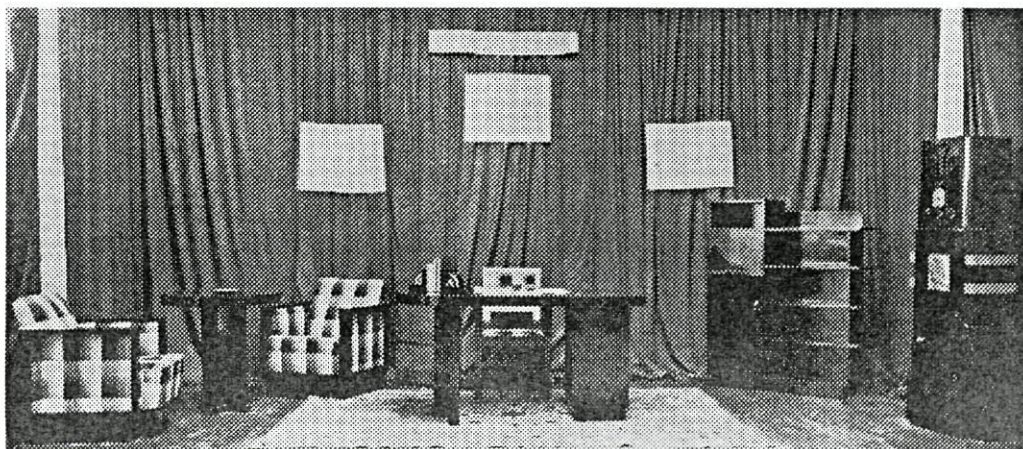
215 -Candeeiro

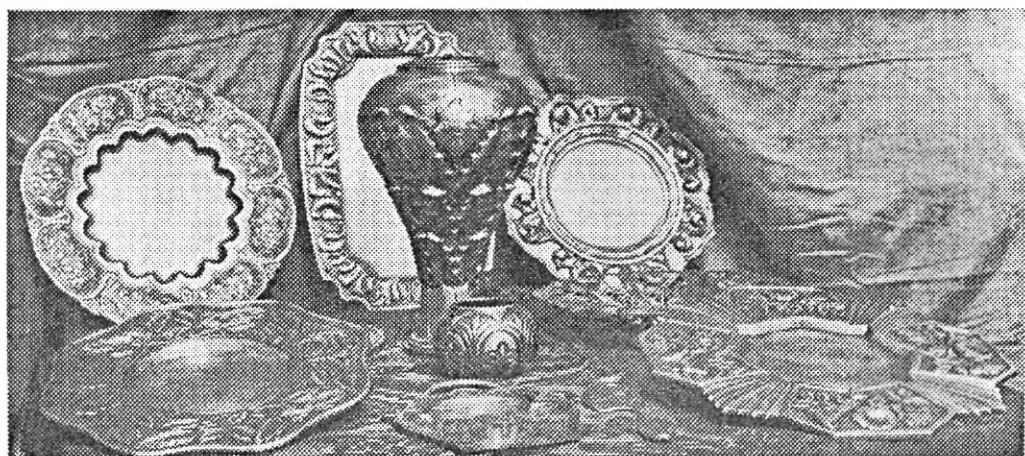
216-A - Vista geral da exposição dos trabalhos dos alunos da Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto, efectuada na Escola Afonso Domingues, de Lisboa - Setembro - Outubro 1927

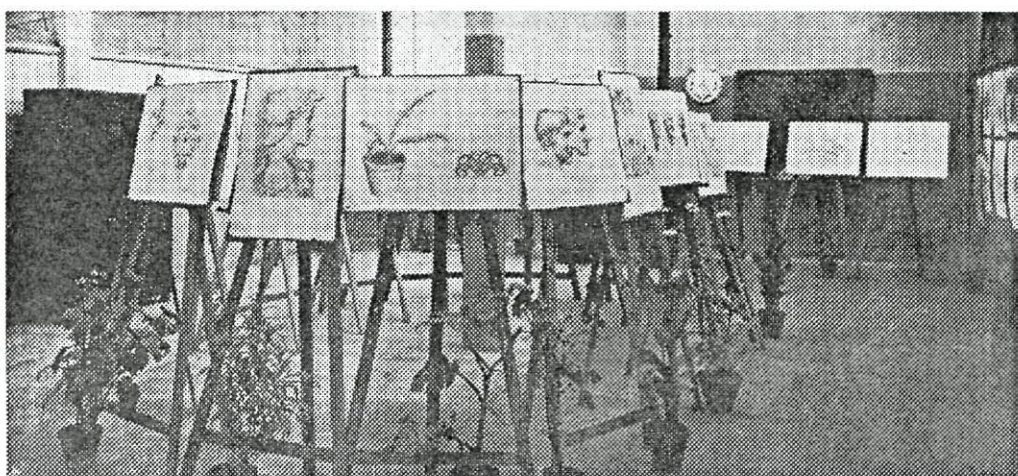
216-B - Exposição dos trabalhos dos alunos da Escola Faria Guimarães efectuada no Porto nas instalações da escola em Julho de 1927

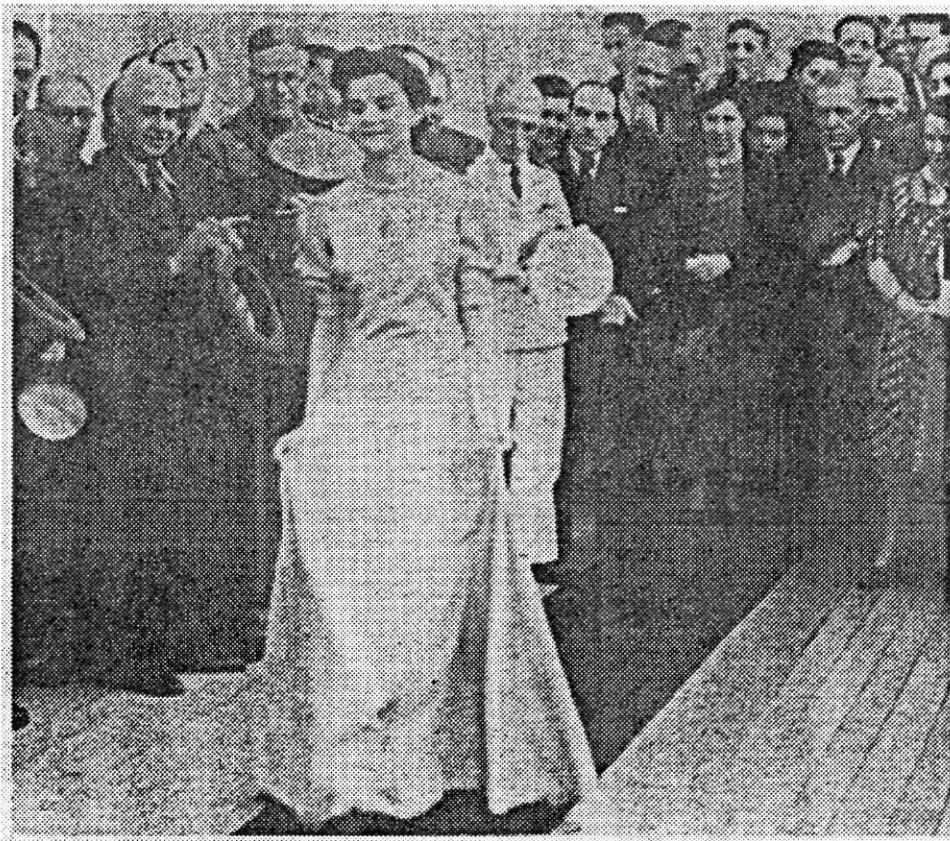
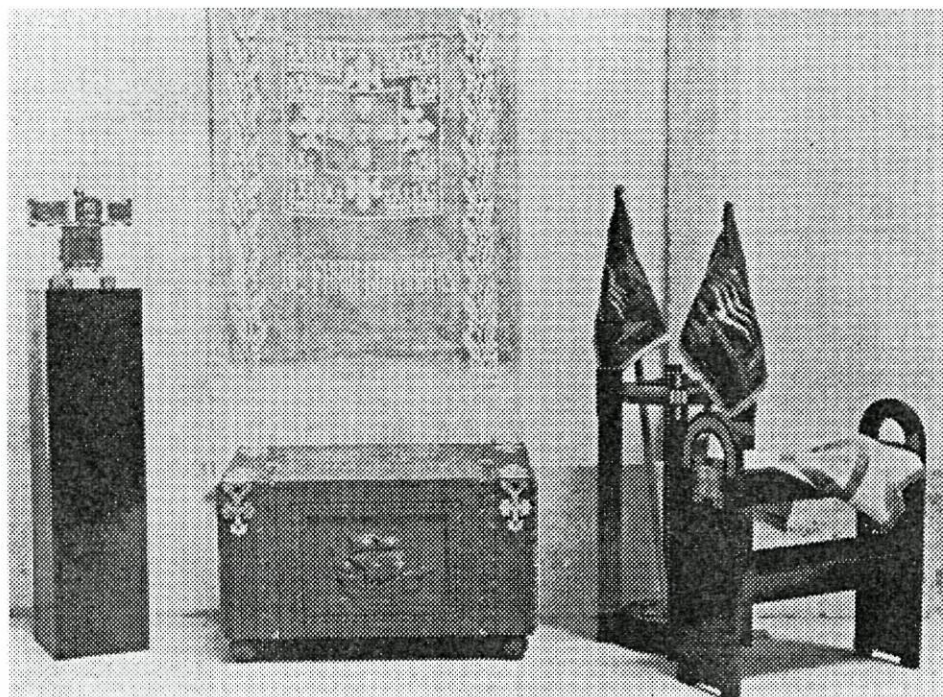
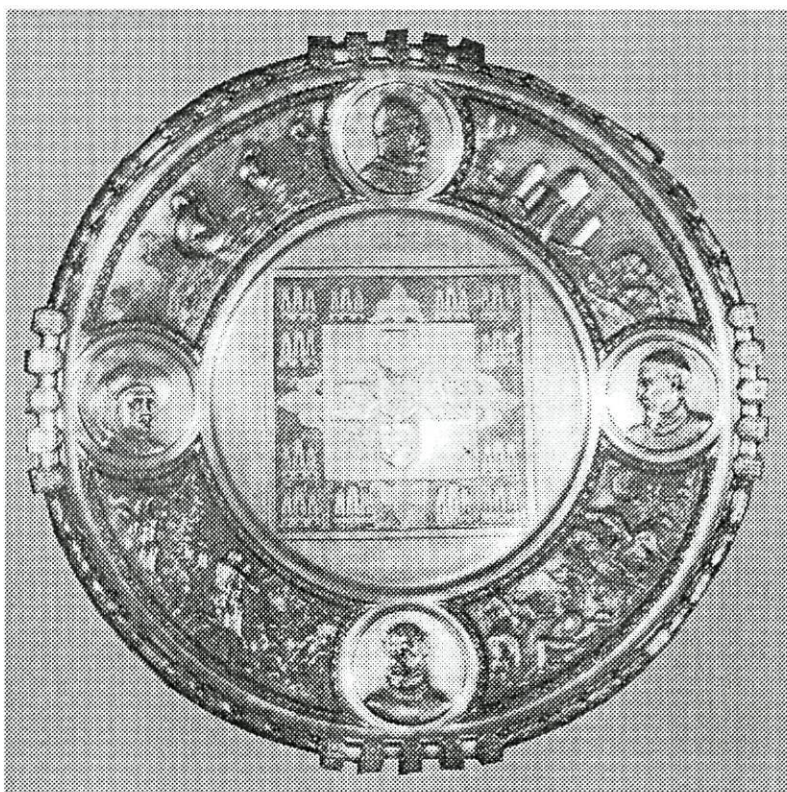
Exposição de trabalhos escolares - 1930

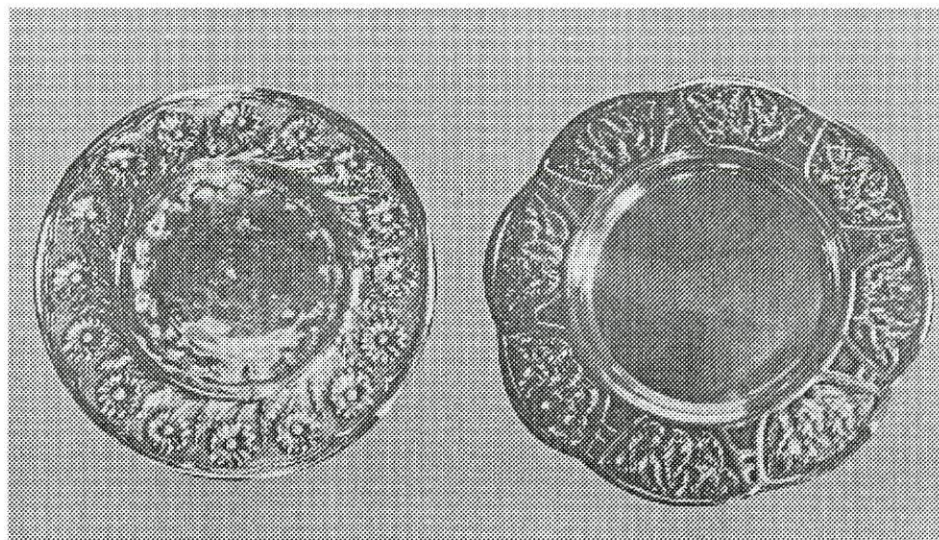
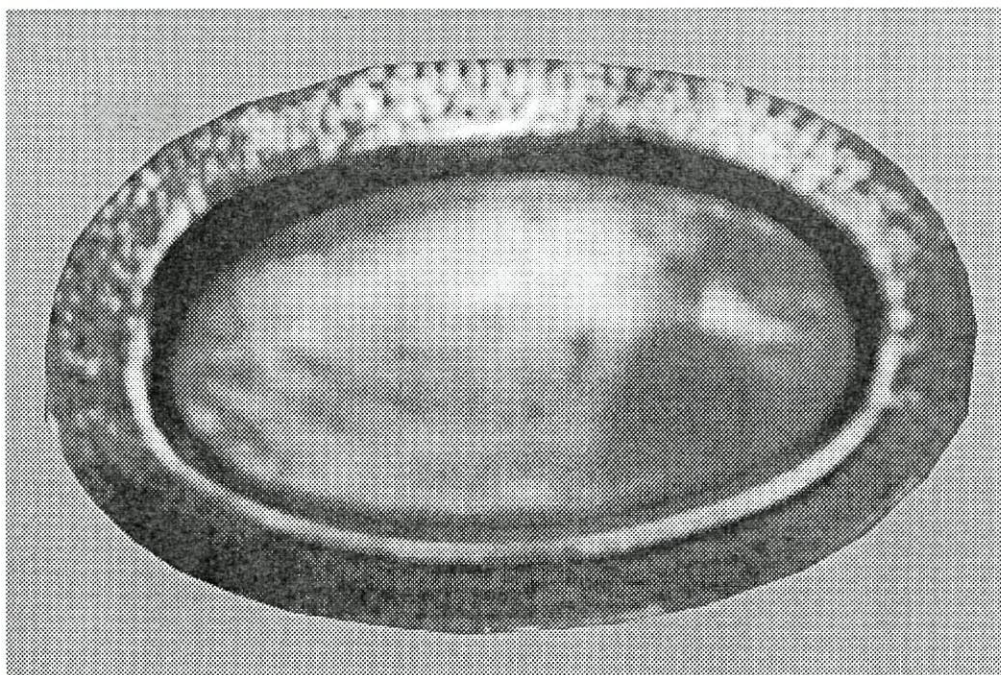
217 - Fotografia da exposição de trabalhos realizados em 1930 na Escola In dustrial de Faria Guimarães

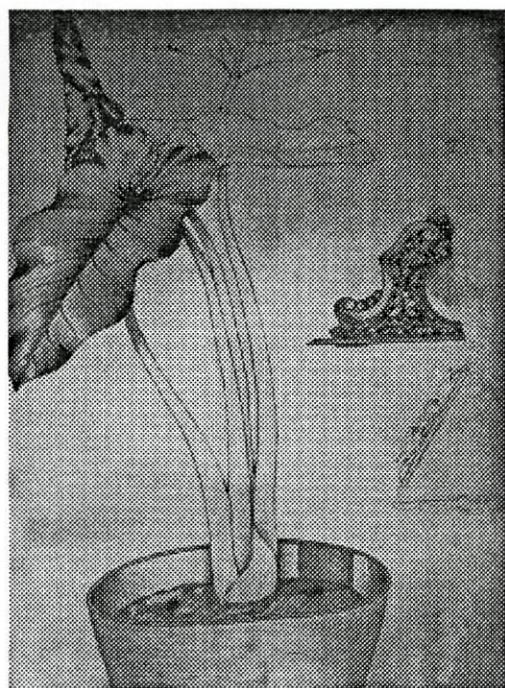
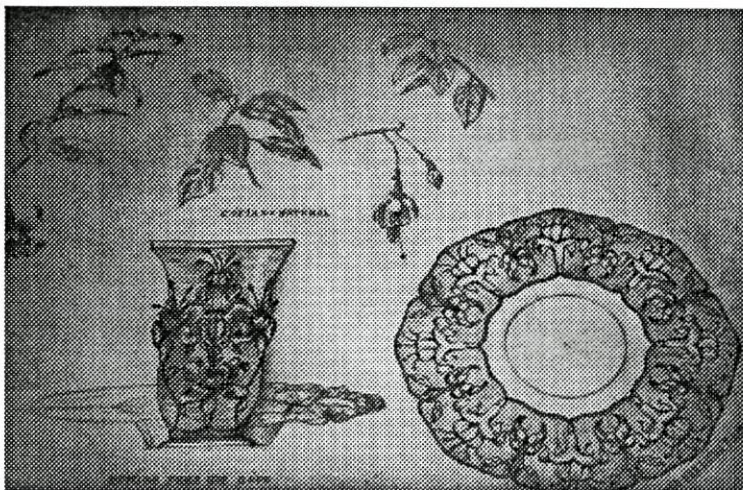
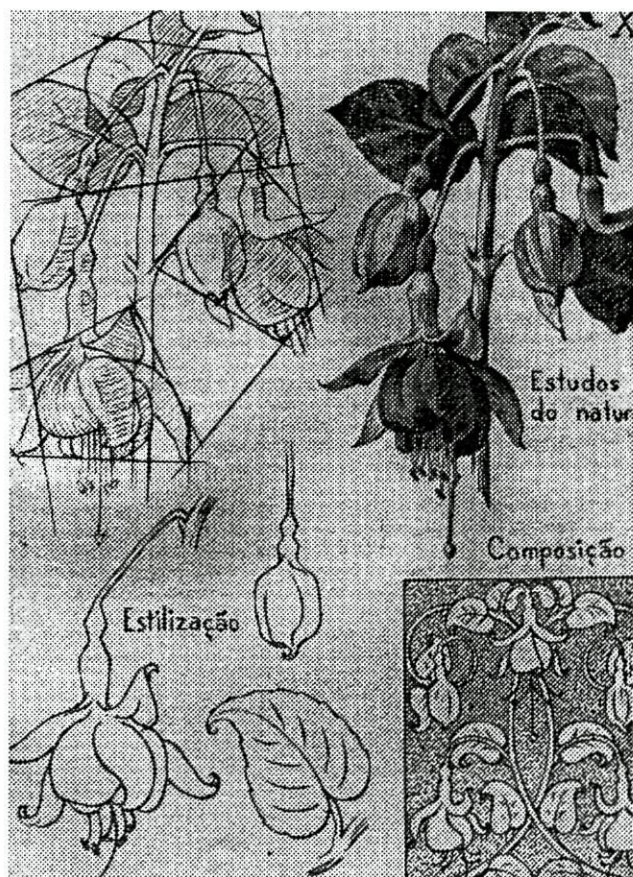
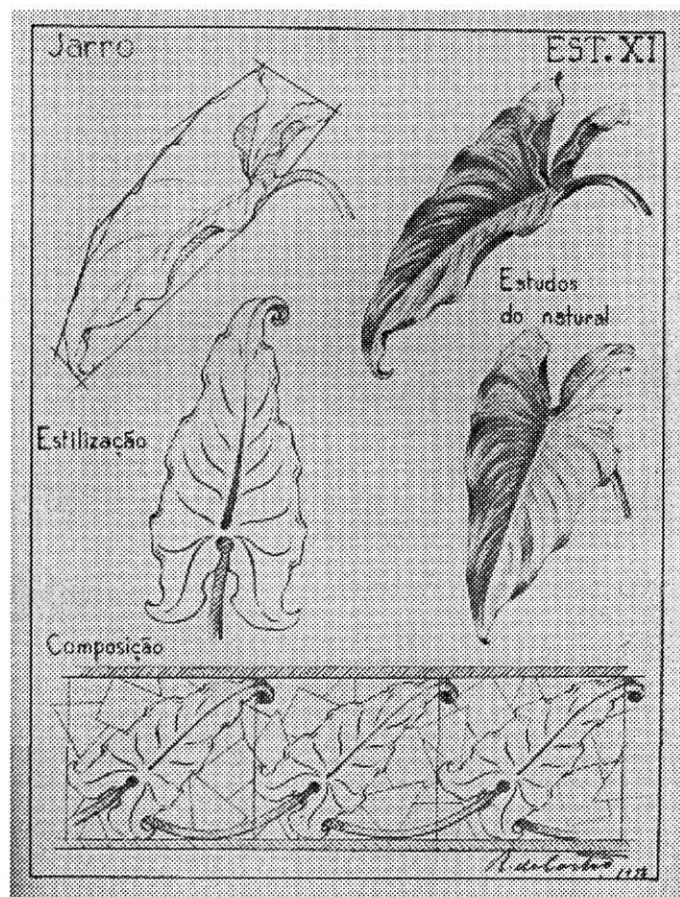
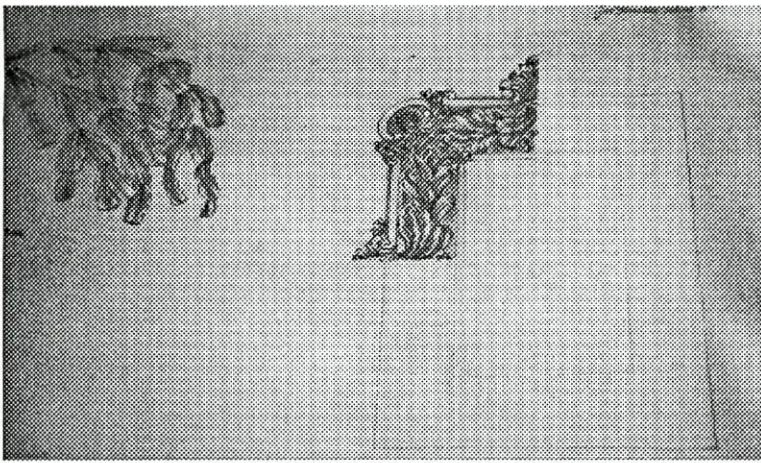
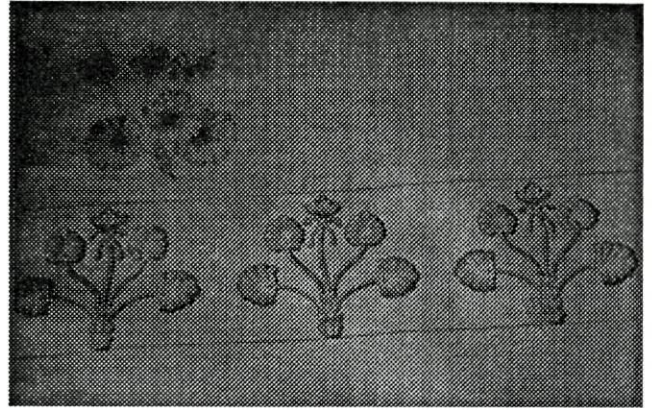
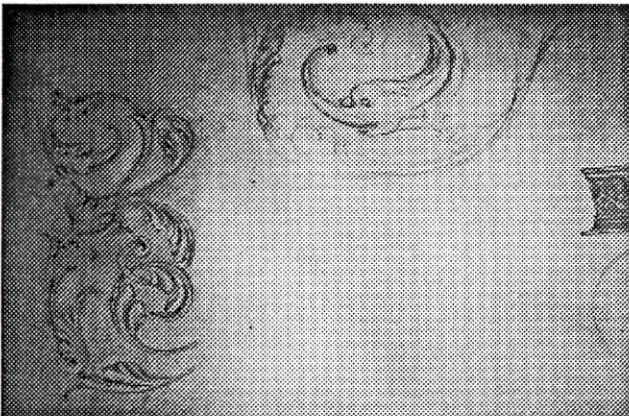
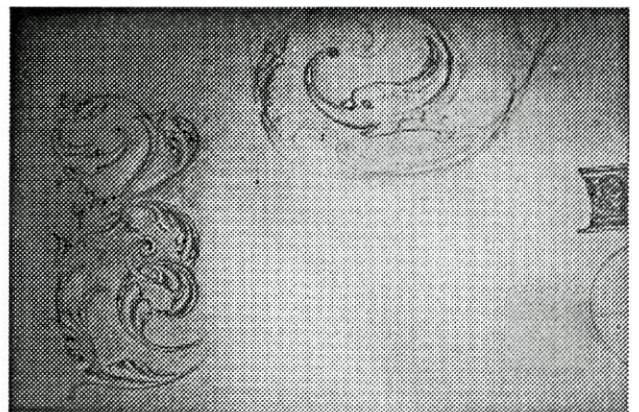
218 - Vista geral dos trabalhos que figuraram na Exposição Escolar de 1937

219 - Mobília de escritório executada nas Oficinas de Marcenaria

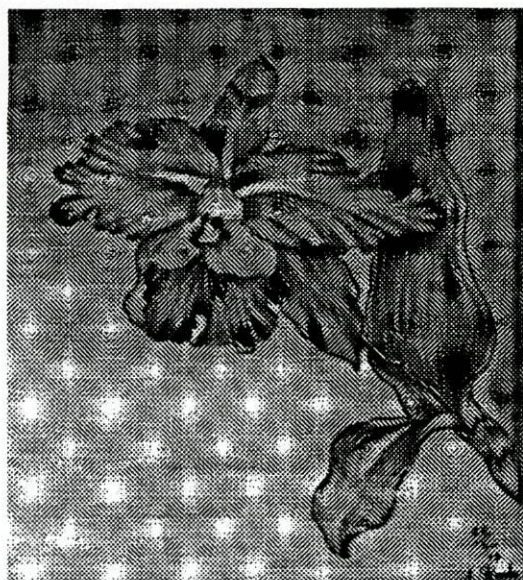
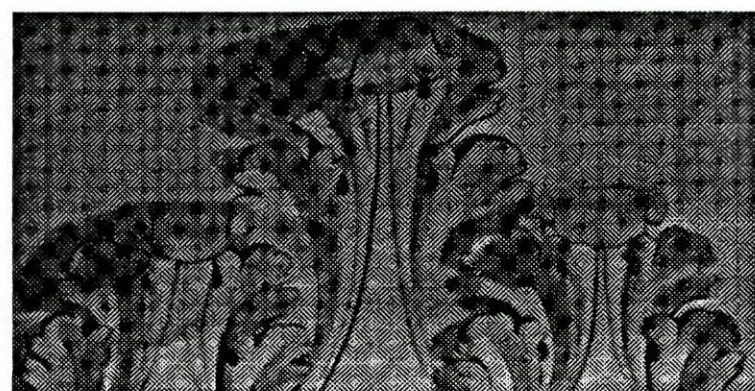
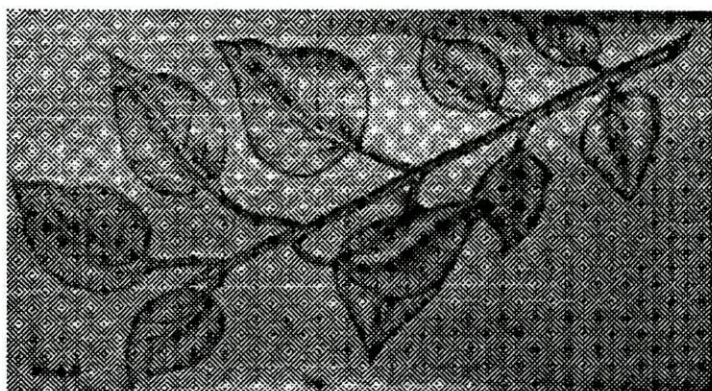
220 - Cartazes realizados pelos alunos de Pintura Decorativa

221 - Trabalhos dos alunos do Curso de Cinzelagem

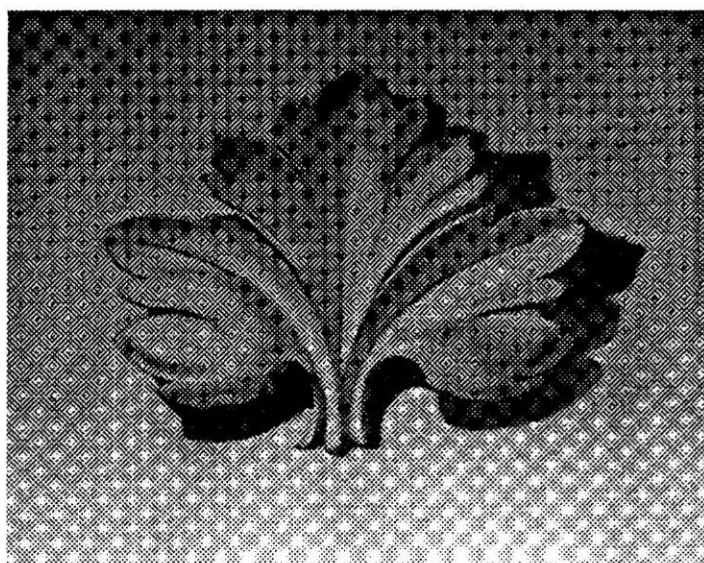
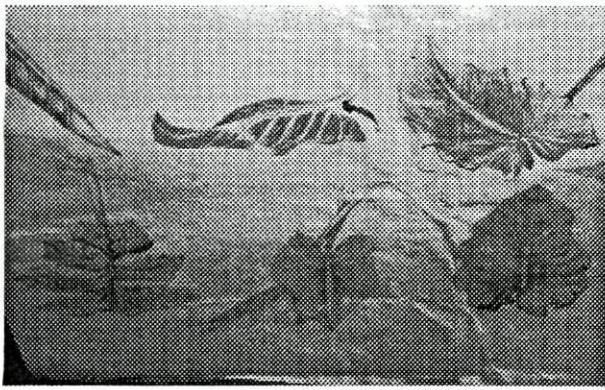
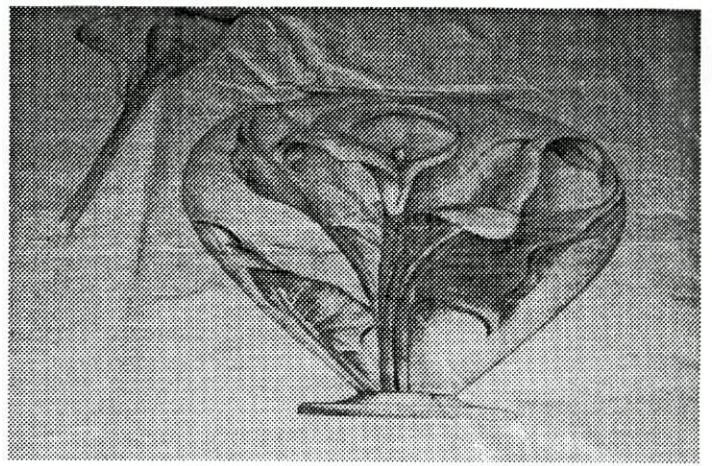
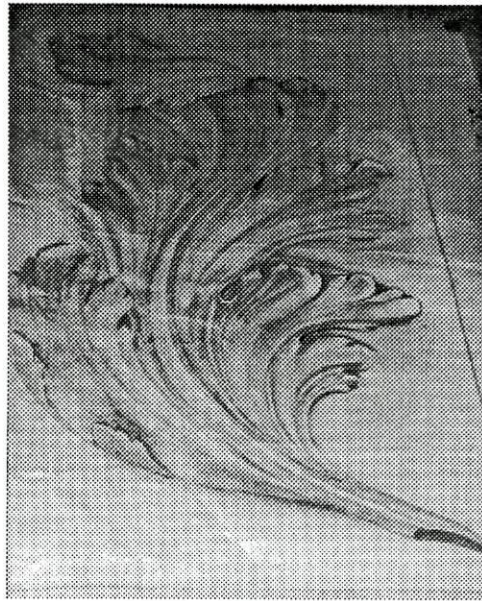
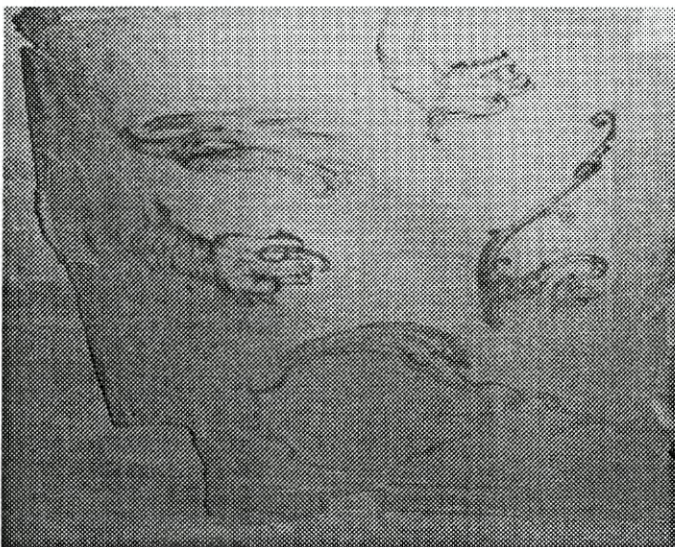
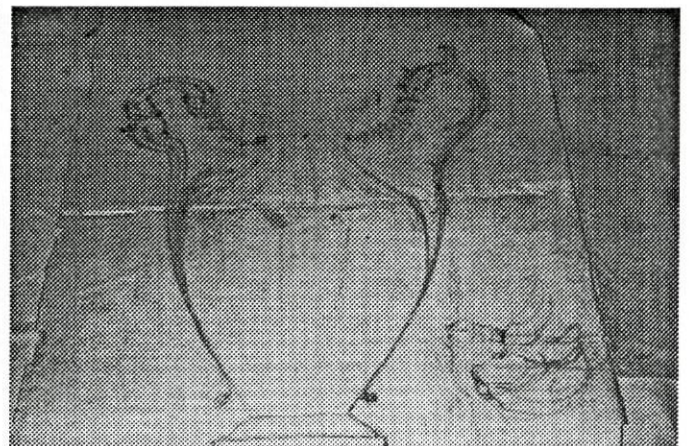
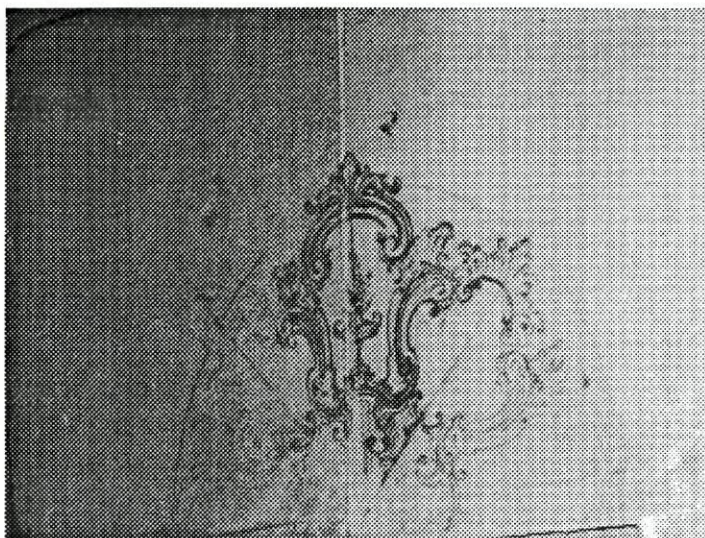
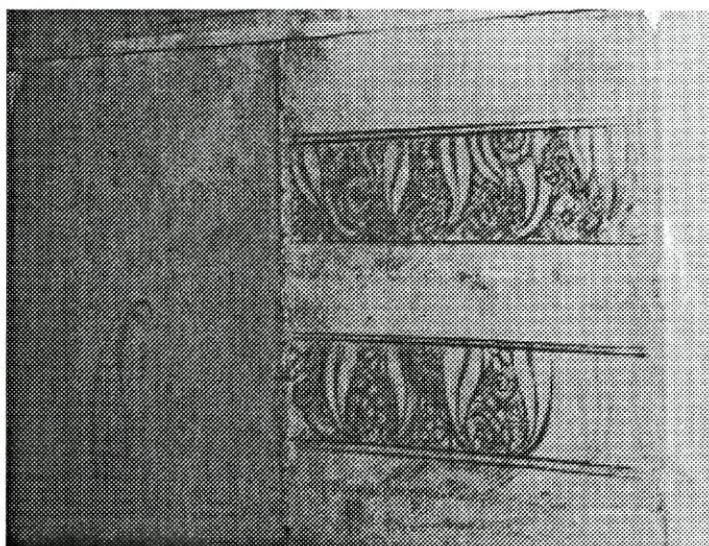
222 - Trabalhos de Desenho Ornamental

223 - Trabalhos de Desenho Ornamental e Figura

Exposição de trabalhos escolares - 1941

224 - Passagem de modelos - 1941

225 - Trabalhos apresentados no I Salão de Educação Estética da M. P. em Lisboa - 1938

226 - Salva de prata que figurou no VI do Salão de Educação Estética da Mocidade Portuguesa - 1942/43

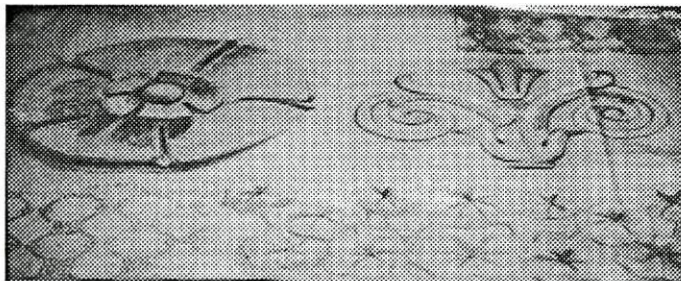
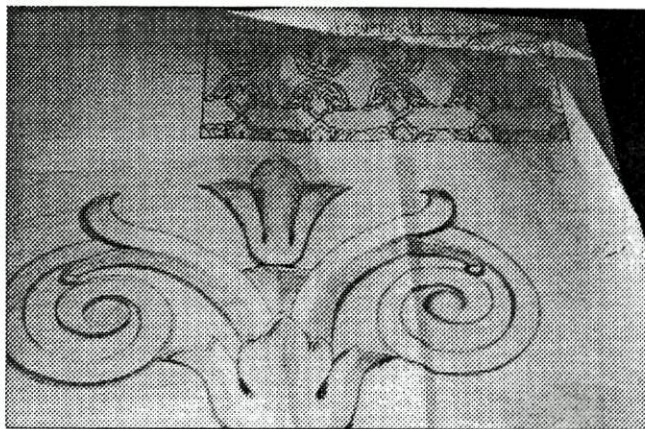
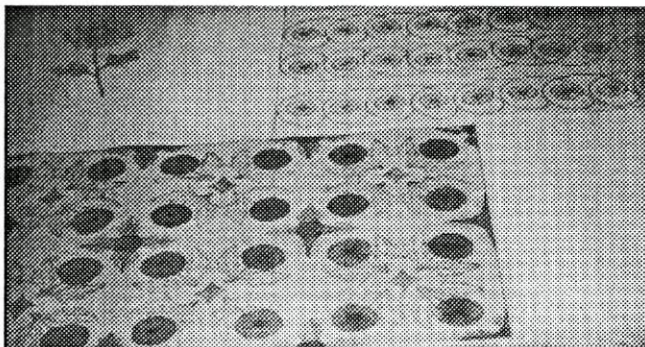
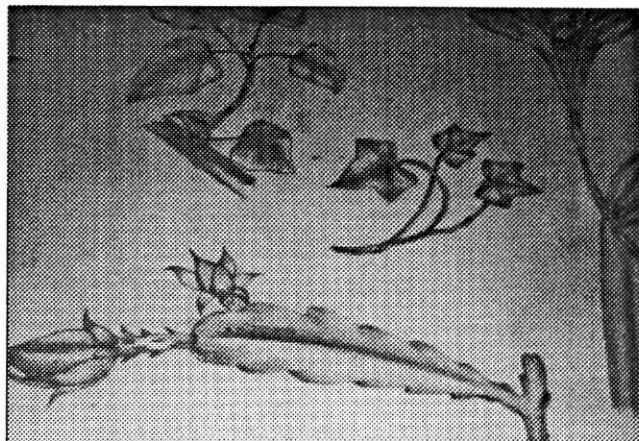
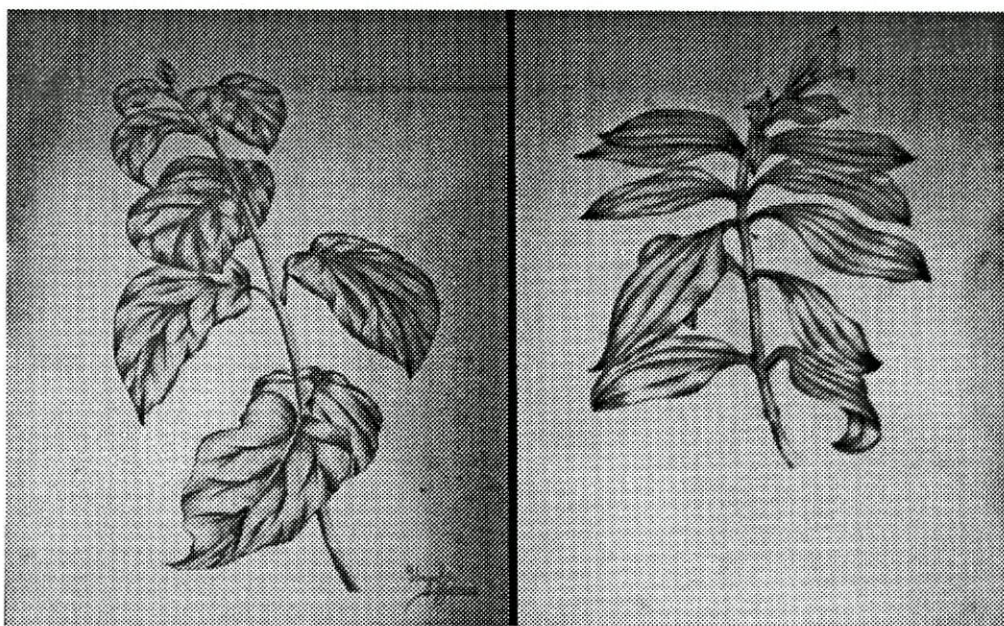
227 - Desenho do aluno Boaventura da Silva Reis

228 - Trabalhos do aluno Joaquim António Sousa Magalhães

229 - Trabalho realizado na oficina de cinzelagem no 1º ano, pelo aluno António Martins da Rocha

230 - Trabalho de modelação realizado pelo aluno António Martíns da Rocha

231 - Desenho do aluno José Ferreira Alves

232 - Desenho do aluno José Ferreira Alves

233-234 - Fotografias das estampas XI e XIV do livro "Desenho à Mão Livre e Noçoes Práticas"

235 - Desenho do aluno José Ferreira Alves

236 - Desenho do aluno José Ferreira Alves

237 - Desenhos do aluno José Ferreira Alves

238 - Desenho do aluno José Ferreira Alves

239 - Modelo em gesso existente na escola

240- Desenhos do aluno Lino da Rocha

242- Desenho do aluno José Lino da Rocha

241- Desenho do aluno José Lino da Rocha

242- Desenho do aluno José Lino da Rocha

244 - Desenho do aluno Juliano Inácio Pereira Dias

245 - Desenho do aluno Juliano Inácio Pereira Dias

246 - Desenho do aluno Juliano Inácio Pereira Dias

247 - Desenhos do aluno Juliano Inácio Pereira Dias - Estudos para asas de jarras

248 - Desenho do aluno Juliano Inácio Pereira Dias - Estudo para salva

249 - Desenho do aluno Juliano Inácio Pereira Dias

250 - Trabalho de modelação do aluno Manuel Fernando da Silva Reis

251 - Desenho do aluno Urgel de Sousa Gomes-trabalho do 1º ano

252 - Desenho do aluno Urgel de Sousa Gomes-trabalho do 2º ano

Pormenor

253 - Desenho do aluno Urgel de Sousa Gomes-trabalho do 3º ano

255 - Cópia do natural-desenho do aluno Urgel de Sousa Gomes

254 - Cópia do natural-desenho do aluno Urgel de Sousa Gomes

ANEXO C

FAMÍLIAS DE OURIVES E ENTALHADORES

FAMILIAS DE OURIVES

1

2

3

4

José António de Almeida INF
José Rodrigues de Almeida
1896/97
Alfredo Rodrigues Vieira
1940/41 a 1945/46

5

Júlio Batista Almeida INF
José Joaquim Reis Batista de Almeida
1940/41 a 1943/44
Júlio Reis Batista de Almeida
1943/44 e 1945/46

6

Miguel de Almeida INF
Augusto de Almeida
1896/97 a 1897/98,
1901/02 e 1902/03
José de Almeida
1901/02 e 1909/10
Miguel de Almeida Júnior
1894/95 a 1901/02

7

Serafim Boaventura de Almeida INF
Albino Ramos de Almeida
1889/90
Damião Almeida Ramos
1889/90

8

Angelina de Almeida INF
Joaquim de Almeida Sobral
1922/23
Celestino de Almeida Sobral
1927/28

9

Alfredo de Almeida INF
(Cinzelador)
Filinto Elísio de Almeida
1909/10, 1910/11, 1911/12, 1912/13 e 1913/14
Tibursio de Almeida
1916/17
Alfredo Peixoto de Almeida
1934/35 e 1936/37

10

António Caetano de Almeida I NF
(Ourives)
Alberto Caetano de Almeida
1909/10 a 1915/16
António Caetano de Almeida Júnior
1913/14 a 1920/21
Carlos Alberto Caetano
1917/18 a 1922/23

11

Joaquim Alves I NF
Manuel Alves
1925/26
António Serafim Alves
1938/39 a 1942/43

12

Pedro Ferreira Alves I NF
Jaime Ferreira Alves
1896/97 a 1898/99
José Ferreira Alves
1940/41 a 1945/46

13

José Alves INF
Rodrigo José Alves
1925/26
Rogério Alves da Costa
1933/34

14

João Alves INF
(negociante)
Adriano Alves
1913/14 a 1918/19
João Alves Júnior
1918/19 a 1922/23
Maximino Alves
1913/14 a 1919/20
Fernando Augusto Pereira Alves
1935/36 a 1937/38 e
1940/41 a 1942/43

15

António de Sousa Antunes INF
(Ourives)
Alfredo José de Sousa
1913/14 a 1918/19
Miguel de Sousa Antunes
1913/14 a 1918/19

16

António Rodrigues Araújo I NF
Adelino Rodrigues Araújo
1929/30
João Rodrigues Araújo
1929/30

17

Aníbal Pinho de Azevedo I NF
Alexandre Miranda de Azevedo
1946/47 a 1947/48
Augusto Miranda de Azevedo
1946/47 a 1947/48

18

António Ferraz de Azevedo I NF
José de Nascimento Ferraz
1910/11
Miguel Ferraz de Azevedo
1909/10 a 1910/11

19

20

Alfredo José Baía I NF
(Ourives)

Alfredo José Baía Júnior
(Cravador)
1912/13 a 1919/20

António José Baía
1915/16 a 1918/19

António Fernando de Macedo Baía
1946/47 a 1947/48

José Alfredo de Macedo Baía
1940/41 a 1944/45

21

Henrique dos Santos Barbosa I NF
Amadeu dos Santos Barbosa
1930/31
Carlos dos Santos Barbosa
1929/30

22

Porfírio António Barbosa I NF
António Rego Barbosa
1925/26 a 1927/28
Porfírio Luís Rego Barbosa
1938/39 a 1942/43

23

Delfim Freire Bastos I NF
António Oliveira Freire Bastos
1933/34
Artur Oliveira Freire Bastos
1931/32 a 1932/33

24

José de Assumpção Belém INF
Carlos de Assumpção Belém
1893/94
João de Assumpção Belém
1891/92 a 1893/94
Rogério de Assumpção Belém
1911/12 a 1914/15

25

Velchior da Silva Braga INF
Mário da Silva Braga
1909/10 à 1910/11
João Fernando da Cunha Braga
1940/41 a 1942/43

26

António Maria Cardoso INF
Manuel Maria Cardoso
1902/03
Sebastião Moreira Pinho Cardoso
1930/31 a 1931/32

27

Emílio Veloso Cardoso INF
Domingos Fernandes Cardoso
1927/28 a 1933/34
José Fernandes Cardoso
1928/29 a 1931/32

28

João Cardoso INF
Álvaro Soares Cardoso
1892/93 a 1894/95
Guilherme Cardoso
1891/92 a 1893/94

29

Custódio José Onofre Barbosa INF
Artur Onofre Barbosa
1923/24
Carlos Onofre Barbosa
1921/22 e 1927/28 a 1930/31
Artur da Costa Onofre Barbosa
1942/43 e 1945/46 a 1946/47

30

José Manuel Cardoso INF
Armandino Joaquim Ferreira Cardoso
1944/45
Mário Ferreira Cardoso
1939/40 e 1940/41

31

Manuel Ferreira Cardoso INF
Ernesto Ferreira Cardoso
1919/20 a 1920/21
José Ferreira Cardoso
1909/10

32

Manuel Joaquim Cardoso INF
Emílio Joaquim Cardoso
1929/30 a 1934/35
Joaquim Cardoso
1930/31 a 1934/35

33

João Pereira Cardoso INF
Jacinto Pereira Cardoso
1915 a 1918/19 e 1920/21
Marcelino Pereira Cardoso
1915/16 e 1918/19 a 1920/21

34

Eduardo Martins Carneiro INF
Paulo Alcino Silva Carneiro
1933/34
Raúl Alcino Silva Carneiro
1937/38 a 1940/41
António Alcino Silva Carneiro
1938/39 a 1944/45

35

Francisco de Castro INF
Francisco Bernardino Castro
1901/02
Francisco Almeida Castro
1924/25 a 1925/26

36

Bernardino Cerqueira INF
Joaquim Cerqueira
1909/10 a 1912/13
António Queiróz Cerqueira
1936/37

37

Ana Rosa Correia INF
Deolindo José Correia Vilela
1909/10 a 1911/12
Arnaldo Joaquim Azevedo Vilela
1939/40 a 1940/41

38

António Lourenço Correia INF
Elias Lourenço Correia
1899/00 a 1901/02
Manuel Maria Lourenço Correia
1901/02 a 1902/03

39

José Joaquim Correia INF
Alfredo Joaquim Correia
1926/27 a 1927/28
Manuel Joaquim Correia
1921/22 a 1922/23 e 1924/25 a 1926/27

40

Sebastião José Correia INF
(ourives)
José Pimenta Correia
1909/10 a 1911/12
Armando José Correia
1916/17 a 1818/19

41

Luís José Correia Silva INF
António Correia Silva
1900/01 a 1901/02
Mário Henrique Correia Silva
1909/10 a 1910/11

42

Cândido Joaquim Correia INF
(Cinzelador)
Cândido Joaquim Correia Júnior
1909/10 a 1912/13
Joaquim José Correia
1909/10
Alfredo Joaquim Correia
1911/12 a 1913/14

43

António Ferreira da Costa I NF
António Ferreira Costa Júnior
1929/30 e 1934/35 a 1939/40
Manuel Ferreira da Costa
1926/27 a 1930/31

44

Florêncio José da Costa I NF
(Ourives)
Abílio José da Costa
1917/18
Alfredo Nogueira da Costa
1941/42 a 1942/43

45

Joaquim Martins da Costa I NF
Alberto Martins da Costa
1922/23 a 1925/26
Carlos Alberto Martins da Costa
1925/26 e 1940/41

46
José de Almeida Costa INF
José de Almeida Costa
1900/01
Maria de Jesus Costa INF
José de Almeida Costa
1916/17 a 1917/18 e 1922/23
47
António Machado da Costa Lima INF
(Ourives)
Rodolfo Machado da Costa Lima
1896/97 a 1901/02
Victor Manuel Machado Lima
1938/39 a 1941/42
48
António Pereira da Cruz INF
António Pereira Marques da Cruz
1929/30
Arlindo de Sousa Cruz
1946/47 a 1947/48

49

Eduardo Carvalho Cunha I NF
Manuel Carvalho Rocha
1898/99 a 1901/02
Manuel Lícino de Carvalho
1925/26 a 1926/27

50

Manuel André da Cunha / NF
António André Ferreira da Cunha
1925/26
Edmundo André Ferreira da Cunha
1927/28 a 1928/29

51

Bernardo Duarte Dias I NF
Juliano Duarte Dias
1913/14 a 1914/15
Juliano Inácio Pereira Dias
1939/40 a 1942/43

52

José Joaquim Dias Milheiro INF
António Soares Dias Milheiro
1916/17 e 1918/19
Polinário Soares Dias Milheiro
1918/19 e 1921/22

53

António Correia Dias INF
(Industrial de Ourivesaria)
Mário da Fonseca Correia Dias
1938/39 a 1943/44
Maria Isabel da Fonseca Dias
1946/47 a 1947/48

54

Abel Maria Domingos INF
António Pinto Domingos
1925/26 a 1927/28
Artur Pinto Domingos
1925/26 a 1926/27

55

Germano Domingos INF
José Maria Domingos
1925/26 a 1930/31
António Domingos Ferreira
1930/31

56

Adelino Duarte INF
Agostinho Fernandes Duarte
1939/40
Joaquim Fernandes Duarte
1934/36 a 1938/39

57

José de Sousa Faria INF
Joaquim de Sousa Faria
1897/98 a 1901/02
Augusto de Sousa Faria
1893/94 à 1894/95
Manuel de Sousa Faria
1895/96 a 1896/97 e
1899/00 a 1901/02
António Sousa Faria
1902/03

58

Manuel Fernandes INF
Eurípides Gonçalves Fernandes
1931/32 a 1932/33
Manuel Fernandes da Silva
1919/20 a 1922/23

59

Manuel António Fernandes Moreira INF
Américo Fernandes Moreira
1909/10
Arménio Fernandes Moreira
1902/03
José Fernandes Moreira
1902/03

60

Domingos José Fernandes INF
Manuel José Fernandes
1911/12 a 1912/13
Miguel José Fernandes
1912/13 e 1918/19

61
Abel Ferreira I NF
António Ferreira
1911/12
Abel Domingos Ferreira
1927/28
Augusto Ferreira
1925/26 a 1926/27
Emílio dos Anjos Ferreira
1926/27 a 1927/28

62
António Marques Ferreira I NF
Arménio Alberto Marques Ferreira
1920/21 a 1926/27
Liberal Marques Ferreira
1923/24 a 1927/28

63
José Ferreira I NF
Domingos Ferreira
1944/45
Ramiro Ferreira
1941/42 a 1942/43 e 1945/46

64

José Lourenço Ferreira I NF
Alberto Lourenço Ferreira
1911/12 a 1916/17
Fernando Lourenço Ferreira
1912/13 a 1913/14

65

Manuel Soares Ferreira I NF
Ramiro Ferreira dos Santos
1931/32
Romário Ferreira dos Santos
1930/31

66

Joaquim Dias Ferreira Bastos I NF
(ourives)
Joaquim Dias Ferreira Bastos Júnior
1914/15 a 1919/20
Mário Dias Ferreira Bastos
1917/18 a 1922/23

67

Francisco Gomes Ferreira Júnior I NF
Armando Pereira de Matos
1930/31
Armindo Gomes de Matos
1931/32 a 1932/33 e 1934/35

68

João Luís Ferreira Ximenes I NF
Mário Jorge Ximenes
1910/11
Renato Jorge Ximenes
1909/10 a 1910/11

69

Joaquim Ferreira I NF
(ourives)
Aníbal Ferreira
1913/14 a 1915/16
Eduardo Ferreira
1911/12 a 1915/16

70

Eduardo Monteiro de Freitas I NF
António Dario de Freitas
1932/33
Eduardo da Conceição Freitas
1928/29 a 1930/31

71

Augusto de Sousa Gomes I NF
Manuel de Sousa Gomes
1913/14
Carlos da Rocha Sousa
1922/23 a 1926/27
José Octávio Gomes
1924/25 a 1928/29 e
1935/36 a 1936/37

72

José António Gomes I NF
Alfredo da Silva Gomes
1929/30
Luís de Sousa Gomes
1930/31

73

António Gonçalves I NF
Joaquim Gonçalves
1915/16 a 1918/19 e 1922/23
José Loureiro Gonçalves
1945/46

74

Eduardo Gonçalves I NF
Albano Gonçalves
1935/36 a 1936/37
Alberto Gonçalves
1937/38

75

João Baptista Gonçalves I NF
José Baptista Gonçalves
1915/16 a 1917/18
Aníbal Pereira Gonçalves
1917/18

76

José Gonçalves I NF
Manuel Gonçalves
1946/47 a 1947/48
Mateus dos Santos Gonçalves
1945/46 a 1946/47

77

Salvador Gonçalves Valentim I NF
Américo Morais Gonçalves
1926/27 a 1927/28
Porfírio António Morais Gonçalves
1925/26 a 1927/28
Joaquim Lima Gonçalves
1943/44

78

Joaquim Gonçalves I NF
(ourives)
Artur Joaquim Rosa Gonçalves
1946/47
Joaquim Rosa Gonçalves
1945/46 a 1947/48

79

Pai Incógnito
Ângelo Daniel Cardinali
1924/25 a 1925/26
Jorge António Cardinali
1924/25 a 1925/26

80

António Lopes de Jesus INF
Joaquim José de Jesus
1898/99 a 1899/00
Manuel Joaquim de Jesus
1894/95

81

Bernardino Bastos Júnior INF
(cinzelador)
Baltazar Manuel Bastos
1943/44 e 1946/47 a 1947/48
Fernando Bastos
1946/47 a 1947/48

82

José de Azevedo Leite I NF
José de Azevedo Leite Júnior
1891/92
Mário de Azevedo Leite
1912/13 a 1915/16

83

Manuel Moreira Lemos I NF
António Moreira Lemos
1902/03
José Moreira de Lemos
1901/02

84

Inocêncio Recarei Leite Andrade I NF
(ourives)
Alexandre Recarei Leite Andrade
1913/14 a 1919/20
Mário Recarei Leite Andrade
1908/09 a 1912/13
Alexandre Júlio Baltar Feijó Recarei
1939/40 e 1945/46
Alexandre Mário Recarei Leite Andrade
1934/35 a 1936/37

85

José de Vasconcelos Lima INF
Alfredo de Vasconcelos Lima
1895/96
António de Vasconcelos Lima
1889/90
Serafim António de Vasconcelos
1889/90

86

Francisco Figueiredo Lima INF
(ourives)
Américo Figueiredo Lima
1909/10 a 1915/16
Francisco Figueiredo Lima Júnior
1912/13 a 1915/16

87

João Vieira Lima INF
Domingos Vieira de Lima
1918/19 a 1920/21
José Maria da Silva Lima
1941/42 e 1943/44

88

Manuel Texeira Lopes INF
José Teixeira Lopes
1896/97
Raúl Teixeira Lopes
1900/01 a 1901/02

89

António Augusto Machado INF
Celestino Augusto Machado
19*09/10 a 1910/11
Jaime Marques Machado
1936/37 a 1943/44

90

António José de Magalhães INF
José Luciano de Magalhães
1908/09 a 1910/11
Manuel Coelho Magalhães
1934/35 a 1941/42

91

Joaquim de Magalhães INF
José de Magalhães
1921/22 a 1923/24
Alberto Moreira Magalhães
1936/37 e 1938/39 a 1942/43

92

Joaquim Pereira Magalhães INF
António Pereira Magalhães
1925/26
António da Conceição Magalhães
1933/34 a 1934/35

93

José Maria INF
António Augusto Lopes Cunha
1891/92 a 1892/93
Alberto Augusto Lopes da Cunha
1912/13 a 1914/15

94

Agostinho Marques INF
Joaquim Marques
1909/10
José Marques
1898/99 a 1899/00
Manuel Marques
1926/27
José Marques da Silva
1933/34 a 1937/38

95

José Martins Marques INF
(ourives)
José Martins Marques
1916/17
Mário Martins Marques
1915/16 e 1917/18 a 1920/21

96

João Ferreira Martins INF
António Ferreira Martins
1892/93
Elísio Ferreira Martins
1914/15 a 1915/16
Francisco da Silva Martins
1935/36 e 1941/42

97

António Martins INF
José Maria Martins
1934/35
José Martins de Sousa
1933/34

98

Laurentino Ferreira de Matos INF
Jaime Ferreira de Matos
1938/39 a 1939/40
Laurentino Ferreira de Matos Júnior
1916/17 a 1917/18 e 1934/35 a 1938/39

99

António José de Matos I NF
Manuel Cardoso de Matos
1909/10 a 1912/13
Alfredo Cardoso Pinho de Matos
1930/31
Zulmiro de Carvalho Matos
1945/46 a 1947/48

100

Joaquim António Mendes I NF
Armando Victor de Carvalho Mendes
1925/26
Fernando Victor Mendes
1924/25 e 1926/27 a 1927/28

101

António Pinto Mesquita I NF
Belmiro Pinto Mesquita
1924/25
José Pinto Mesquita
1928/29 e 1931/32

103

João Joaquim Monteiro INF

Carlos Almeida Monteiro
1898/99 e 1901/02

Carlos Ernestino Monteiro
1897/98

Jerónimo Joaquim Monteiro
1896/97 a 1900/01

José Correia Monteiro
1897/98 a 1900/01

Carlos Américo Monteiro
1899/00 a 1900/01

José de Sousa Monteiro
1917/18 a 1922/23

José Dias Monteiro
1935/36 e 1937/38 a 1938/39

104

José Luís Monteiro INF
Domingos Monteiro
1928/29
Joaquim Pereira Monteiro
1933/34

105

Júlio Augusto Monteiro INF
Alfredo Amarante Monteiro
1925/26 a 1926/27,
1928/29 a 1930/31 e 1934/35
José Monteiro
1922/23 a 1925/26 e 1934/35

106

Francisco Ferreira da Mota INF
Quintino dos Santos Mota
1941/42 a 1942/43
Serafim dos Santos Mota
1941/42 a 1942/43

107

Alexandre Pinto Monteiro da Silva INF
(ourives)
Alexandre Pinto Monteiro da Silva Júnior
1919/20 a 1920/21
António Nestor Pinto Monteiro da Silva
1917/18 a 1921/22
Augusto Pinto Monteiro da Silva
1916/17 a 1921/22

108

José Ferreira de Morais INF
(ourives)
José Figueiredo Ferreira de Morais
1928/29 a 1930/31
Manuel Ferreira Morais
1925/26 a 1928/29
António Alberto Bastos Morais
1946/47 a 1947/48

109

José Vieira Moutinho INF
Alberto de França Moutinho
1938/39 a 1943/44
Ernesto Vieira Moutinho
1929/30 a 1931/32 e 1935/36 a 1936/37

110

111

112

CC

113

António Pinto Nunes de Moura INF
Jaime Pinto Nunes de Moura
1899/00
Joaquim Pinto Nunes de Moura
1900/01

114

Jaime Nunes INF
(ourives)
Alberto Quintela Nunes
1943/44 e 1945/46 a 1947/48
Jaime de Barros Nunes
1937/38

115

Alfredo Júlio de Oliveira INF
(ourives)
Alfredo Júlio de Oliveira Júnior
1909/10 a 1910/11
Aníbal Gonçalves de Oliveira
1923/24 a 1925/26
Maximiano de Oliveira
1909/10

116

António Alves de Oliveira INF
(ourives)
António Alves de Oliveira Júnior
1919/20
Bernardino Alves de Oliveira
1902/03
Alberto Alves de Oliveira
1934/35 e 1936/37

117

Bernardino Dias de Oliveira INF
(ourives)
Armando Dias Oliveira
1935/36 a 1936/37
Armindo Dias Oliveira
1937/38 a 1939/40 e 1941/42 a 1942/43
António Ribeiro de Oliveira
1946/47

118

Joaõ Ferreira Oliveira INF
(ourives)
Álvaro Ferreira de Oliveira
1898/99 a 1899/00
Olímpio OLiveira
1923/24
Hauser Ferreira Oliveira
1919/20 a 1920/21

119

José Faria Oliveira I NF
(ourives)
Manuel Faria de Oliveira
1933/34 a 1938/39
Manuel Ferreira de Oliveira
1939/40

120

Manuel Dias de Oliveira I NF
Álvaro Dias de Oliveira
1891/92 a 1894/95
Francisco Dias de Oliveira
1891/92 a 1892/93
José Dias de Oliveira
1895/96
Abílio Dias de Oliveira
1911/12 a 1913/14

121

Venâncio dos Santos Oliveira I NF
Joaquim dos Santos OLiveira
1922/23 a 1923/24
Venâncio dos Santos Oliveira Júnior
1922/23 a 1925/26

122

José Martins de Oliveira Costa I NF
(ourives)
Manuel Martins de Oliveira e Costa
1917/18 a 1920/21
António Martins de Oliveira e Costa
1930/31, 1932/33 e 1934/35
Joaquim Martins de Oliveira Costa
1910/11 a 1914/15 e
1925/26 a 1927/28
Ernesto Martins de Oliveira e Costa
1921/22

123

José Loureiro Pego I NF
Alfredo Loureiro Pego
1893/94 a 1894/95
David Loureiro Pego
1891/92 a 1894/95
José Loureiro Pego Júnior
1901/02 a 1902/03

124

Alfredo Miguel Peixoto Júnior I NF
Alfredo Ferrer Miguel Peixoto
1920/21 a 1924/25
Emílio Loubet Miguel Peixoto
1923/24 a 1926/27 e 1938/39

125

Domingos Gonçalves Pereira I NF
José Gonçalves Pereira
1909/10
Mário Adelino Gonçalves Pereira
1928/29 a 1932/33

126

Eduardo Pereira I NF
Carlos Pereira
1919/20 a 1920/21
Manuel Pereira
1928/29

127

Francisco Salvador Pereira I NF
Francisco Regadas
1891/92, 1893/94 a 1894/95 e 1898/99
António Barbosa Regadas
1930/31 a 1931/32
Manuel Regadas
1926/27 a 1927/28

128

José Augusto Pereira I NF
José António Pereira Júnior
1917/18
José Augusto Pereira Júnior
1916/17

129

Manuel Joaquim Pereira INF

Carlos Fernandes Pereira
1929/30 a 1930/31

Venâncio Augusto Pereira
1929/30 a 1930/31

132

Arnaldo Luís Pinto I NF
Arnaldo Luís Pinto Júnior
1928/29
José Luís Pinto
1913/14 e 1916/17 a 1918/19

133

Manuel de Sousa Pinto I NF
José Maria de Sousa Pinto
1930/31 a 1932/33
Manuel Gomes Pinto
1930/31 e 1932/33

134

Armando Júlio Pinto I NF
(ourives)
António Ribeiro Pinto
1908/09 a 1909/10
Armando de Sousa Ribeiro
1909/10 a 1912/13

135

Rodrigo Pereira Reis INF
José Pereira Reis
1894/95, 1897/98 a 1899/00 e
1909/10 a 1910/11
Manuel Pereira Matos Reis
1936/37 a 1940/41

136

José Gomes de Resende INF
António Gomes de Resende
1930/31 a 1931/32
Carlos Gomes de Resende
1931/32 e 1934/35 a 1935/36

137

António Correia Ribeiro INF
Antero Correia Ribeiro
1914/15 a 1917/18
Giordano Correia Ribeiro
1916/17 a 1917/18

138

Manuel António Ribeiro I NF

Francisco da Silva
1915/16 a 1917/18

Júlio Ribeiro
1902/03

139

140

141

José Coelho da Rocha INF
Adriano da Cunha Rocha
1945/46 a 1947/48
Ernesto Coelho da Rocha
1937/38

142

Miguel Taveira da Rocha INF
António Taveira da Rocha
1909/10
Clemente Taveira da Rocha
1901/02 a 1902/03
Miguel Taveira da Rocha Júnior
1908/09

143

Francisco Neves Rocha Guimarães INF
Américo Neves da Rocha Guimarães
1897/98 a 1898/99
António Neves da Rocha Guimarães
1897/98 a 1898/99
e 1900/01 a 1901/02
Manuel Neves da Rocha Guimarães
1893/94 a 1894/95, 1896/97
e 1898/99 a 1899/00

144

José Pereira da Rocha Paranhos I NF
José Pereira Rocha Paranhos Júnior
1899/00
Manuel Pereira Rocha Paranhos
1899/00

145

António Augusto Rodrigues I NF
Álvaro Augusto Santos Rodrigues
1940/41 a 1942/43 e 1944/45 a 1945/46
Diamantino Augusto Santos Rodrigues
1944/45 e 1946/47
Moisés dos Santos Rodrigues
1939/40 a 1942/43 e 1944/45 a 1945/46

146

António Rodrigues I NF
Alfredo Pinto Rodrigues
1915/16 a 1916/17
António José Rodrigues Júnior
1913/14 a 1914/15

147

Ernesto José Rodrigues Santos INF
Armando da Costa Santos
1947/48
Ernesto da Costa Santos
1946/47 a 1947/48

148

Vicente Salgueiro INF
João de Almeida Salgueiro
1919/20 a 1923/24 e 1929/30
Manuel de Almeida Salgueiro
1919/20 a 1922/23

149

António Martins dos Santos INF
Alberto Martins dos Santos
1934/35 a 1935/36
Manuel Martins dos Santos
1901/02 a 1902/03
António Emídio Fernandes dos Santos
1944/45

150

António Moreira dos Santos INF
António Moreira dos Santos Júnior
1910/11 a 1911/12
João Moreira dos Santos
1909/10 a 1911/12

151

David Ferreira dos Santos INF
David Ferreira dos Santos Júnior
1919/20
João Ribeiro dos Santos
1928/29 a 1929/30

152

Joaquim dos Santos INF
Francisco dos Santos Amado
1928/29 a 1931/32
Manuel Amado dos Santos
1928/29

153

Manuel Ferreira dos Santos I NF
Joaquim Ferreira dos Santos
1898/99 a 1899/00
Firmino Ferreira dos Santos
1919/20, 1921/22 e 1925/26

154

Rodrigo Ferreira dos Santos I NF
José Augusto Ferreira dos Santos
1920/21
Manuel Ferreira dos Santos Maia
1915/16

155

José Alves dos Santos Vianna I NF
Francisco Alves Vianna
1897/98 a 1902/03
Armindo Alves Viana
1909/10 a 1911/12

156

Manuel Ferreira dos Santos INF
Alfredo de Almeida Santos
1944/45 a 1947/48
Américo Moreira dos Santos
1945/46 a 1946/47

157

Agostinho da Silva INF
Américo Vieira da Silva
1945/46 a 1947/48
Manuel Vieira da Silva
1933/34 a 1937/38

158

António Ferreira da Silva INF
António Ferreira da Silva
1931/32
José Eduardo Ferreira da Silva
1928/29 a 1929/30, 1931/32 e
1934/35 a 1937/38
José Ferreira da Silva
1931/32

159

António Gonçalves da Silva INF
Alcino Gonçalves da Silva
1909/10
António Gonçalves da Silva Júnior
1909/10 a 1910/11

160

António José da Silva INF
Francisco Ferreira da Silva
1900/01 a 1901/02
Manuel Ferreira da Silva
1920/21 a 1924/25
Artur França Ferreira da Silva
1930/31 a 1931/32
João Ferreira da Silva
1945/46

161

António Teixeira da Silva INF
António Teixeira da Silva Júnior
1922/23
Virgílio Teixeira da Silva
1913/14 a 1918/19 e 1921/22

162

Arnaldo Alves da Silva INF
José Alves da Silva
1910/11 e 1913/14 a 1916/17
Manuel Alves da Silva
1917/18 a 1919/20 e
1921/22 a 1922/23
Mário Amarelhe Alves da Silva
1939/40

163

Cândido da Silva INF
Cândido de Silva Júnior
1917/18
António Cândido da Silva
1909/10 a 1913/14

164

Justino Mateus da Silva INF
Carlos Alberto da Silva
1902/03
Carlos da Silva Ramalho
1924/25 a 1925/26

165

Manuel Rodrigues da Silva INF
Eurico Rodrigues da Silva
1900/01 a 1902/03
Raúl Rodrigues da Silva
1896/97, 1898/99 e 1900/01
Raúl Rodrigues da Silva
1933/34 a 1935/36
José Rodrigues da Silva
1944/45

166

Manuel Lopes da Silva INF
Augusto dos Santos Silva
1928/29 a 1932/33 e
1934/35 a 1936/37
José dos Santos Silva
1928/29

167

Manuel Pinto da Silva INF
Albano Nunes da Silva
1937/38
Álvaro Nunes da Silva
1918/19 a 1919/20 e
1921/22 a 1924/25

168
Romeu Ribeiro da Silva INF
Augusto Ribeiro da Silva
1890/91
Serafim Ribeiro da Silva
1890/91
169
Ventura Ribeiro da Silva INF
Boaventura da Silva Reis
1928/29
Ventura da Silva Reis
1908/09 a 1911/12
Manuel Fernando da Silva Reis
1943/44, 1945/46 e 1947/48
170
Joaquim Barbosa da Silva INF
(cinzelador)
João Fernando dos Santos Silva
1946/47
Joaquim Fernando dos Santos Silva
1945/46 e 1947/48

171

Joaquim Ferreira da Silva INF
(negociante)
Joaquim Alucácio Ferreira da Silva
1914/15 a 1915/16
Julião Ferreira da Silva
1912/13 a 1914/15

172

Júlio Ernesto da Silva INF
(ourives)
António Ernesto da Silva
1898/99 a 1902/03
Júlio Ernesto da Silva Júnior
1915/16 a 1916/17

173

José Pinto da Silva INF
(ourives)
Joaquim Armando Magalhães da Silva
1947/48
Vitorino Pinto de Magalhães
1947/48

174

Manuel Simões I NF
(ourives)
Jaime Francisco Magalhães Simões
1941/42
Manuel José Magalhães Simões
1941/42 a 1943/44 e 1945/46

175

Augusto Marques de Sousa I NF
Adelino Marques de Sousa
1917/18 a 1918/19
David Marques de Sousa
1917/18 a 1918/19

176

Carlos Maria de Sousa I NF
José Pereira de Sousa
1943/44 e 1945/46
António Fernando Mendes de Sousa
1939/40 a 1940/41
Frankelin Fernando Mendes de Sousa
1947/48

177
Francisco de Sousa INF
João de Sousa
1930/31
Laura Maria de Sousa
1928/29
178
Joaquim de Almeida de Sousa INF
Albino de Almeida Ramos
1909/10 a 1910/11
António de Almeida Ramos
1909/10 a 1910/11
179
José Maria de Sousa INF
Carlos Augusto de Sousa
1899/00 e 1901/02
Carmo Augusto de Sousa
1900/01 a 1902/03
180
José Pinto de Sousa INF
Carlos Alberto Pinto de Sousa
1923/24
Fernando Júlio Pinto de Sousa
1931/32

181
Alberto Pinto Teixeira INF
António Pinto Teixeira
1928/29 a 1931/32
Manuel Fernando Pinto Teixeira
1945/46
182
Emília Teixeira INF
Alberto Teixeira
1926/27
Secundino Joaquim Teixeira
1941/42
183
Francisco Teixeira INF
José Correia Teixeira
1933/34, 1935/36 e 1938/39
José Garcia Teixeira
1934/35
184
Mário Jaime Teixeira de Carvalho INF
Francisco Teixeira de Carvalho
1934/35
José Maria Teixeira de Carvalho
1946/47

185

Alberto Teixeira INF
(negociante)

Augusto Carlos Teixeira
1916/17 a 1919/20

Ilídio Carlos Teixeira
1916/17 a 1918/19

186

187

188

Joaquim do Vale INF
António do Vale
1925/26
José Maria Andrade do Vale
1941/42 a 1944/45

189

Joaquim Pinho Valente INF
Carlos Pinho Valente
1894/95 a 1896/97 e
1898/99 a 1899/00
Manuel Pinho Valente
1909/10 a 1911/12
José Pinto Valente
1895/96 a 1896/97 e
1898/99 a 1899/00

190

Francisco Ferreira Valente INF
(ourives)
Carlos Ferreira Valente
1923/24 a 1924/25
Serafim Ferreira Valente
1912/13 a 1916/17

191

João Francisco Vidal I NF

Eduardo Pinheiro Vidal
1913/14 e 1915/16

José Pinheiro Vidal
1900/01 a 1901/02

Rodrigo Pinheiro Vidal
1897/98 a 1900/01

192

193

194

Victório Teixeira de Carvalho INF
Manuel Teixeira de Carvalho
1897/98
Manuel Maria Teixeira de Carvalho
1920/21 a 1922/23

195

António Pereira de Castro INF
Lourenço Pereira de Castro
1895/96 a 1896/97
Luís António de Castro
1895/96 a 1896/97 e
1898/99 a 1899/00

196

Armando Pereira da Silva Ferraria INF
Manuel Correia Ferraria
1939/40 a 1942/43
Mário Correia Ferraria
1937/38 a 1942/43

197
Horácio Alves Souto INF
Álvaro Brandão Alves Souto
1902/03
Ângelo Brandão Alves Souto
1896/97 a 1897/98
Henrique Brandão Alves Souto
1896/97, 1898/99 e 1901/02
198
António Alves de Sousa INF
António Alves de Sousa Júnior
1892/93 e 1894/95
José Alves de Sousa
1890/91
199
Manuel Teixeira INF
Eduardo Teixeira
1943/44
Ernesto Teixeira
1942/43
200
Manuel da Costa INF
Alcino da Costa
1916/17 a 1917/18
António da Costa
1902/03

201

Alberto Bernardo da Costa Braga INF
Francisco Alberto da Costa Braga
1923/24, 1925/26 a 1926/27 e 1931/32
José Clemente da Costa Braga
1922/23 a 1928/29

202

José de Sousa Fernandes INF
José Fernandes Paiva
1909/10
Carlos Fernandes Paiva
1936/37

203

Vitorino José de Figueiredo INF
Artur José de Figueiredo
1910/11 a 1916/17
António José de Figueiredo
1919/20

204

António Martins de Oliveira Costa I NF
(ourives)
Álvaro Martins Oliveira Costa
1916/17 a 1921/22 e 1933/34
Armindo Martins Oliveira Costa
1911/12 a 1914/15
Carlos Martins Oliveira Costa
1918/19 a 1922/23
Artur Augusto Simões Costa
1928/29 a 1929/30

205

António Monteiro de Matos I NF
(ourives)
António Monteiro de Matos
1919/20 a 1924/25
António Monteiro de Matos Júnior
1913/14

206

José Bernardo Moutinho Russo I NF
Américo Tavares Moutinho Russo
1895/96 a 1896/97 e
1898/99 a 1899/00
Alexandre Tavares Moutinho Russo
1900/01 a 1902/03
José Tavares Moutinho Russo
1896/97 e 1898/99 a 1899/00
Henrique Tavares Moutinho Russo I NF
Fernando Ermida Moutinho Russo
1938/39 a 1942/43
Henrique Ermida Moutinho Russo
1937/38 a 1939/40

207

208

209

210

211
António dos Santos Rosas INF
João dos Santos Rosas
1891/92
Manuel dos Santos Rosas
1891/92
212
José Inácio dos Santos INF
Domingos Inácio dos Santos
1917/18 a 1922/23
Luiciano Inácio Martins dos Santos
1944/45 a 1947/48
213
António Pinto da Silva INF
António Pinto da Silva Júnior
1931/32
Armando Pinto da Silva
1936/37 a 1937/38
214
Francisco da Silva INF
António da Silva
1897/98 a 1901/02
José da Silva
1900/01 a 1902/03

215

Manuel da Silva INF
João Alves da Silva
1911/12
Alberto Alves da Silva
1929/30, 1932/33 e
1934/35 a 1937/38
José Pereira da Silva
1931/32 a 1932/33

216

Manuel Alcino Sousa e Silva INF
Raúl Alcino Sousa e Silva
1896/97 e 1898/99 a 1899/00
Manuel Alcino Carvalho Moutinho
1920/21 a 1926/27
Manuel Alcino Figueiredo Moutinho
1947/48

FAMÍLIAS DE ENTALHADORES

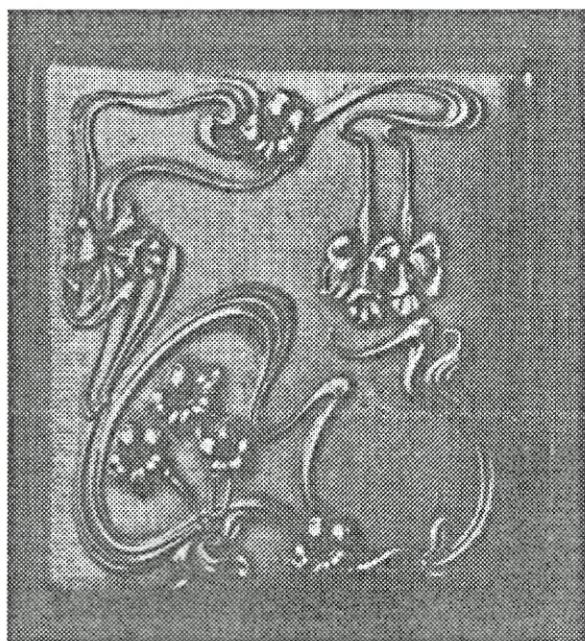
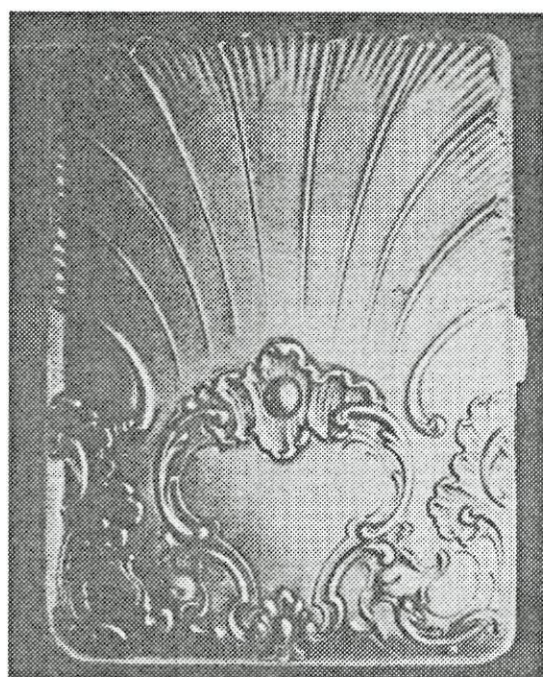
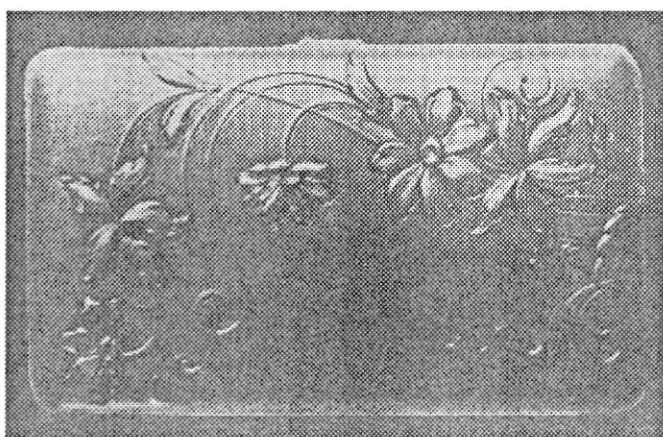
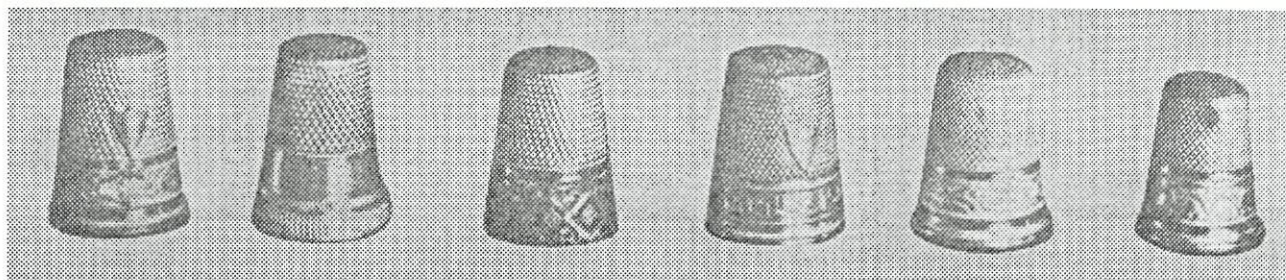
4
António Ferreira Guedes INF
Ernesto Ferreira Guedes
1890/91 a 1894/95
Ernesto Ferreira Guedes Júnior
1917/18 a 1921/22
José de Sousa Guedes
1926/27 a 1928/29
5
Gaspar Pereira da Silva INF
Domingos Pereira da Silva
1899/00
Feliciano Pereira da Silva
1897/98 a 1898/99
6
António José Dias INF
António José Dias Correia
1912/13
Francisco Dias Correia
1930/31
7
Matheus da Silva Carvalho INF
Abrahão da Silva Carvalho
1895/96 a 1896/97
Joaquim da Silva Carvalho
1908/09 e 1910/11 a 1912/13

8
Alfredo Maximiano INF
Ignácio Maximiano
1888/89
Joaquim Maximiano
1894/95
9
José da Silva Azevedo INF
António da Silva Azevedo
1928/29
José Ventura Azevedo
1929/30

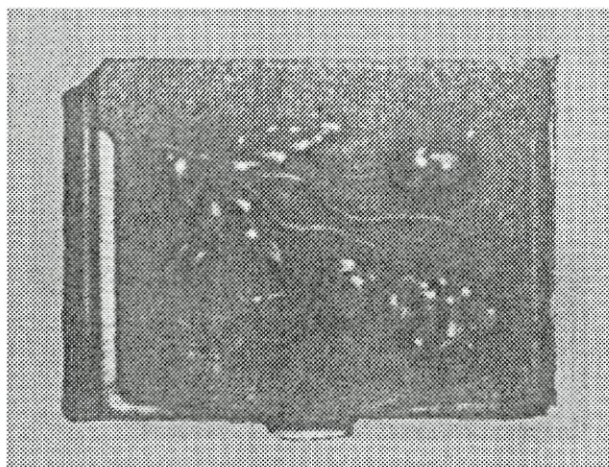
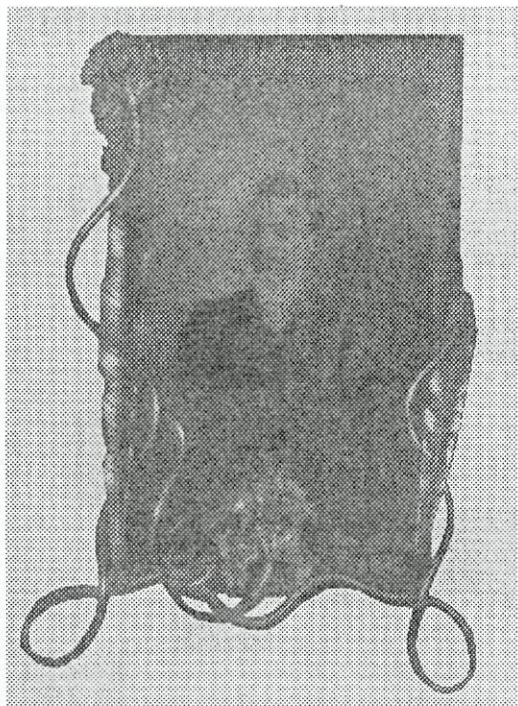
ANEXO D

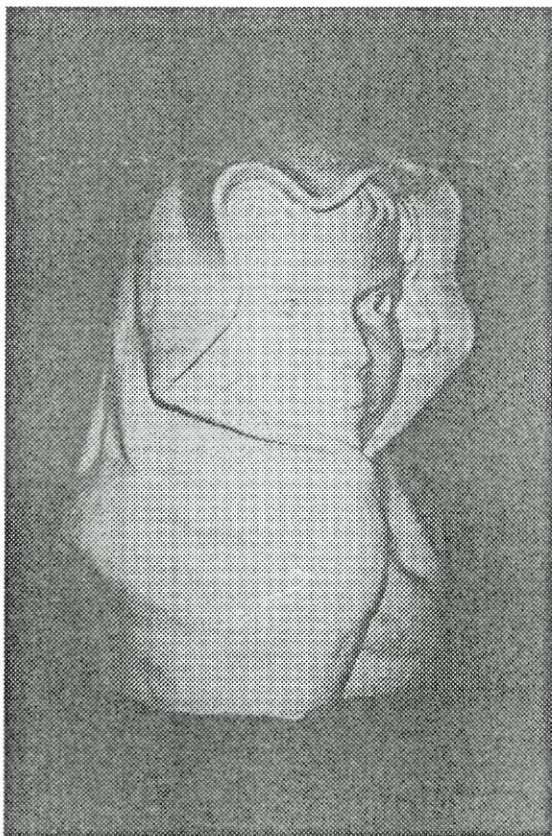
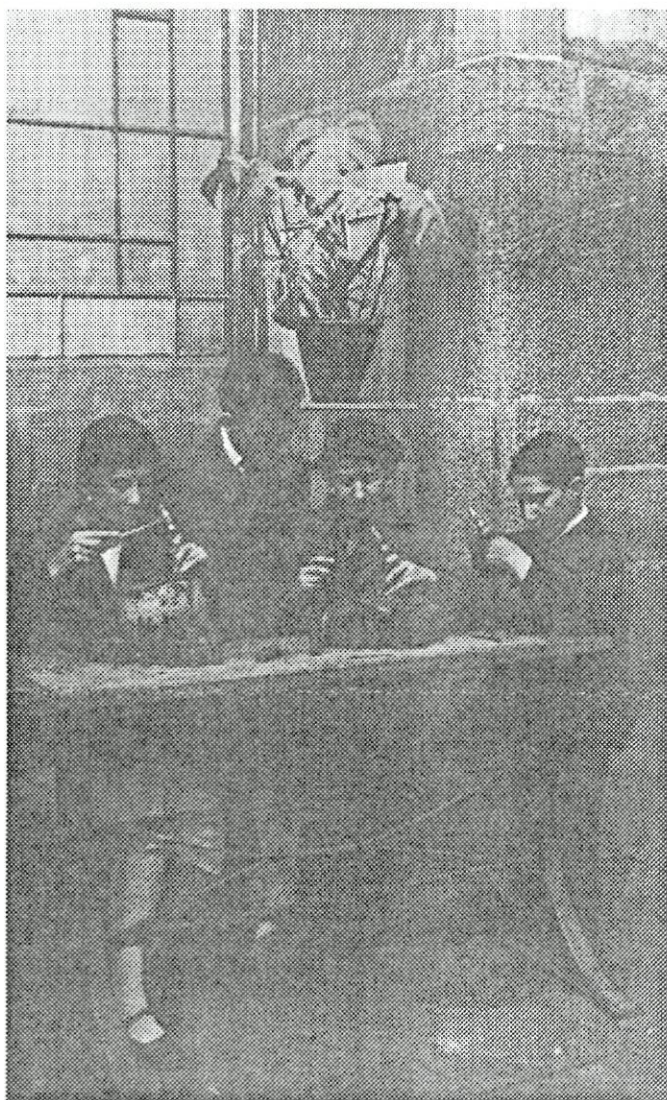
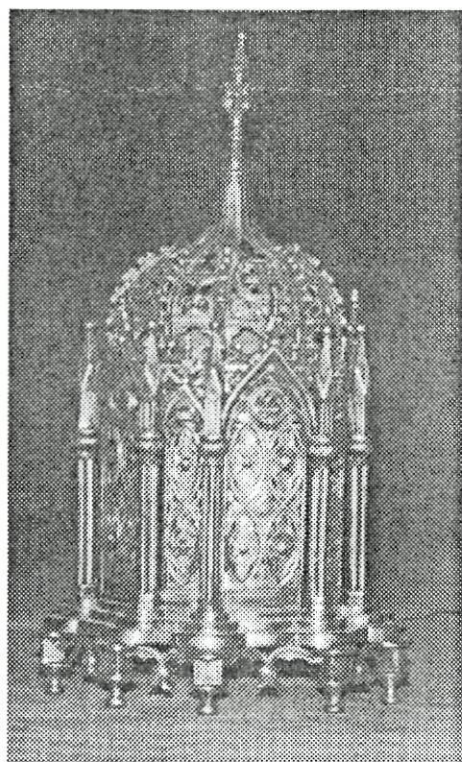
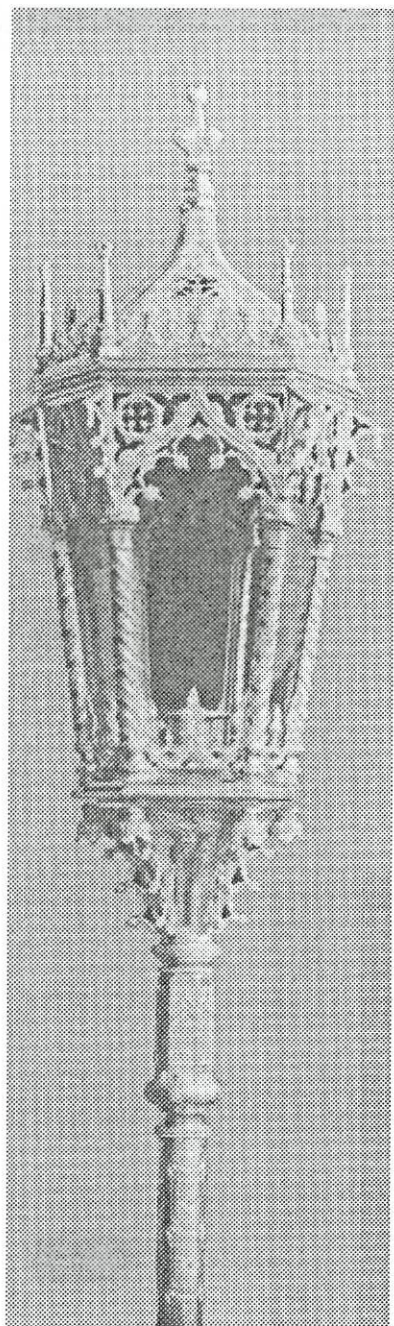
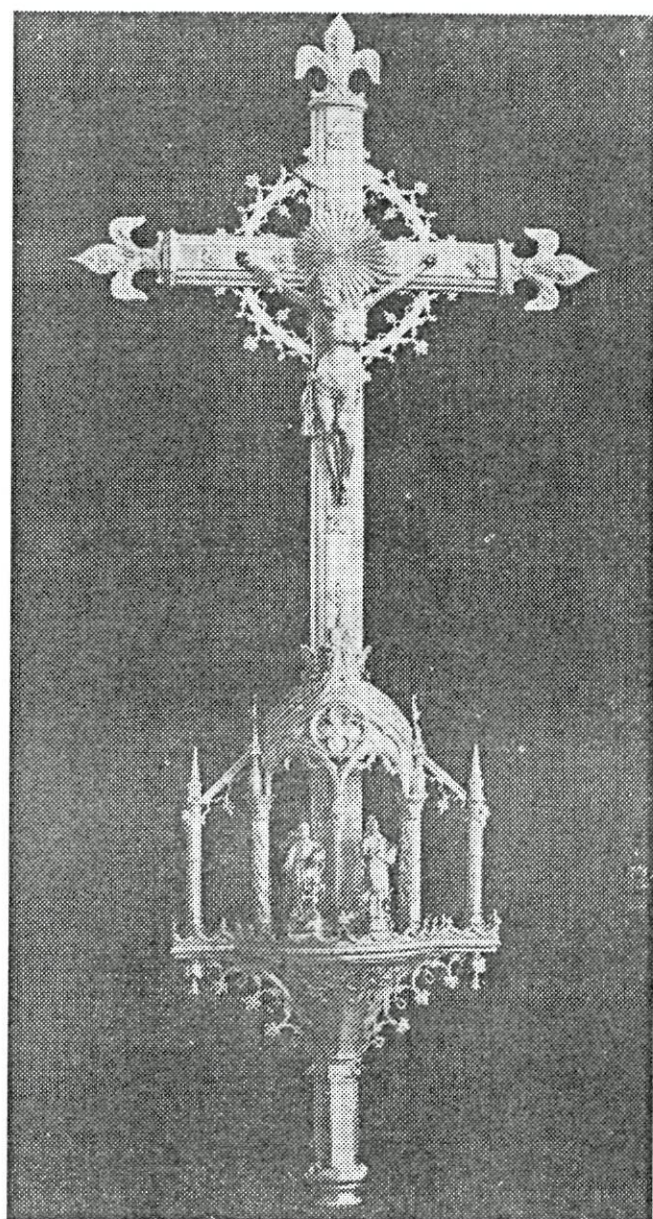
IMAGENS DE TRABALHOS REALIZADOS POR
OURIVES E ENTALHADORES
EX-ALUNOS DA ESCOLA FARIA GUIMARÃES

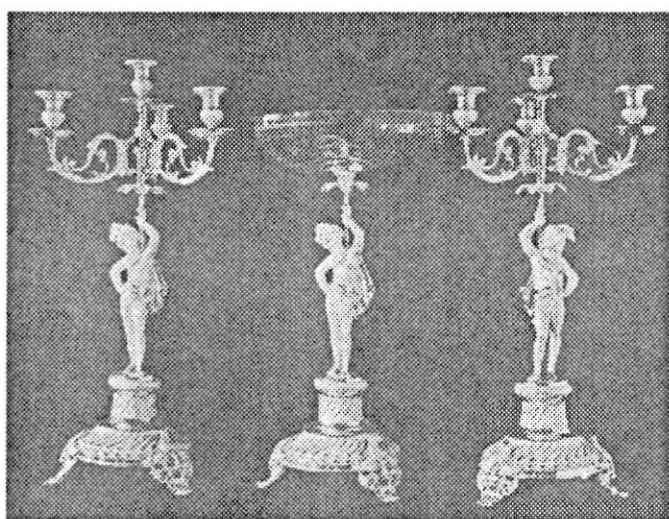
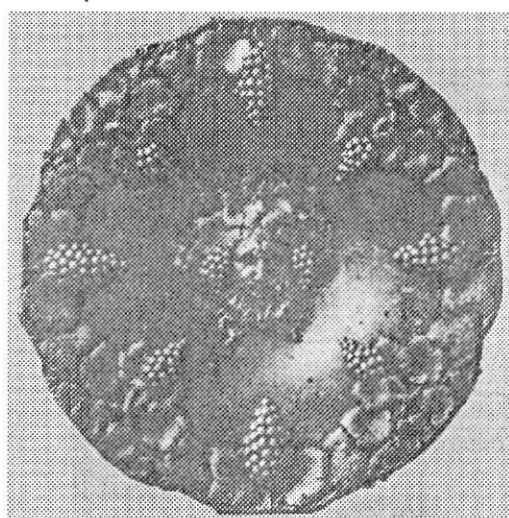
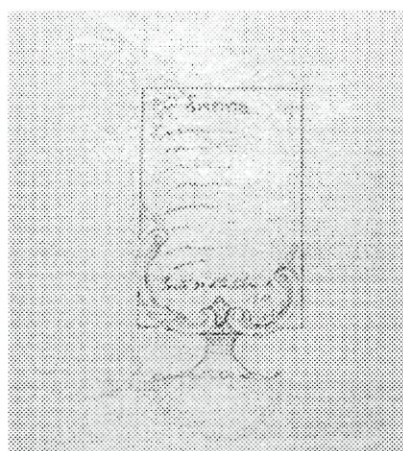
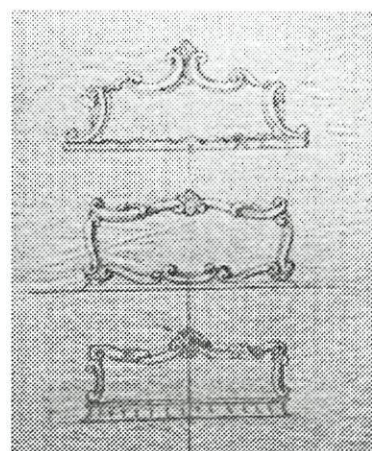
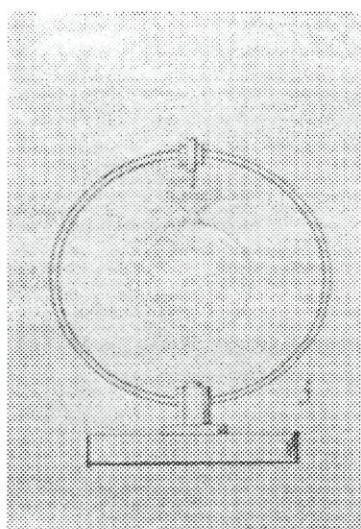
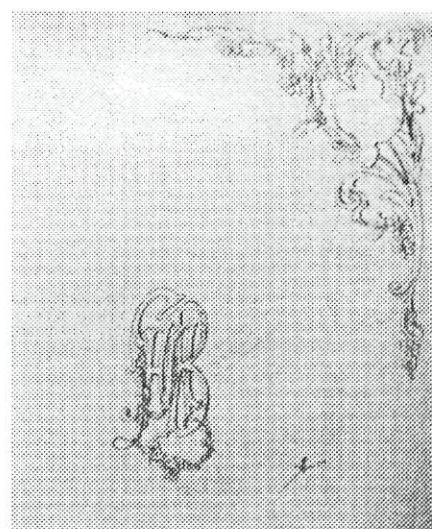
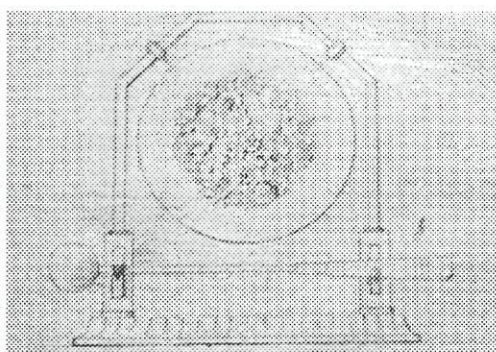
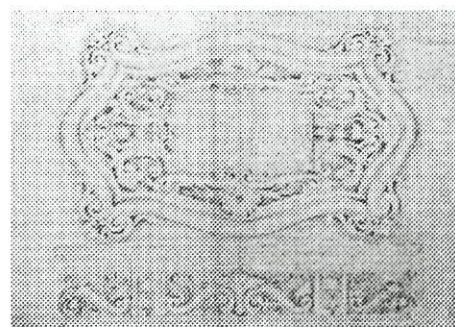
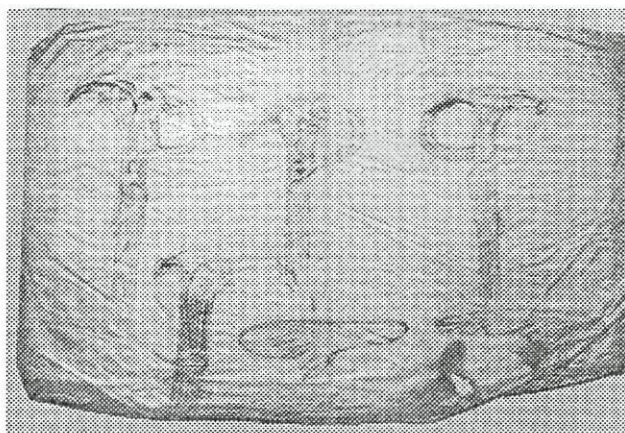
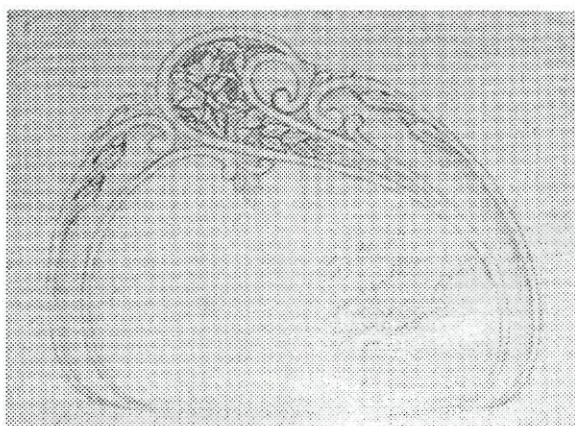
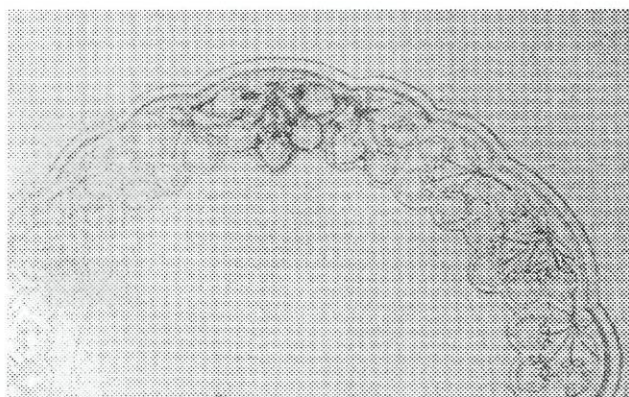
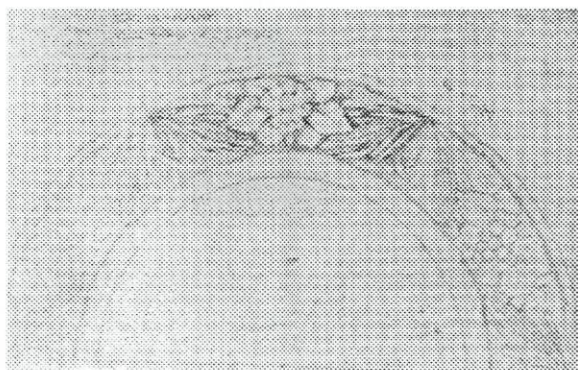
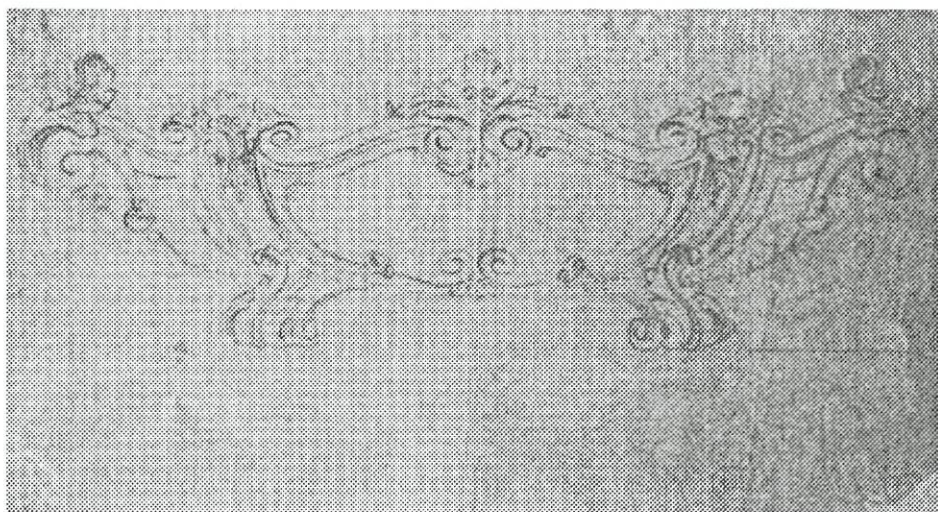
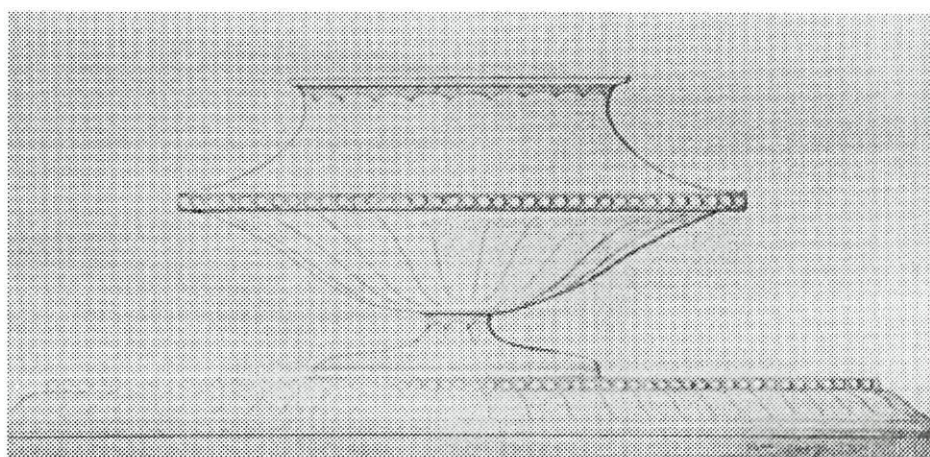
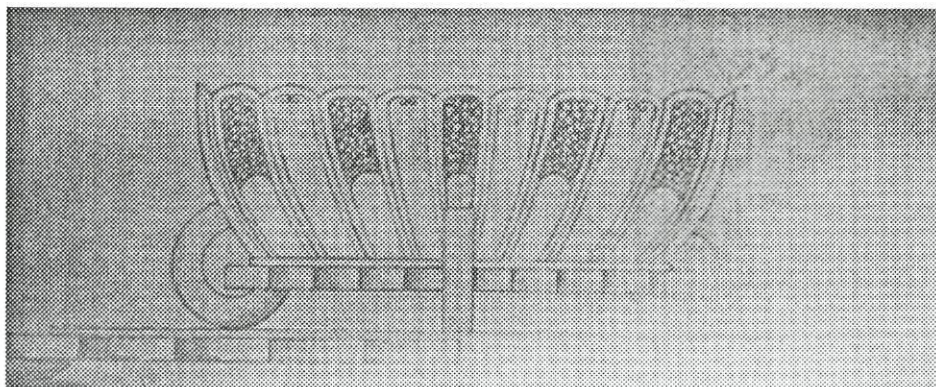
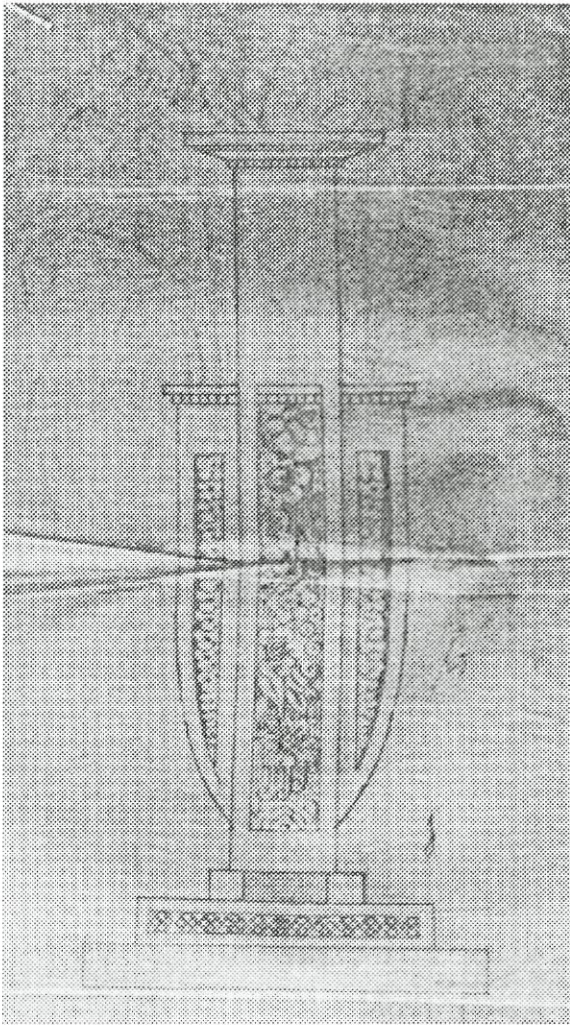
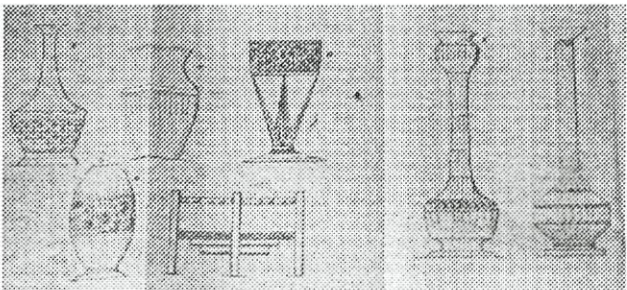
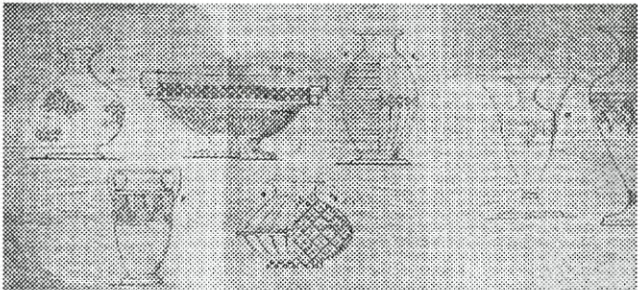
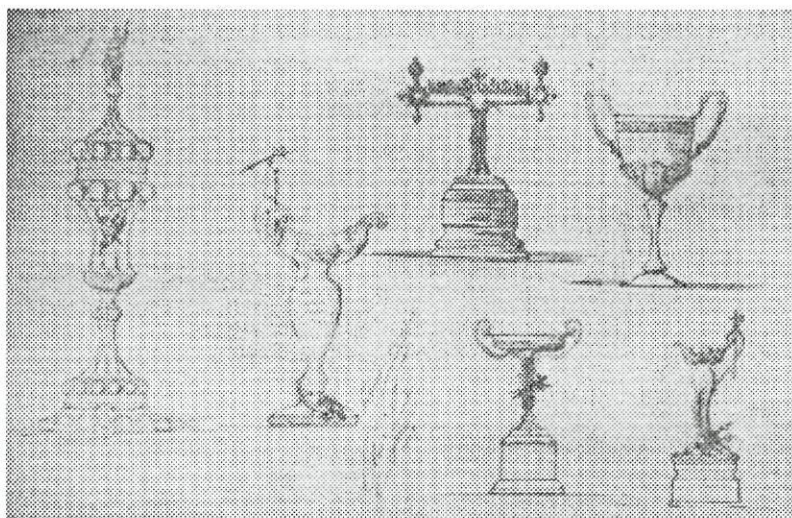
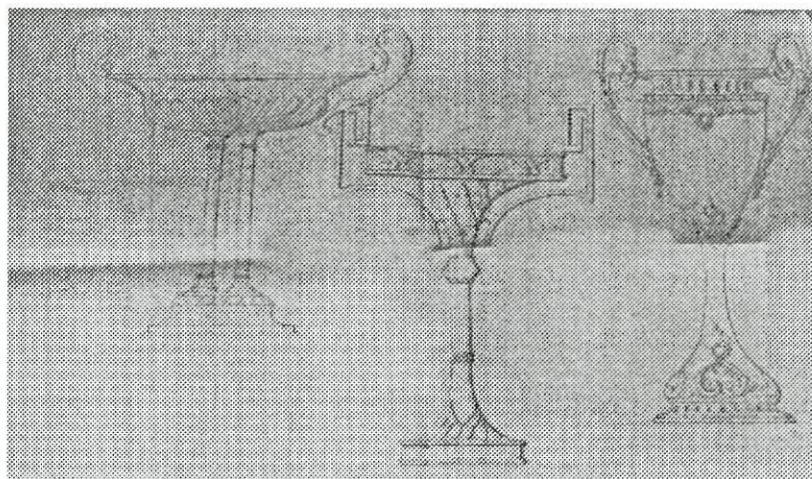
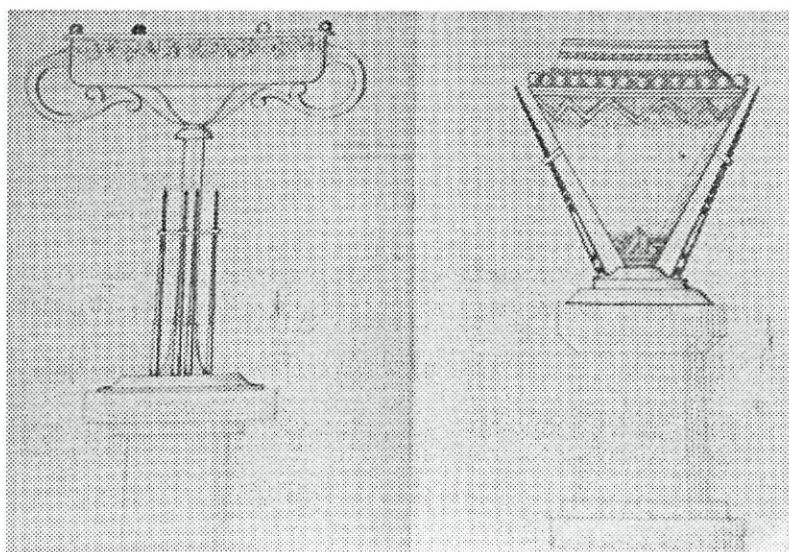
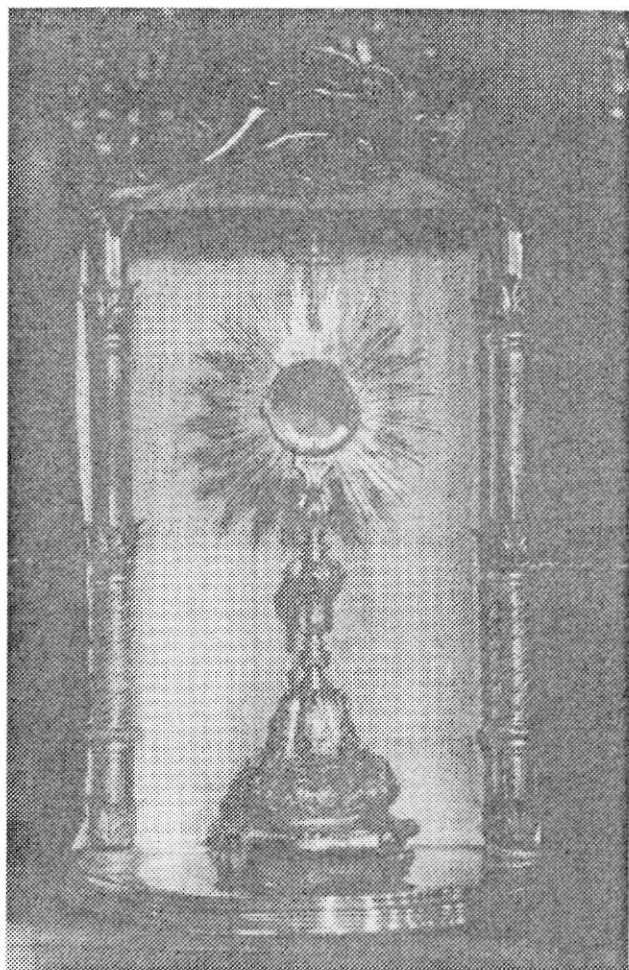
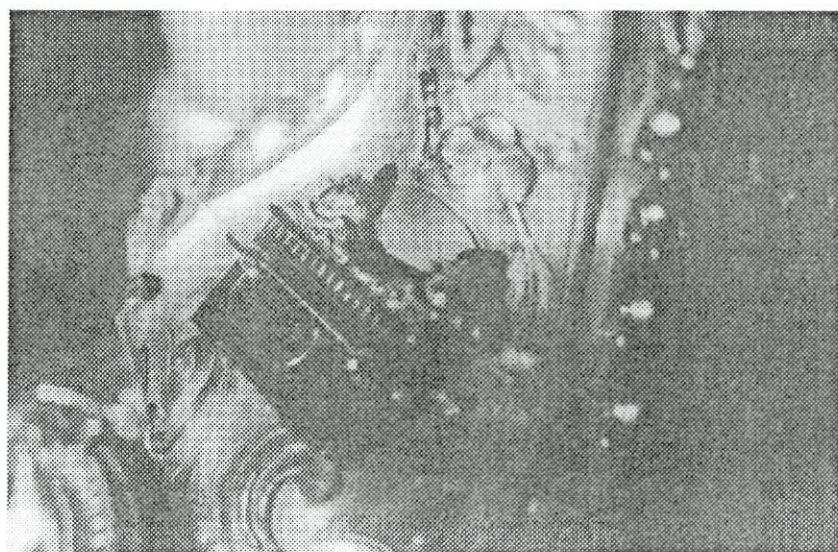
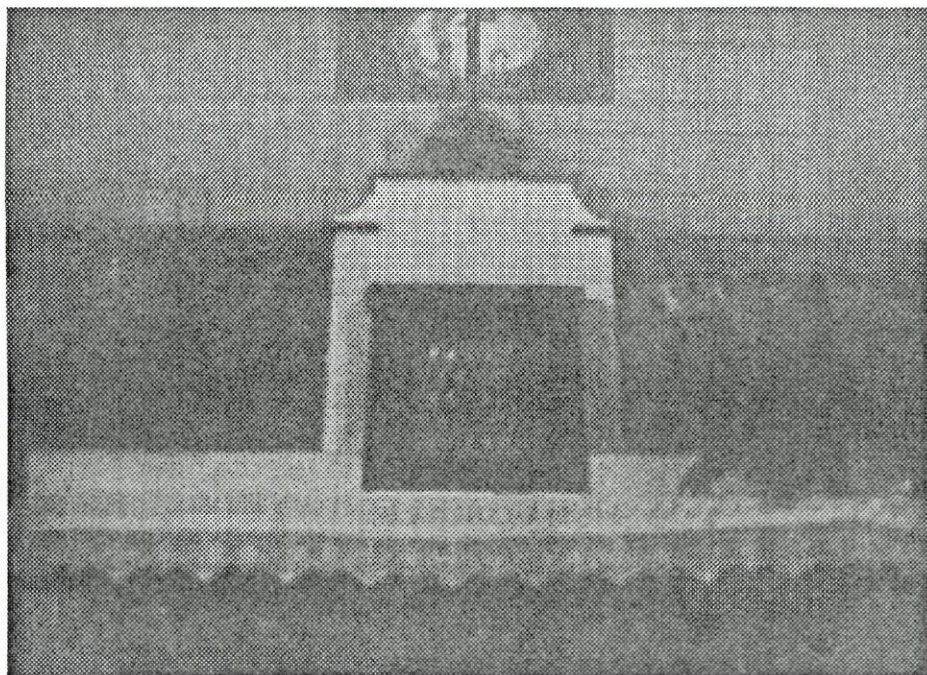
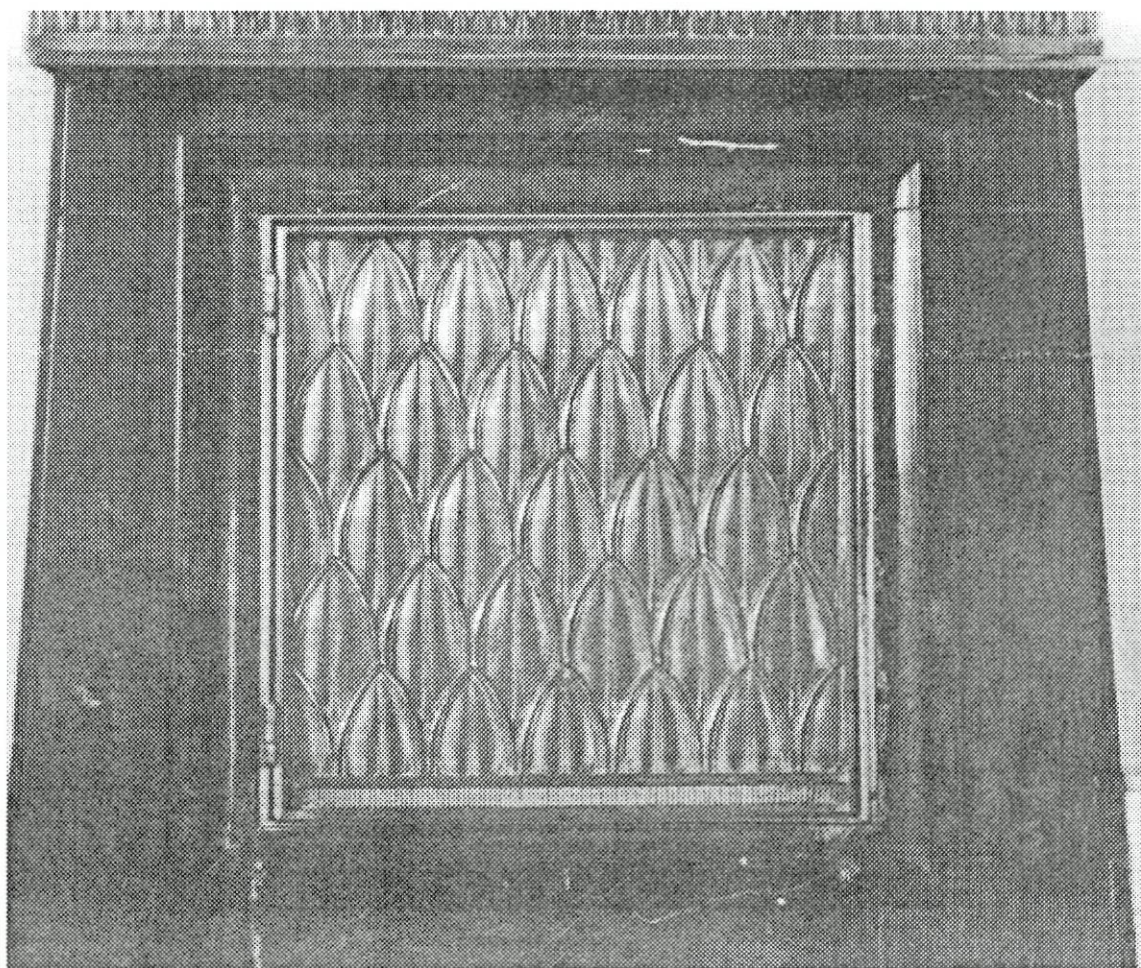
OURIVES

Alexandre Tavares Moutinho Russo

1 - Cigarreira em prata para dez cigarros

2 - Cigarreira em prata

3 - Cigarreira em prata

4 - Dedais em prata

5 - Copo em prata

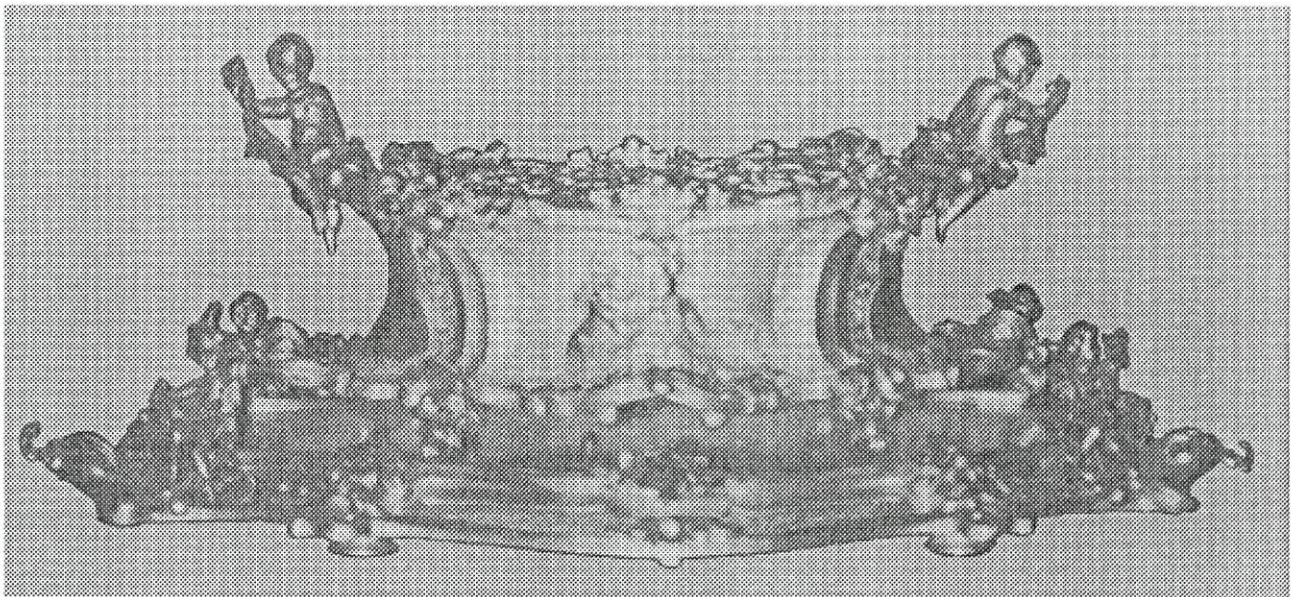
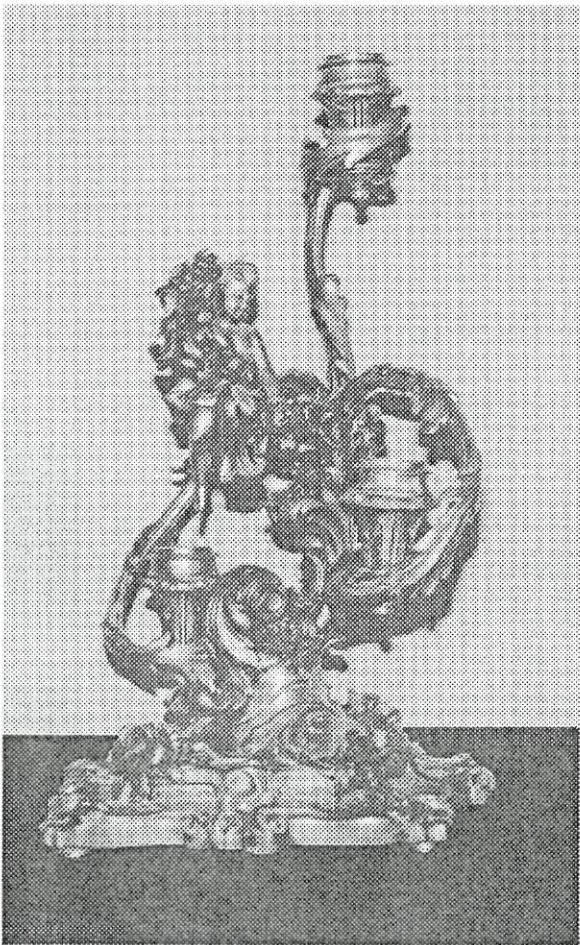
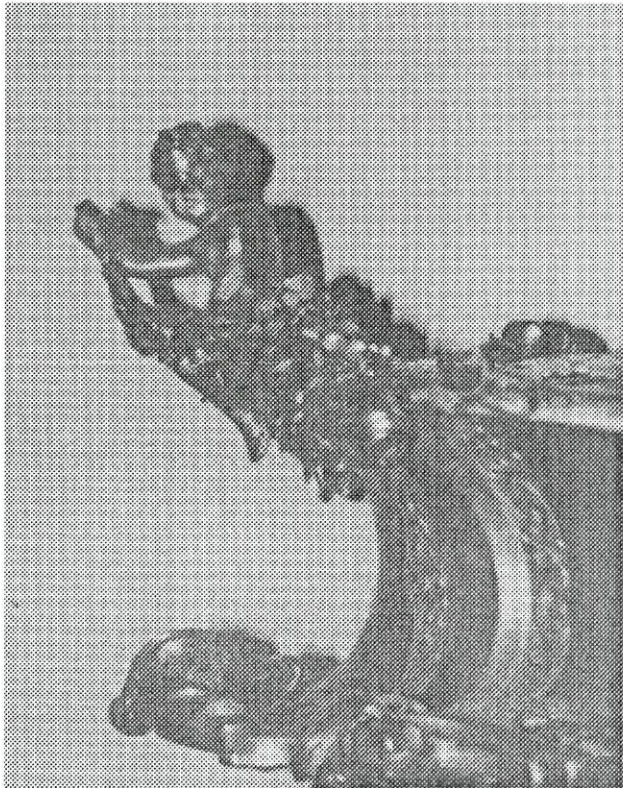
6 - Argola para guardanapo em prata

7 - Caixa para fósforos em prata

8 - Caixilho para fotografia em prata dourada

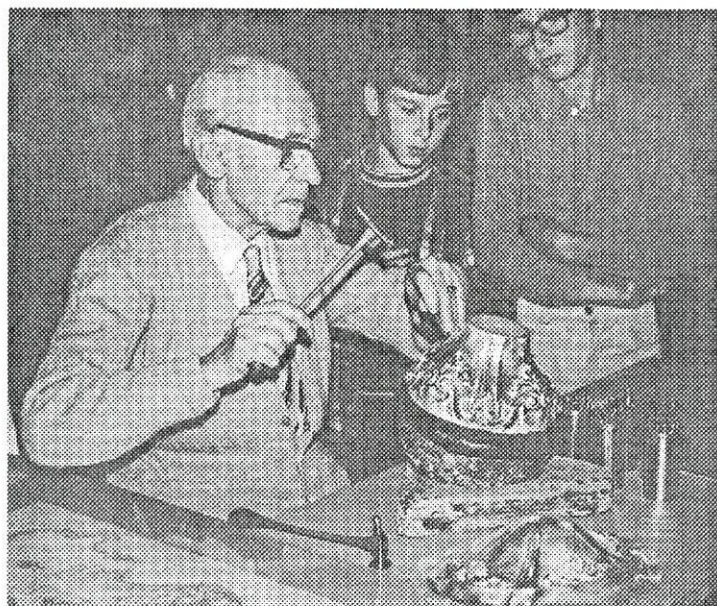
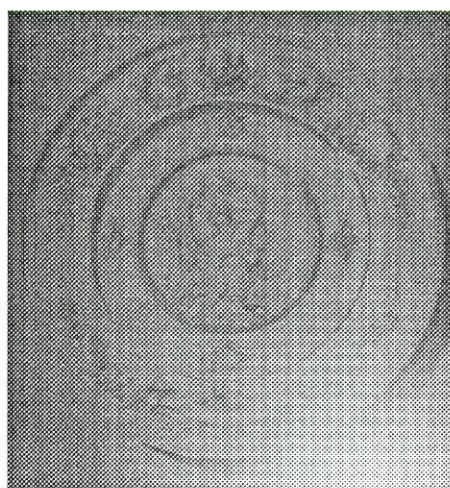
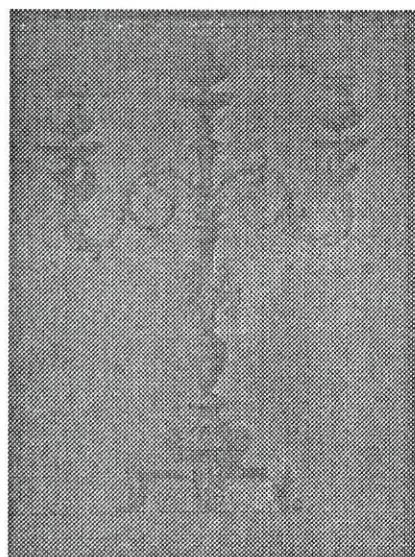
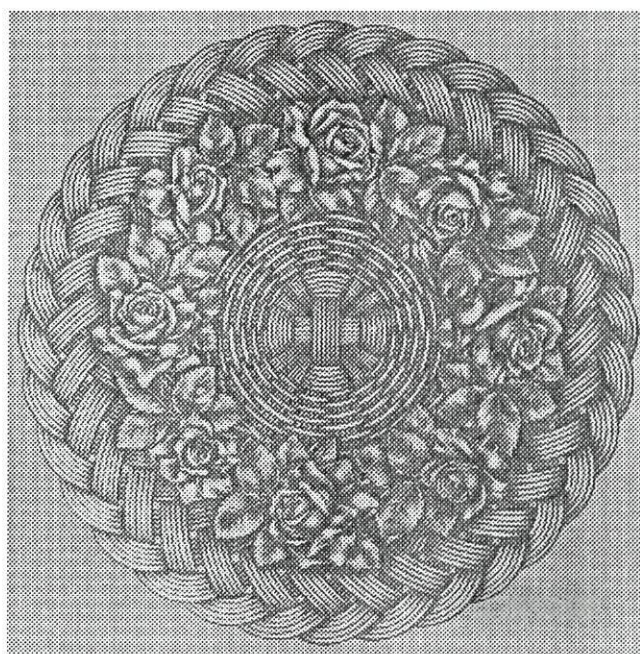
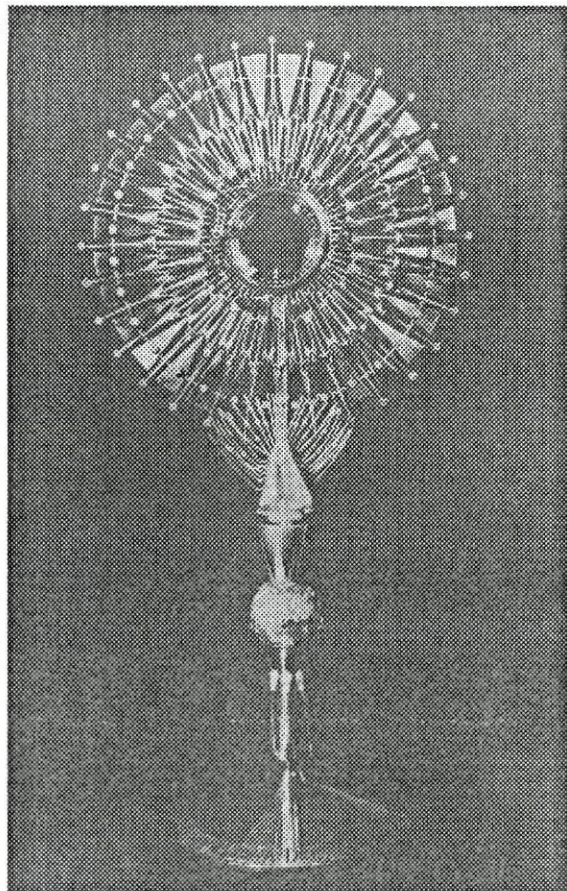
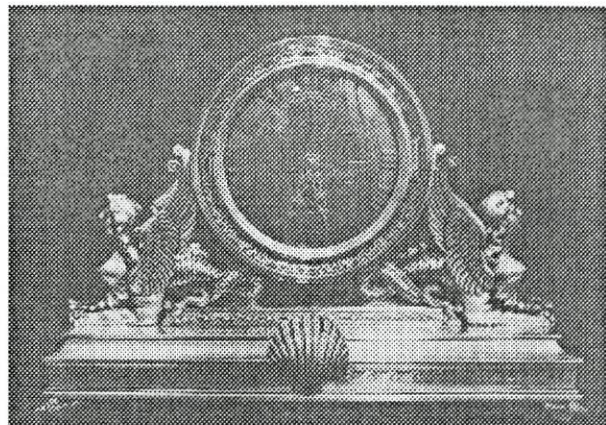
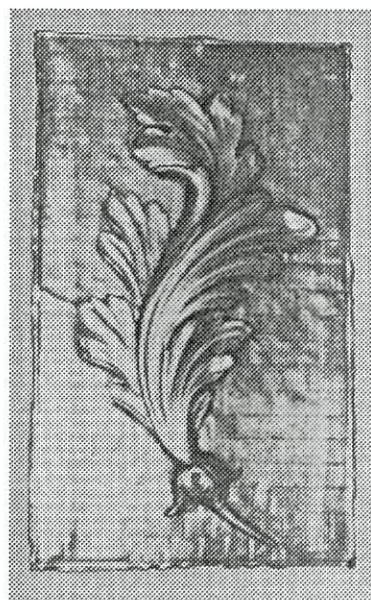
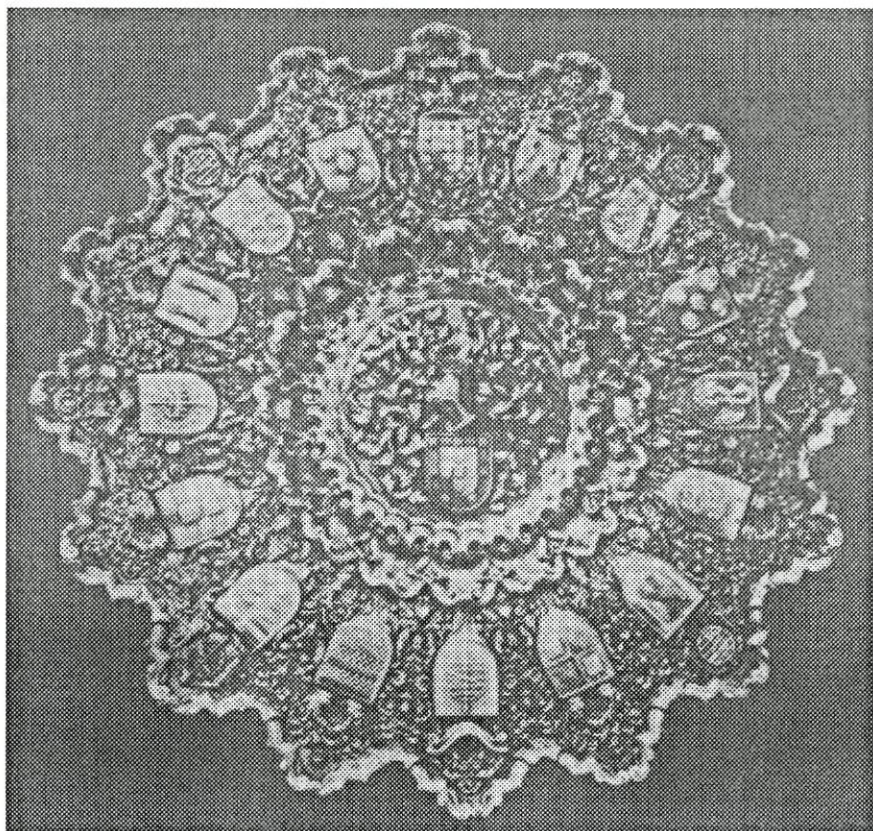
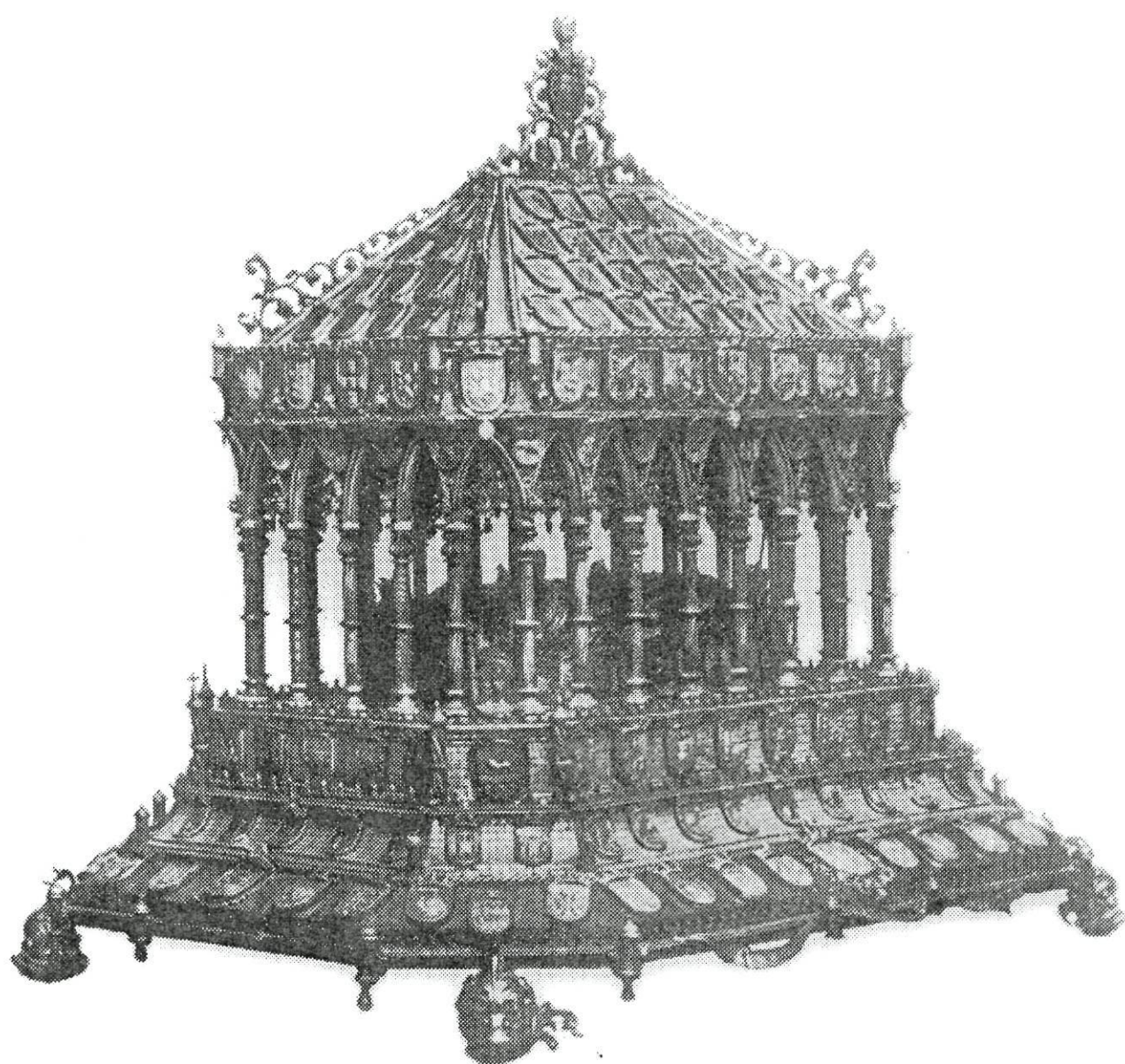
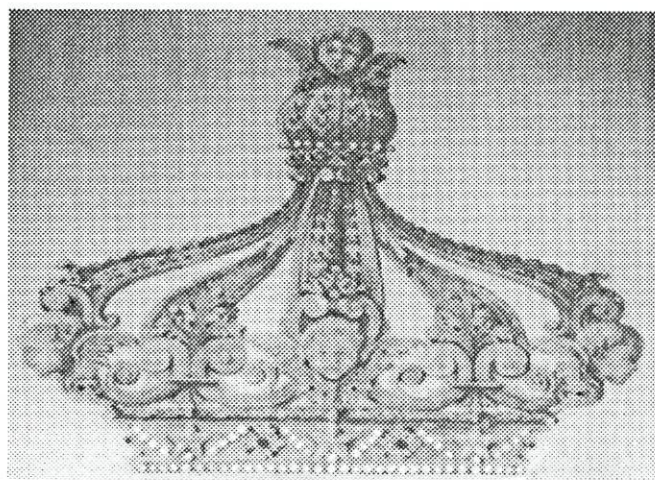
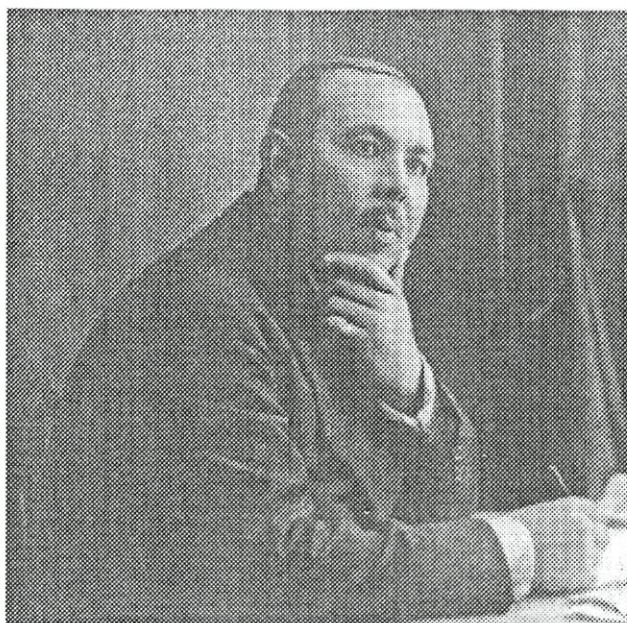
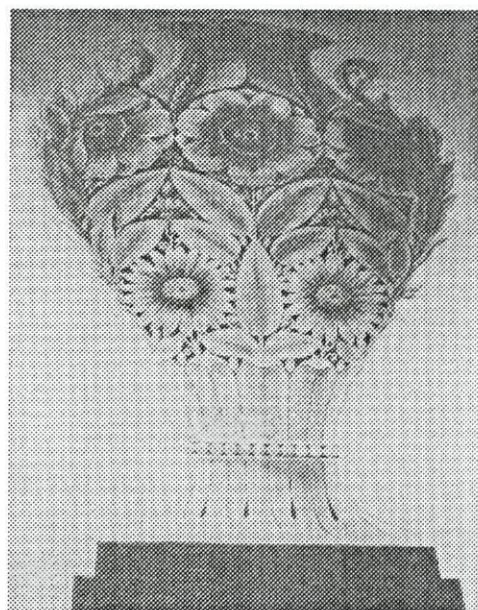
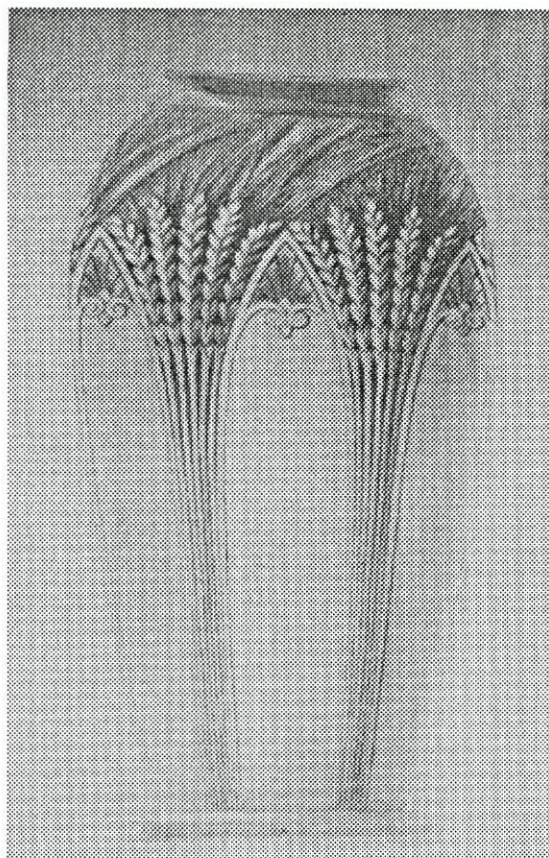
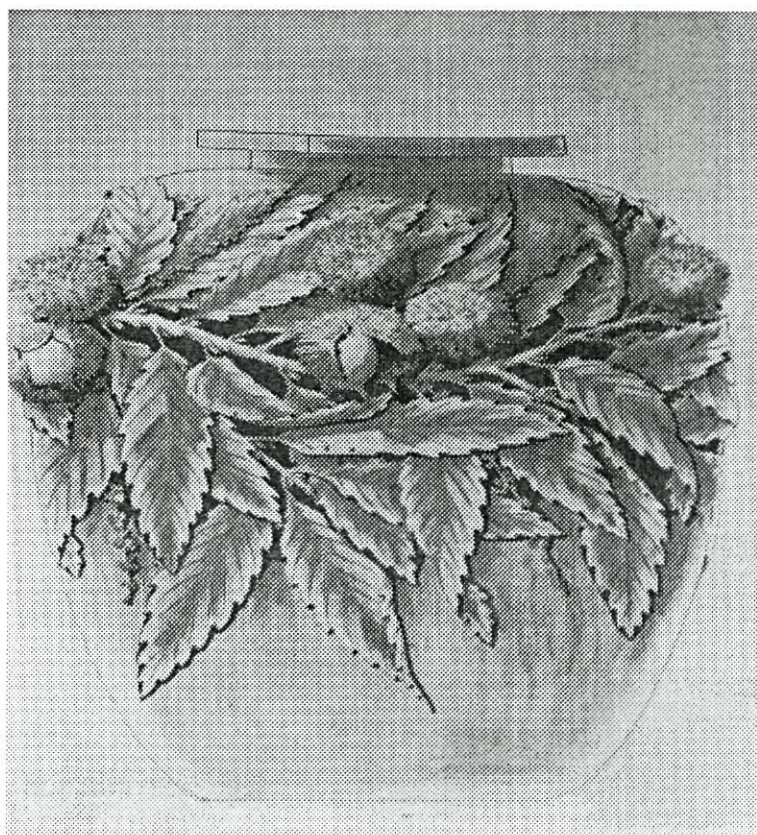
9 - " Cabeça de Cristo" - Gravura cinzelada, executada em 1907

10 - Escultura - Busto da sua filha, Maria Eduarda H. da Silva Moutinho Vieira

11 - António Alves de Sousa Júnior na oficina de cinzelagem da Escola Industrial Faria Guimarães durante uma aula, 1927

12 - Campainha de prata, composição manuelina, executada em 1900

13 - Lanterna em prata, 1909, estilo manuelino. Esta lanterna é uma das oito que foram executadas para a Santa Casa da Misericórdia do Porto

14 - Cruz processional - prata. Composição manuelina

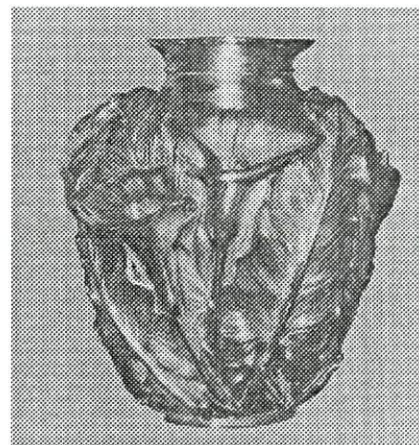
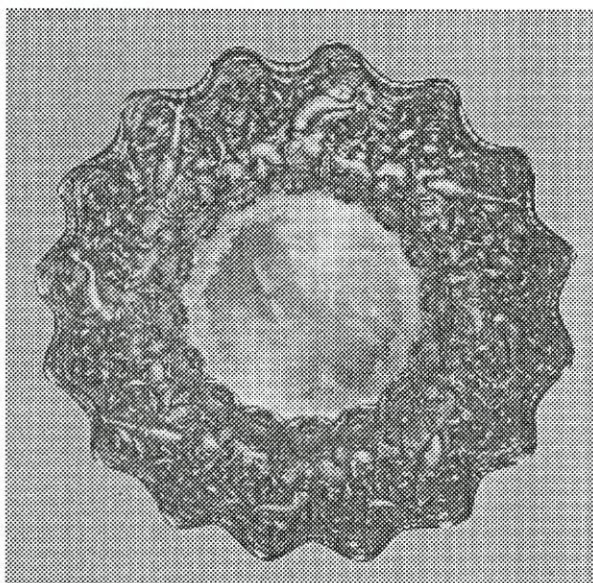
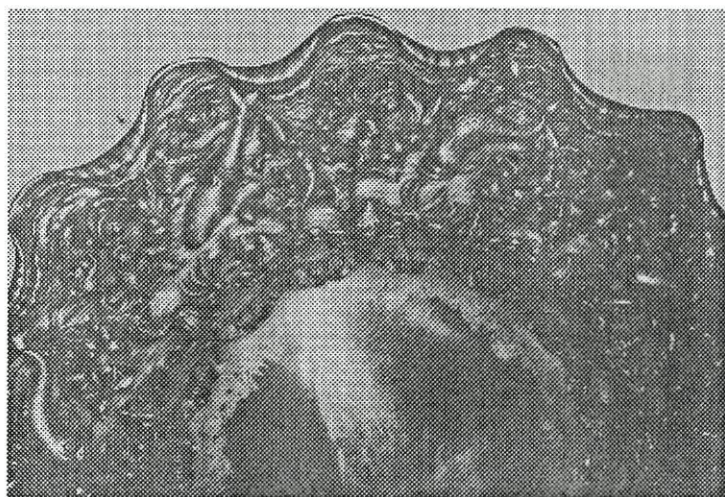
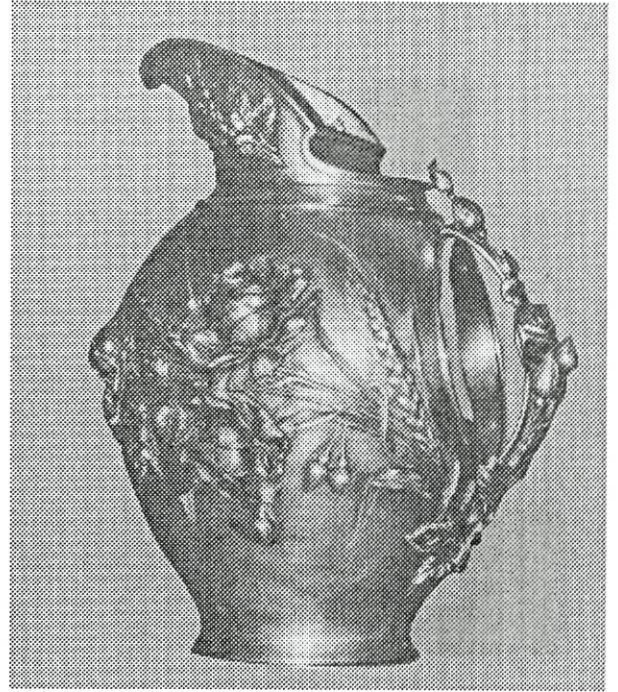
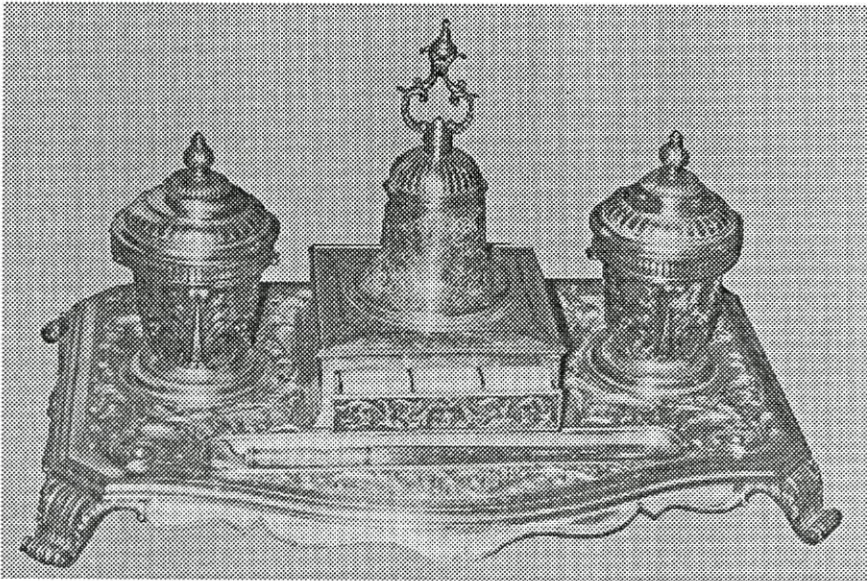
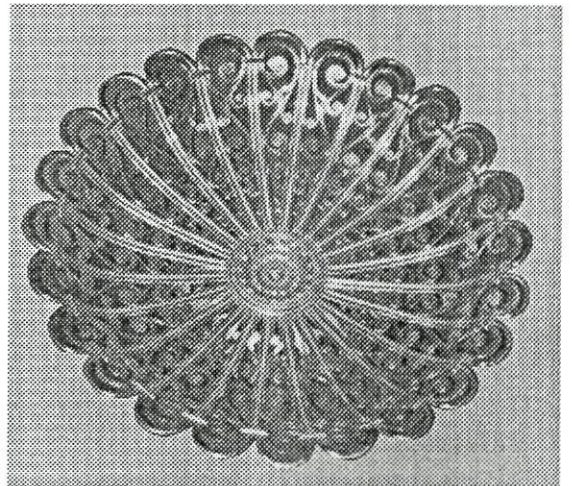
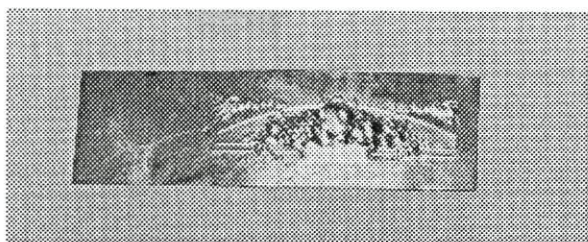
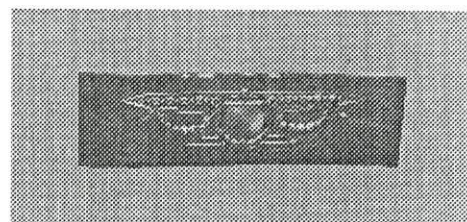
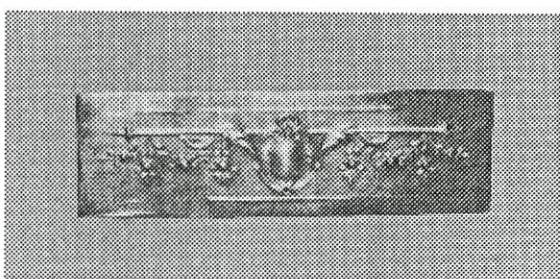
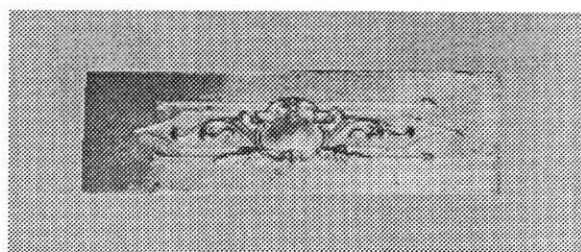
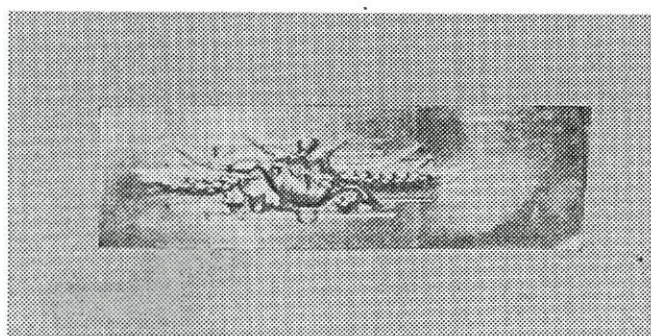
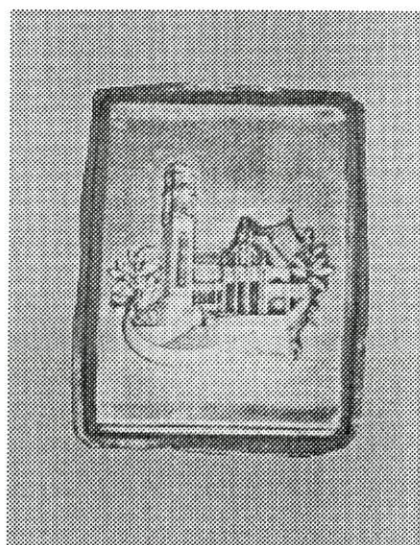
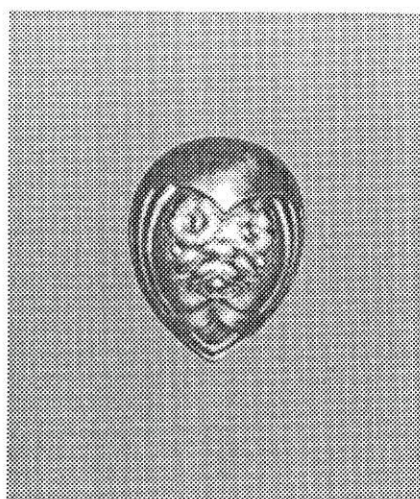
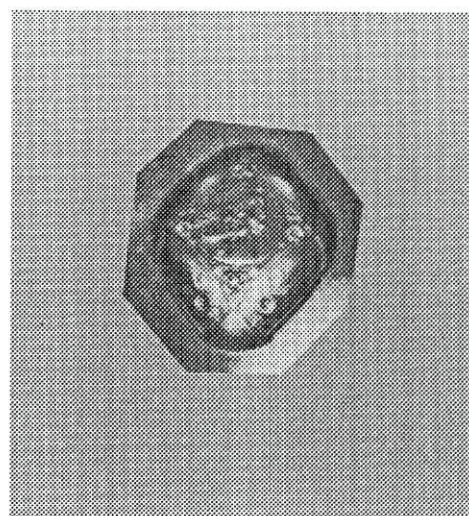
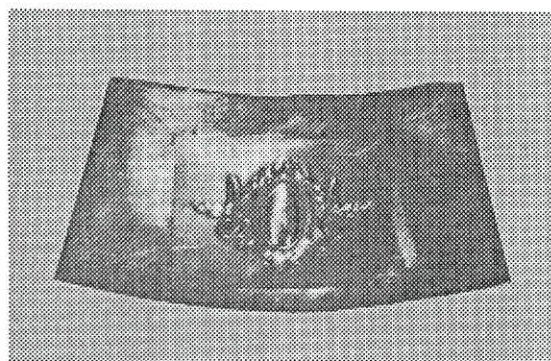
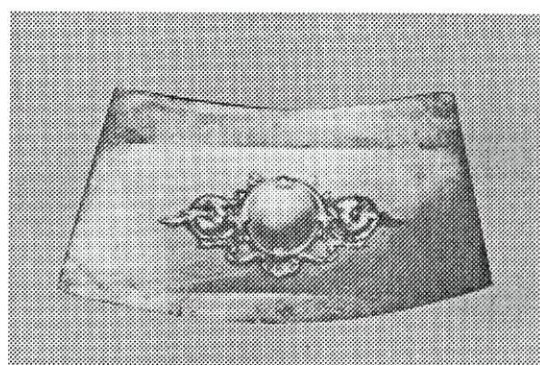
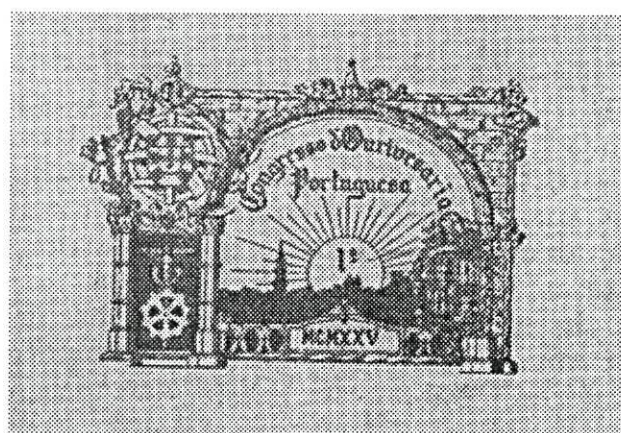
15 - Custódia em prata

16 - Conjunto de serpentinas e fruteiro em prata

17 - Prato em prata com a cabeça de Baco e cercadura de uvas e folhas

Desenho de suporte em prata para Ementa de restaurante

Desenhos de suportes em prata para identificação dos convidados na mesa de jantar e de suportes para guardanapos

Desenho de suporte para relógio de bolso em prata

Desenho de elementos decorativos em prata que eram aplicados nas pastas de estudantes.
A decoração variava conforme o curso frequentado e o nome

Desenho de gongo em prata utilizado para chamar os empregados

Desenho de caixa para jóias em prata

Pegas de bengalas em prata

Prato para recolher migalhas

Salva em prata

Salva em prata

Centro de mesa em prata (floreira)

Centro de mesa em prata (floreira)

Centro de mesa em prata (floreira)

Jarra em prata

Série de jarras e taças para fruta ou centro de mesa (floreira)

Taças desportivas em prata, 1909

Taças de desportivas em prata

Taças desportivas em prata

23 - Baldaquino, Custódida, Relicário - Catedral do Maputo - Moçambique

Pormenor do Relicário que se encontra inserido no pé da Custódia

24 - Sacrário da Catedral do Maputo - Moçambique

Pormenor da porta do Sacrário

25 - Centro de mesa

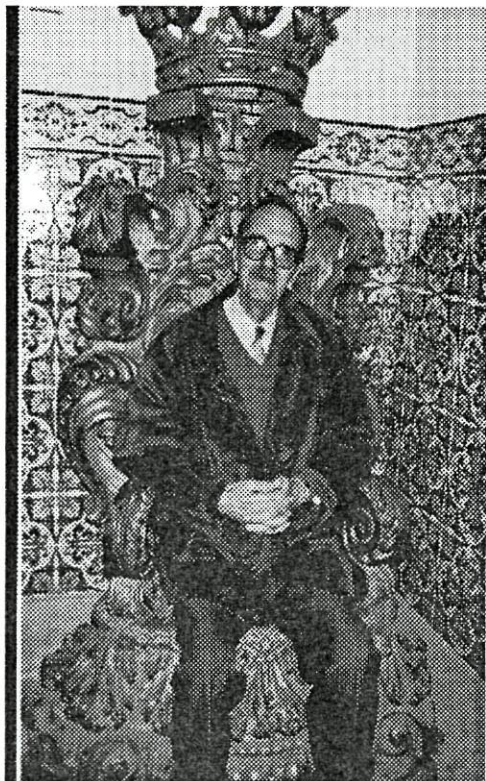
26 - Cabeça de Cristo

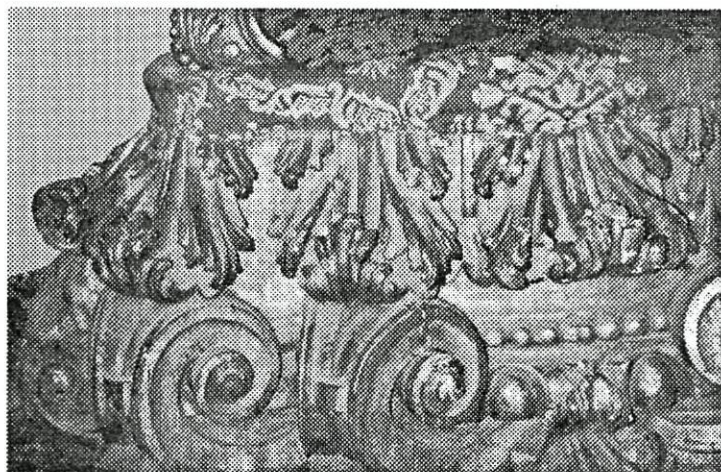
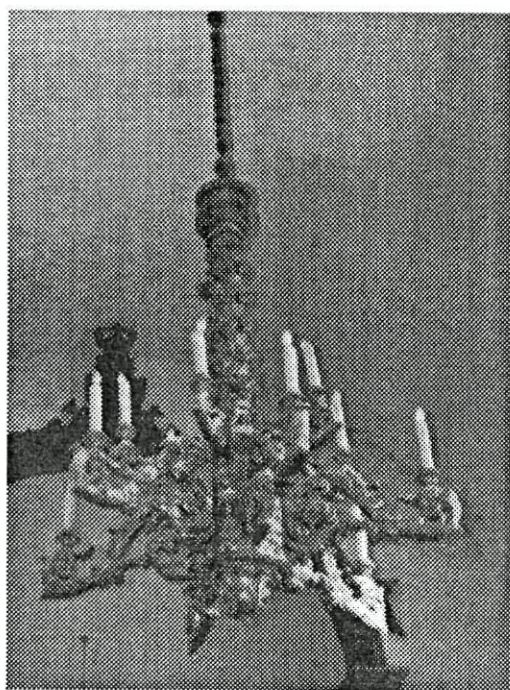
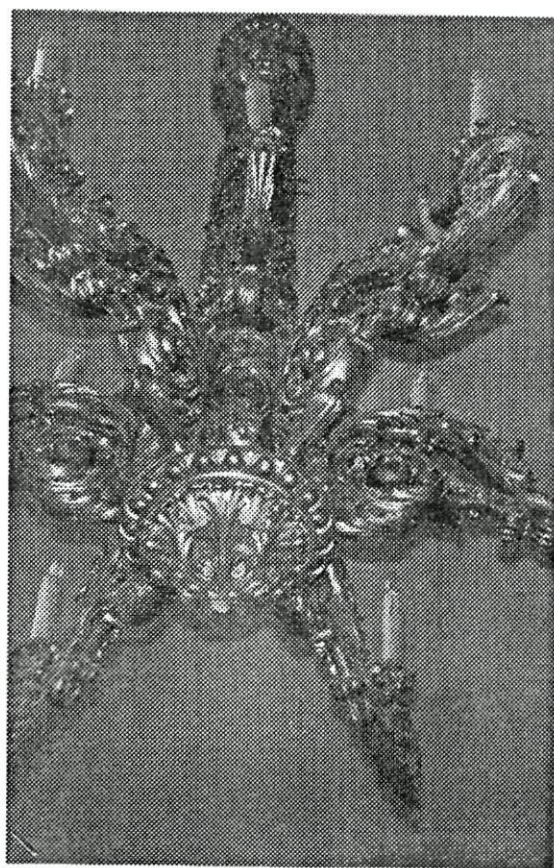
27 - Centro de mesa constituído por floreira e dois candelabros

Floreira

Candelabro

Pormenor da floreira

28 - Filinto Elísio de Almeida cinzelando na 1ª Exposição de Ourivesaria Artesanal, realizada em Gondomar em 1973

29 - Desenho de uma salva

30 - Desenho de um candelabro

31 - Desenho "Açafate de Rosas"

32 - Custódia em prata - Santuário de Fátima

34 - Relógio em prata cinzelada

35 - Trabalho cinzelado em folha de alumínio

33 - Salva "Navegadores" em prata cinzelada

36 - Relicário de D. João I

37 - Desenho de uma coroa

38 - Desenho de uma jarra decorada com malmequeres a que Almeida Júnior chamou "Minho Florido"

39 - Desenho de uma jarra com espigas

40 - Desenho de uma jarra com folhagem e ouriços de castanhas a que Almeida Júnior chamou "Beira-Alta" e onde colocou a nota "Beira -Alta, que tens neves brancas, ovelhas túmidas e fulvas castanhas"

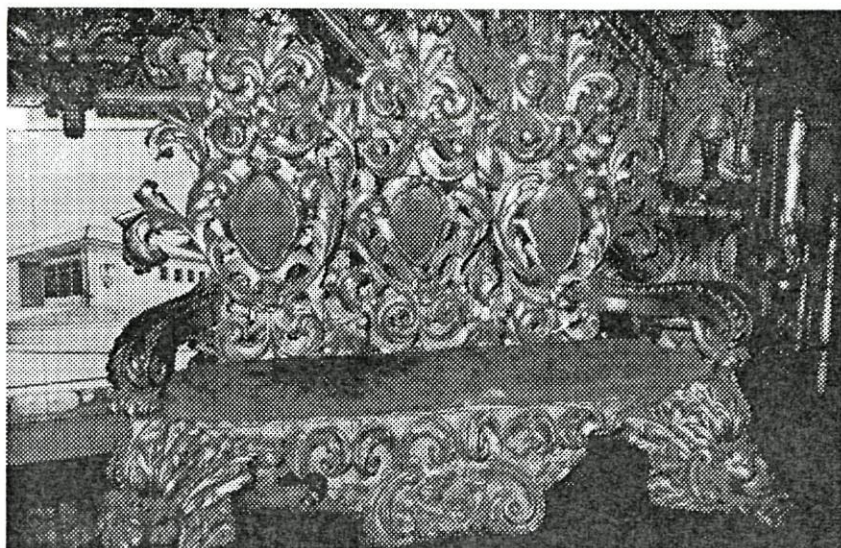
41 - Jarrão com jarros e folhas

42 - Caneca oval com folhas de jarro

43 - Salva com motivos marinhos

Pormenor da salva.

44 - Caneca com espigas e rosas

45 - Tinteiro com campainha

46 - Fruteiro forjado

47 - Molde para argola de guardanapo

48 - Molde para argola de guardanapo

49 - Molde para argola de guardanapo

50 - Molde para argola de guardanapo

51 - Molde para argola de guardanapo

52 - Molde para cigarreira

53 - Molde para guizo de crianças

54 - Molde para guizo de crianças

55 - Molde para copo

56 - Molde para copo

57 - Selo comemorativo do I Congresso dos Ourives Portugueses

58 - Selo comemorativo do II Congresso dos Ourives Portugueses

ENTALHADORES

59 - Cadeira Paroquial, onde está sentado o entalhador António Pereira Lopes

Pormenor da cadeira Paroquial (braço)

Pormenor da cadeira Paroquial (parte inferior)

60 - Candelabro da Igreja de Santa Maria de Lamas

Pormenor do candelabro

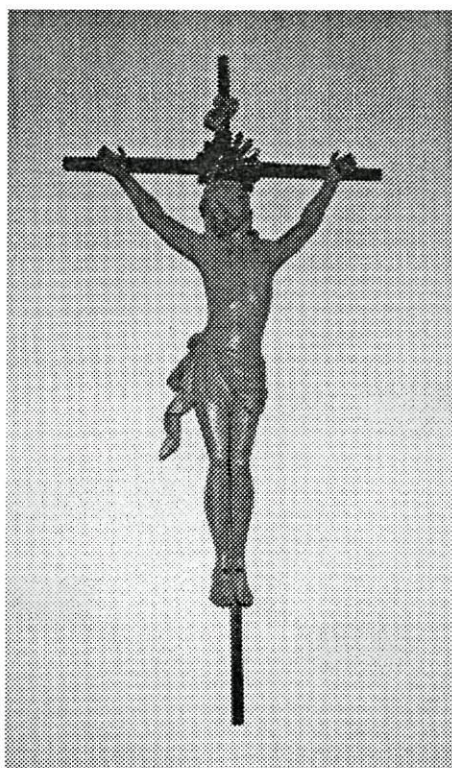
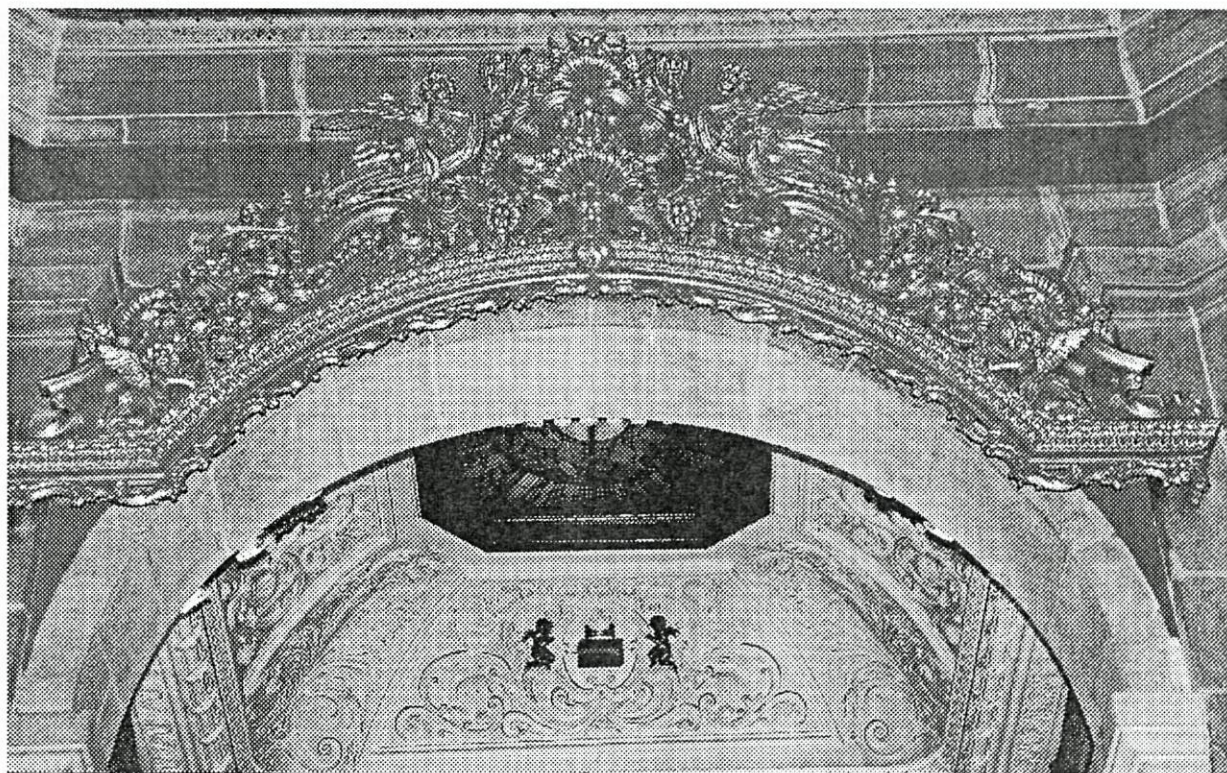
61 - Cadeiral do altar-mor

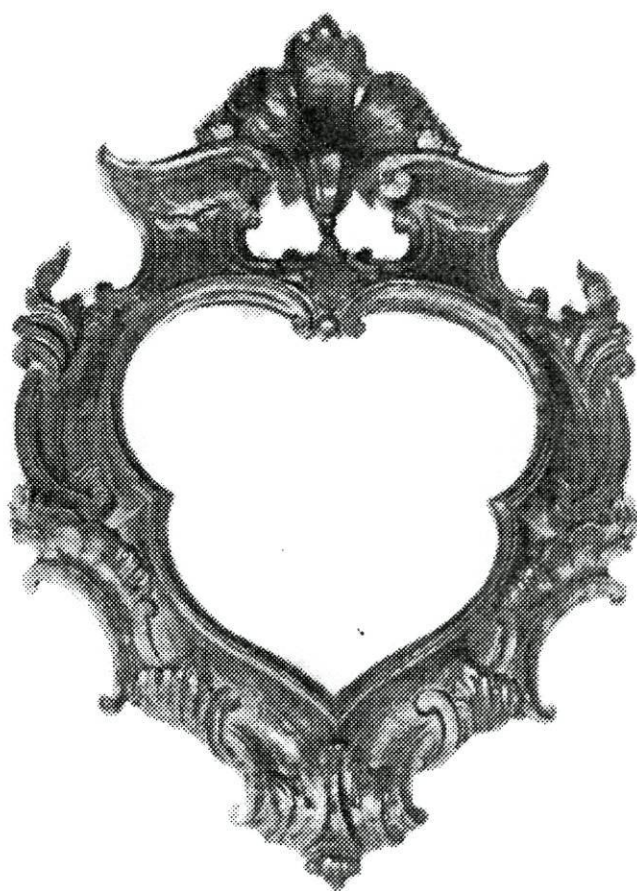
62 - Pormenor das escadas do púlpito

63 - cadeira existente no Museu anexo à igreja

Pormenor de um dos pés da cadeira

Pormenor da mesma cadeira

Stº António

Nossa Senhora

Cristo Cruxificado

65 - Sanefa dividindo o altar do corpo da igreja de Santo Ildefonso no Porto

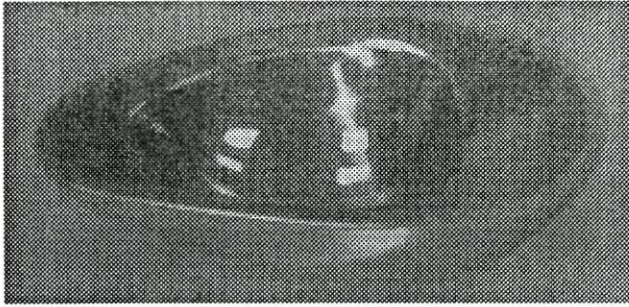
66 - Friso decorativo

67 - Moldura para espelho

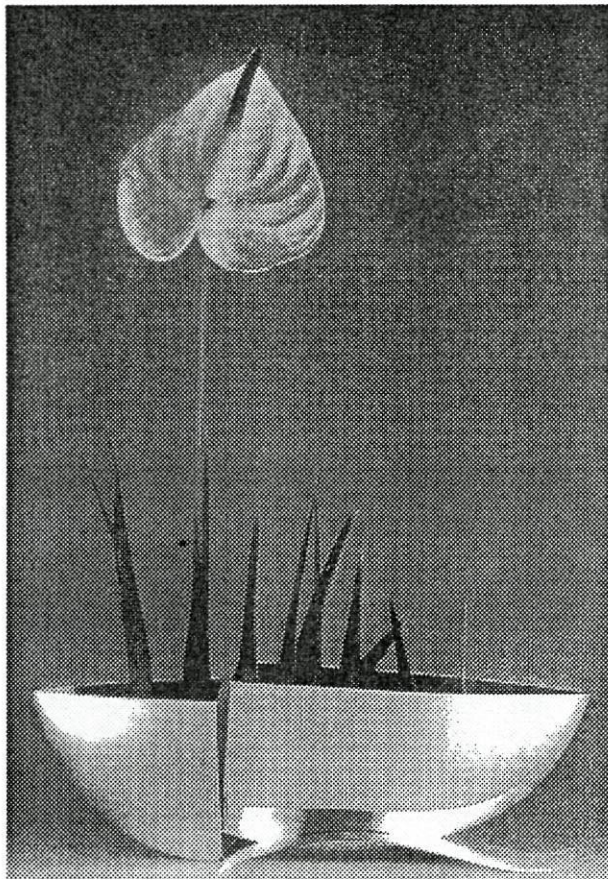
ANEXO E

NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE A ACTIVIDADE PROFISSIONAL E ARTÍSTICA DE EX-ALUNOS DA ÁREA DE OURIVESARIA DA ESCOLA FARIA GUIMARÃES

ALBINO DA CONCEIÇÃO FULGÊNCIO matriculou-se na Escola Industrial Faria Guimarães em 1939 no Curso de Tecelão-Debuxador, que terminou em 1945. O seu gosto teria sido frequentar o curso de habilitação às Escolas de Belas-Artes, mas como o próprio nos referiu *«o curso era caro e só dava frutos muito tarde, por isso frequentei a escola à noite e tirei o Curso de Tecelão-Debuxador e, apesar de ter sido o melhor aluno da escola desse curso e ter recebido um prémio pecuniário de 2.500$00 da fábrica Manuel Pinto de Azevedo, nunca consegui trabalho numa fábrica»*. Como entretanto tinha começado a trabalhar na oficina do ourives Aníbal Luís França, na Rua Visconde de Setúbal nº 231, casa 5, que ficava próximo da sua casa, continuou a trabalhar como ourives. Em 1952, depois da morte de Aníbal, estabeleceu-se como ourives constituindo a firma Albino Conceição Fulgêncio e montou uma oficina na Rua Visconde de Setúbal nº 237. Mais tarde mudou para a Rua Costa Cabral nº 347, depois para a Rua Particular de Stº Isidro nº 46, daí para a Rua do Lindo Vale nº 17 e, posteriormente, para a Rua Justino Teixeira nº 21, pavilhão 9, onde se mantém.

Da sua passagem pela escola relembrou alguns professores que muito o marcaram, como Cláudio Bastos a português, Heitor Cramez, Bruno Reis, Dórdio Gomes e António Figueiredo a desenho.

A sua firma começou por produzir cigarreiras, mais tarde passei a fazer casquinhas, *«que davam muito mais dinheiro»* e abandonou a prata. Hoje trabalha com prata e fabrica todo o tipo de peças em prata grossa: castiçais, jarras, salvas, caixas, serviços, terrinas, etc, maioritariamente para o mercado interno, embora indirectamente produza para o mercado externo. Há cerca de dois anos encetou e está a concretizar vendas directas no mercado externo. Das peças feitas na sua oficina, destaca: Cruz Paroquial feita para a cidade da Beira, Moçambique; miniatura em prata do Monumento ao Bombeiro em Barcelos; um Açor que foi oferecido ao Papa João Paulo II aquando da sua visita aos Açores; Cinzeiro para a casa Luís Ferreira (veja-se imagem 1); Pirâmide para a Caixa Geral de Depósitos, que se encontra em Lisboa na Sede da Caixa Geral de Depòsitos; Taça encomendada pela Câmara Municipal da Maia, Taça Professor Dr. Vieira de Carvalho, Oporto Tenis Cup, 1995, tamanho natural, 1,10 m, prata, peso 8 000gr (aprox.) - (veja-se imagem 2); trabalhos sob desenho e para o joalheiro Filomeno (veja-se imagem 3); e outras peças produzidas sob desenho de clientes ou da firma. Hoje quem dirige a firma é seu filho Paulo Fulgêncio, que a tem procurado desenvolver e modernizar. Nesse sentido a firma aderiu a um projecto promovido pelo Centro Português do Design, de um curso de pós-graduação em Design de Ourivesaria e Joalharia, integrado na campanha de sensibilização para o Design, com o apoio do Ministério da Economia e do PEDIP, recebendo uma designer na sua oficina. Este projecto, condu-

1- Cinzeiro em prata dourada sob desenho de Luís Ferreira

2- Taça Prof. Dr. Vieira de Carvalho, Oporto Tenis Cup, 1995.
Taça cinzelada com decoração em folhas de acanto

3- Floreira em prata. Desenho do joalheiro Filomeno

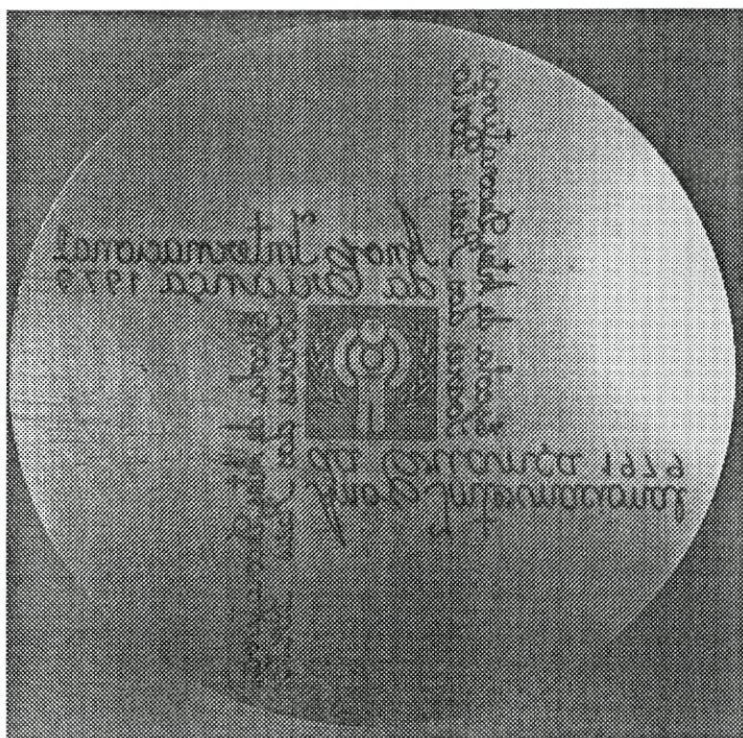
zido pelo Centro Português de Design, INFORCE, CINDOR e a Glasgow School of Art, tem como objectivos *«contribuir, de uma forma criativa, para o desenvolvimento do sector português de ourivesaria e joalharia, no respeito pela sua tradição técnica e estética.* [...] *Cabe aos designers e fabricantes um contributo fundamental para a identidade da sua própria cultura, que a criatividade subjectiva não deve perder de vista a objectividade prática e que, numa era de rápida evolução tecnológica, é prioritário que se formem designers, capazes de lançar pontes entre as necessidades estéticas e funcionais da sociedade e o potencial das novas e velhas tecnologias. Pretende-se formar profissionais capazes de exercer uma criatividade fundada na cultura, no espírito crítico, mas que não esqueçam o contexto económico, industrial e cultural em que se inserem. Profissionais licenciados (em Design e Arquitectura) que queiram especializar-se no campo do Design de ourivesaria e joalharia e dispostos a seguir carreira nesta área»* [1].

ALFREDO AUGUSTO FERREIRA DA SILVA foi aluno na Escola Industrial Faria Guimarães de 1930/31 a 1941/42 [2], onde frequentou os cursos de Gravura em Aço e de Cinzelagem. A primeira oficina onde trabalhou foi na Rua do Sol, onde aprendeu os primeiros passos do cinzel. Depois, mudou-se para a oficina de Joaquim Alecrim (que já fechou) na Avenida Fernão de Magalhães e, posteriormente, para a oficina do Mestre Recarei, na travessa da Póvoa, como cinzelador. Como nos afirmou, o mestre Recarei *«quis que fosse para a Escola Industrial Faria Guimarães porque achava que tinha jeito. Assim, depois das 6 horas ia todos os dias frequentar a escola».*

Na escola teve como professores: na cinzelagem Alves de Sousa e Custódio Lopes; na gravura Moutinho Russo e a desenho o pintor Pedro Figueiredo e o arquitecto Marques da Silva. Dos colegas da escola recorda Carlos Camarinha, gravador de talho doce (a buril - - especialidade baixo-relevo), que já era gravador quando estava a tirar o curso e que se estabeleceu depois em Espinho; Alberto Silva, gravador em talho doce que depois foi também mestre na Escola Faria Guimarães. Alfredo Silva deu-nos a conhecer que nessa altura se vivia *«uma época de crise, havia pouco que fazer e muitos dos meus colegas procuraram outros empregos. Tive colegas que tiraram o curso de cinzelador e foram para cobradores da água e da luz da Câmara».*

Continuou a trabalhar na oficina do Mestre Recarei até que acabou por se estabelecer, montando uma pequena oficina na Rua da Aliança que, posteriormente, passou para a

[1] Ofício nº 11/97 de 25 de Fevereiro de 1997 do Centro Português de Design.
[2] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 15, ano lectivo 1930/31; nº 16, ano lectivo 1931/32; nº 20, ano lectivo de 1935/36; nº 21, ano lectivo 1936/37; nº 22, ano lectivo 1937/38; nº 24, ano lectivo 1938/39 - do nº 601 ao 1141; nº 27, ano lectivo 1940/41 e nº 28, ano lectivo 1941/42, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

4 - Medalha Comemorativa do Ano Internacional da Criança, 1979.
Desenho de uma aluna da Escola Secundária Soares dos Reis, Porto.
Executada em pantógrafo plano por Alfredo Augusto Ferreira da Silva

Rua Padre Pacheco do Monte nº 323.

Das peças que realizou lembra "*a boa obra*" que fazia como cinzelador na oficina de Recarei, peças que eram compradas por Ferreira Marques, como por exemplo cangerões (canecas de prata grandes) com cachos de uvas naturais, malmequeres e espigas. Na sua oficina elaborou ainda muitos cunhos para Henrique Cruz. Depois da aposentação do Mestre Recarei em 1964, foi mestre da Escola Industrial Faria Guimarães da oficina de gravura em aço. Enquanto professor e na Escola Faria Guimarães, executou, em pantógrafo plano, a medalha comemorativa de ano internacional da criança em 1979, sob um desenho executado por uma aluna (veja-se imagem 4).

ANTÓNIO JOAQUIM PEREIRA, filho do ourives Isidro Pinto Pereira que desde 19 de Janeiro de 1931 tinha a sua própria marca e oficina na Rua de Santo Isidro nº 34, frequentou o Curso de Gravador em Aço na Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada), desde 1936/37 até 1942/43 [3], ano em que concluiu o curso. António Joaquim Pereira enquanto estudava já trabalhava na oficina do pai. Depois do curso completado continuou a trabalhar na oficina do pai que, mais tarde, passou para a Rua Campo de Paiva nº 45, onde hoje se mantém.

António Joaquim Pereira foi um bom aluno e prova disso é o prémio que o Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães lhe conferiu em 10 de Outubro de 1941, pelo seu aproveitamento na disciplina de desenho ornamental. Esse prémio foi-lhe formalmente entregue em Maio de 1942 [4].

A oficina desta família trabalhava para vários armazenistas do Porto, como David Ferreira da Silva, Rosas de Portugal; Amândio de Oliveira; Henrique Cândido Cruz; Ourivesaria Ferreira Marques na Rua de Stº António, Porto; Ourivesaria Gomes, da Póvoa de Varzim; Santos Melo, Lisboa; Duarte, Lda de Lisboa (que já fechou) e Duarte Tavares, de Lisboa; e ourivesarias como a "Ourivesaria do Porto", na Rua Sampaio Bruno, no Porto, e a "Ourivesaria Aliança", na Rua das Flores de Celestino da Mota Mesquita (que já fechou). A oficina produzia cigarreiras em ouro (era a única oficina no Porto além da Moutinho Russo a fazê-las), carteiras de senhora em tartaruga e ouro, caixas de pó de arroz, etc. A viúva de António Joaquim Pereira referiu-nos que a última cigarreira de ouro que fizeram foi para o General Spínola.

Hoje, a oficina faz objectos de prata, tais como: cigarreiras; argolas; guizos; copos;

---

[3] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 21, ano lectivo 1936/37; nº 22, ano lectivo 1937/38; nº 23, ano lectivo 1938/ /39 - do nº 1 ao 600; nº 25, ano lectivo 1939/40 - do nº 1 ao 600; nº 27, ano lectivo 1940/41; nº 28, ano lectivo 1941/42 e nº 29, ano lectivo 1942/43, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[4] De acordo com documentação que nos foi facultada pela viúva de António Joaquim Pereira, em entrevista por nós realizada no Porto, em 1996.

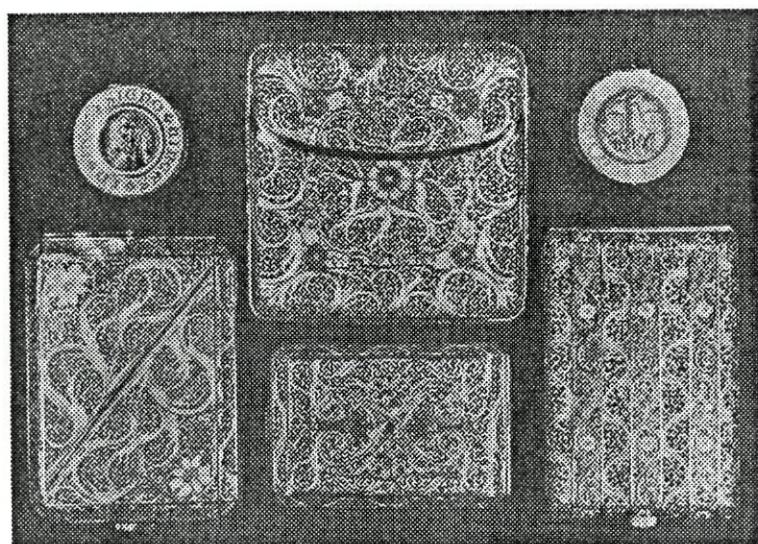
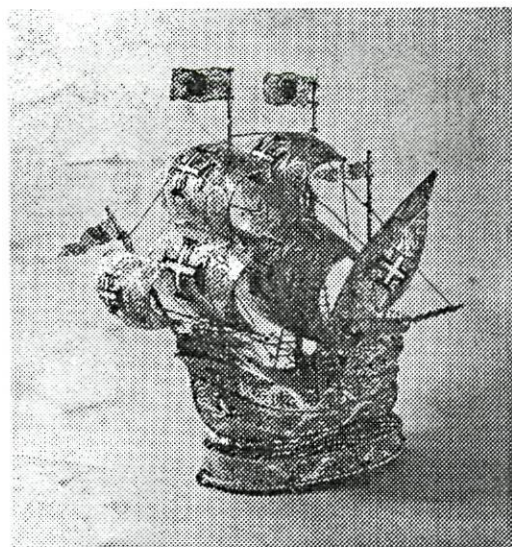
ornamentos para frascos de cristal e porcelanas; caixas de comprimidos; caixas para charutos; caixas para cigarros; placas para garrafas, etc. Na confecção de alguns destes objectos utilizam ainda parte da ferramenta do gravador Mário Recarei, que esta firma adquiriu após o encerramento da oficina daquele artista.

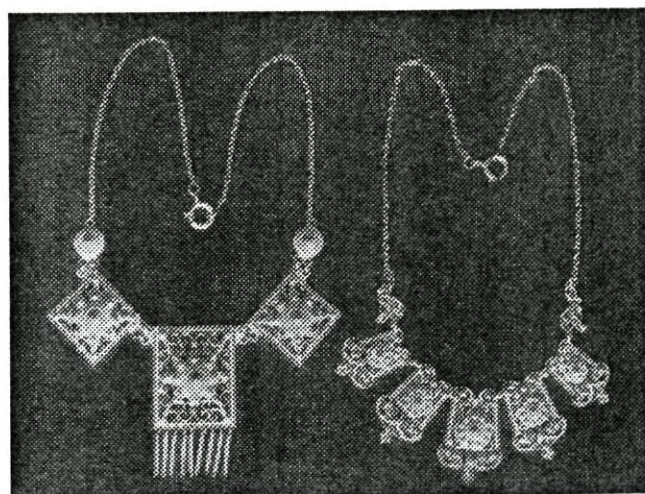
ANTÓNIO MARTINS DA ROCHA é filho do ourives Américo Martins da Rocha, que fez parte do Conselho Directivo do Grémio dos Ourives. A oficina de Américo Martins da Rocha era uma das maiores de Gondomar e ficava situada na Rua da Escola Dramática nº 168, em Valbom. Segundo António Rocha, seu pai *«tinha muita facilidade em desenhar, era muito criativo; embora nunca tenha tirado nenhum curso, chegou a frequentar, por um curto período de tempo, a Escola de Belas-Artes do Porto. Na sua oficina faziam-se peças em filigrana, como barcos rabelos, moinhos, caravelas, galos de Barcelos em ouro e esmaltados, caixas, cigarreiras, corta-papéis, colares, brincos, etc* (veja-se imagens 5, 6, 7 e 8). *Faziam-se também trabalhos em filigrana egípcia feita em prata que é um tipo de filigrana só com coraçõezinhos. Esta filigrana não era feita nas enchideiras - mulheres que trabalhavam em suas casas enchendo a estrutura da peça com o fio que elas iam cortando -, mas sim na oficina. Estas peças eram vendidas para a firma Ferreira Marques do Porto e outros trabalhos, além da filigrana, como cadeados (voltas, colares), etc».*

Joaquim de Magalhães que, na altura, se dedicava principalmente ao comércio, comprava peças de filigrana a diversos fabricantes, e possuía a patente de algumas delas, como por exemplo o barco rabelo, o moinho e a caravela. Américo Martins da Rocha produzia todos esses objectos e era o ourives que mais trabalhava para Joaquim de Magalhães.

Américo Martins da Rocha cedo entusiasmou o filho a frequentar a Escola Faria Guimarães, uma vez que se tornava necessário dispor na oficina de alguém que tivesse mais conhecimentos técnicos e artísticos para a desenvolver. António Martins da Rocha, ciente dessa necessidade e porque gostava muito da gravura em aço matriculou-se, em 1931/32, na Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada) no Curso de Gravador em Aço que terminaria no ano lectivo de 1935/36 [5]. A escolha da escola teve a ver não só com o facto de ser uma escola com prestígio, mas também porque dela tinha conhecimento directo através de seu primo Joaquim Magalhães que a frequentava.

António Rocha recorda alguns momentos da sua estadia na escola que o marcaram particularmente, como *«em 1934, a visita que fizemos à Exposição Colonial no Palácio de Cristal do Porto em 1934, conjuntamente com os alunos de uma escola de Vigo, que vieram*

[5] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 16, ano lectivo 1931/32; nº 17, ano lectivo 1932/33; nº 18, ano lectivo 1933/34; nº 19, ano lectivo 1934/35 e nº 20, ano lectivo 1935/36, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

5 - Cigarreiras em filigrana - Prata. Medalhas gravadas - Prata

6 - Caravela em filigrana e esmalte - Prata

7 - Corta-papéis com cabo em filigrana e esmalte
Prata

8 - Colares em filigrana - Prata

visitar a escola e a exposição. Mais tarde fomos nós a Vigo». Referiu-nos ainda os professores que mais o marcaram: Lauro Corado e Júlio Ramos a desenho, Alves de Sousa na cinzelagem, Alexandre Moutinho Russo na gravura e o escultor Sousa Caldas na modelação.

Embora tivesse continuado a trabalhar sempre na oficina do pai, a certa altura decidiu, a convite do Arquitecto José Moreira, dar aulas num Curso de Ourivesaria-Filigrana, que tinha aberto em Valbom, na antiga Escola Industrial Marques Leitão. Posteriormente, como a escola passou a funcionar em Gondomar e havia muito trabalho na oficina, abandonou o ensino. Contudo, em 1974, após o 25 de Abril, com a crise que se instalou no sector, decidiu concorrer ao ensino, passando a dar aulas de trabalhos manuais em escolas do ensino preparatório até se reformar, não deixando nunca de trabalhar na oficina. Por morte do pai, mudou o nome da firma para António Martins da Rocha que registou com a marca nº 1417[6]. Em 1996 acabou por fechar a firma, dado que não tinha continuadores e se tornava complicado contornar a crise existente no sector da produção de filigrana.

ARMANDO ANTÓNIO MONTEIRO PEREIRA MADUREIRA começou a trabalhar aos 12 anos na firma José de Matos Viegas, no nº 124 da Rua de S. Victor, e foi *«para a ourivesaria porque vivia numa rua onde existiam muitos ourives fabricantes, a Rua de S. Victor»*, onde permaneceu até aos 16 anos. Aos 14 anos foi trabalhar para a oficina de Artur da Rocha Rafael, na Rua Duque de Saldanha nº 12. Matriculou-se na Escola Industrial Faria Guimarães, no ano lectivo 1931/32 [7], no Curso de Cinzelagem que terminou em 1936/37. Armando Madureira referiu-se assim às dificuldades que, nessa época, tinham os aprendizes para irem regularmente às aulas: *«quando chegava a hora de ir para a escola tinha que pedir e dizer que eram horas de ir para a escola, mas eles diziam que não, obrigando a pregar obra mesmo em cima da hora de ir embora. Lá pregávamos as cacetas e tínhamos depois que chegar a casa pegar num bocado de broa e ir a correr para a escola. Ao outro dia lá íamos logo de manhã tirar a obra do branqueamento para a pôr em cima das bancas, porque às 8 horas o pessoal pegava, areávamos a obra com areia e a gamela de areia, no inverno, por vezes, estava gelada, tínhamos que partir o gelo. Era muito duro»*. Armando Madureira falou-nos dos professores que teve na escola: António Enes Baganha na modelação que rotulou de "*artista*" e depois o Escultor Sousa Caldas; a desenho geral à vista, Trindade Chagas e Júlio Ramos; a desenho de ornato, Pereira Dias e na cinzelagem, Custódio Bernardo Lopes.

---

[6] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 149.

[7] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 16, ano lectivo 1931/32; nº 17, ano lectivo 1932/33; nº 18, ano lectivo 1933/34; nº 19, ano lectivo 1934/35; nº 20, ano lectivo 1935/36 e nº 21, ano lectivo 1936/37, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

9 - Jarra em prata

Entretanto vai cumprir o serviço militar e quando vinha de licença, aproveitava para trabalhar, fazendo os desenhos que o Sr. Rafael lhe pedia: *«gostava muito de desenhar aqueles fruteiros que eram serrados, transfurados, eu punha aqueles bicos das folhas no desenho, havia um artista de ourives que serrava aquilo muito bem»*. Em Julho de 1939 acabou o serviço militar e procurou o sr. Custódio Bernardo Lopes, que muito tinha apreciado, pois era um professor que *«tinha sempre muito gosto em explicar as coisas, em ensinar»*. O seu objectivo era pedir-lhe emprego como cinzelador porque *«nessa altura, se não houvesse muito que fazer o sr. Rafael mandava os artistas para casa, por vezes trabalhávamos apenas dois ou três dias por semana e só ganhávamos os dias que trabalhávamos. Esta situação era vulgar em muitas oficinas, dada a crise que se vivia»*. No princípio de 1940 foi então trabalhar para a oficina de Bernardo Lopes, que abandonou em Junho de 1943. Em Julho de 1943 estabeleceu-se por conta própria na Rua Coutinho de Azevedo nº 18 e constituiu a firma Armando António Monteiro Pereira Madureira, com a marca nº 1338[8]. Quando casou em 1945, mudou-se para a Rua D. João IV, nº 805, onde ficou até comprar uma casa na Rua Coutinho de Azevedo nº 50, onde vive há 44 anos (desde 1952). Quando se estabeleceu, começou a trabalhar para a Ourivesaria Reis que, como nos referiu, lhe *«cedia prata, e eu fazia os desenhos. A Ourivesaria Reis queria que trabalhasse só para lá em desenho exclusivo»*. Mais tarde começou a trabalhar para Sampaio Filhos; Amândio de Oliveira; Ourivesaria Cunha; Ourivesaria Aires; Almerindo de Martins Gomes; Ourivesaria Carneiro e Ourivesaria Pomba D'Ouro. Das peças que, ao longo da sua vida, fez, recorda uma jarra, a única peça de que possui fotografia, desenhada por si para a Ourivesaria Reis (veja-se imagem 9). É uma recriação a partir do estilo D. João V e contém, como elemento decorativo, flores que foram criadas pela Ourivesaria Reis e que funcionavam como imagem de marca.

BALTAZAR MANUEL BASTOS entrou para a Escola Industrial Faria Guimarães em 1943 [9], tendo-se matriculado no Curso de Cinzelagem. Esteve dois anos sem estudar, por isso demorou sete anos a concluir o curso. Foi o aluno mais bem classificado em cinzelagem no último ano.

Teve como professores de cinzelagem Alves de Sousa e Custódio Lopes. Este, segundo nos afirmou, *«parecia que sugava o ar quando estava a trabalhar, grande artista, desenhava muito bem, modelava e cinzelava muito bem»*; a desenho à vista, o Arquitecto Emanuel Ribeiro e Herculano Figueiredo; Martins da Costa, a desenho ornamental; António

---

[8] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 141.

[9] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número do ano lectivo 1943/44 - do nº 701 ao 1048; sem número do ano lectivo 1946/47; sem número do ano lectivo 1947/48 - do nº 386 ao 770, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

10 - Taça em prata, executada por Bernardino Bastos Júnior

12 - Medalha - Danças populares

11 - Medalha - Reprodução do quadro de Leonardo da Vinci, Gioconda. Esta medalha faz parte de uma colecção de oito, intitulada "Cópias de Pinturas Célebres"

Figueiredo, a desenho de ornato, e o escultor Fernandes Gomes, a modelação. Baltazar Bastos confessou-nos que *«a cinzelagem é uma arte muito difícil, tem que se dar a pancada na altura certa e no sítio certo, na prata ou no metal senão começa-se a martelar e a desmartelar e começa a cansar a chapa, a apodrecê-la e rebenta com tudo. O cinzelador é bom quando sabe desenhar, trabalhar os metais e modelá-los, modelar seja o que for, ornato ou figura que é muito difícil. Na escola não se fazia muita figura, apenas algumas carrancas. Aos 17 anos já cinzelava bem. Comecei a cinzelar aos 13 anos, porque tinha a oficina do meu pai e ia depois para a escola e gostava muito de aprender»*.

Os colegas que recorda do seu tempo como aluno da Escola são: Manuel Francisco Carvalho, cujo pai também era ourives; Alino Azevedo, filho de José Ferreira de Azevedo, ourives com oficina na Rua de S. Victor e Manuel Alcino Figueiredo Moutinho.

O pai, Bernardino Bastos Júnior, era, nas palavras de Baltazar Bastos, *«um bom ourives, cinzelador, repuxador, fundidor, ourives de martelo, era tudo, era muito completo»* e foi também aluno na Escola Industrial Faria Guimarães de 1925/26 a 1926/27[10], o que revela uma tendência familiar na procura desta escola (veja-se família nº 81, Anexo C). A sua oficina situava-se na Rua de S. Victor nº 85-87 e encerrou em 1978. Aí, *«faziam-se pratas graúdas e o estilo mais aplicado era Renascença, embora se usasse também o manuelino e o D. João V»*. Executada na oficina do pai mostrou-nos uma peça, cópia de um modelo inglês, feita em prata com uma braçadeira em ouro (veja-se imagem 10). Esta peça foi encomendada por Ferreira Marques de Lisboa e não chegou a ser concluída. Fizeram ainda várias peças de que recorda: um caixilho para oferecer ao Papa Pio XII, através da ourivesaria Ferreira Marques, de Lisboa; um caixilho para o Café Filho do Brasil; peças únicas para Ferreira Marques, para o Ministro Santos da Cunha; caixas; um livro grande que levava pintura, feita em placas de marfim pelo pintor Seruya Torres (judeu); serviços de toilette com pinturas aplicadas; livro dos brasões. Trabalharam para a Casa Sarmento, de Lisboa, para Ferreira Marques & Filhos, de Lisboa, Ourivesaria Portugal, de Lisboa, A. de Abreu, de Lisboa. Trabalhavam também para ourivesarias do Porto, como: Ayres Joalheiro, Reis & Filhos (que era conhecido mundialmente), Machado, Ourivesaria Queiroz da Rua das Flores, entre outras.

Baltazar Bastos montou a sua própria oficina na Rua do Godim nº 385, que agora pertence aos filhos e onde produzia, como nos disse, *«pratas andadeiras»* porque *«não tinha artistas para fazer obra como o meu pai fazia»*. Na sua oficina criou e executou muitas medalhas. Entre elas destaca uma colecção de oito medalhas a que chamou "Cópias de Pinturas Célebres", constituída por Gioconda (Leonardo da Vinci), (veja-se imagem 11); Sagrada

[10] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 10, ano lectivo 1925/26 e nº 11, ano lectivo 1926/27, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

Família (Miguel Ângelo); Madona do Grão-Duque (Rafael); Idade da Inocência (Reinald); Fabíola; Madonina (Ferruci); Retrato de Francisca Sabasa (Goya) e Aguadeiro de Sevilha (Velasquez) e algumas medalhas com motivos regionais (veja-se imagem 12). Entre 1969 e 1970, produziu muitas medalhas para particulares e bancos. Concebeu e executou uma Medalha do dia da Mãe feita em 1978 com um poema de Pedro Homem de Mello, no verso; Medalha dos 200 anos de elevação de Penafiel a cidade; Medalha para a Santa Casa da Misericórdia, Lotaria Nacional. Em desabafo, disse-nos: *«o que eu gostava de ter feito era escultura e de ter tirado o Curso de Escultura nas Belas-Artes, mas não o fiz porque o meu pai não podia e o curso só funcionava de dia, o que foi um erro de Salazar que castrou muita gente»*. Além das medalhas fez outras peças: o busto do Dr. Veiga de Macedo que se encontra num jardim de Vila da Feira e outros, para particulares.

CRISTÓVÃO DA ROCHA MONTEIRO era filho de Augusto Rocha, o qual era ourives e aprendeu o ofício com David Francisco Barreira, conhecido por "Piu Galo". Trabalhou nessa oficina durante vários anos até que casou e então estabeleceu-se por conta própria e fundou a firma Augusto Rocha com a marca de contraste nº 1236 registada em 1928 e cancelada em 1966 [11]. Em 1966, a firma alterou o nome para Augusto Rocha & Companhia Lda, altura em que faz sociedade com o filho Cristóvão da Rocha Monteiro, estendendo mais tarde a sociedade a seu neto, filho de Cristóvão. A oficina da firma situa-se na Rua João de Deus nº 438 em Valbom, Gondomar e tem já 70 anos de existência.

Cristóvão da Rocha Monteiro, seguindo a tradição familiar como referimos, vai ainda jovem, no ano lectivo de 1943/44, frequentar na Escola Industrial Faria Guimarães o Curso de Gravador em Aço, que concluiu no ano lectivo de 1947/48 [12]. Na escola, os professores que mais o marcaram foram: Júlio Resende no desenho e, na gravura, o Mestre António Martins Oliveira e Costa. Dos seus colegas da escola recorda três que se tornaram sócios e abriram na Rua Anselmo Braancamp uma oficina de gravura, constituindo a firma Germano Neves e Melo, Lda, que Cristóvão Monteiro considera *«uma das firmas boas que há no Porto no campo da gravura»*.

No decorrer da entrevista que fizemos a Cristóvão da Rocha Monteiro, este afirmou-nos que na sua oficina produzem principalmente jóias em ouro e prata (veja-se imagens 13 e 14). Lembra, contudo que, há uns anos atrás, *«uma rosa em filigrana em ouro que saiu*

[11] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 131.

[12] *Livro de Matriculas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo 1943/44 - do nº 701 ao 1048; sem número, ano lectivo 1945/46 - do nº 341 ao 680; sem número, ano lectivo 1946/47 - do nº 344 ao 687; sem número, ano lectivo 1947/48 - do nº 386 ao 770. Do ano lectivo 1944/45 falta no Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis o *Livro de Matriculas* correspondente aos alunos nº 351 a 700, pelo que não foi possível confirmar esta matrícula, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

13 - Colar em ouro

14 - Colar em ouro e lápis lazúli

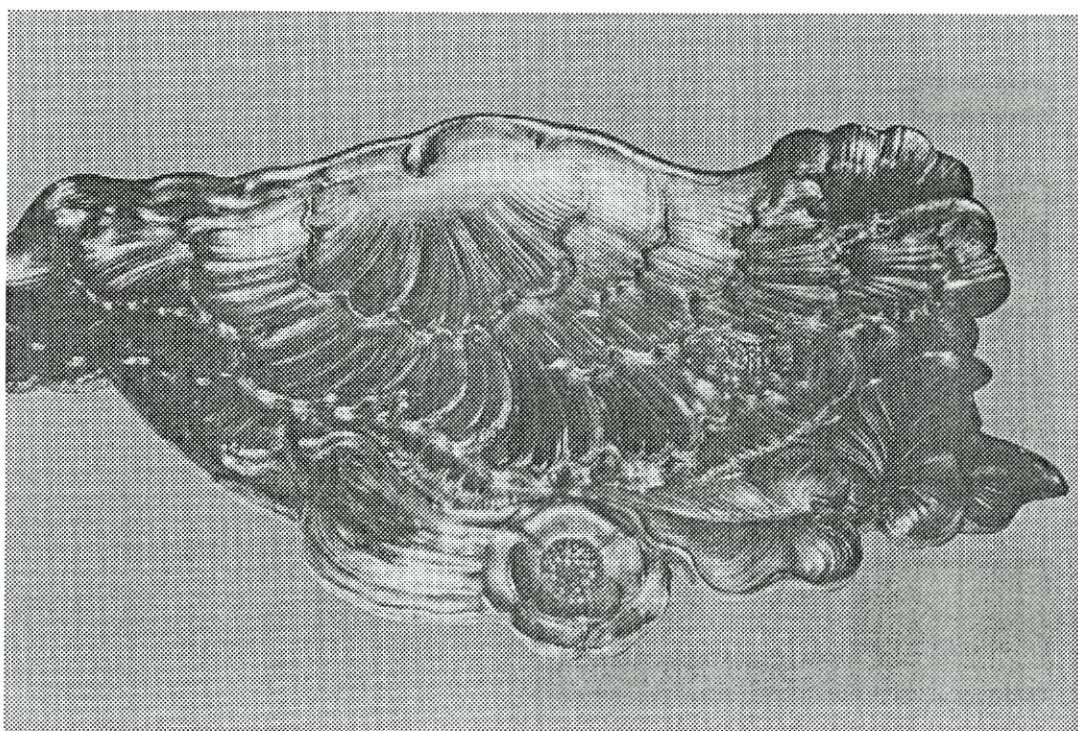
desta oficina ganhou um prémio numa exposição em Espanha. Contudo, apesar de a termos executado, ficámos no anonimato, porque os armazenistas (neste caso, os Rosas de Portugal de Gondomar) compravam os artigos e expunham-nos em feiras no estrangeiro como se fossem os seus autores e, portanto, eram eles que ganhavam os prémios. Na altura, os ourives não tinham força nem conhecimentos para contrariar estas situações e necessitavam vender a sua obra. O mesmo aconteceu a um cravo em filigrana de ouro e um ramo de violetas com esmalte que também foram para exposições».

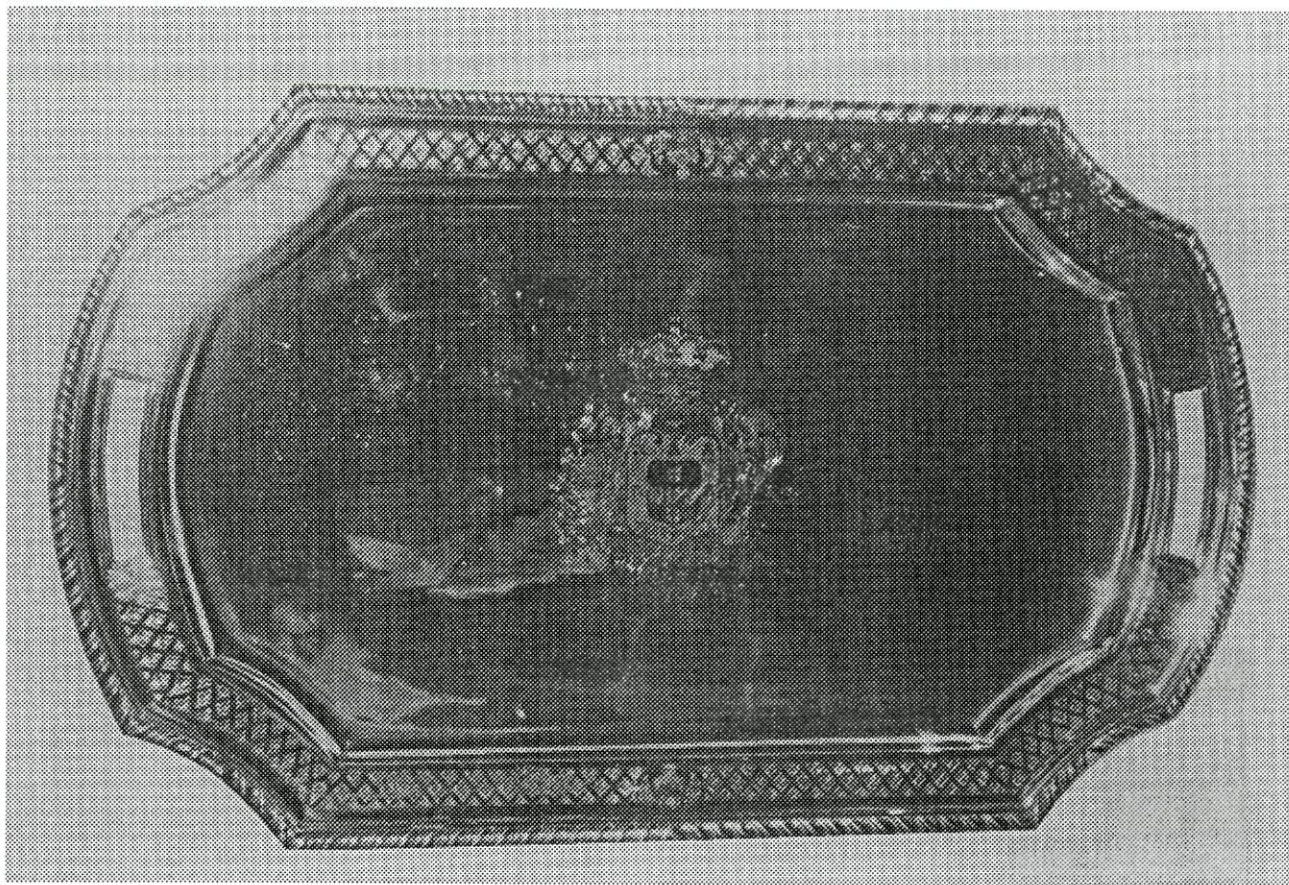
Cristóvão da Rocha Monteiro é professor na Cindor (uma escola onde se ensinam várias especialidades da ourivesaria e que pertence à Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte) desde 1985, data da sua constituição, tendo ensinado na oficina de ourivesaria e, presentemente, lecciona gravura - talho doce. Foi ainda Presidente da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte desde 1974 a 1981/82 e é considerado um dos melhores gravadores em ouro.

DAVID ALEXANDRE FERREIRA começou a trabalhar como ourives com 11 anos de idade, em 3/1/1940, na oficina de Alberto Vieira Nunes, na Avenida Fernão Magalhães nº 76. Aí trabalhou 2 anos, tendo depois passado para a oficina de Domingos Inácio dos Santos. Passado cerca de um ano, foi trabalhar para a oficina de Almeida Júnior onde esteve ano e meio. Da oficina de Almeida Júnior foi para a de David Ferreira da Silva, na Rua Gomes Freire. Aos 18 anos voltou para a oficina de Almeida Júnior, na Rua Pinto Bessa nº 233, onde permaneceu até hoje.

Foi aluno da Escola Industrial Faria Guimarães de 1943 a 1947[13], ano em que terminou o Curso de Cinzelador. Na escola teve como professores: Custódio Lopes, na oficina de cinzelagem; João Jorge Maltieira e Júlio Resende, a desenho; Sousa Caldas, a modelação (o professor auxiliar era Joaquim Fernandes Gomes que dava, normalmente, as aulas do escultor Sousa Caldas). Em jeito de lamento, David Alexandre lembra os tempos passados *«das centenas de alunos que passaram pela Fária Guimarães na ourivesaria, quantos é que estão dentro da ourivesaria? Passaram os humildes, porque aqueles que chegavam a casa e tinham um prato para comer, uma boa malga de sopa para comer e depois uma sobremesa, esses não continuavam na ourivesaria. Era um ofício muito duro. Vínhamos para a oficina e não podíamos levantar a cabeça, desde a hora que se entrava até que se saía, era uma disputa constante, uma observação daquilo que cada um estava a fazer».*

[13] *Livro de Matrículas da Escola industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo de 1943/44 - do nº 701 ao 1048; sem número, ano lectivo 1945/46 - do nº 341 ao 680; sem número, ano lectivo de 1946/47 - do nº 344 ao 687. Não se encontrou matrícula deste aluno no ano lectivo de 1944/45, dado que falta no Arquivo da Escola o livro correspondente a este ano lectivo - do nº 351 ao 700, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

15 - Caneca em prata cinzelada

16 - Concha com folhas e flores. Execução de um desenho de Almeida Júnior

17 - Conjunto de prato e terrina em prata

Prato

Terrina

Das peças por ele executadas na sua oficina salienta uma caneca gomil (veja-se imagem 15) cuja concepção foi uma adaptação sua a um desenho com menos decoração de Almeida Júnior; uma concha, sob desenho de Almeida Júnior (veja-se imagem 16); e uma terrina e prato (veja-se imagem 17). A caneca gomil que referimos esteve presente na Exposição de Ourivesaria Portuguesa, realizada no Porto, em 1949, apresentada pela Ourivesaria Ferreira Marques [14].

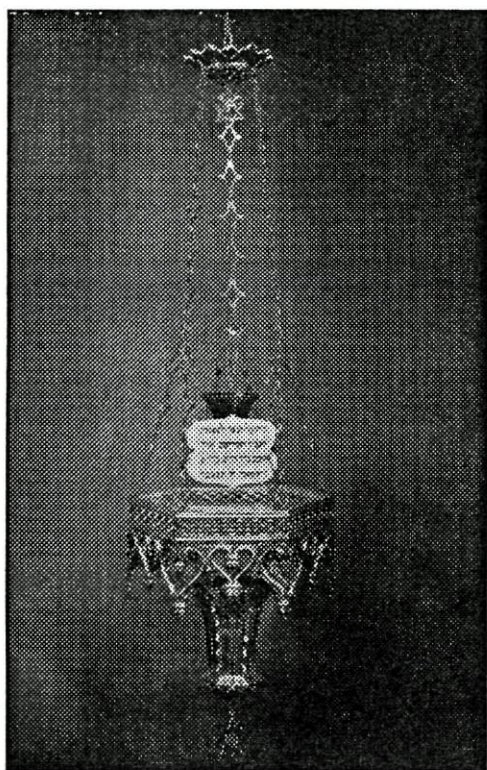
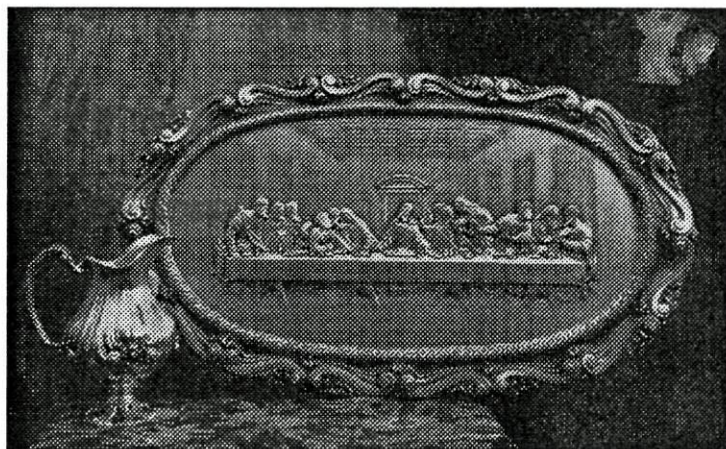
David Alexandre contou-nos que na altura da II Guerra Mundial, período em que havia pouco trabalho, a Associação dos Ourives encomendou ao senhor Almeida Júnior várias peças para lhe dar que fazer. A Associação dava a prata e na oficina executavam as peças, segundo desenhos de Almeida Júnior. Hoje, considera David Alexandre que *«a prata continua em crise, as pessoas não compram, não têm segurança em ter as peças em casa, além de que o preço por que fica cada peça é alto. As pratas estão em crise e a cinzelagem também. Há poucos artistas e pouco dinheiro, e os tempos são outros. É necessário criar condições para que esta arte não morra»*.

DOMINGOS INÁCIO DOS SANTOS nasceu a 21 de Novembro de 1903 e era filho do tecelão José Inácio dos Santos. No ano lectivo de 1917/18, matriculou-se no curso de desenho da Escola Industrial Faria Guimarães, na altura situada no Campo 24 de Agosto, nas disciplinas de geometria, desenho à vista, modelação (em barro e em cera) e cinzelagem que frequentou até 1922/23 [15].

Foram seus professores à disciplina de desenho e modelação, Silvestro Silvestri; a desenho e geometria, Emanuel Ribeiro, e a cinzelagem, António Alves de Sousa. Na escola teve como colegas Ernesto Martins de Oliveira e Costa que tinha oficina na Rua de S. Roque da Lameira e o seu irmão José, que tinha oficina na Rua de Monte Belo.

Em 1912, começou a trabalhar, como rapaz de ourives, na oficina de António Moreira Marques, na Rua de Monte Belo, onde se faziam bijuterias em prata (escovas para dentes, pentes, salvas pequenas). Teve necessidade de trabalhar cedo e um vizinho arranjou-lhe lugar nessa oficina de ourives, embora não tivesse na família ninguém ligado à ourivesaria. Nessa altura, o seu trabalho na oficina, na secção de cinzelagem, era fazer o breu, derreter o breu e pregar a obra. Domingos Inácio dos Santos explicou-nos assim em que consiste pregar a obra e cinzelá-la: *«pregar a obra é, por exemplo, pregar um prato que tem uma beira que é o que cresce e o que se prega. Enche-se o prato com o breu que é mole (o breu é*

[14] *Documentário gráfico da Exposição de Ourivesaria Portuguesa*. Revista *Ourivesaria Portuguesa*, 2º, 3º e 4º trimestres, 1949, nºs 6, 7 e 8.
[15] *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº 6, anos lectivos de 1915/16; 1916/17; 1917/18 e 1918/19 - até ao nº 61; *Livro de Matrículas da Escola de Desenho Industrial Faria Guimarães*, nº 7, anos lectivos 1918/19 - do nº 62 até ao fim; 1919/20; 1920/21 e 1921/22 - - do nº 1 ao 80; *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 8, anos lectivos de 1921/22 - do nº 81 ao 238, 1922/23 e 1923/24 - do nº 1 ao 152, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

18 - Domingos Inácio dos Santos a trabalhar no Lampadário que executou para a Igreja de Santa Luzia em Viana do Castelo

19 - Lampadário

20 - Ceia de Cristo

resina com pó de tijolo e gordura de porco), pegava-se numa tábua, o breu colava-se à tábua e para que a chapa não levantasse, pregava-se com pregos à volta e depois cinzelava--se. Cinzelar é: 1º desenhava-se o prato e com uns ferros próprios martelava-se a dar altura pela retaguarda do prato pelo desenho. Depois despregava-se, recozia-se (ia ao fogo para queimar o breu) a obra, embranquecia-se e voltava-se a pregar (utilizando o breu), agora às direitas. Ali é que se cinzelava com o cinzel mais fino e davam-se os pormenores que estavam no desenho». Aos 14 anos saiu dessa oficina e frequentava de noite a Escola Industrial Faria Guimarães e de dia trabalhava no *"Cabêdas"*, na Travessa da Póvoa.

Mais tarde, passou a trabalhar na oficina de António Coelho Ribeiro, o *"Bassouras"*, situada na Rua do Heroísmo, depois foi para a Ourivesaria Aliança, na Rua das Flores, propriedade de Celestino da Mota Mesquita (esta ourivesaria era a mais importante de Portugal e era conhecida em toda a Europa e nos Estados Unidos). Daí passou para a oficina de Manuel Almeida Júnior, que rotulou de *"grande artista"*, conhecido pelo Manuel Coveiro, na Rua Pinto Bessa e finalmente foi para a oficina de José Pereira Reis, na Rua António Carneiro nº 69, onde, segundo nos afirmou, *«se faziam obras muito boas, e se trabalhava para casas muito boas de Lisboa, como Leitão & Irmão e Sarmento».*

Com um seu colega de trabalho da oficina de José Pereira Reis, José Ferreira de Azevedo, mais conhecido por *"Zé Pica"*, montou uma oficina em sociedade, tendo comprado a antiga oficina de Carlos Caetano, que se situava na Rua S. Dionísio nº 8, no Porto. Mais tarde, ficou com a oficina só para si e em 22 de Novembro de 1935 fundou aí uma firma de ourivesaria de prata, chamada Domingos Inácio dos Santos, que registou com a marca nº 1666 [16]. Essa oficina *«chegou a ter 40 operários, chegava a fazer dois faqueiros por semana»*. Dos trabalhos que fez referiu-nos o Lampadário que está na Igreja de Santa Luzia, em Viana do Castelo, uma encomenda do senhor José Rosas da Rua das Flores, que pesava 70 Kg (veja-se imagem 18) e o Sacrário da Igreja dos Congregados. Executou também peças para exportação, especialmente lampadários e candelabros para Mesquitas em Marrocos (veja-se imagem 19). Mostrou-nos ainda uma ceia de Cristo (veja-se imagem 20). Em 1960, devido a uma grande crise de trabalho no ramo da ourivesaria, *«fui obrigado a mudar a actividade e, então, os meus filhos, que frequentaram a Escola Faria Guimarães e já estavam formados, resolveram dedicar-se à fabricação de medalhística»*. Assim, em 1963, instalam uma secção de medalhística, sendo esta firma a pioneira no ramo, no norte do país, nascendo assim a Medalhística Disart. Todavia continuou a existir a firma Domingos Inácio dos Santos que, em Agosto de 1968, se passou a designar por Domingos Inácio dos Santos

---

[16] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 174.

& Filhos, Lda com a marca nº 3604 [17]. Domingos Inácio dos Santos referiu-nos que foi sua preocupação, ao longo da vida, incentivar quer os seus artífices quer os seus filhos (veja-se família nº 212, Anexo C) a frequentarem a Escola Industrial Faria Guimarães, por considerar essa formação fundamental.

Apesar de em 1985 ter feito uma oficina nova maior, situada na Rua Lameira de Baixo, nº 278, em S. Roque da Lameira, continuou com a oficina da Rua S. Dionísio. Da Disart saem poucas medalhas cunhadas por sua própria iniciativa. A quase totalidade da produção destina-se a editores e autores que lhe encomendam a execução das suas obras. Pelas mesas de trabalho da Disart passaram modelos e medalhas de muitos dos nossos melhores autores contemporâneos, nomeadamente Cabral Antunes, Irene Vilar, José Rodrigues, Manuel Nogueira, Rogério de Azevedo, Manuel Inácio, Manuel Dias, Gustavo Bastos, Armando Alves, Isolino Vaz, Luciano Inácio e Domingos Inácio dos Santos e tantos outros [18].

Hoje, com 93 anos, dedica-se à modelação de figuras em gesso (ministros, escritores, sacerdotes, etc).

FERNANDO VIDAL PEREIRA trabalhou desde cedo com seu pai, Mário Pinto Pereira que constituiu sociedade com o irmão Isidro Pinto Pereira, fundando a firma Isidro Pinto Pereira & Irmão. No ano lectivo de 1939/40, matriculou-se no Curso de Cinzelagem da Escola Industrial Faria Guimarães que apenas frequentou até meados do ano lectivo de 1940/41[19], porque seu pai entretanto faleceu - tinha ele 13 anos -, e a firma ficou a pertencer apenas a seu tio, passando, como nos disse, de *«patrão a empregado»* .

Aos 30 anos deixou de trabalhar na firma do tio e estabeleceu-se, constituindo a firma Fernando Vidal Pereira que, logo depois, foi alterada para Fernando Vidal Pereira, Lda com a marca nº 3655[20]. O primeiro local em que montou a sua oficina foi num barraco pequeno nas traseiras da casa que tinha sido do seu pai, na Travessa do Campo de Paiva nº 45. Depois passou para a Rua das Cavadas e, finalmente, para o local que hoje ocupa, na Rua Santo António de Contumil nº 606.

Da sua curta permanência na escola que ainda hoje lamenta, dado *que «gostava muito de desenho, de modelação e das aulas de oficinas»,* recorda alguns professores que o marcaram, como foi o caso do professor de desenho Arquitecto Emanuel Ribeiro, pelo qual nutria grande admiração, o Escultor Sousa Caldas na disciplina de modelação e na cinzela

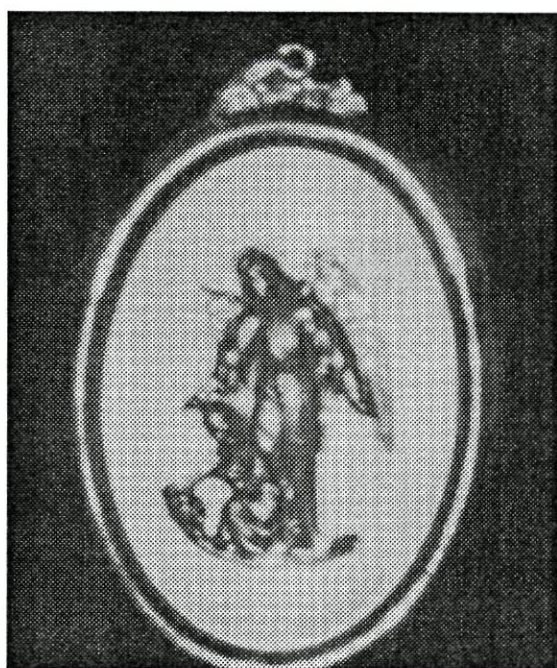
---

[17] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 370.

[18] O *Jornal (Ilustrado)* Suplemento de O Jornal. 601, 29 Agosto 1986.

[19] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 25, ano lectivo 1939/40 - do nº 100 ao 600; nº 27, ano lectivo 1940/41, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[20] VIDAL, Manuel Gonçalves - *op. cit.*, p. 375.

21 - Medalha em prata para berço de criança

22 - Medalha em prata para berço de criança

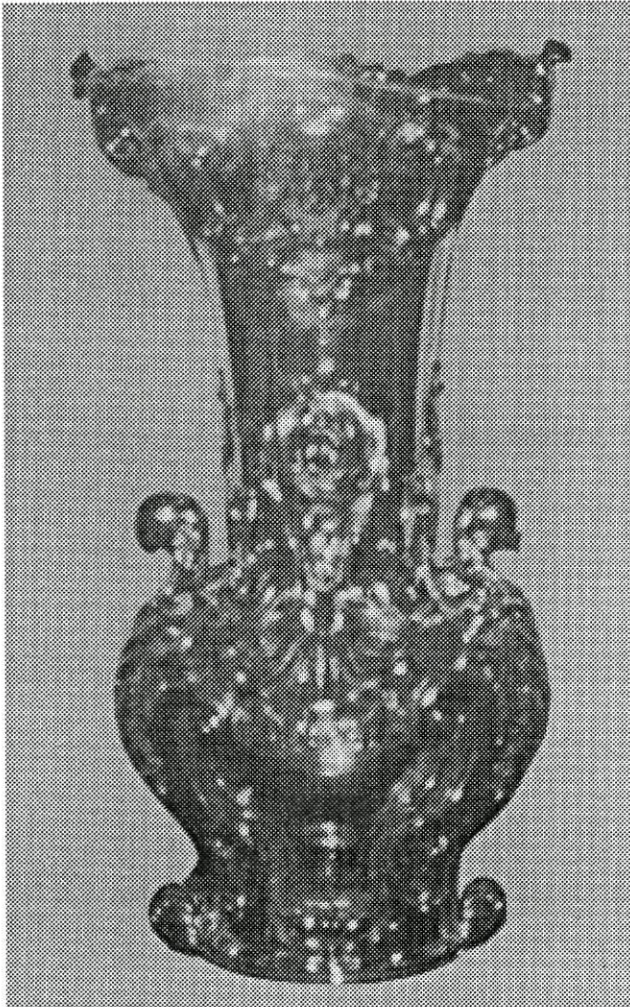
23 - Copo em prata

gem, os mestres Alves de Sousa e Custódio Bernardo Lopes.

Quando se estabeleceu, Fernando Vidal Pereira começou *«por fazer dedais, que só se faziam no Moutinho Russo, mas que, nessa altura, já estava em decadência. A ferramenta para executar os dedais era muito difícil de fazer. Tudo quanto o Moutinho Russo fez, nunca ninguém fez nem fará. Era de uma perfeição muito grande, era uma obra extraordinária, muito mecanizada, tudo quanto havia de moderno. Teve 7 filhos e teve visão para os mandar lá fora especializarem-se. E eram todos grandes artistas. Chegou a ter 60 a 70 empregados, tudo gente dali de Stº Isidro»*.

Falando-nos do trabalho que executa, argolas, medalhas de berço (veja-se imagens 21 e 22), copos (veja-se imagem 23), chaveiros, placas de automóveis, etiquetas para garrafas, etc., reconhece que a sua obra *«dentro daquilo que se fabrica também é do melhor que se faz, em termos de perfeição, mas está muito longe daquilo que se fazia no Moutinho Russo, nem para lá caminha»*. Fernando Vidal Pereira fez muitos trabalhos para a firma Ferreira Marques.

Após o 25 de Abril registou-se uma crise e começou a fabricar objectos em casquinha que vendia para exportação. Confessou-nos ser um homem que gosta de preparar ferramentas e fazer peças diferentes. Contudo referiu-nos, com certa mágoa, *«perco tanto tempo a fazer uma coisa antes de a lançar; se a for lançar cá para fora e se tiver êxito cai-me logo tudo em cima, começam logo a copiar, por isso agora não mando mais nada cá para fora, não vale a pena tanto trabalho para depois as pessoas copiarem»*.

FRANCISCO MANUEL DA CRUZ FERREIRA MARQUES - O fundador da firma, Manuel José Ferreira Marques, foi empregado numa oficina de ourivesaria de ouro e tornou-se ourives de ouro, montando, quando casou, uma pequena oficina em S. Cosme, Gondomar, onde fabricava algumas peças em ouro. Nessa altura, como nos referiu o sr. Silvestre Ferreira Marques, *«Manuel Marques apercebeu-se que os 'lateiros' de Cantanhede vinham ao Porto comprar o ouro, uma vez que no Porto os ourives o vendiam mais barato. Como sabia desta situação, Manuel José Ferreira Marques falou com os ourives de Mira, Febres, Cantanhede e disse-lhes que ia lá levar o ouro nos dias 5, 6, 19 e 20 de cada mês à Pensão Laranjeiro, em Cantanhede, e assim eles podiam comprar sem gastar dinheiro na deslocação ao Porto. Isso resultou durante algum tempo, mas depois começaram a ir todos os ourives do Porto lá. Os 'lateiros' eram lavradores que, no tempo em que o trabalho no campo não era tão apertado, iam junto dos pequenos fabricantes de ourives, comprar alguns objectos. Nessa época havia poucos ourives e a maior parte deles eram também comerciantes: tinham a sua oficina com uma pequena montra onde vendiam algumas peças. Os ourives vendiam algumas pe*

24- Jarra em prata cinzelada

ças a esses agricultores que dispunham de uma bicicleta e colocavam atrás da bicicleta uma lata onde guardavam o ouro e iam junto dos agricultores com mais possibilidades vender o ouro: anéis, cordões, etc. Porque traziam a lata eram chamados de 'lateiros'. Hoje, em Cantanhede, ainda existem alguns 'lateiros'».

Os dois rapazes, filhos de Manuel José Ferreira Marques, Silvestre Gomes Ferreira Marques e Américo Gabriel Gomes Ferreira Marques, trabalhavam com o pai, em Gondomar. Mais tarde, Manuel Ferreira Marques comprou uma casa e passou a viver na Rua do Heroísmo, no Porto, onde tinha também escritório e oficina. Quando faleceu, os filhos ficaram a gerir a firma e deram-lhe um grande desenvolvimento. Silvestre Gomes Ferreira Marques trabalhava em ouro e Américo Gabriel Gomes Ferreira Marques que, segundo Silvestre F. Marques, *«era um homem com ideias muito largas para a época, dividiu a empresa em quatro sectores independentes para conservar a firma como firma familiar,criando: um sector da fábrica de jóias, onde ficou como responsável o seu filho Gabriel; um sector de pratas onde ficou o filho do seu irmão Silvestre também chamado Silvestre; o sector do ouro onde ficou o irmão Silvestre Gomes Ferreira Marques e um quarto sector de miudezas (artigos de adorno em prata) onde ficou seu filho Francisco Manuel Ferreira Marques e deu a cada sector a mesma quantidade de dinheiro. As firmas familiares são óptimas se a família se convencer que é uma firma e pode haver sócios que devem, pelas suas capacidades, trabalhar na firma e outros que não têm essas capacidades. E o que tem ocorrido em algumas das que foram grandes firmas de ourivesaria e que hoje estão a desaparecer é exactamente não terem compreendido essa situação. Exemplo disso é a firma 'Rosas de Portugal' que está em decadência. Há lugar para todos os filhos mas desde que trabalhem e não pensem que, porque são sócios, podem não fazer nada».*

Américo Gomes Ferreira Marques, como nos afirmou Silvestre Marques, procurava sempre contratar bons operários para cada uma das secções, *«como foi o caso do Juliano Duarte Dias e seu filho Juliano Inácio Pereira Dias bons cinzeladores, para a secção das pratas, e do gravador Mário Recarei, um grande artista, a quem solicitou colaboração».*

Américo Gabriel tinha a percepção de que era necessário inovar a ourivesaria e introduzir novas tecnologias. Nesse sentido contratou, nos anos 50, professores alemães com formação no domínio do desenho e das tecnologias ligadas à ourivesaria, a quem o Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte pagava para darem aulas aos alunos que frequentavam a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis.

Embora já existissem Associações da Classe foi Américo Gabriel Ferreira Marques que criou, em 1942, o Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte, uma vez que a classe dos ourives passava um período de muitas dificuldades, tendo assumido a sua direcção. Na

qualidade de presidente da direcção do grémio promoveu uma vasta acção social: organizou uma cooperativa, uma cantina, uma colónia balnear na Foz para os filhos dos ourives, pagava as despesas de internamento em sanatórios aos ourives que sofriam de tuberculose; criou o Jornal *Diário do Norte*; promoveu a edição em fascículos do livro "Fátima, Altar do Mundo". Abandonou a direcção do grémio após o 25 de Abril.

Seu filho, Francisco Manuel da Cruz Ferreira Marques, frequentou a Escola Industrial Faria Guimarães desde o ano lectivo 1938/39 até 1942/43[21], não tendo contudo concluído o Curso de Cinzelador em que se matriculou. Francisco Manuel da Cruz Ferreira Marques foi, após o 25 de Abril e durante vários anos, Presidente da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte e exerceu ainda a função de Cônsul do México.

A firma Ferreira Marques apesar de ter oficina própria dedica-se principalmente à comercialização como se pode verificar pelas entrevistas feitas, exporta para muitos países da Europa (Itália, Alemanha), tem vários agentes nos EUA. Para os EUA a firma fez trabalhos para o Metropolitan Museum de Nova York e para a Casa Tiffany. Trabalha ainda muito para os judeus. Das peças saídas desta firma apenas nos foi possível fotografar uma jarra cinzelada (veja-se imagem 24).

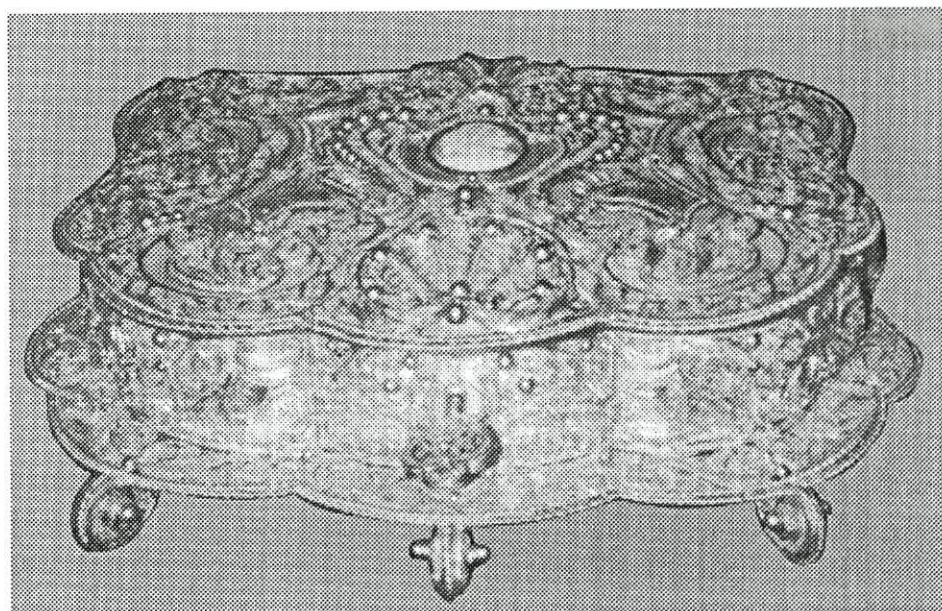
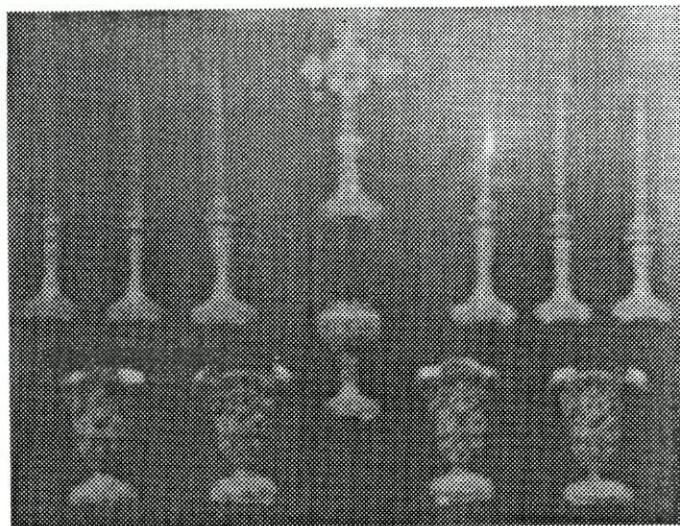
JOAQUIM ANTÓNIO SOUSA MAGALHÃES, proveniente de uma família de ourives, frequentou a Escola Industrial Faria Guimarães desde o ano lectivo de 1929/30 até 1934/35 inclusive [22] tendo concluído o Curso de Gravador. Joaquim António Sousa Magalhães nutria um carinho muito especial pela Escola Faria Guimarães, pelos professores e pelos colegas. O Dr. António Magalhães, seu filho, disse-nos que o pai *«tinha uma saudade imensa da escola, um carinho, o que aliás é comum a quem passou por aquela escola, não sei qual era o tipo de marca que a escola deixava, mas deixava»*.

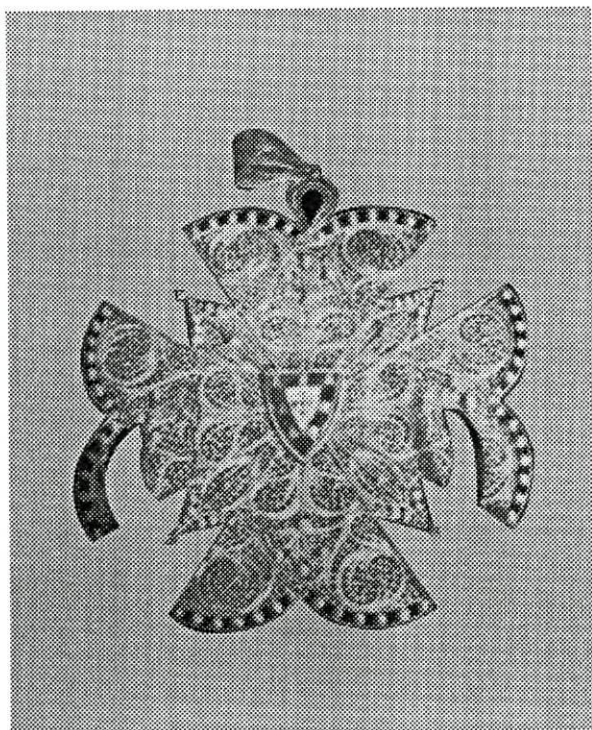
Como já referimos, Joaquim António Sousa Magalhães pertencia a uma família com larga tradição na ourivesaria. A revista Ourivesaria Portuguesa refere-se nos termos seguintes a seu avô, Joaquim António de Magalhães: *«nascido em Valbom, Gondomar, grande centro fabril de ourivesaria, foi ourives como já era também seu pai. Desde muito novo começou revelando grandes aptidões artísticas e estabeleceu-se aos 25 anos na pujança de toda a sua energia construtiva e criadora. Dedicou-se e especializou-se nas características filigranas às quais deu grande desenvolvimento. Começou pela conhecida obra de granitos,*

---

[21] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, nº 26, ano lectivo 1939/40 - do nº 601 ao 1241; nº 27, ano lectivo 1940/41; nº 28, ano lectivo 1941/42 e nº 29, ano lectivo 1942/43, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[22] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 14, ano lectivo 1929/30; nº 15, ano lectivo 1930/31; nº 16, ano lectivo 1931/32; nº 17, ano lectivo 1932/33; nº 18, ano lectivo 1933/34 e nº 19, ano lectivo 1935/36, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

25- Peixe em filigrana de prata e esmalte

26- Caixa para jóias em filigrana com camafeu

27- Conjunto de peças em prata lisa, recoberta a filigrana e pedras

Pormenor

28- Cruz em filigrana e esmalte

brincos de fuso, etc, terminando por notabilizar-se em filigranas com aplicações em esmalte, tirando patente de invenções em alguns artigos desta especialidade. Morreu em 1925 com 59 anos. Foi várias vezes Juiz de Paz e por duas vezes teve a seu cargo a administração do seu concelho» [23].

Joaquim António de Magalhães fundou a sua firma/oficina em 1890 dedicando-se, como vimos, à filigrana em ouro e prata. Da sua autoria é um peixe feito em filigrana e esmalte, combinação por ele desenvolvida, feito em 1910 (veja-se imagem 25). Entre as peças que criou e cuja patente industrial registou, destaca-se o conhecido Barco Rabelo feito em filigrana e esmalte. Posteriormente, e no tempo do filho, António Sousa Magalhães, a oficina fabricava, além da filigrana, outro tipo de objectos em prata.

Depois de concluir o seu curso na Escola Industrial Faria Guimarães, Joaquim António Sousa Magalhães vai trabalhar na oficina do pai, António Sousa Magalhães, e procura dar à firma um novo incremento. Assim, além de continuar a ter em funcionamento a sua oficina, e como nos afirmou o Dr. António Magalhães, «*começa também a trabalhar como grossista, estabelecendo contactos com pequenas oficinas, umas apenas com um ou dois empregados, outras maiores que trabalham exclusivamente, ou quase exclusivamente, para ele. Essas oficinas recebiam dele a prata, o ouro, as ferramentas (no caso da filigrana não existiam ferramentas) e os desenhos e executavam as peças. Os acabamentos das peças eram feitos na oficina de Joaquim António Sousa Magalhães, a fim de permitir uma uniformidade na qualidade dos produtos elaborados»*.

Hoje, e segundo nos informou o Dr. António Magalhães, continua a funcionar nos mesmos moldes, sendo o número de pequenas oficinas que trabalham para a firma Joaquim António S. Magalhães & Ca, Lda de 32. Paralelamente ao desenvolvimento já descrito, Joaquim António S. Magalhães iniciou também a via da exportação. As primeiras exportações fizeram-se para a Argentina que na época era um bom mercado e depois para o Brasil. Depois dos anos 50 começaram a exportar para os EUA e actualmente fazem-no para a Europa. Primeiro começaram por conquistar mercado na Finlândia, depois passaram para a Suécia, Noruega e Dinamarca, e há cerca de três, quatro anos começaram a trabalhar para Espanha.

O Dr. António Magalhães realçou das peças elaboradas pela firma: uma caixa para jóias em filigrana, que hoje pertence ao Museu Privativo da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte, e umas feitas há cerca de vinte anos para uma capela de uma casa particular em Leça da Palmeira em prata lisa, recoberta a filigrana e com pedras (veja-se imagens 26 e 27). Mostrou-nos ainda muitas outras peças entre as quais salienta-

[23] *Ourivesaria Portuguesa*. Ano 1: 3, 31 Maio 1931.

mos uma cruz em filigrana e esmalte (veja-se imagem 28).

JOSÉ FERREIRA ALVES, filho do ourives Jaime Ferreira Alves que era sócio da firma Silva Alves & Pimenta, na Rua Barros Lima, nunca trabalhou na oficina do pai, porque este entendia que, sendo uma sociedade em que os outros sócios também tinham filhos, seria melhor não trabalhar ali. José Ferreira Alves referenciou-nos o pai como um bom cinzelador, *«um homem que trabalhava muito bem»*.

José Ferreira Alves, quando frequentava ainda a escola primária, trabalhou no período de férias na oficina de Filipe José Bandeira. Depois da escola primária matriculou-se na Escola Faria Guimarães no ano lectivo de 1940/41 e aí estudou até 1945/46[24], não tendo completado o Curso de Cinzelador, uma vez que lhe faltava concluir as disciplinas de francês e matemática do 2º ano. Quando se matriculou na Escola Faria Guimarães, começou a trabalhar na oficina de Custódio Bernardo Lopes. Nos dois primeiros anos estudava de dia e trabalhava na oficina à noite, depois passou a estudar à noite e a trabalhar durante o dia.

Do tempo que passou na escola, recorda alguns dos professores que mais o marcaram: os mestres Alves de Sousa e Custódio Bernardo Lopes na cinzelagem, no desenho Emanuel Ribeiro e Agostinho Salgado, na modelação Sousa Caldas e Domingos Enes Baganha.

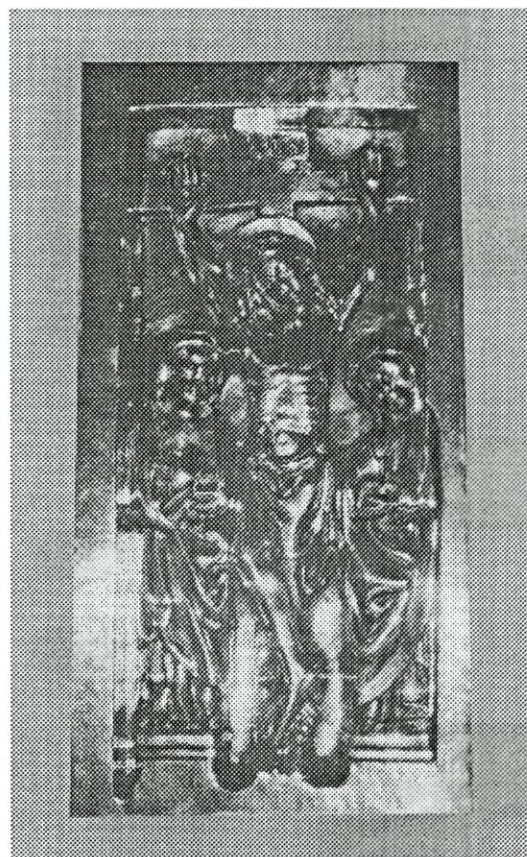
Trabalhou durante um tempo na oficina de Custódio Bernardo Lopes, mas este começou a ter problemas de visão e teve que fechar a oficina, passando, por isso, para a oficina de José Martins de Meireles, onde esteve 10 anos. Esta oficina produzia baixelas, faqueiros e executava muitas taças desportivas. Das peças aí feitas recorda uma taça, feita por si e por José Martins de Meireles, comemorativa da inauguração do Estádio das Antas (veja-se imagem 29). Entretanto, *«por volta de 1960, uma grande crise abateu-se sobre aourivesaria obrigando os operários a trabalharem apenas três dias por semana. ComoJosé Domingues Vaz tinha sido meu colega de infância, colega na Escola Faria Guimarães e colega de trabalho na oficina de Custódio Bernardo Lopes, eu passei a trabalhar três dias na oficina de José Martins de Meireles e os outros três dias na oficina de José Domingues Vaz»*. Quando a oficina do sr. Meireles fechou, passou a trabalhar só na oficina de José Domingues Vaz, o qual trabalhava exclusivamente para a Ourivesaria Baptista; na sua oficina foi feita uma fruteira, oferecida ao Almirante Américo Thomaz.

---

[24] *Livro de Matriculas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 27, ano lectivo 1940/41; nº 28, ano lectivo 1941/42; nº 29, ano lectivo 1942/43; *Livro de Matriculas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo 1943/44 - do nº 701 ao 1048; *Livro de Matriculas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada*), sem número, ano lectivo 1945/46 - do nº 341 ao 680. Não foi possível encontrar o seu registo de matrícula no ano lectivo de 1944/45 uma vez que não se encontra no Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis o *Livro de Matriculas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)* relativo a esse ano lectivo dos alunos com os números 351 a 700, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

29- Taça comemorativa da inauguração do estádio das Antas feita na firma José Martins de Meireles, Sucessores.

30- Terrina em prata. Peça cinzelada por José Ferreira Alves, para a ourivesaria Baptista

31- Prato esmaltado. Reprodução de um prato austríaco renascença. O trabalho de cinzelagem é de José Ferreira Alves e o de esmalte de Fernando Lhano. Esta trabalho foi executado para a ourivesaria Baptista

32 - Crucificação em prata cinzelada por José Ferreira Alves para a ourivesaria Baptista

Quando saiu da oficina de José Domingues Vaz, José Ferreira Alves foi *«trabalhar para a firma de J. Braga que tinha vindo de Lisboa e tinha adquirido a oficina que tinha pertencido a Filipe José Bandeira, em D. João IV. Fez-me uma proposta muito boa e saí do sr. Vaz, e fui como encarregado para essa firma. Quatro anos depois do 25 de Abril a oficina entrou em crise e estive uns meses sem receber ordenado. Acabei por abandonar a firma e, como existia uma crise muito grande, fui trabalhar quatro anos numa cooperativa de vidros. Depois a situação política e económica alterou-se e o sr. Pedro Baptista, que conhecia as peças que realizei no José Domingues Vaz, foi buscar-me para trabalhar na Ourivesaria Baptista, onde estive quinze anos até à idade da reforma»*.

José Ferreira Alves recorda algumas das peças que executou no período em que trabalhou para a Ourivesaria Baptista: um busto do sr. Alberto Baptista, pai de Pedro Baptista, que fez em 1968 na FIL em Lisboa; uma terrina (veja-se imagem 30); uma pomba, que foi oferecida a Emelda Marcos quando esta veio a Portugal (O sr. Pedro Baptista era nessa altura Cônsul nas Filipinas); Imagem de St° António (da qual foram executadas apenas duas imagens, uma das quais pertence ao General Ramalho Eanes); prato esmaltado, reprodução de um prato austríaco renascença, esmaltado por Fernando Lhano (veja-se imagem 31); Descida da Cruz ou Crucificação (veja-se imagem 32); baixela oferecida, pelos monárquicos do Porto, a D. Duarte Nuno quando casou e a baixela da Viscondessa de Botelho.

José Ferreira Alves nunca se estabeleceu, embora tivesse tido vários convites por causa «do *problema da arte que tem altos e baixos, via as dificuldades e nunca quis assumir, preferi ser empregado, tive bons mestres e trabalhei para boas oficinas»*.

José Ferreira Alves chegou a ser convidado por Joaquim Martins de Meireles, quando este estava para se aposentar do seu cargo de professor de cinzelagem na Escola Secundária Soares dos Reis (ex-Faria Guimarães) para ir dar aulas nessa escola, uma vez que o conhecia como artista e como pessoa e sabia o seu valor; contudo, *«como não tinha o curso completo não pude ir. O sr. Meireles ficou decepcionado»*.

JOSÉ LEITE FONTES AGUIAR frequentou, a partir de 1939, na Escola Industrial Faria Guimarães o Curso de Habilitação às Escolas de Belas-Artes. Durante a frequência desse curso recebeu, em 1940, um prémio por um desenho do Infante D. Henrique, trabalho que apresentou integrado no Centenário de 1640. Também concorreu a um outro concurso, a nível nacional, com um desenho que lhe valeu um diploma de menção honrosa. Seu pai, Joaquim José Fontes de Aguiar, era industrial de ourivesaria com oficina na Rua de Lindo Vale n° 162. Enquanto estudava na Faria Guimarães, fazia trabalhos na oficina do pai, sendo necessário, a certa altura, que trabalhasse durante o dia na oficina. Assim, e como o curso que

frequentava na Faria Guimarães não existia à noite, pediu transferência para a Escola Comercial Oliveira Martins, onde concluiu um Curso Comercial de Contabilidade, cumprindo assim o desejo de seu pai, ser portador de um curso. Enquanto frequentou o Curso de Habilitação às Escolas de Belas-Artes foram seus professores, na Escola Industrial Faria Guimarães, os pintores Heitor Cramez, Pedro Figueiredo, Guilherme Camarinha e o arquitecto Marques da Silva. Mais tarde, *«quando já tinha 25 anos, como a minha tendência artística se continuava a manifestar, fui à Escola Faria Guimarães e pedi ao então director escultor Sousa Caldas autorização para frequentar como assistente o curso de gravador em aço, o que veio a acontecer»*. Nessa altura, teve como professor de gravura o mestre Mário Recarei que considerava um artista - *«retocava a gravura a cinzel, dando um realce extraordinário às formas»* - e a desenho o professor Coelho de Figueiredo.

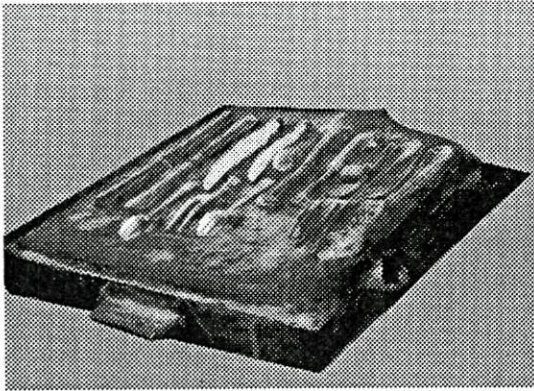
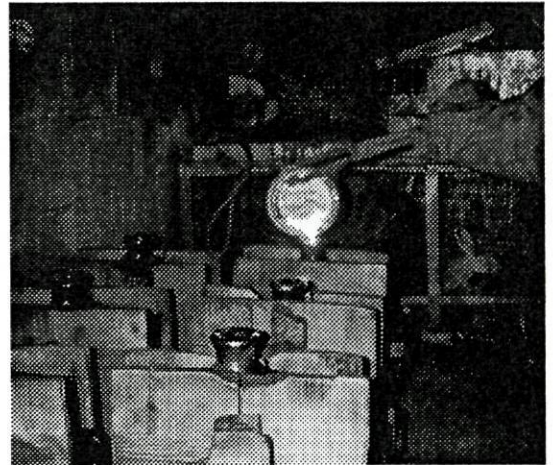
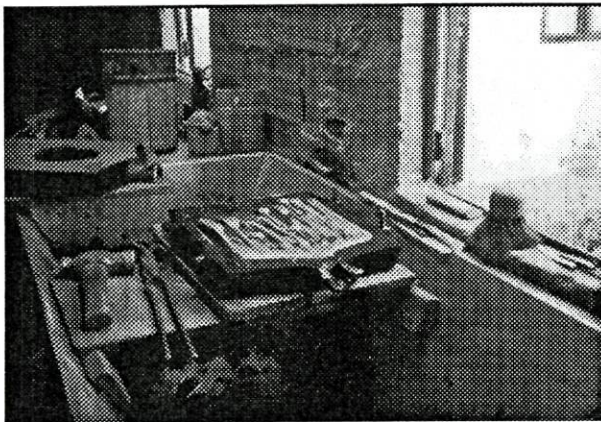
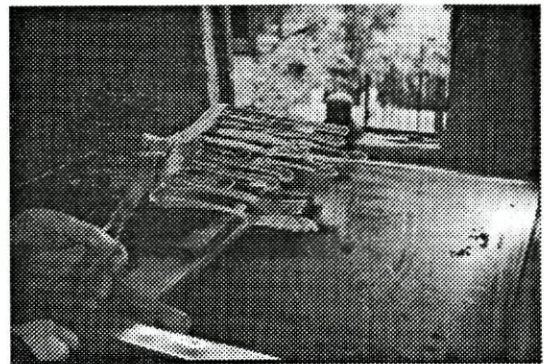
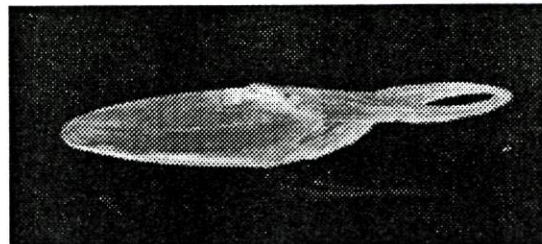
Trabalhou sempre na oficina do pai como ourives, embora *«de vez em quando gravasse algumas peças mais interessantes»*. A oficina do pai, onde se trabalhava só em ouro, produzia, principalmente, para exportação, embora também produzisse para o mercado nacional. Exportava para os Países Nórdicos, Suíça, Alemanha e para os Estados Unidos da América.

JOSÉ LINO DA ROCHA quando terminou a escola primária foi trabalhar para a oficina do pai, que também se chamava José Lino da Rocha, inicialmente instalada na Travessa da Póvoa, depois na Travessa de Santo Isidro e, finalmente, na Rua Central da Corujeira. O pai *«tinha só a 3ª classe e por ele eu nunca teria ido estudar, foi a minha mãe que insistiu para frequentar a Escola Industrial Faria Guimarães»*. Assim, e continuando a trabalhar durante o dia na oficina do pai, começou no ano lectivo 1943/44 a frequentar, na referida escola, à noite o Curso de Cinzelador até ao ano lectivo 1945/46 [25] inclusive. No entanto, não terminou o curso, o que hoje lamenta. Mas como reconhece a vida era difícil: *«tinha as aulas à noite e quando chegava muitas vezes ainda vinha cinzelar, porque era o único que sabia cinzelar na oficina»*.

A certa altura incompatibilizou-se com o pai e foi trabalhar, durante cerca de três ou quatro anos, para a oficina do sogro, Artur Tavares da Rocha, que ficava situada na Rua Barão de S. Cosme. Depois estabeleceu-se, fundando a sua própria firma de nome José Lino da Rocha com marca de contraste nº 3796 [26], cuja oficina se situava na Rua da Alegria.

---

[25] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo 1943/44 - do nº 701 a 1048; sem número, ano lectivo 1945/46 - do nº 1 a 340. Não foi possível confirmar a sua matrícula no ano lectivo 1944/45 uma vez que não existe no Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis o *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)* referente ao ano lectivo 1944/45 dos alunos cujos números estão compreendidos entre o 351 e o 700, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[26] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 388.

33 - Etapas do processo de fundição de talheres em prata

1ª Étapa: enche-se as duas caixas de moldar com areia, bate-se bem a areia e colocam-se os moldes em cada uma delas. Juntam-se as duas metadas (caixas de moldar) e apertam-se bem com duas placas de madeira. Seguidamente poêm-se pesos para que os moldes fiquem marcados na areia. Separam-se cuidadosamente as duas caixas,retiram-se os moldes e fazem-se os canais de alimentação e de vazamento.

2ª Étapa: Juntam-se novamente as duas caixas, (metades), apertam-se bem e procede-se ao vazamento da prata fundida.

3ª Étapa: Depois de a prata arrefecer abrem-se novamente as duas caixas.

4ª Étapa: Retiram-se então de cada uma das caixas de moldar as respectivas metades dos talheres já fundidos.

34 - Espatula para bolos em prata

Há 10 anos alterou o local da oficina e o nome da firma para José Lino da Rocha, Lda. A sua oficina dedica-se apenas à produção de talheres de prata, utilizando o método tradicional de fundição (veja-se imagens 33 e 34).

Do período em que frequentou a escola, recorda o grande mestre que teve na cinzelagem, o sr. Custódio Bernardo Lopes. Acabou por nos dizer que *«a Faria Guimarães era uma escola importante para a ourivesaria. Se não se estiver atento e se não houver quem ensine, fica tudo feito com máquinas, como são feitos os produtos italianos, fazem tudo estampado, o que já não é a mesma coisa. São centenas de ourives a fazer a mesma coisa, porque a utilização das máquinas apenas leva a isso. Já não se faz ourivesaria como se fazia e se não se formam ourives com os saberes tradicionais que permitam a elaboração de peças originais e não a repetição de peças feitas em série, vai ser muito mau. Por exemplo, a fundição por injecção, não tem a mesma perfeição»*.

JOSÉ MARIA DA SILVA CARDOSO, filho de José Maria Mimoso frequentou a Escola Industrial Faria Guimarães desde o ano lectivo de 1925/26 ao de 1930/31[27], tendo concluído o Curso de Gravador em Aço.

Do período em que foi aluno da escola recorda alguns professores que o marcaram de forma especial como Alexandre Tavares Moutinho Russo, professor de gravura, que considerava um artista, António Baganha, professor de modelação e o Dr. Camilo de Figueiredo, professor de português.

Desde 11.12.1933 a 11.10.1944 exerceu funções docentes como auxiliar da oficina de gravura em aço, na Escola Industrial Faria Guimarães [28].

Exerceu a profissão de gravador em aço, desde Outubro de 1929, na firma Moutinho Russo, Lda. Do seu Registo Biográfico, como docente, consta uma declaração da firma Moutinho Russo onde é referido que o trabalho por ele aí desenvolvido era exercido com competência [29]. O trabalho que desenvolveu na Escola industrial Faria Guimarães permitiu-lhe ter uma visão muito própria da escola. Afirmou-nos que a escola dispunha de um corpo docente de extraordinária competência, composto por grandes artistas e que era notório o empenhamento de todos numa formação cuidada dos alunos dos vários cursos.

JOSÉ PEREIRA REIS foi aluno da Escola Faria Guimarães nos anos lectivos de

[27] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 10, ano lectivo 1925/26; nº 11, ano lectivo 1926/27; nº 12, ano lectivo 1927/28; nº 13, ano lectivo 1928/29; nº 14, ano lectivo 1929/30 e nº 15, ano lectivo 1930/31,Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - -Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[28] *Registo Biográfico de José Maria da Silva Cardoso*, Processo F. 122, Caixa F.116-127, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[29] Declaração de 19 de Outubro de 1933 *Registo Biográfico de José Maria da Silva Cardoso*, Processo F. 122, Caixa F.116-127, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

1894/95, 1897/98, 1898/99 e 1899/1900 [30], onde frequentou e concluiu o Curso de Desenho Industrial, Oficina de Cinzelagem. Nessa altura, já exercia a profissão de cinzelador. Estabeleceu-se em 1914, constituindo a firma José Pereira Reis & Ferreira, cuja oficina se situava na antiga Rua Garrett (hoje Padre António Vieira). Enquanto aluno da referida escola, teve como colegas de curso António Alves de Sousa Júnior, Manuel Alexandre de Almeida Júnior e Filipe José Bandeira, que viriam a ser grandes artistas cinzeladores. Teve como professor de desenho Silvestro Silvestri. Segundo nos referiu Manuel Pereira de Matos Reis, seu filho, José Pereira Reis considerava que esse professor tinha contribuído, de forma decisiva, pelos ensinamentos que dava aos seus alunos, para o impulso que se registou na época na ourivesaria no Porto. José Pereira Reis atribuía à escola um papel importante na formação dos seus operários. Por isso, alguns deles, como Armando da Silva Ferraria, Joaquim Nascimento Bastardo, José Ferreira de Azevedo e Domingos Inácio dos Santos frequentaram a Escola Faria Guimarães.

Após a sua morte em 1946, a firma que tinha constituído, com a marca de contraste nº 2310, registada em 1916, passou a denominar-se Viúva de José Pereira Reis. Mais tarde, em 1947, após a morte da viúva, o nome da firma foi alterado para José Pereira Reis, Sucessores, mantendo sempre a mesma marca [31].

JULIANO DUARTE DIAS, filho de Bernardo Duarte Dias, frequentou a Escola Faria Guimarães nos anos lectivos de 1913/14 e 1914/15 [32]. Juliano Duarte Dias desenhava e cinzelava muito bem, tendo trabalhado durante muito tempo na oficina de Almeida Júnior, de quem foi o melhor discípulo.

A dado momento, *«acabou por deixar a oficina de Almeida Júnior e durante os quatro anos que se seguiram, como se vivia uma crise na ourivesaria, foi trabalhar para sua casa, e recorreu à Ourivesaria Reis & Filhos, de Santa Catarina. Como desenhava muito bem, a Ourivesaria Reis & Filhos acabou por estabelecer com ele um acordo. O meu pai fazia as suas criações, a Ourivesaria Reis escolhia as que lhe interessavam e ele executava-as, sempre com a marca da Ourivesaria Reis. Como não tinha oficina, trabalhava em casa, pediu ao seu amigo Monteiro de Matos para lhe ceder a sua oficina para poder repuchar, soldar, etc, e ia--lhe fazendo em troca desenhos. Nesta altura Filinto Elísio de Almeida, que era encarregado da oficina de Joaquim Meireles, saiu para se estabelecer. O sr. Joaquim Meireles trabalhava*

[30] *Livro de Matrículas da* Escola *Industrial Faria Guimarães*, sem número, anos lectivos 1892/93 a 1902/03; 1909/10 e 1910/11; *Livro de Matrículas da* Escola *Industrial Faria Guimarães, Bomfim, Porto*, nº 4, anos lectivos 1908/09 a 1911/12, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[31] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses*- 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 238.
[32] *Livro de Matrículas da* Escola *Industrial Faria Guimarães*, nº 5, ano lectivo 1912/13, 1913/14, 1914/15 e 1915/16, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

em exclusivo para a Ourivesaria Reis & Filhos, por isso o sr. Reis, que conhecia muito bem a qualidade do trabalho do meu pai, recomendou-o para encarregado da oficina de Joaquim Meireles».

Entretanto o sr. Gabriel Ferreira Marques, que queria criar na firma Ferreira Marques uma oficina onde pudessem ser feitas peças artísticas, contando, para isso, com a preciosa colaboração do seu amigo pessoal, Dr. Reinaldo dos Santos, necessitava de um bom cinzelador para pôr em marcha o projecto. Por isso, contactou Juliano Duarte Dias que, na altura, era já encarregado da oficina de Joaquim Meireles. Assim, em 1943, Gabriel Ferreira Marques fez-lhe uma proposta de trabalho tentadora: *«perguntou-lhe quanto queria ganhar e disse-lhe que até à sua morte lhe garantia sempre o trabalho»*. Duarte Dias esteve 16 anos na firma Ferreira Marques, exercendo as funções de mestre da oficina de peças artísticas e de desenhador.

JULIANO INÁCIO PEREIRA DIAS, filho do cinzelador Juliano Duarte Dias, frequentou a Escola Faria Guimarães, o que, como se poderá ver, constitui tradição familiar (veja-se família nº 51, Anexo C), desde o ano lectivo de 1939/40 ao de 1942/43 [33].

Os professores que mais o marcaram na escola foram Custódio Bernardo Lopes na cinzelagem e o professor Salgado de Andrade a desenho e a composição. Não chegou a terminar o curso na escola, porque *«na oficina aprendia mais do que na escola, a prática é na oficina, e é o que é mais importante, mas a escola deu-me as bases, conhecimentos de modelação, desenho, que é muito importante e hoje a maioria dos aprendizes não têm esses conhecimentos»*.

Juliano Inácio começou a trabalhar aos 12, 13 anos como ajudante do pai, em casa. Depois, foi para a oficina de José Gil y Poy que também foi aluno na Escola Faria Guimarães, pelo menos no ano lectivo de 1902/03, onde frequentou cinzelagem [34]. Da oficina de José Gil y Poy saíam peças bem executadas como o Samovar e um serviço de chá com tabuleiro que fazem parte do espólio da Associàção dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte (veja-se imagens 35 e 36). Enquanto esteve na oficina de José Gil y Poy, situada na Rua Coelho Neto, frequentava a escola à noite. Depois saiu dessa oficina e foi trabalhar para a de Filinto Elísio de Almeida, que Juliano Inácio considera ter sido um grande mestre, quer no desenho quer na cinzelagem.

[33] *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº 26, ano lectivo 1939/40 - do nº 601 ao 1241;*Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães* nº 27, ano lectivo 1940/41; nº 28, ano lectivo 1941/42 e nº 29, ano lectivo 1942/43, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[34] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, sem número, anos lectivos de 1892/93 a 1902/03. Não nos é possível afirmar que José Gil y Poy só frequentou a Escola Faria Guimarães no ano lectivo 1902/03, visto que não existem no Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, os livros ou livro do registo de matrículas referentes aos anos lectivos compreendidos entre o de 1902/03 e o de 1908/09, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

35 - Samovar em prata

36 - Bule e Tabuleiro em prata

Em 1943, com 17 anos, foi convidado pelo sr. Ferreira Marques para trabalhar na sua firma e aí permaneceu durante 48 anos. Exerceu também actividade sindical, tendo sido Presidente do Sindicato. Juliano Inácio entende que o facto de ser comunista e pertencer ao sindicato terá impedido a sua progressão na empresa Ferreira Marques. Reconhece, ressalvando a imodéstia de tal afirmação, que só continuou a trabalhar lá «*porque era bom artista e o sr. Manuel Ferreira Marques dava muito valor e estímulo ao artista. Se não fossem as minhas ideias políticas, podia ter subido na fábrica Ferreira Marques*».

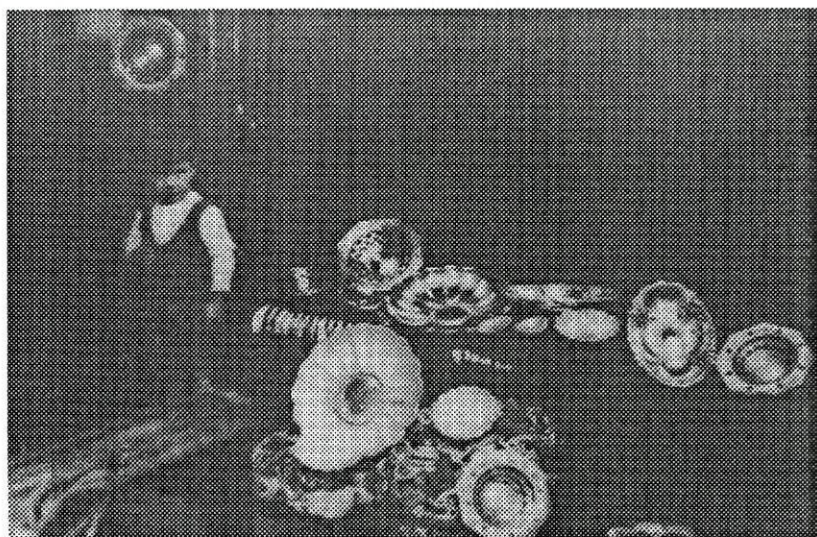
Das peças que executou na Ferreira Marques, recorda uma terrina artística com 16kg, de prata, feita para ser colocada no stand Ferreira Marques, numa exposição no estrangeiro. Com certa mágoa confidenciou-nos: «*é pena os artistas não terem patentes, não poderem marcar. Os artistas são sempre desconhecidos*».

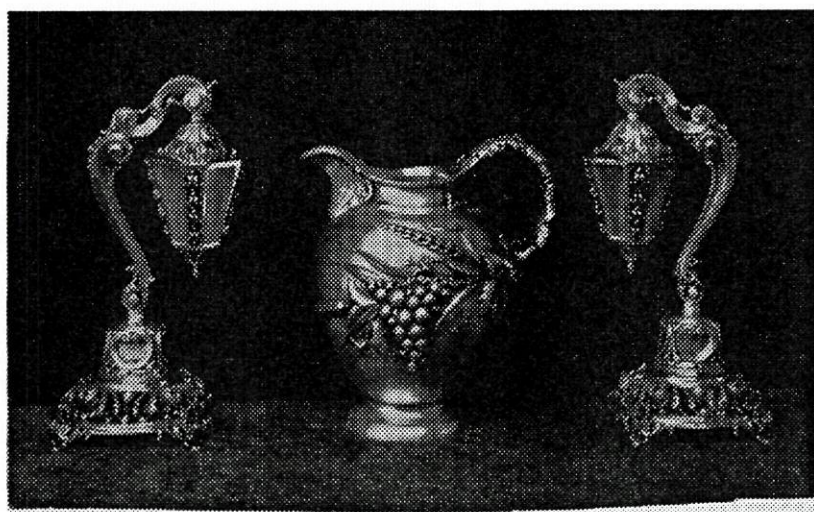
LUCIANO INÁCIO MARTINS DOS SANTOS, filho do ourives Domingos Inácio dos Santos, frequentou a Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada) desde o ano lectivo 1944/45 ao de 1947/48, o que constituía uma tradição familiar (veja-se família nº 212, Anexo C), tendo concluído o Curso de Cinzelador.

Luciano Inácio manifestou-nos a sua «apetência» pela ourivesaria, comentando: «*nasci no meio das pratas*» (veja-se imagem 37). Aos 10 anos de idade, já trabalhava na oficina do pai, onde permaneceu até se estabelecer por conta própria. Depois de completar o seu curso, manteve contactos directos com a escola, particularmente com a oficina de gravura em aço onde era Mestre, Mário Recarei. Nos anos 50, o Grémio dos Industriais de Ourivesaria, na pessoa do então Presidente, Gabriel Ferreira Marques, que sempre demonstrou «*grande entusiasmo, conhecimentos e dedicação à classe*», promoveu, em colaboração com o então director da Escola Escultor Sousa Caldas, a criação de um Curso de Arte e Design de Ourivesaria para a leccionação do qual o grémio contratou professores alemães.

Luciano Inácio matriculou-se nesse curso, sendo o único a terminá-lo no prazo da sua duração, seis anos. Os conhecimentos adquiridos em cinzelagem, gravura em aço, acrescidos dos proporcionados pelo Curso de Arte e Design de Ourivesaria, conduziram a que, em 1963, Luciano Inácio, devido a uma crise existente no sector de ourivesaria, criasse o sector de gravura em aço e medalhística, dando assim origem à firma "Medalhística Disart". Para desenvolver cabalmente esse sector, adquiriu «*na Alemanha um pantógrafo tridimensional e respectivo equipamento*».

Luciano Inácio assumiu o cargo de sócio-gerente desde 1967 a 1987, tendo sido aí executadas centenas de medalhas de vários artistas, como já referimos na biografia do pai, Domingos Inácio dos Santos. Em 1987, por incompatibilidade com os irmãos, abandonou a

37 - Porta - retratos exibindo a fotografia de Luciano Inácio Martins dos Santos

38 - Luciano Inácio dos Santos, na oficina do pai Domingos Inácio dos Santos

39 - Centro de mesa em prata

40 - Cangerão e candelabros em prata

empresa e, em 1 de Janeiro de 1988, criou com os seus filhos uma firma, denominada Luciano Inácio & Filhos, Lda Ignatius (medalhística). Os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos levaram-no «*a instalar equipamento de alta tecnologia, tendo sempre em conta o rigor de execução, de acabamento e o cumprimento dos prazos*».

Da sua passagem pela escola como aluno, falou-nos de alguns dos professores que mais o marcaram, como o Arquitecto Emanuel Ribeiro, Bruno Reis, Sousa Caldas, Pedro Figueiredo, Coelho de Figueiredo e Heitor Cramez. Deste último referiu-nos uma faceta curiosa: «*tinha a mania das meias coisas, só utilizava meios lápis e só fumava meios cigarros ...*».

Como aluno, em 1946, foi distinguido com um certificado de aptidão estética da Mocidade Portuguesa por um trabalho realizado e, em 1947, participou com o professor António Teixeira na execução de uma escultura "Alegoria à água" que se encontra, actualmente, em Jovim. Tratava-se de um painel grande que foi modelado na Companhia das Águas, em Nova Cintra. Pela sua colaboração neste painel, feito depois das horas da escola, recebeu a quantia de 150$00, o que constituiu para si uma honra.

Durante as conversas que com ele estabelecemos, Luciano Inácio sempre nos falou apaixonadamente da Escola, por força da sua vivência como aluno e como professor.

Em 1987, concluiu com aprovação o Curso de Complemento de Formação para Professores de Trabalhos Manuais e 12º Grupo F (Artes de Fogo), na Universidade do Minho, em Braga. Frequentou ainda, em 1991, um Curso de Joalharia Contemporânea, patrocinado pelo então Gabinete de Ensino Tecnológico Artístico e Profissional do Ministério da Educação.

Luciano Inácio é professor do 12º grupo Técnicas Especiais da Escola Secundária Soares dos Reis desde 6.10.1980, onde lecciona Tecnologia dos Metais e Ourivesaria. Nesta escola, leccionou ainda de 1981 a 1984 Tecnologia da Gravura Artística.

Em 1992, o Gabinete de Ensino Tecnológico Artístico e Profissional solicitou-lhe a elaboração dos programas do 10º, 11º e 12º anos da disciplina de Tecnologia dos Metais para os cursos secundários de Artes e Ofícios.

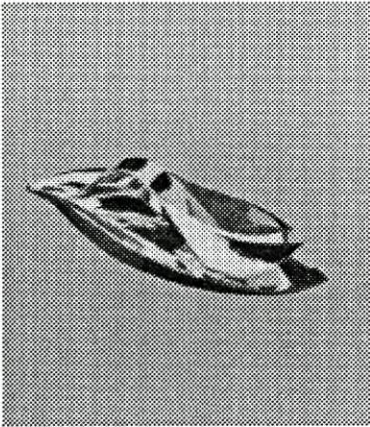
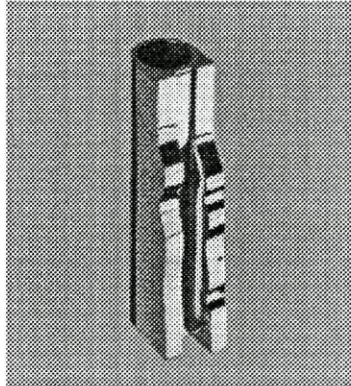
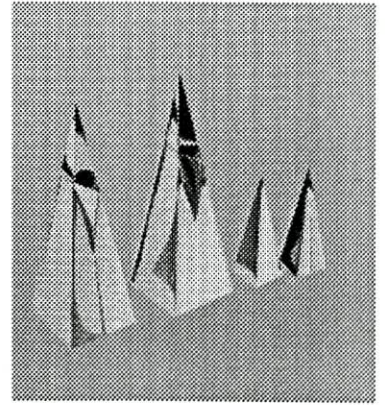
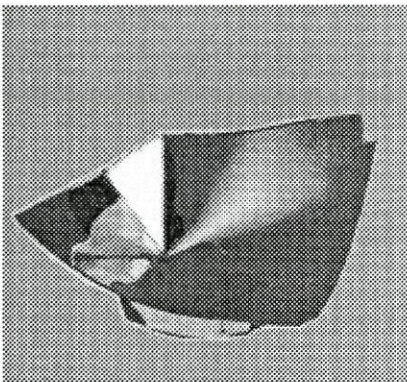
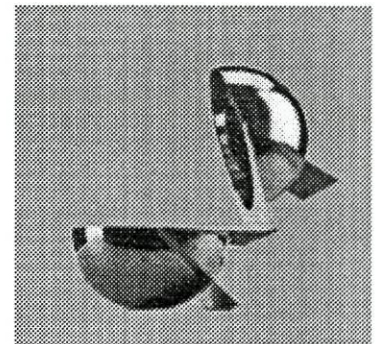
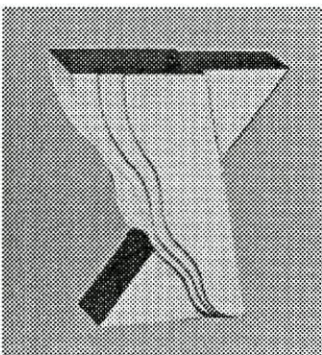
Luciano Inácio facultou-nos algumas fotografias de muitas das peças de ourivesaria doméstica e religiosa por si realizadas, das quais destacamos: um centro de mesa (veja-se imagem 38); congerão e candelabros (veja-se imagem 39); porta-retratos (veja-se imagem 40). Actualmente, como referimos, dedica-se à concepção e execução de medalhas comemorativas, desportivas e troféus. A qualidade das suas peças tem-lhe garantido uma presença permanente em exposições.

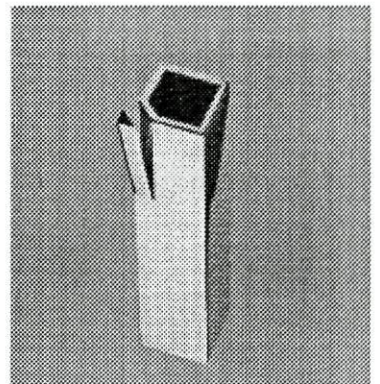
MANUEL ALCINO DE FIGUEIREDO MOUTINHO pertence à 4ª geração de uma família de ourives que frequentou a Escola Faria Guimarães (veja-se família nº 216, Anexo C), iniciada pelo seu bisavô, Manuel Alcino Sousa e Silva, continuada pelo seu avô Raul Alcino Sousa e Silva e pelo seu pai Manuel Alcino Carvalho Moutinho. Seu avô estudou na Escola Faria Guimarães nos anos lectivos de 1896/97, 1898/99 e 1899/1900[35], onde frequentou o Curso de Desenho Industrial, Cinzelador. Foram seus colegas Filinto Elísio de Almeida e Manuel Ferreira Cancela. Raul Alcino Sousa e Silva fez parte da Comissão Organizadora do 1º Congresso de Ourivesaria, realizado em 1925. Seu pai, Manuel Alcino Carvalho Moutinho, frequentou na Escola Faria Guimarães de 1920/21 a 1926/27 [36] o Curso de Cinzelador.

O bisavô fundou a sua oficina na Rua Barão de S. Cosme nº 47. Já no tempo do pai, a oficina passou para a Rua de S. Victor nº 17, e desde 1976 encontra-se na Rua Santos Pousada nº 76. A primeira empresa da família chamava-se Manuel Alcino Sousa e Silva, a segunda Manuel Alcino Sousa e Silva & Filho (no tempo da avó), a terceira Manuel Alcino Carvalho Moutinho, Lda (no tempo do pai), a quarta Manuel Alcino Carvalho Moutinho & Filho (ainda com o pai), a quinta Manuel Alcino Figueiredo Coutinho e a sexta e a actual Manuel Alcino & Filhos, Lda.

Manuel Alcino Figueiredo Moutinho matriculou-se na Escola Industrial Faria Guimarães, no Curso de Cinzelagem, em 1947/48 [37], o qual não concluiu porque esteve doente quase um ano. O professor que mais o marcou foi o Mestre Alves de Sousa, professor de cinzelagem.

Aos 18 anos foi para a Suiça e esteve um ano a fazer esmaltagens com um artista suíço, depois foi para Limoges com uma bolsa da Gulbenkian, onde esteve 6 meses a trabalhar com esmaltes. Mais tarde vai para Barcelona, onde teve como professores engenheiros alemães, e durante 6 meses fez esmaltes e ourivesaria. Regressou a Portugal e depois da guerra foi seis meses para Londres, onde trabalhou em duas grandes fábricas de ourivesaria. Procurou desenvolver o esmalte, porque «*era uma arte que se tinha perdido em Portugal*». Para essa decisão, contribuiu o facto de tèr vindo para o Porto o Padre João de Almeida de Lisboa, que veio fazer arquitectura, reunindo um grupo de artistas composto por João de Almeida, Armando Alves, José Rodrigues, Zulmiro de Carvalho, Nuno Portas, Irene Vilar, Gustavo Bastos: trabalhavam no atelier do Mestre Barata Feio. Este grupo chamava-se Gru

[35] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, sem número, anos lectivos de 1892/93 a 1902/03, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[36] *Livro de Matrículas da Escola de Desenho Industrial Faria Guimarães*, nº 7, anos lectivos de 1918/19 - do nº. 62 até ao fim, 1919/20, 1920/21 e 1921/22 - do nº 1 ao 80; *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria* Guimarães, nº 8, dos anos lectivos 1921/22 - do nº 81 ao 238; 1922/23 e 1923/24 - do nº 1 ao 152; nº 9, anos lectivos 1923/24 - do nº 153 ao 308; 1924/25; nº 10, ano lectivo 1925/26 e nº 11, ano lectivo 1926/27, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[37] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo de 1947/48 - do nº 386 ao 770, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

41 - Molheira - Prata batida e caldeada, modelo da autoria da escultora Ana Fernandes

42- Jarra - Prata batida e caldeada, modelo da autoria do pintor Armando Alves

43 - Galheteiro - Prata batida e caldeada, modelo da autoria do escultor Charters de Almeida

44 - Centro de Mesa - Prata batida e caldeada, modelo de autoria do escultor Fernando Conduto

45 - Caixa - Prata repuxada e batida, modelo da autoria do escultor José Aurélio

46- Jarra - Prata batida e caldeada, modelo de autoria do arquitecto Pádua Ramos

47 - Jarra - Prata batida e caldeada, modelo de autoria do escultor Zulmiro de Carvalho

po de Renovação de Arte Sacra. Por volta de 1955 esteve em Paris a fazer pintura e escultura em ateliers de vários artistas.

Entre os trabalhos por si realizados referiu-nos: esculturas de animais em prata; trabalhos para os Duques de Évora; para o Bispo do Porto, D. João Miranda; para o Bispo D. Januário Torjal Ferreira; o Sacrário da Igreja das Antas, no Porto; vários trabalhos com Júlio Resende, como por exemplo, o Sacrário da Igreja de Nossa Senhora da Boavista; está a proceder ao restauro, juntamente com Zulmiro de Carvalho e outros artistas, do altar, cadeira e sacrário da Igreja de Cedofeita; fez, de parceria com Siza Vieira, um serviço para a Europália e o sacrário para a Igreja do Marco de Canaveses; tem passado a miniatura em prata esculturas de Charters de Almeida. Está a realizar trabalhos para Macau e exporta muitos objectos que produz para o estrangeiro, nomeadamente para França, Inglaterra, Suécia, Estados Unidos da América, Noruega, Dinamarca, Suíça e Espanha.

No tempo do pai faziam arte sacra tradicional e muitas baixelas, trabalhavam muito para Pedro Batista do Porto e várias casas de Lisboa e do Porto.

Manuel Alcino protagoniza uma nova atitude perante a ourivesaria e a sua contribuição para o design actual. Possuidor de uma boa técnica ancestral, tem procurado, como ele próprio salientou, *«a abertura de novos rumos no campo da ourivesaria portuguesa contemporânea»*. Aquando da Exposição *Um Ourives - Manuel Alcino & 7 Artistas trabalham a Prata* realizada no Porto em 1995, Fernando Pernes no catálogo dessa exposição, referindo-se a Manuel Alcino afirma: *«(...) é um industrial de ourivesaria com herança havida de oficina artesanal, modernizada no plano das técnicas operativas, mas beneficiária de um saber de experiência feito, ao longo de mais de nove décadas. O seu exemplo define-se por contínua vontade de aprendizagem e empenhamento profissional, entendendo que se devia dar futuro a tal passado, convertido a actuais linguagens de simplificação estilística e simplicidade estética»* [38]. Maria Leonor d'Orey, relativamente a Manuel Alcino, no catálogo da Exposição *Um Ourives - Manuel Alcino & sete Artistas trabalham a Prata*, realizada em Lisboa no Museu Nacional de Arte Antiga de 13 de Junho a 15 de Outubro de 1995, comenta: *«(...) a memória da tradição aliada a uma vontade de inovação levou-o a convidar um grupo de artistas reconhecidos em áreas como a escultura, a pintura e a arquitectura a trabalharem a prata. Foi ele quem reuniu Ana Fernandes, Charters de Almeida, Fernando Conduto, José Aurélio, Zulmiro de Carvalho, Armando Alves e Pádua Ramos e lhes proporcionou este trabalho* [...] *A intenção era desafiar outros modos de pensar e de olhar, propondo-lhes a criação de objectos simples, para o uso quotidiano, funcionais, executados em prata branca,*

---

[38] PERNES, Fernando - *As Flores do deserto - Da cor da prata*. Catálogo da Exposição Um Ourives - Manuel Alcino & 7 Artistas trabalham a Prata. Porto: Rocha, Artes Gráficas, Lda, 1995.

dourada, por vezes pontuada a ouro»[39] (veja-se imagens 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47).

Manuel Alcino, falando desta sua iniciativa, afirma: *«(...) cada um (artista) trabalhou 2 modelos por mim propostos, uma jarra e uma caixa, e tiveram inteira liberdade na concepção dos restantes trabalhos que lhes cabiam na série de 4 peças que cada um apresenta, totalizando assim 28 peças originais.* [...] *A finalidade desta minha iniciativa é a abertura de um importante caminho, para a apresentação nas Feiras Internacionais da especialidade, com a dignidade criativa que se impunha e um design inspirado de qualidade, susceptível de se afirmar culturalmente, e marcar uma posição concorrencial, de forma a não continuarmos marginalizados por falta de identidade própria, ou ainda, por carência de iniciativas, que revelem um mínimo de clarividência e audácia».*

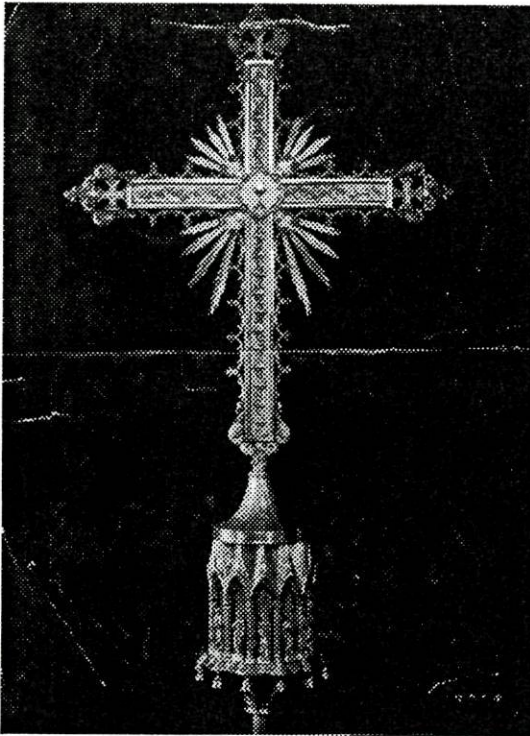
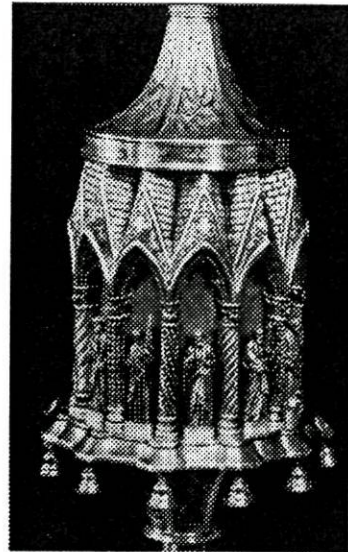
Por esta oficina passaram alguns empregados que foram alunos da Escola, como por exemplo, Ilídio Joaquim Villas Boas Teixeira, que era encarregado; Boaventura da Silva Reis e Manuel Fernando da Silva Reis.

MANUEL DA SILVA SOUSA OLIVEIRA - Maria da Silva foi casada com o ourives de prata António Caetano de Almeida de quem teve três filhos: Alberto Caetano de Almeida; António Caetano de Almeida Júnior e Carlos Alberto Caetano de Almeida. António Caetano de Almeida teve a sua oficina na Rua de S. Dionísio nº 8 desde 1894 até 1910, altura em que faleceu. Em 1910, a marca passou para a viúva Maria da Silva que, posteriormente, casou com Joaquim de Sousa Oliveira, com quem viria a ter um filho de nome Manuel da Silva Sousa Oliveira. Assim, depois da morte, em 1918, de Maria da Silva a marca da oficina passou para Joaquim de Sousa Oliveira, que a manteve de 1918 a 1930. Em 1930, os filhos de Maria da Silva incompatibilizaram-se com Joaquim de Sousa Oliveira e constituíram a firma Caetano Almeida & Irmãos, que existiu entre 1930 e 1933. Novas desinteligências aconteceram entre os irmãos e ficou dono da firma, de 1934 a 1945, apenas um deles, Carlos Alberto Caetano de Almeida. Em 1945, a oficina da Rua de S. Dionísio nº 8 foi adquirida por Domingos Inácio dos Santos.

Assim, Manuel da Silva Sousa Oliveira foi trabalhar em 1945 para a oficina Rocha e Oliveira Simões. Em 1951, constituiu uma firma em sociedade denominada Teixeira & Oliveira, Lda, com a oficina na Rua Visconde de Setúbal nº 117. Mais tarde, em 1952, constituía sozinho a firma Manuel da Silva Sousa Oliveira com a marca de contraste nº 3880[40], continuando a utilizar a oficina da Rua Visconde de Setúbal nº 117. Nesta firma trabalha com ele

---

[39] OREY, Maria Leonor d' - *Ourivesaria Contemporânea no Museu de Arte Antiga.* Catálogo da Exposição Um Ourives - Manuel Alcino & 7 Artistas trabalham a Prata. Porto: Rocha, Artes Gráficas, Lda, 1995.

[40] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes e Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 397.

48 - Cruz de procissão, encomendada para a cidade da Beira, Moçambique

Pormenor do pé

49 - Réplica em prata do Monumento ao Bombeiro, Batalhão de Bombeiros Sapadores do Porto

Pormenor

seu filho, José Manuel Pereira de Oliveira, que desempenha o cargo de gerente e que também frequentou a Escola Faria Guimarães, mas já quando esta tinha o nome de Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, portanto já fora do período abordado neste trabalho. José Manuel Pereira de Oliveira desempenhou vários cargos nos órgãos directivos da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte sendo, desde 1994, membro de direcção dessa mesma Associação. Manuel da Silva Sousa Oliveira também desempenhou cargos de direcção no então Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte, nos anos 60.

Todos os irmãos de Manuel da Silva Sousa Oliveira e ele próprio foram alunos da Escola Faria Guimarães. Assim, Alberto Caetano de Almeida frequentou a referida escola desde o ano lectivo de 1909/10 até ao de 1915/16 [41]; António Caetano de Almeida Júnior, desde o ano lectivo de 1913/14 até ao de 1920/21 [42]; Carlos Alberto Caetano de Almeida, desde o ano lectivo de 1917/18 até ao de 1922/23 [43] e Manuel da Silva Sousa Oliveira, de 1923/24 até 1931/32 [44] (veja-se família nº 10, Anexo C).

Manuel da Silva Sousa Oliveira, que frequentou o Curso de Cinzelador, recorda alguns dos professores que teve na Escola Industrial Faria Guimarães: Francisco Torrinha, a português, o pintor Júlio Ramos, António de Azevedo, Pedro Figueiredo e o arquitecto Emanuel Ribeiro a desenho e António Alves de Sousa na cinzelagem.

Recorda dois colegas da escola que tiraram cursos na área de ourivesaria e que se mantiveram na arte, Teófilo Linhares Tuna, que tirou o Curso de Gravador e era filho de António Pereira Tuna que tinha oficina na Rua Barão de S. Cosme e Joaquim Martins de Meireles, que tinha oficina na Rua de S. Victor. Dos operários que trabalharam na sua oficina e que tiraram o seu curso na Faria Guimarães, referiu-nos o cinzelador Alfredo Rodrigues Vieira.

Manuel da Silva Sousa Oliveira falou-nos, com muito carinho, da sua estada na Escola Faria Guimarães e quis registar o Hino da Escola que os alunos cantavam em ocasiões festivas durante o ano:

---

[41] *Livro de Matrículas da Escola de Desenho Industrial Faria Guimarães*, Bomfim, Porto, nº 4, anos lectivos de 1908/09; 1909/10; 1910/11 e 1911/12; *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº 5, anos lectivos de 1912/13; 1913/14; 1914/15 e 1915/16, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[42] *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº 5, anos lectivos de 1912/13; 1913/14; 1914/15 e 1915/16; nº 6, anos lectivos de 1915/16; 1916/17; 1917/18 e 1918/19 - até ao nº 61; *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº7, anos lectivos de 1918/19 - desde o nº 62; 1919/20; 1920/21 e 1921/22 - do nº 1 ao 80, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[43] *Livro de Matrículas da Escola Faria Guimarães*, nº 5, anos lectivos de 1912/13; 1913/14; 1914/15 e 1915/16; nº 6, anos lectivos de 1915/16; 1916/17; 1917/18 e 1918/19 - até ao nº 61; *Livro de Matrículas da Escola de Desenho Industrial Faria Guimarães*, nº7, anos lectivos de 1918/19 - desde o nº 62; 1919/20; 1920/21 e 1921/22 - do nº 1 ao 80; *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº8, anos lectivos de 1921/22 - do nº 81 ao 238; 1922/23 e 1923/24 - do nº 51 ao 152, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[44] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 9, anos lectivos de 1923/24 - do nº 153 ao 308 e 1924/25; nº 10, ano lectivo 1925/26; nº 11, ano lectivo 1926/27; nº 13, ano lectivo 1928/29; nº 14, ano lectivo 1929/30; nº 15, ano lectivo 1930/31 e nº 16, ano lectivo 1931/32, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

«A nossa escola é cheia de alegria,
só feita de ventura e de verdade,
abriga-nos à noite e todo o dia,
recebe alegremente a mocidade.

As máquinas no sonho turbulento,
segredam repassadas de emoção,
bem haja quem as ponha em movimento,
bem haja nesta escola o coração.

Sigamos sempre avante em teimosia,
fraternos no esforço e no carinho,
para conseguir que a nossa fantasia,
dê vida ao barro, ao bronze, ao aço e ao linho.

O braço e a razão nós cultivamos,
unindo à alma o corpo rude,
assim o manda a arte e nós lá vamos,
seguindo o bom caminho da virtude.»

Manuel da Silva Sousa Oliveira recebeu vários prémios da Associação da Classe dos Industriais de Ourivesaria do Porto pelo seu bom aproveitamento enquanto aluno da Escola Industrial Faria Guimarães. Assim, em Dezembro de 1929, recebeu o prémio "Carvalho Mourão"; em Dezembro de 1931, recebeu o 1º prémio "Carvalho Mourão" (60$00 Esc.) e, em Julho de 1932, o prémio "António Alves de Sousa" (1/2 libra em ouro), de acordo com documentos exibidos por ele próprio. Em 1937, o jornal *Ourivesaria Portuguesa* ao relatar a visita feita à Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada), do Ministro da Educação refere que *«Sua Exª percorreu tôdas as dependências da Escola.* [...] *Na oficina de cinzelagem foram-lhe dadas todas as explicações pelo Mestre Alves de Sousa.* [...] *Nessa oficina foi-lhe oferecido pelo Director um prato de cobre cinzelado, tendo ao centro, em baixo relevo, a figura de Minerva, com uma cercadura em relevo no estilo renascença.* [...] *Este artístico trabalho foi feito pelos alunos Manuel da Silva Sousa Oliveira e Joaquim Martins de Meireles»*[45].

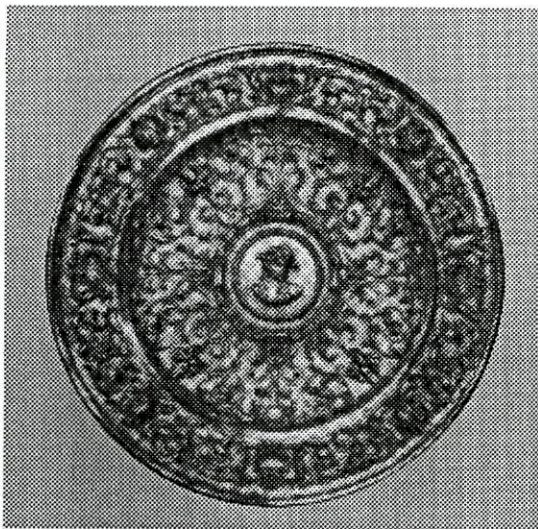
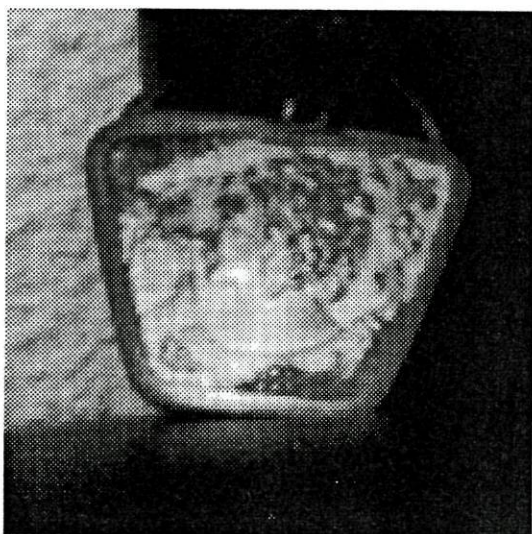
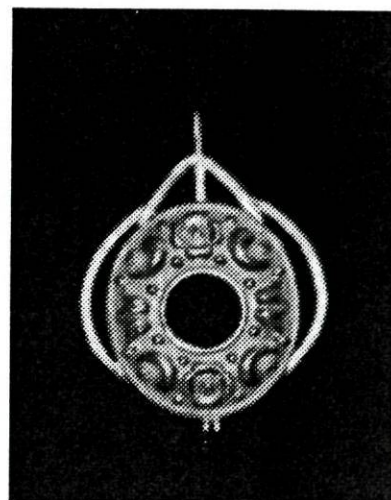
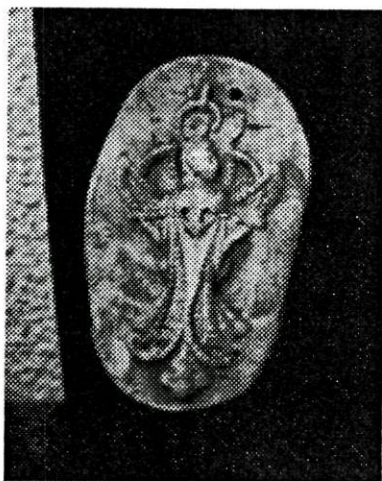
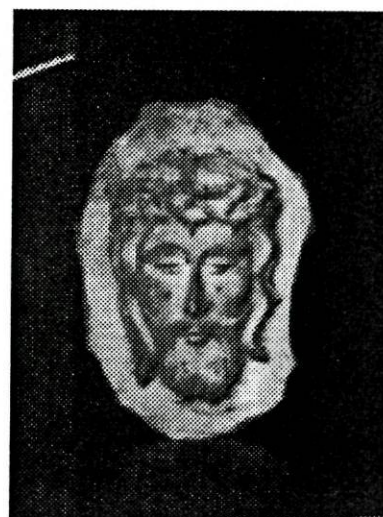
Manuel da Silva Sousa Oliveira trabalhou para várias ourivesarias: Sarmento, de Lis-

[45] *Visita Ministerial*. Ourivesaria Portuguesa. 154, 20.6.1937.

boa e no Porto para Ayres Joalheiros na Rua de St° António e para Amândio Oliveira, entre outras.

Das peças que saíram da sua oficina, realça uma Cruz de Procissão em prata com 10 hg de peso e 1,30 m de altura, decorada com dois apóstolos, encomendada para a Cidade da Beira em Moçambique (veja-se imagem 48); Sacrário da Igreja de Guilhabreu e uma réplica em prata do Monumento ao Bombeiro, que se encontra no Batalhão de Sapadores Bombeiros na Constituição, Porto (veja-se imagem 49).

MANUEL FERNANDO DA SILVA REIS, filho de um cinzelador de ouro, Boaventura da Silva Reis, o qual completou em 11 de Julho de 1912 o Curso de Desenho Ornamental e Modelação na Escola de Desenho Industrial Faria Guimarães e frequentou ainda a Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis do Porto, onde concluiu o 1° ano de desenho especializado, modelação e ornamento aplicado à ourivesaria. Mais tarde, no ano lectivo 1928/29, voltou a frequentar a Escola Faria Guimarães. Manuel Fernando da Silva Reis trabalhou com o pai, mesmo enquanto estudava, na oficina de Manuel Alcino Figueiredo Moutinho, na Rua de S. Victor n° 17. Aí trabalharam, não como empregados de Manuel Alcino, mas na situação de agregados. Com 11 anos de idade matriculou-se na Escola Industrial Faria Guimarães, no Curso de Gravador em Aço. Como era o único filho rapaz da família, seu pai,*«que queria um substituto na sua arte, não me perguntou se queria ou não ser cinzelador, mandou-me matricular na escola onde tinha andado e que era, na época, a única onde se aprendia cinzelagem e gravura»* (veja-se família n° 169, Anexo C). Aos 14 anos passou a frequentar as aulas à noite e mudou para o Curso de Cinzelador. Frequentou a escola desde o ano lectivo de 1943/44 até 1947/48 [46], tendo-se apenas matriculado nas aulas práticas: oficinas, desenho e modelação, não tendo portanto completado nenhum curso. Dos professores que teve na escola, os que mais o influenciaram foram na gravura, Alexandre Moutinho Russo (quando frequentou o curso de dia); na cinzelagem o Mestre Recarei (quando frequentou o curso à noite); na modelação o escultor Sousa Caldas e em desenho à vista o arquitecto Emanuel Ribeiro. Mais tarde, pai e filho saíram da oficina de Manuel Alcino e passaram a trabalhar em casa, na Rua Duque de Saldanha, no bloco da Câmara. Executavam trabalhos por encomenda, eram uma espécie de tarefeiros, uma vez que não acabavam as peças. Essas peças eram depois entregues a um senhor estabelecido na Rua da Alegria, Eduardo Pereira Branco. Continuou a trabalhar com o pai até ter completado 40 anos; nessa altura foi

[46] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo 1943/44 - do n° 701 ao 1048; no ano lectivo de 1944/45 não existe o livro onde estão registados as matrículas do n° 351 ao 700; sem número, ano lectivo 1945/46 - do n° 1 ao 340; sem número, ano lectivo 1946/47; sem número, ano lectivo 1947/48 - do n° 386 ao 770, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

50 - Salva em prata

51 - Modelo para pregador

52- Modelo para pregador

53 - Modelo para pingente

54 - Modelo de cabeça de Cristo para medalha

convidado a trabalhar na empresa Fabouro de Dolar de Sousa Borges, onde ainda hoje se encontra.

Das peças feitas no período em que esteve com o pai, foi-nos facultada a fotografia de uma salva estilo renascença (veja-se imagem 50). Hoje, na Fabouro, cinzela peças em ouro como pegadores, medalhas, entre outras (veja-se imagens 51, 52, 53 e 54). Para além do trabalho que executa nessa empresa, faz em casa, conjuntamente com o filho que também frequentou o Curso de Gravura em Aço da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis (ex-Faria Guimarães), anéis de curso, que apenas cinzela.

MANUEL PEREIRA DE MATOS REIS frequentou na Escola Faria Guimarães, nos anos lectivos de 1936/37 a 1940/41 [47], o Curso de Cinzelador, que concluiu, trabalhando simultaneamente na oficina do pai, José Pereira Reis, a quem já nos referimos e que também foi aluno na mesma escola (veja-se família nº 135, Anexo C). Da sua permanência na escola, recorda alguns professores que particularmente o marcaram, como o escultor Oliveira Ferreira, seu professor de modelação, o mestre da oficina de cinzelagem António Alves de Sousa e o professor de português Francisco Torrinha.

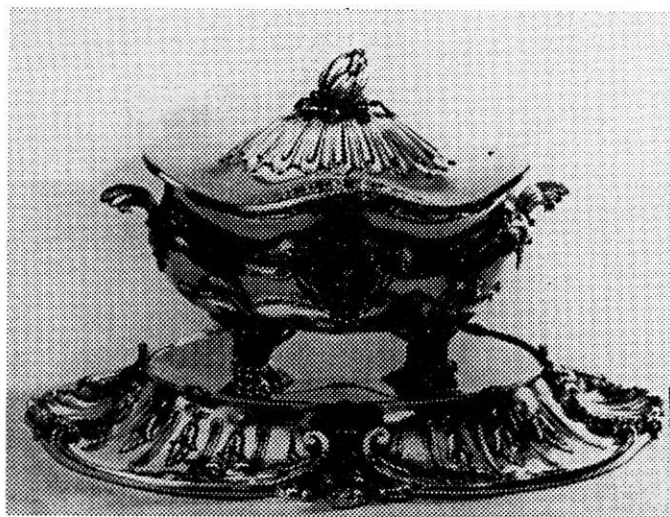
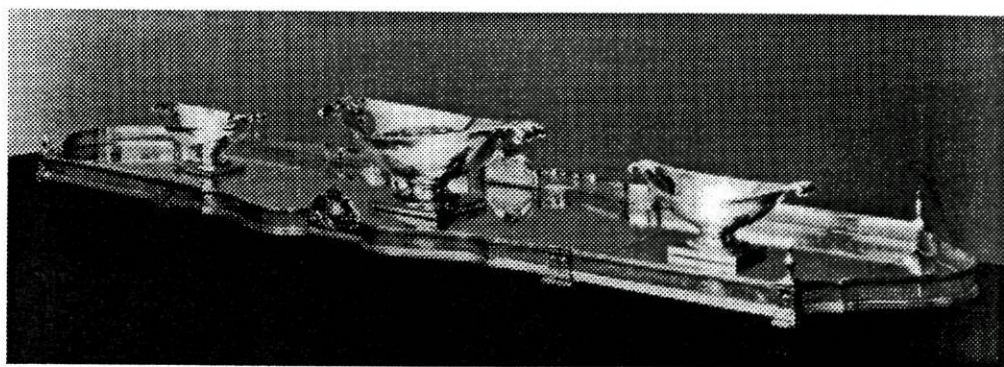
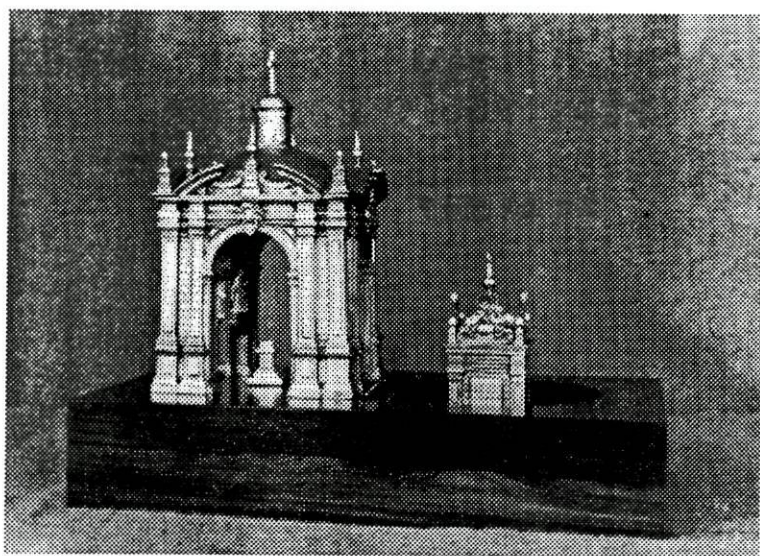
É um industrial conceituado da cidade, tendo executado obras para Luís Ferreira, para José Rosas e para a Casa Leitão de Lisboa. Desempenhou funções de Vice-Presidente da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte.

Na conversa que com ele tivemos, falou-nos de algumas peças saídas da sua oficina: uma terrina em prata (veja-se imagem 55), que foi oferecida a uma entidade oficial; um centro de mesa em prata, oferecido à Rainha Isabel II da Inglaterra aquando da sua visita à cidade do Porto (veja-se imagem 56); cópia fiel, em prata, do Senhor do Padrão em Matosinhos, oferecido a António Oliveira Salazar pelos pescadores de Matosinhos nos anos 50 (veja-se imagem 57).

URGEL DE SOUSA GOMES frequentou na Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada) o curso de gravador em aço entre o ano lectivo 1943/44 e o de 1947/48 [48], tendo concluído o referido curso. O ourives Segisfredo da Silva Gomes, seu pai, colocou-o na escola a estudar para que, adquirindo mais conhecimentos, pudesse vir a contribuir para o incremento da sua firma José da Silva Gomes, Filhos que partilhava com os seus irmãos e ao

---

[47] *Livro de Matrículas da* Escola *Industrial Faria Guimarães*, nº 21, ano lectivo 1936/37; nº 22, ano lectivo 1937/38; nº 24, ano lectivo 1938/39 - do nº 601 ao 1141; nº 26, ano lectivo 1939/40 - do nº 601 ao 1241 e nº 27, ano lectivo 1940/41, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[48] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada)*, sem número, ano lectivo 1943/44 - do nº 701 ao 1048; sem número, ano lectivo de 1944/45 - do nº 1 ao 350; sem número, ano lectivo 1945/46 - do nº 1 ao 340; sem número, ano lectivo 1946/47 - do nº 1 ao 343 e sem número, ano lectivo 1947/48 - do nº1 ao 385, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

55 - Terrina em prata

56 - Centro de mesa, em prata, oferecido à Rainha Isabel II de Inglaterra

57 - Cópia em prata do Senhor do Padrão, em Matosinhos

mesmo tempo não fosse necessário recorrer aos serviços de estranhos, sempre que precisassem de gravar uma peça ou fazer um cunho. Urgel de Sousa Gomes contou-nos que, quando o pai pensou pô-lo a estudar, «*se dirigiu à Escola Industrial Marques Leitão em Gondomar, que ficava perto de casa, e o contínuo da escola, amigo de meu pai, disse-lhe: se queres dar um curso ao teu filho com categoria, põe o rapaz na Faria Guimarães*». Urgel, enquanto frequentou a escola, trabalhou sempre na oficina do pai e dos tios.

Urgel de Sousa Gomes falou-nos de alguns dos professores que teve e daqueles que mais o marcaram: a desenho Martins da Costa, Júlio Resende, Jorge Maltieira, Herculano Figueiredo e o arquitecto Emanuel Ribeiro; destes, os que mais o influenciaram e lhe transmitiram um grande gosto pelo desenho foram Martins da Costa e, especialmente, Emanuel Ribeiro. Na disciplina de modelação, salientou o professor Fernando Gomes e o mestre Domingos Enes Baganha que, embora assistente do escultor Sousa Caldas, era quem dava as aulas. Na oficina de gravura teve dois mestres que classificou de excelentes: Alexandre Moutinho Russo e Mário Recarei.

Quando terminou o curso, começou a trabalhar na oficina do pai, não executando a gravura em aço que aprendeu na escola, mas sim «*gravura aplicada à ourivesaria que é muito mais simples que a em prata, onde o cunho é artístico, exigindo modelação*». Urgel de Sousa Gomes explicou-nos assim como se procedia à gravação de um cunho: «*começa por ser necessário, em primeiro lugar, que o cepo de aço (a que depois se chama cunho) esteja completamente desempenado, o que se consegue utilizando uma lima grande, com a qual se lima o cepo até este ficar plano, ou seja, desempenado. Na escola, como havia escassez de material, aproveitavam-se cepos que tinham gravados trabalhos realizados em anos anteriores. Assim, tínhamos antes de desempenar o cepo que desbastar o trabalho já feito com a lima. Depois é que se iniciava o trabalho de gravação, propriamente dito. O primeiro trabalho era fazer um quadrado no cepo. O interior do quadrado era rebaixado e aí se começa a aprender a trabalhar com os cinzéis ou talhadeiras. Na parte de fora do quadrado utilizava-se a lima e o esquadro, para que o quadrado ficasse perfeito. Também se utilizava um outro instrumento, o compasso, que servia para medir a profundidade do quadrado interior, permitindo assim que o rebaixamento fosse perfeito. Depois do quadrado feito, passava-se para o cunho uma composição. No primeiro ano, como o desenho era geométrico, passava-se para o cunho composições com triângulos, círculos, etc, só depois do 2º ano é que se gravava outro tipo de composição que se fazia no desenho de ornato, de observação do real, folhas, flores, vagas, etc. Depois, e no desenho, tínhamos que reduzir a composição a um tamanho pequeno. Feita a miniatura da composição, colocávamos esse desenho sobre o cunho (cepo) e com um pico picávamos o desenho. Depois do desenho picado no cunho, começa-*

va-se então a fazer a gravura no cunho». Como reconheceu Urgel Sousa Gomes, *«a introdução do pantógrafo alterou o trabalho do gravador, visto que o seu trabalho passou a ser feito pelo escultor que faz o modelo e o pantógrafo depois reproduz. Torna-se assim desnecessário o trabalho do gravador, a feitura do cunho, que passa a ser elaborado pelo pantógrafo».*

Por volta dos seus 18 anos, o pai separou-se dos irmãos e fundou a firma Segisfredo da Silva Gomes, enveredando pela comercialização da ourivesaria, comprando a uns e vendendo a outros. Urgel continuou a trabalhar com os tios e ia fazendo trabalhos de gravura em aço, talho doce e cravação. Aos 25 anos estabeleceu-se com uma firma própria denominada Urgel de Sousa Gomes, com a marca de contraste nº 4076[49]. Aos 31 anos, seu pai faleceu e, como era o filho mais velho, decidiu acabar com a sua firma e assumir a continuação da firma do pai, fazendo sociedade com os irmãos. Assim surgiu a firma ainda hoje existente Segisfredo da Silva Gomes, Sucrs, Lda. A partir dessa altura teve que abandonar o trabalho na oficina para se dedicar à implementação da firma no mercado nacional, nomeadamente, na praça de Lisboa. Mas no fundo *«sentia uma realização comercial mas não sentia realização artística».* Então, aos 40 anos, decidiu tirar o Curso Superior de Belas-Artes, mas por razões profissionais teve que abandonar essa ideia, ficando uma certa mágoa por não se poder dedicar à arte de uma forma mais sistemática.

Desde 18 de Dezembro de 1974 e durante 20 anos fez parte dos órgãos directivos da Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte, tendo sido Presidente da Assembleia-Geral e Vice-Presidente do Conselho Geral.

---

[49] VIDAL, Manuel Gonçalves - *Marcas de Contrastes, Ourives Portugueses* - 1887 a 1950. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1974, Vol. II, p. 416.

ANEXO F

NOTAS BIOGRÁFICAS DE ALGUNS PROFESSORES E MESTRES DA ESCOLA FARIA GUIMARÃES

ADOLFO DA SILVA MARQUES, conhecido por Adolfo Marques, nasceu em Avintes, a 14 de Junho de 1894, e era filho do entalhador de nome Adolfo Marques.

Adolfo Marques, pai, teve os seguintes filhos: Manuel Marques, arquitecto e professor da Escola de Belas-Artes do Porto; Francisco Marques, que cursou a mesma escola e foi durante anos professor de talha na escola de Gondomar; Adolfo Marques; António Marques, colono na África do Sul e Isilda Marques [50].

Adolfo Marques, filho, frequentou em 1907 o 2º ano do Curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes do Porto, tendo a desenho a classificação de 15 valores. Em 1908, frequentava o 3º ano, altura em que teve de abandonar os estudos devido à morte de seu pai e para poder chefiar a oficina deste [51]. Nessa oficina fazia-se, segundo Costa Gomes, *«(...) de tudo um pouco, desde o móvel mais rico*[...] *até ao de qualidade um pouco inferior, mas que era necessário executar, para que o dinheiro aparecesse sempre. Sabe-se que da sua oficina saíram peças riquíssimas, mas hoje é difícil localizá-las por se tratar de obras anónimas e de estilos decalcados»* [52]. A oficina que herdou não terá funcionado muitos anos, porque Adolfo Marques não teria um espírito de negociante. Assim, estabeleceu-se com um outro artista que consigo tinha trabalhado, António Mota, fundando uma oficina na Travessa de Cedofeita. Mais tarde, essa sociedade desfez-se e Adolfo Marques regressou à sua casa de Avintes, onde se entreteve a executar os seus últimos bonecos [53].

Não foi possível apurarmos a data em que constituiu em sociedade a oficina da Travessa de Cedofeita, contudo no seu Registo Biográfico existente na Escola Secundária Soares dos Reis, aparece uma autorização da Direcção-Geral do Ensino Técnico Elementar e Médio, datada de 4 de Março de 1943, autorizando-o a exercer a direcção de uma oficina de entalhador, no Porto, de que era proprietário [54].

O entalhador Adolfo Marques, filho, foi mestre da oficina de talha da Escola Industrial Faria Guimarães, tendo iniciado a sua actividade docente em 1 de Julho de 1930, com a categoria de mestre contratado. Em 6 de Dezembro de 1930, passou a mestre efectivo, categoria em que se manteve na escola até 27 de Janeiro de 1954 [55]. Em Março de 1950, foi substituído pelo mestre António Pereira Lopes, por se encontrar ao abrigo da Lei da Assistência à Tuberculose [56]. Em 1930, Adolfo Marques participa na Exposição Colectiva das Es-

[50] GOMES, J. Costa - *Uma casa de raízes trágico-artística.* Boletim da Associação Cultural dos Amigos de Gaia. Novembro 1987, pp. 50-51.
[51] *Id., Ibid.*, pp. 50-51.
[52] GOMES, J. Costa - *Recordando Adolfo Marques.* Boletim da Associação Cultural dos Amigos de Gaia: 6, Maio 1979, pp. 11-12.
[53] GOMES, J. Costa, *op. cit.*, p. 50
[54] *Registo Biográfico do Mestre Adolfo Marques*, Processo F. 3, Caixa F. 1-7, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[55] *Idem.*
[56] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães- Bonfim, Porto*, Acta nº 252 da Sessão do Conselho Escolar de 21 de Março de 1950, fl. 156; Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

colas Técnicas realizada em Lisboa, mas na secção pertencente à Escola Industrial Passos Manuel de Vila Nova de Gaia, onde tinha sido mestre [57].

Pelo ano de 1932, *«(...) influenciado não se sabe porquê, resolveu lançar-se à criação dos seus famosos bonecos de pau, como ele os classificou* [...] *As figuras populares foram saindo das suas mãos prodigiosas, numa cadência rápida. A técnica era simples: desenho, recorte à serra fina, desbaste à goiva larga e acabamento em pequenas goivadas de uma precisão rigorosa»* [58]. Em 1934, expõe os seus bonecos de pau no Salão Silva Porto. Essa exposição foi um êxito, tendo recebido elogios de artistas e críticos.

Não resistimos a transcrever parte da longa apreciação a esta exposição feita por Braz Burity [59] no jornal *O Primeiro de Janeiro*, onde afirma *«(...) Olhei, vi, revi, tornei a olhar, admirei e continuo admirando uma das mais interessantes, prometedoras e deliciosas revelações dum raro e privilegiado temperamento de artista que a deambular, por inspiração própria, pelos atalhos e córregos do seu ofício de entalhador, envereda, tateante, pela senda luminosa da grande Arte, e pelo seu pé, de cabeça erguida, mão firme e coração ao alto abre um caminho novo e laico, rompe um sulco inexplorado e modernista, à velha escultura dos manipansos mais ou menos sacros e pondo por completo de banda a modelação dúctil e maleável da cera e do barro, indo de cara para os chifres duros, retorcidos e profissionais da talha, corta rijo e fundo na própria madeira, as linhas, as arestas, os planos e os volumes da carcaça humana - e, descurando, de propósito, as minúcias do acabamento e os alindados da encarnação e do chique, dá em cheio, como verdade e como realização, em pequenos nacos de pau, de menos de palmo, veros poemas de Beleza, de Humorismo e de Sentimento, dando ao mal-amanhado, tosco e rude do Bicho-homem ou da Bicha-mulher que Deus fez - na sua expressão sintética e artística - a sua imagem viva, real, sentida, movimentada e perfeita.*

E nuns homens de pau, cheios de vida, de força, de expressão, de vigor, de movimento, de graça, de leveza, de simplicidade, de carácter, talhado de golpe, com possança, com destreza, com alma, com talento e com unhas, em cortes fundos e rijos, em incisões intencionais e ásperas, em ranhuras certeiras e firmes, a marcarem atitudes, planos, relevos, anatomias, gestos, linhas, vultos, com modelações flagrantes de verdade, de beleza, de humorismo, com laivos hilares de caricatura uns, com halos de enternecidos sentimentos outros - graças à força criadora do Artista, todos dão, em figurelhas de pouco menos de palmo, a imaginação pitoresca das gentes da nossa terra, dos anónimos das nossas ruas, dos ope-

[57] Ofício de 9 de Outubro de 1930 da Escola Industrial Passos Manuel. *Registo Biográfico do mestre Adolfo Marques*, Processo F. 3, Caixa F. 1-7, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis – Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[58] GOMES, J. Costa - *Recordando Adolfo Marques*. Boletim da Associação Cultural dos Amigos de Gaia. Maio 1979, p. 12.
[59] Braz Burity era um pseudónimo usado *«pelo ilustre escritor Dr. Joaquim Madureira»*, cfr. revista Portucale. Vol. VIII: 44-45, Março-Junho 1935, p. 119.

rários das nossas oficinas, dos carregadores dos nossos cais, da fauna anafada das sacristias e da flora esquelética da miséria [...] *em todas essas estatuetas vivas de realidade, frementes de Beleza, fascinantes de Observação, trepidantes de Vida* [...] *a originalidade do Artista palpita e vibra, se impõe e domina, delicada e forte, espontânea e criadora, - sem peias, sem modelos, sem mestres, tão longe da Arte Sacra clássica, canónica e convencional dos santeiros como paredes-meias, tu-cá-tu-lá, com a grande Arte Estatuaria de Constantin Meunier - o Mestre Belga, que na pedra esculpio a Epopêa do trabalho contemporaneo - e, sobretudo, com os esquissos em barro cru do Daumier, - que são, em Arte, a nota gloriosa da Revolução de Julho - e com a grande Arte Naturalista e Millet, que era, assim, que desenhava as figuras dos seus labrostes e ganhões, porque assim as via e assim elas feriam a sua prodigiosa sensibilidade de Artista - saltando-lhe, depois, em borbotões de talento e de rabiscos, do seu lapis duro de Mestre-desenhador.* [...] *Como gato escaldado, não confiando já, em absoluto, nos impulsos* [...] *e nos entusiasmos das minhas primeiras impressões, à cautela, voltei, outro dia, a ver os bonecos de pau no próprio atelier do artista* [...] *ali a meio da Travessa de Cedofeita* [...] *levando comigo, em oraculo, tira teimas e poder moderador* [...] *E o Abel Salazar ficou tão surprezo e encantado como eu* [...] *e nem eu, nem o Abel Salazar nos lembramos de lhe perguntar onde, quando e com quem aprendeu o ofício que ensina* [...] *Não pode deixar de desenhar admiravelmente com o lápis no papel, quem assim modela na madeira com a goiva. E desenhando, em esquissos instantaneos do natural, as silhuetas que lhe saltam dos olhos, estuda-as com o lápis, detalha-as, modela-as no papel e corta-as depois no pau, com uma tal destreza de golpe, com um tal rigor de vista e uma tal certeza de mão, uma tal alta e tão clara intuição de Arte e de Beleza, que, madeiro que apanhe a jeito e lhe passe pelos dedos, como insuflado de personalidade e de vida, se transforma numa pequena obra-prima de verdade, de delicadeza, de humorismo e de emoção - dando-nos, na simplicidade larga das linhas, das arestas e do relevo, todo o expressionismo, toda a dinâmica e toda a psíquica estrutural da figura - em pedacitos de pau feitos gente e gente que se meche, gente que se agita, gente que trabalha, gente que sente, gente que sofre - gente muito nossa e da nossa gente...* [...] *os bonecos de pau de Adolfo Marques, marcando uma lauda nova, inesperada e inedita, pessoal e originalíssima, na Arte Portugueza, são a prometedora e assombrosa revelação dum forte e vibrante temperamento artístico, que rompe e rasga sulcos novos, novissimos roteiros, laicos e modernistas, à velha e lusitanissima Arte de Imaginário»* [60].

[60] BURITY, Braz. *Pregões & Prédicas - Bonecos de Pau - ou de como se traz a público a sensacional revelação da obra de Adolfo Marques - creador tripeiro duma nova arte laica e imaginário modernista*. Jornal O Primeiro de Janeiro 4 Março 1934.

O jornal semanário *A Luz do Operário* fez eco da exposição dos bonecos de pau e do artigo do crítico de arte Braz Burity, do qual transcreve algumas passagens, pelo impacto que causou [61]. No mesmo jornal em Julho de 1934, Alves Pereira escreve um artigo sobre a exposição de Adolfo Marques onde diz *«(...) longe do dogmatismo abstracto das escolas, e do convencionalismo hipócrita dos grupos, a sua arte, duma beleza excelsa e duma flagrância intensa, duma observação cuidada e dum realismo cru, impõe-se por si mesma, pela exactidão da forma e pelo vigor dos motivos. [...] os trabalhos que Adolfo Marques nos apresenta são o produto admirável duma poderosa intuição artística, duma técnica segura e perfeita, duma rigorosa observação, e por isso o artista, dominando triunfalmente a forma, sabe encarnar, em cada boneco, com uma exactidão assombrosa, a personagem real que o seu olhar surpreendeu e estudou. O traço sentimental ou o rictus caricatural dominam, a par duma encantadora expressão de naturalidade, de beleza, de harmonia - que todos eles marcam a personalidade forte, pujante e original do artista, a garra creadora do escultor»* [62].

A revista *O Notícias Ilustrado*, no seu nº 322 de 12 de Agosto de 1934, também faz referência a essa exposição, apresentando fotografias de algumas das peças expostas [63].

Em 1935, Braz Burity, na sua coluna no jornal *O Primeiro de Janeiro* «*Pregões & Prédicas*», volta a referir-se ao artista, dizendo *«(...) não me arrependi nem me arrependo de lhes haver pregoado alto e bom som, com segurança e orgulho, a inedita galhardia, a bizarra força da arte creadora de Adolfo Marques, confirmadas, a todo o pano, na sua vincada originalidade, logo a seguir, com o estupendo e excepcional êxito da sua "Exposição de Bonecos de pau" e prestes a autenticar-se, em alto galardão da fama, com a sua consagração europeia, nas laudas peguilhentas e solenes do "Studio" - londrino, que não é, positivamente, em Arte, uma loja de porta aberta ...»* [64]

A revista inglesa *The Studio* de Maio de 1935 apresentava, numa página dedicada a Adolfo Marques, duas fotografias de trabalhos dele, "Os ferreiros" e "A cantadeira" com o seguinte texto: *«Working in wood since boyhood in the studio of his father, who was an accomplished and well-known wood carver, Adolfo Marques, became a professor at the Industrial School Faria Guimaraes in Oporto. He started a few years ago to free himself from the*

---

[61] *Adolfo Marques*. Jornal A Luz do Operário, 18 Março 1934.
[62] PEREIRA, Alves - *Exposição de Adolfo Marques - Bonecos de Pau*. Jornal A Luz do Operário, 29 Julho 1934.
[63] Na Exposição Bonecos de Pau - Esculturas em Madeira do Adolfo Marques foram mostrados ao público 49 bonecos de pau que a seguir referimos: 1 D. Quichote e Sancho Pansa; 2 Prègador; 3 Responso; 4 P'r'ás Almas; 5 O Guião; 6 Cruz alçada; 7 Hissope; 8 Campainha; 9 Os cegos; 10 Tocadores; 11 Flauta e Rabeca; 12 A cantadeira; 13 Harmónica; 14 Quentes e boas; 15 Mulher das castanhas; 16 A velha; 17 Água fresca; 18 Na peugada...; 19 Ás compras; 20 Pedinte; 21 Homem da enchada; 22 Mulher da enchada; 23 Leiteira; 24 Carro de mão; 25 Peixeira; 26 Peixeira; 27 Varredor; 28 Pedreiro; 29 Homem da pá; 30 Homem do gigo; 31 Os ferreiros; 32 Pedreiro; 33 Tanoeiro; 34 Sapateiro; 35 Padiola; 36 Pau e corda; 37 Amola-facas; 38 O descanso; 39 Homem do bacalhau; 40 Homem do caneco; 41 Peixeira; 42 Peixeira; 43 Na feira; 44 Homem das castanhas; 45 Tanoeiro; 46 O velho do alforge; 47 O rapaz das cabras; 48 M. Braga; 49 E. Ribeiro. De acordo com o preçário da *Exposição de Bonecos de Pau - esculturas em madeira de Adolfo Marques* - Salão Silva Porto, 1934.
[64] BURITY, Braz, *Pregões & Prédicas, 2ª série I - Breve resumo do que lá vai em ligeiro introito do que está para vir*. Jornal O Primeiro de Janeiro, 13 Fevereiro 1935.

old routine patterns and rules of the classic image makers, carving in small pieces of nut-wood with simplicity of line, clearness of plane and a steadiness of gouging, small and expressive marvels of observation and life. His groups of ironworkers, vat makers, street singers, popular types of Portuguese processions, priests, vestry clerks, hungry figures of misery and herculean muscles of workers, are delightful pieces which have enjoyed a tremendous sucess in Oporto. His method of working in flat surfaces is vigorous and his figures are expressive of movement and rhythm» [65].

A Casa de Portugal em Londres enviou a Adolfo Marques a cópia desse artigo, acompanhada de um cartão onde era referido *«É de uma revista de arte bastante cotada em Inglaterra, chamada "Studio" do mez de Maio, e a publicação ou referência a qualquer trabalho representa para o artista uma grande honra»* [66].

Em 1935, participa na grande Exposição dos Artistas Portugueses, realizada no Salão Silva Porto, no Porto, que decorreu de Maio a Junho de 1935 [67]. Nessa exposição que, como já referimos, visava a oferta à cidade do Porto de monumentos a Silva Porto, Henrique Pousão e Artur Loureiro, Adolfo Marques foi distinguido com a Medalha de Cobre pelo seu trabalho "D. Quixote", escultura em madeira (cedro) [68]. Sobre esta exposição se debruçou o jornal *Ourivesaria Portuguesa*, assinalando a participação de vários professores da Escola Industrial Faria Guimarães e destacando, entre outros, o mestre Adolfo Marques que *«(...) com uma goiva abrindo ligeiramente, em pequenos bocados de madeira, planos sóbrios, milagrosamente expressivos de atitudes e movimentos, de paixões e emoções, consegue êste artista originalíssimo obter autênticas obras-primas, bonecos sugestivos e inconfundíveis»* [69].

Em 6 de Junho de 1936, e devido à repercussão da sua 1ª exposição no Salão Silva Porto, Adolfo Marques é convidado a expor na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa. A exposição intitulada "Bonecos de Pau (madeira goivada)" abriu ao público em 6 de Junho de 1936. Os jornais da capital fizeram eco desta exposição [70] dando-lhe lugar de destaque. Assim, o jornal *República*, por exemplo, refere-se-lhe nos seguintes termos: *«(...) uma exposição de escultura em madeira que sem favor se pode considerar de notável e única no nosso meio artístico. É seu autor o mestre de talha da Escola Faria Guimarães, do*

---

[65] *The Studio*. Vol. 109: 506, May 1935, p. 286.
[66] Documento cedido pela família de Adolfo Marques.
[67] *Catálogo da Grande Exposição dos Artistas Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1935, p. 14.
[68] De acordo com o Diploma da Medalha de Cobre de 16 de Junho de 1935 que nos foi facultado pela família de Adolfo Marques.
[69] *Exposição de Artistas Portugueses*. Ourivesaria Portuguesa. 101,1 Junho 1935.
[70] Vários jornais de Lisboa publicitaram e fizeram referências elogiosas à exposição, reforçando a técnica de execução e a originalidade das figuras e a apreciável intuição escultórica de Adolfo Marques, como a *República* de 6.6.1936; *Novidades* de 5.6.1936 e 12.6.1936; *O Século* de 6.6.1936 e de 7.6.1936; *O Diário de Notícias* de 5.6, 6.6 e 12.6 de 1936; *A Voz* de 8.6.1936; O *Século* de 12.6.1936 e de 5.6.1936; *O Diário de Lisboa* de 5.6.1936. Também os jornais do Porto referenciaram esta exposição em termos elogiosos, como o *Jornal de Notícias* de 7.6.1936.

Porto, Sr. Adolfo Marques, cujo sucesso em idêntica exposição no Salão Silva Porto, na capital nortenha, lhe mereceu o convite para uma exposição em Londres que o artista, por motivos imperiosos, não pôde aceitar. Bonecos de pau, que a exposição reúne em número de sessenta e quatro são pequenos trabalhos [...] de talha, à goiva [...] e em todos eles Adolfo Marques revela admirável talento na beleza de forma e nas linhas cheias de euritmia» [71].

Nogueira de Brito, no jornal *O Diabo*, diz *«(...) a goiva a que o buril afina e requinta o gôsto, é nas mãos de Adolfo Marques um simpático escopro em que a ternura de espiritualizar toma formas curiosas de fisionomismo. [...] Adolfo Marques "viu" com olhos e com alma. Não se pode fazer o que ele faz sem que, de verdade, se esteja um tanto dentro dêsses aspectos, pelo nervo e pelo raciocínio. A muitas pessoas parecerá o trabalho de Adolfo Marques mais de função de curiosidade artística do que de estética. Não é assim. A goiva não é mais que o processo e o instrumento. Mas fixa, não com menos arte, muita intimidade, bastante carácter e não pouca observação. Representa um mundo frenético de coisasque se movem, que convivem connosco, que têm a sua alma, o seu retrato moral»*[72]. A revista *Renascença* também faz eco dessa exposição de Adolfo Marques, considerando-o *"um artista de verdade"* e referindo-se aos bonecos de pau adianta que *«(...) são 64 trabalhos, onde o sôpro de arte se abraça à perfeição material da factura, dando uma estilização equilibrada e serena [...] nesses bonecos de pau [...], está uma das manifestações mais curiosas de feição populista que nos tem sido dado ver. Em material e técnica diferente, sem que um venha do outro, o seu trabalho lembra-nos, contudo, pela intuição anímica, êsse escultor de maravilha que foi Anjos Teixeira (Pai). Como êle procurava expressar qualquer coisa mais do que a forma, e fazia com que da atitude de certas das suas "figurinhas" surgisse todo um poema de encantamento ou de miséria, assim Adolfo Marques faz desfilar ante nós, nos vários tipos da sua preciosa colecção, a alma complexa e múltipla das ruas. [...] Um bravo a êsse artista que do Pôrto vem até nós, numa sinceridade e modéstia impressionante... Bonecos de pau ... são do melhor que temos visto nas salas da S.N.B.A.»* [73]. Adolfo Marques recebeu rasgados elogios pelos seus bonecos de pau, por exemplo de Ramada Curto, Abel Salazar e muitos outros. Não só vendeu todos os trabalhos presentes nessas exposições como recebeu inúmeras encomendas, das quais, infelizmente, poucas chegou a executar, pois foi absorvido pela sua actividade industrial [74].

[71] *Bonecos de Pau, uma exposição curiosíssima de escultura em madeira.* Jornal República, 8.6.1936.
[72] BRITO, Nogueira de - *Bonecos de Pau e motivos angolanos.* Jornal O Diabo, 5 Julho 1936.
[73] *Quinzena Artística. Bonecos de Pau de Adolfo Marques.* Renascença. 127, 1 Julho 1936, p. 7.
[74] PEREIRA, João Alves - *Entalhadores de Avintes.* Revista Caminho Novo. 1, 1952, p. 23.

Em 1946, Adolfo Marques, solicitou à Direcção Geral autorização para realizar uma exposição de trabalhos seus. Nesse ofício, o então director da Escola Industrial Faria Guimarães, escultor Sousa Caldas, informa que tal deveria ser autorizado, uma vez que se trata de *«um artista brilhante e cujos trabalhos são dignos de ser expostos»* [75].

Em 1958, Adolfo Marques participa na Exposição promovida pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, intitulada Escultores de Gaia, que se realizou na Casa-Museu Teixeira Lopes. Nela expôs três trabalhos dos seus bonecos de pau: D. Quixote, pertencente à Câmara Municipal do Porto; Ferreiros e Leitura da sina, ambos sua propriedade [76].

Adolfo Marques está representado no Museu Nacional de Soares dos Reis [77] e no Museu de Bragança [78]. Em 1979, a Associação Cultural "Amigos de Gaia" e a Casa-Museu Teixeira Lopes com o patrocínio do Governo Civil do Porto, organizaram uma Exposição Retrospectiva de Adolfo Marques "Bonecos de Pau", que esteve patente ao público nas Galerias Diogo de Macedo, de 12 a 27 de Janeiro [79].

Em vários dos documentos por nós consultados, verificamos que é atribuída sistematicamente a Adolfo Marques, filho, a execução, como entalhador, do retábulo do altar-mor da Igreja da Trindade no Porto [80]. Tal execução seria totalmente improvável uma vez que Adolfo Marques, filho, nasceu em 14 de Junho de 1894 e a construção do retábulo da capela-mor da Igreja da Trindade foi decidida em 1901, sendo em sessão de Mesa e Junta de 27 de Fevereiro desse ano, aprovada a planta da tribuna e altar-mor, elaborada pelo arquitecto José Marques da Silva [81]. O jornal *O Comércio do Porto* de 8 de Fevereiro de 1902 refere *«a Meza d'esta Ordem acaba de fazer adjudicação da construcção do altar-mor da sua igreja, sendo a obra de carpintaria e talha entregue ao habil entalhador Snr. Adolpho Marques e a de cantaria em mármore ao conceituado artista snr. Gomes Castello, dando cada um d'elles já comêço aos seus respectivos trabalhos* [...] *o projecto do altar-mor é feito pelo laureado architecto, Snr. Marques da Silva. A sua construcção ficará concluída no praso de dous annos»* [82]. Um ano depois inicia-se a obra como se constata pelo *«auto do assentamento da primeira pedra da tribuna do altar-mor e da inauguração da nova sacristia»*, realizado em 17 de Abril de 1903 [83]. Como se poderá verificar, em 1902, Adolfo Marques, filho,

---

[75] Ofício de 3 de Junho de 1946. *Registo Biográfico do Mestre Adolfo Marques*, Processo F. 3, Caixa F. 1-7, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[76] *Catálogo da Exposição Escultores de Gaia*. Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junho-Julho 1958, p. 16.
[77] *Idem.*
[78] De acordo com *Catálogo da Grande Exposição dos Artistas Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1935, p. 14.
[79] *Catálogo da Exposição Retrospectiva de Adolfo Marques, filho "Bonecos de Pau"*. Porto: Coopertipo, SCARL, 1979.
[80] No artigo *Recordando Adolfo Marques*, de J. Costa Gomes publicado nos Amigos de Gaia de Maio de 1979. *Catálogo da Exposição Escultores de Gaia*. Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1958, p. 16, e em algumas notícias de jornal.
[81] COUTINHO, B. Xavier - *História Documental da Ordem da Trindade- Das origens ao séc. XIX*. Porto: Edição da Ordem da Trindade, 1972, 1º vol., pp. 641-642.
[82] *Id., Ibid.*, pp. 642-643.
[83] *Id., Ibid.*, p. 643.

teria apenas 8 anos de idade, sendo assim impossível ter executado tal obra. A obra foi, sim, executada por Adolfo Marques, pai.

Adolfo Marques, filho, irmão do Arquitecto Manuel Marques, fez também muitos trabalhos em talha, para algumas famílias de Avintes, como D. Maria Preciosa Moreira; outras permanecem na família, e muitas foram vendidas pela firma a que pertencia, com oficina na Travessa de Cedofeita, e a que já nos referimos [84].

A Direcção Geral do Ensino Técnico Elementar e Médio solicita-lhe, em 1945, informação sobre as condições que deveriam ser exigidas para a construção de carteiras, estiradores, bancos de trabalho e outro material escolar, bem como a madeira que deveria ser aplicada naquela obra. É ainda encarregue de fiscalizar a construção do material escolar adjudicado à Firma Albino de Matos P. & Barros, Lda de Freamunde [85].

A Escola Industrial Faria Guimarães teve um papel importante na vida de Adolfo Marques, que lhe dedicou todo o seu saber, entusiasmo e dedicação. Em 26 de Julho de 1949, em acta do Conselho Escolar, foi louvado pela «*criteriosa e segura orientação pedagógica* [...] *revelando ao mesmo tempo o seu grande interesse e dedicação pelo* ensino» [86]. Um sobrinho seu, filho de seu irmão Francisco Marques, e de nome também Adolfo Marques, frequentou na Escola Industrial Faria Guimarães o Curso de Entalhador nos anos lectivos de 1930/31 e 1931/32 [87].

ANTÓNIO ENES BAGANHA, natural de Areosa, Viana do Castelo, filho de pequenos agricultores, começou aí a trabalhar como moço aprendiz de estucador. Por volta de 1907/1908, veio para o Porto onde continuou a trabalhar na mesma actividade, por conta de um mestre de obras, embora durante pouco tempo. Nessa altura, e quando realizava uma obra em Leça da Palmeira, conheceu o Arquitecto Marques da Silva com o qual estabeleceu uma relação de amizade. Iniciou os seus estudos na Escola Industrial Infante D. Henrique, onde concluiu o Curso de Desenho Ornamental e Arquitectura [88]. Depois continuou na Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis, no Porto, de que era Director o Arquitecto Marques da Silva, onde tirou o Curso de Estucador. Foi aluno a desenho de alguns mestres estrangeiros, como Van Kriquen e Miguel Angelo Soá [89].

---

[84] De acordo com entrevista feita à esposa do arquitecto Manuel Marques, D. Maria Angélica Reis Marques, em Avintes, em 1997.
[85] Ofício da Direcção Geral do Ensino Técnico Elementar e Médio, de 5 de Julho de 1945. *Registo Biográfico do mestre Adolfo Marques*, Processo F. 3, Caixa F. 1-7, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[86] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim - Porto*, Acta nº 249 da Sessão do Conselho Escolar de 26 de Julho de 1949, fls. 152-152, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[87] *Livro de Matrículas da Escola Industrial Faria Guimarães*, nº 15, ano lectivo 1930/31 e nº 16, ano lectivo 1931/32, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[88] *Registo Biográfico de António Enes Baganha*, sem referência, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[89] De acordo com entrevista feita ao Dr. Manuel Baganha em 1996, no Porto.

Em 1918/19 estabeleceu-se, fundando uma oficina de trabalhos em estuque, na Rua do Vilar. Em 1922, transfere a oficina para a Rua do Rosário nº 123, casa projectada pelo arquitecto Marques da Silva, para a construção da qual contou com a ajuda financeira de Manuel Alves Soares, então administrador do 1º de Janeiro e importador de bacalhau.

Nos inícios dos anos 20, passaram pela oficina da Rua do Rosário, oficina de escultura decorativa, alguns artistas das Belas-Artes, que lá iam trabalhar nas horas vagas, como por exemplo Zeferino Couto e Henrique Moreira. A oficina funcionava também como centro de cavaqueira. Lá se juntavam, entre outros, o escultor Sousa Caldas, o arquitecto Marques da Silva, o pintor e médico Alberto Sousa, o Dr. Carlos Santos, o pintor António Ferreira da Costa, Teixeira Lopes, Sá Lemos. Aí discutiam assuntos de cariz artístico e também político. A oficina foi centro dessas reuniões até à II Grande Guerra [90].

Em 18 de Novembro de 1919, foi contratado para mestre da oficina de modelação e moldagem da Escola de Artes Aplicadas Soares dos Reis, tendo sido nomeado mestre efectivo em 9 de Julho de 1927. Por Decreto de 12.6.1930, publicado no Diário do Governo nº 135, II Série de 14.6.1930 foi colocado na Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada) nos termos do Decreto nº 18 420 de 4 de Junho de 1930, onde permaneceu até 22 de Janeiro de 1934, altura em que faleceu vítima de "*grave desastre*" [91].

Em 10 de Março de 1934, em acta do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães pode ler-se: «*o Sr. Presidente (Sousa Caldas) disse que sendo esta a primeira reunião do Conselho depois do falecimento do querido companheiro de trabalho o mestre António Enes Baganha de quem fez o elogio, como funcionário, como homem e como artista, propôs que a sessão fosse suspensa por um minuto em homenagem à sua memória*» [92]. António Enes Baganha trabalhou com alguns arquitectos, como Marques da Silva e Manuel Marques, este último irmão do entalhador Adolfo Marques. Para além do trabalho de encomenda feita pelos arquitectos segundo projecto dos mesmos, António Baganha também executava trabalhos concebidos por si, principalmente os de decoração de tectos. Valia-se para a concepção de alguns destes trabalhos de estampas que reproduzia ou em que se inspirava [93]. O Dr. Manuel Baganha referiu-nos alguns dos trabalhos que executou, a saber: no Teatro S. João do Porto e na frontaria do Liceu Rodrigues de Freitas com o Arquitecto Marques da Silva; no Teatro Rivoli (1920/30); na Casa Barbosa da Fonseca; no Café Imperial; no Café Guarani, na Avenida dos Aliados; no Palacete de Manuel Alves Soares, na

[90] De acordo com entrevista feita ao Dr. Manuel Baganha em 1996, no Porto.
[91] *Registo Biográfico de António Enes Baganha*, sem referência, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[92] *Livro das Actas das Sessões do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bomfim, Porto*, Acta nº 135 da Sessão do Conselho Escolar de 10 de Março de 1934, fl. 78v, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[93] De acordo com entrevista feita ao Dr. Manuel Baganha em 1996, no Porto.

Avenida da Boavista; na Quinta das Grades Verdes, nos Carvalhos; no Edifício Nascimento, na Rua Santa Catarina; no Edifício de Automóvel Club do Portugal, na Rua Gonçalo Cristóvão; no Salão Nobre da Faculdade de Ciências do Porto; no Palácio da Berjoeira, em Monção; a Balaustrada, feita em cimento, da Foz, na Avenida Brasil.

Segundo nos disse ainda o Dr. Manuel Baganha, António tinha um contrato que lhe permitia reproduzir algumas das obras de Soares dos Reis. Recorda-se da existência na oficina da Rua do Rosário dos moldes para o baixo-relevo da Morte de Adónis, de Soares dos Reis. Esse contrato terá permitido a existência, nos Arquivos da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto, de obras de Soares dos Reis, algumas delas assinadas por este escultor. Muitas peças de António Enes Baganha eram-lhe compradas por Avelino Ramos Meira e seu irmão José Meira, que com este colaborava, tendo uma oficina de estuque, também na Rua do Rosário. Os irmãos Meira, nomeadamente Avelino, eram mestres na arte de construção do estuque e davam-lhe um bom acabamento mas não tinham artistas para fazer escultura decorativa, por isso eram clientes de António Enes Baganha [94].

António tinha um irmão, Joaquim Enes Baganha, com idêntico percurso ao seu, mas que depois de ter trabalhado algum tempo com António enveredou por uma profissão liberal. Tinha oficina na Rua Miguel Bombarda e dedicava-se à arquitectura e escultura decorativa, não sendo contudo concorrente do irmão. Joaquim Enes Baganha trabalhou, segundo nos informou o Dr. Manuel Baganha, no projecto do Banco de Portugal. Era um homem viajado e a sua oficina era também um centro de cavaqueira. Em 1980, a Casa Baganha, da Rua do Rosário, foi considerada património cultural. A Casa Baganha esteve representada na Exposição Colonial realizada no Palácio de Cristal do Porto em 1934 e na Exposição do Mundo Português, realizada em Lisboa em 1940 [95].

EMMANUEL PAULO VICTORINO RIBEIRO depois de ter frequentado o Instituto Industrial do Porto onde fez exames de tecnologia geral, higiene industrial e história das indústrias, frequentou e concluiu o Curso de Arquitectura na Escola de Belas-Artes do Porto. Aí fez também o exame de anatomia artística.

Iniciou a sua actividade docente como professor tirocinante em 17.10.1914, na Escola de António Augusto de Aguiar, no Funchal, onde tomou posse em 2.1.1915. Foi transferido da Escola António Augusto de Aguiar, onde exerceu o cargo de secretário e director das oficinas de marcenaria e carpintaria, por decreto de 11 de Novembro de 1917, publicado em

---

[94] De acordo com entrevista feita ao Dr. Manuel Baganha em 1996, no Porto.
[95] *Idem.*

Diário do Governo nº 284, 2ª Série de 4 de Dezembro de 1917. Por decreto de 2 de Junho de 1919, foi colocado na Escola Industrial Afonso Domingues, Lisboa, como professor efectivo de desenho arquitectónico. Por decreto de 17 de Maio de 1922, foi autorizada a permuta, a seu pedido, entre os professores efectivos da disciplina de desenho, Rogério Ferreira de Andrade, da Escola Industrial Faria Guimarães, para a Escola Industrial Afonso Domingues, e Emmanuel Paulo Victorino Ribeiro, desta última para a Escola Industrial Faria Guimarães. Nomeado, por conveniência urgente de serviço, professor das disciplinas de noções de estilos e de história da arte, especialmente da nacional e da cerâmica, na Escola Passos Manuel de Gaia, por decreto de 16.2.1925, tendo tomado posse em 19 de Fevereiro de 1925.

Em comissão de serviço foi nomeado: para presidir aos exames na Escola de Cerâmica de Passos Manuel em Gaia e na Escola de Portalegre, em Junho de 1921; para presidir no serviço de exames no ano de 1922 na Escola de Cerâmica Fernando Caldeira de Aveiro e de Marcenaria Bartolomeu dos Mártires de Braga, embora fazendo parte da Escola Industrial de Faria Guimarães do Porto; por despacho de 20 de Março de 1923, foi autorizado a continuar a prestar serviço na Escola Normal para o Ensino de Desenho, de Lisboa por proposta do seu director; foi nomeado para serviço de exames em 1923 na Escola de Bartolomeu dos Mártires de Braga e Emídio Navarro de Viseu; foi nomeado para presidir aos exames na Escola de Lopes Cardoso de Miranda do Douro (Escola de Artes e Ofícios) e apresentar relatório da forma como decorreram os exames e do ensino ministrado na escola (Junho de 1925); em Junho de 1926, é nomeado para desenvolver o mesmo trabalho na Escola (de Artes e Ofícios) de Soares Bastos de Palmaz; nomeado, por conveniência urgente de serviço, Director da Escola Normal para o Ensino de Desenho no Porto, por decreto de 10 de Novembro de 1924, publicado no Diário do Governo nº 272, 2ª Série de 19 de Novembro de 1924; fez parte da Comissão que organizou a representação das Escolas Técnicas à Exposição do Rio de Janeiro (1922); da Comissão de Festas do Centenário da Descoberta da Madeira realizada no Funchal em 1.2.1922; indigitado pelo Conselho Escolar; registado em acta nº 61 da sessão de 13 de Agosto de 1927, para vogal do conselho Superior do Ensino Comercial e Industrial; nomeado por Portaria de 28 de Maio de 1929 vogal da Comissão Técnica e Director da Comissão encarregue do estudo das modificações a introduzir no Ensino Técnico Elementar; nomeado para fazer parte da Comissão encarregue de fazer a classificação das concorrentes ao provimento efectivo de uma vaga de professora de trabalhos manuais no Liceu de Carolina Michaëlis, no Porto, publicado em Diário do Governo nº 86, 2ª Série de 15 de Abril de 1929; da Comissão Organizadora das Exposições das Escolas de Ensino Técnico em Lisboa (1930); da Comissão encarregue de organizar os novos programas das Escolas Técnicas Profissionais em 1930 e 1931.

Nomeado Director da Escola Industrial Faria Guimarães por portaria de 20.11.1922, publicada em Diário do Governo de 4 de Janeiro de 1923, foi-lhe conferido posse no cargo em 10.1.1923. Em Janeiro de 1930, da acta da sessão do Conselho Escolar constava o seguinte *«o Sr. Emmanuel Ribeiro por falta de saúde pedia a demissão de director e entregava a direcção da escola ao professor mais antigo da escola»* [96]. Assumiu, nessa altura, o cargo de director interino o professor Bernardino Manuel Trindade Chagas. Recuperado da doença, Emmanuel Ribeiro volta a ser nomeado Director da Escola Industrial Faria Guimarães por decreto de 12 de Julho de 1930, reassumindo o cargo a 22 de Agosto de 1930. A sessão do Conselho Escolar de 27 de Abril de 1932 foi presidida pelo professor Pedro de Figueiredo Ferreira, dada a súbita doença grave do Director Emmanuel Ribeiro. Nessa sessão foi *«deliberado apresentar ao Sr. Director Geral do Ensino Técnico como proposta de substituto do Director o professor Sousa Caldas»* [97]. Em 21 de Dezembro de 1932 e devido ao seu estado de saúde, solicita a exoneração do cargo de Director da referida Escola[98]. Foi julgado incapaz para o exercício das funções docentes, por doença, em 20 de Julho de 1949 [99].

Em 1928, a revista *Esmeralda* publicava a seguinte nota *«O sr. Emmanuel Ribeiro, Mestre director da Escola Faria Guimarães, tomou a iniciativa de publicar uma monografia de ourivesaria regional, destinada à "Exposição de Sevilha"»* [100]. Não nos foi possível encontrar no espólio de Emmanuel Ribeiro existente no Museu Casa Tait referência a esta monografia. Sobre ourivesaria Emmanuel Ribeiro escreveu, em 1926, o pequeno livro intitulado *«onde se leem algumas palavras de conselho, censura e estímulo aos nossos trabalhadores dos metais nobres e muito principalmente àqueles que ora se iniciam na arte...»* a que já nos referimos detalhadamente em outro capítulo.

Emmanuel Ribeiro produziu uma vasta obra literária, quer em prosa quer em verso. Obras em prosa: "O Doce nunca amargou", Doçaria Portuguesa, História e Decoração, Receituário, 1ª e 2ª edição, sendo esta última ampliada; "Serguilha e Tomentos" - retalhos de prosa; "Água Fresca" - apontamentos sobre Olaria Nacional; "Algumas palavras de conselho, censura e estímulo aos nossos trabalhadores dos metais nobres";"Anatomia da Cerâmica Portuguesa"; "Palavras do Arquipélago da Madeira"; "O Homem e a Arte"; "Da Tarde de Ontem à Manhã de Hoje"; "Bosquejo de Arte"; "Colectânea de Notas sobre Arte de muito interesse para os estudiosos que a ela se dedicam"; "Como nossos avós aprenderam uma

[96] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 82 da Sessão do Conselho Escolar de 6 de Janeiro de 1930, fl. 50v, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[97] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 109 da Sessão do Conselho Escolar de 27 de Abril de 1932, fl. 65, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[98] *Registo Biográfico do Professor Emmanuel Paulo Victorino Ribeiro*, Processo F. 30, Caixa F. 6-30, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[99] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 82 da Sessão do Conselho Escolar de 6 de Janeiro de 1930, fl. 50 v, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[100] *Revista Esmeralda*. Lisboa: 2ª Série., 34, Março 1928.

profissão"; "O Cadeirado da Sé do Funchal"; "Uma notável obra de ferro forjado do séc. XII"; "A arte do papel recortado em Portugal"; "La vertu de l'osier et du genêt" - livro íntimo; "Em Terra Nossa"; "Periscópio" (notas de arte) de colaboração com Pedro Vitorino;"A Virtude do vime e da giesta" - estudo etnológico dos gigos, cestas, etc. Em verso: "Terra! Terra!" - de colaboração com Feliciano Soares; "Linho" - 1904; "Humanos" - 1906; "Fama de Jarciva"; "De Taipa e Colmo" - com ilustrações do pintor António Costa e "Fumo da Lareira" [101].

Emmanuel Ribeiro realizou várias conferências, sendo-nos apenas possível referenciar uma delas sobre Arte Folclórica, realizada em 17.1.1932, na Sociedade de Belas-Artes de Lisboa [102]. Também mostrou ao público vários trabalhos seus, pelo menos em duas exposições, realizadas em 22 de Abril de 1929 e em 22 de Abril de 1932, ambas em Lisboa e as únicas de que temos notícia [103]. Temos conhecimento, ainda, que fez parte da Comissão Organizadora da Exposição Histórica do Vinho do Porto [104], não sabendo contudo se nela participou.

O Arquitecto Emmanuel Ribeiro era um homem culto e participativo, daí ter sido ao longo da sua vida membro de várias Associações científicas e culturais: Associação dos Arqueólogos; Associação Portuguesa de Etnologia; Sociedade Portuguesa de Etnologia e Antropologia; Instituto Etnológico da Beira; Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; Instituto Histórico do Minho; Instituto Internacional de Antropologia de Paris; Instituto de Coimbra.

Pelo trabalho desenvolvido ao longo da sua vida no ensino, recebeu vários louvores: Diário do Governo nº 278, 2ª Série de 4.12.1922; Diário do Governo nº 74, 2ª Série de 31.3.1928; Diário do Governo nº 28, 2ª Série de 4.2.1930; Diário do Governo nº 100, 2ª Série de 1.5.1930. Louvado em Conselho Escolar nas suas sessões de 1.10.1923, 1.10.1924 e 4.6.1927. Assim, em 1 de Outubro de 1923 na acta do Conselho Escolar desta sessão, dizia-se *«o professor Sr. Francisco Torrinha propõe um voto de louvor ao Sr. Presidente pela sua reconhecida competência e dedicação ao ensino, que é aprovado por unanimidade»* [105]. Na acta da sessão de 1 de Outubro de 1924, pode ler-se: *«pedindo a palavra o prof. Francisco Torrinha prefaz um voto de louvor ao Sr. Director pelos serviços prestados à Escola não só sob o ponto de vista pedagógico como material e terminou fazendo votos porque a amizade que une os professores sempre se mantenha. Foi aprovado por unanimidade»* [106]. Em ses-

---

[101] *Registo Biográfico do Professor Emmanuel Ribeiro*, Processo F. 30, Caixa F. 6-30, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[102] *Idem.*
[103] *Idem.*
[104] *O Tripeiro.* 11 (181), Setembro 1931.
[105] *Livro das Actas das Sessões do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 43 da Sessão do Conselho Escolar de 1 de Outubro de 1923, fl. 27, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[106] *Livro das Actas das Sessões do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 47 da Sessão do Conselho Escolar de 1 de Outubro de 1924, fl. 29, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

são de 4 de Junho de 1927, pode ler-se *«pelo professor Almeida Eça é proposto um voto de louvor ao Sr. Director pela elevada isenção e subido interesse e critério com que sempre tem dirigido os serviços escolares, fazendo votos também pela sua feliz viagem a Paris e regresso, votos a que se associaram todos os professores presentes»* [107].

Emmanuel Ribeiro colaborou em várias revistas: *Portucale*, *Límia*, *Feira da Ladra*, *O Tripeiro*, entre outras. Em *O Tripeiro*, Emmanuel Ribeiro começou por ser colaborador artístico, também com Virgílio Ferreira e Eduardo da Fonseca e Vasconcelos [108] e em 1930 faz parte da redacção efectiva, como director, juntamente com o Dr. R. de Serpa Pinto, como secretário [109]. Emmanuel Ribeiro ilustrou vários artigos publicados em *O Tripeiro* com desenhos de figuras típicas da cidade [110].

Emmanuel Ribeiro despertou-nos uma intensa curiosidade, uma vontade de explorar muito mais fundo todo o seu legado pelo encantamento que todos os seus escritos nos provocaram e por todas as referências que os seus alunos nos veicularam. Porém, o âmbito do presente trabalho, e embora nos refiramos a ele no capítulo dedicado aos modelos de ensino, não nos permite tal desígnio. Apesar deste constrangimento, não resistimos a inserir neste capítulo um artigo que escreveu na Revista *Portucale* sobre Rodin, intitulado Idealismo e Miticismo: *«RODIN o poeta heróico da forma, que deu ao mármore impressões de fôrça, com uma audácia que ultrapassou Miguel Ângelo por ter-se afastado dos restos do academismo que neste ainda imperou; que conseguiu imprimir no mármore as nuances e as difusidades que admiramos em Carrière; que tem em sua obra paradoxos de Oscar Wilde, virtuosidades de Schumann, contrastando com energias orquestrais e complexas de Wagner, foi um cantor místico do amor, cujo realismo não destrói a concepção espiritual do gesto de ternura que o determinou.*

E êsse miticismo é-nos contado, caladamente, pelo gesto simbolista das mãos, que o seu cinzel privilegiado arrancou à insignificância da pedra. No seu ESTUDO DE MÃOS vê-se a mão "dêle" buscando a mão "dela". Leve tacto ainda, sem contracções, apenas toque levíssimo, que exprime tudo o que a palavra não pode exprimir. É a evocação. E as duas mãos, a "dêle" mais a "dela", vão-se erguendo, elevando docemente, tocando-se ainda apenas!... E os dedos formam abóbadas, os dedos indicam ogivais contornos, e aparecem-nos sombras de naves, claridades de claustros, nuances do contra-luz da rosácea escorrendo

[107] *Livro das Actas das Sessões do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães, Bonfim, Porto*, Acta nº 58 da Sessão do Conselho Escolar de 4 de Junho de 1927, fl. 35 v, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[108] *O Tripeiro*. Vol. I: 1-18, 7., Julho/Dezembro 1908.
[109] *Idem*: 4ª série, 50 (170), Outubro 1930 (extraordinária).
[110] *Idem*. 1 (171), Novembro 1930, p. 13 - "Castanhas Assadas" gravura em madeira; nº 2 (172), Janeiro de 1931, p. 29; - "A Carquejeira" gravura em madeira; nº 3 (173), Fevereiro de 1931, p. 45; - "A Galinheira" gravura em madeira; nº 4 (174), Fevereiro de 1931; - "Peixeira" gravura em madeira; nº 5 (175), Março de 1931; - "Cesteiro" gravura em madeira; nº 6 (176), Abril de 1931; "Leiteira" gravura em madeira e nº 7 (177), Maio de 1931; - "Barbeiro-Amolador" gravura em madeira.

feixes de sol. E A CATEDRAL aparece-nos erguida, evocadoramente, no primeiro êxtase de ternura, serêna ainda, magnânima ainda! Ainda presos, "êle" e "ela", à evocação.

Depois, na MÃO DE DEUS se entregam, e bôca com bôca rezam as orações da vida e da continuidade que perpetuem a própria vida. É o acordar! É a realidade!

Então a mão "dêle" e a "dela" erguem-se de novo, serênamente, com o dedo indicador sôbre os lábios queimados dos beijos e juram segrêdo, O SEGRÊDO místico dum carinho que só terminará com a morte. E mesmo assim, do além, a MÃO SAINDO DO TÚMULO acenará o último adeus a êsse amor que deveria ter sido a maior epopeia duma vida. Foi assim que RODIN nos apresentou o amor» [111].

FRANCISCO FORTE FARIA TORRINHA constituiu uma referência da Escola Faria Guimarães, formador de sucessivas gerações, sempre presente e interveniente na vida escolar. Homem extraordinariamente dotado, desempenhou um papel relevante como cidadão e homem de cultura.

Tinha como habilitações literárias o Curso de Teologia pela Universidade de Coimbra (12 valores). Leccionou na Escola Industrial Faria Guimarães as disciplinas de português e francês desde 13 de Junho de 1919 a 30 de Setembro do mesmo ano, como professor tirocinante por decreto de 2 de Junho de 1919 e desde 1 de Outubro de 1919, como professor efectivo nomeado por decreto de 4.9.1919 até 6 de Julho de 1948. Em 28 de Agosto de 1948 optou pelo lugar de professor efectivo do Liceu D. Manuel II, abandonando a Escola Faria Guimarães.

Foi nomeado, procedendo de concurso, professor efectivo das disciplinas do 1º grau dos Cursos dos Liceus, por decreto de 20.6.1906, sendo colocado no Liceu Central de Évora em 1 de Junho de 1903; posteriormente, Conservador (mais tarde bibliotecário) da Biblioteca Pública de Évora, por decreto de 19.8.1907; pediu a transferência para o Liceu Central Rodrigues de Freitas do Porto, a qual foi concedida por decreto de 14.4.1913, tendo, por isso, sido exonerado, a seu pedido, do cargo de Bibliotecário na Biblioteca Pública de Évora; professor substituto da 3ª disciplina das Escolas Industriais e Comerciais por decreto de 14.9.1915; no ano lectivo de 1914/1915 até ao de 1918/1919 (inclusive), professor substituto na Escola Comercial de Oliveira Martins; no ano lectivo de 1915/16 até ao de 1918/19 (inclusive), professor substituto ou provisório da Escola Industrial Infante D. Henrique; por diploma de 2 de Junho de 1919, transferido da Escola Comercial Oliveira Martins para a Industrial Faria Guimarães. Nesta data é professor efectivo do Liceu Rodrigues de Freitas.

---

[111] RIBEIRO, Emmanuel - *Idealismo e Misticismo*. Revista Portucale. Vol. VII: Maio-Junho 1934, pp. 96-98.

Foi nomeado presidente de júri de exames do Ensino Secundário em diferentes anos e Liceus e, por portaria de 6.12.1921, vogal de Júri de Filologia Clássica nos exames de Estado dos candidatos ao Magistério Liceal, habilitados pelas Escolas Normais Superiores das Universidades de Lisboa e Coimbra. Em 4 de Junho de 1928, sendo professor efectivo do Liceu Rodrigues de Freitas e da Escola Industrial Faria Guimarães, renuncia ao cargo de professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em cumprimento da lei das acumulações e em virtude de ter sido extinta aquela Faculdade, com a declaração de que desejava que lhe fosse assegurado o direito de optar pelo lugar que abandonava, se a mesma Faculdade viesse a ser estabelecida.

De 1933 a 1943 fez parte dos júris de exames de admissão no Instituto Industrial do Porto. Exerceu interinamente o cargo de Reitor do Liceu Rodrigues de Freitas. Foi nomeado Director da Escola Industrial Faria Guimarães por decreto de 4.6.1919, cargo que exerceu de 4.6.1919 a 19.10.1922. Como Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, colaborou na elaboração do Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, desde Maio de 1948 a Maio de 1949.

Foi agraciado com o Grau de Doutor em Letras, Secção de Filologia Clássica e inscrito como tal com o nº 50 no Registo dos Doutores da Universidade do Porto. Foi ainda sócio correspondente do Instituto de Coimbra.

Em 11 de Dezembro de 1948 foi homenageado pela Escola Industrial Faria Guimarães onde exerceu o cargo de Director e professor. Foi colocada uma placa de mármore na sala onde leccionou com os seguintes dizeres: «*Sala Dr. Francisco Torrinha - Exerceu nesta escola o cargo de Director e professor com a mais elevada dedicação, proficiência e carinho*».

Como homem de letras que era publicou as seguintes obras: Anphiterjão ou Júpiter e Alemône, Ópera de António José da Silva com prefácio e notas; 2º Catálogo Metódico da Biblioteca do Liceu Rodrigues de Freitas; Gramática da Língua Portuguesa; Elementos da Gramática Portuguesa para as Escolas Industriais e Comerciais e Elementos de Gramática Portuguesa para a 3ª, 4ª e 5ª classe dos Liceus; 2ª edição da Farsa "Inês Pereira" com vocabulário e notas de colaboração com Augusto C. Pires de Lima; Dicionário da Língua Portuguesa. Foi, por despacho de Sua Exª o Ministro de 24.2.1933, recomendado o uso deste Dicionário nas escolas de ensino médio [112].

Francisco Torrinha colaborou na *Revista de Portugal* e na *Portucale*. Em 1 de Maio de 1949 foram-lhe impostas, numa homenagem realizada no Porto no Liceu D. Manuel II, as

[112] *Registo Biográfico do Professor Francisco Forte Faria Torrinha*, Processo F. - 35, Caixa F. 35-41, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

insígnias da Ordem de Sant'Iago da Espada pelo então Ministro da Educação Nacional, Dr. Pires de Lima, com que já tinha sido agraciado [113].

JOSÉ FERNANDES DE SOUSA CALDAS nasceu em 17 de Maio de 1894 em Mafamude, Vila Nova de Gaia e frequentou o Curso de Desenho e de Escultura da Escola de Belas-Artes do Porto que concluiu em 1911, com 18 valores, tendo tido como professores Teixeira Lopes, José de Brito e Marques de Oliveira [114]. Sousa Caldas trabalhou na oficina do seu Professor e Mestre Teixeira Lopes, tendo aí desenvolvido a sua capacidade técnica. Muito cedo se viu na necessidade de esculpir obras e de enveredar pelo ensino por *«(...) seu pai, José Fernandes Caldas, imaginário de apurada sensibilidade, principalmente no ramo da escultura religiosa, ter rumado para o Brasil a fim de valer a uma embaraçosa situação económica da família, causada pela mudança de regime nacional»* [115]. O Padre Romero Vila refere que foram padrinhos de Sousa Caldas o escultor José Joaquim Teixeira Lopes (pai) e como madrinha Nossa Senhora do Rosário, ostentando a coroa desta o escultor António Teixeira Lopes [116]. Poder-se-á verificar assim a grande proximidade existente entre Sousa Caldas e a família Teixeira Lopes.

Desenvolveu a sua actividade docente como professor provisório da Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto, nos anos lectivos 1922/23 a 1924/25; professor tirocinante, por despacho de 15.2.1925 na Escola Industrial de Passos Manuel, em Gaia. Foi nomeado professor efectivo dessa escola por despacho de 16.5.1925, Director da referida escola por decreto de 2 de Julho de 1926 e em 3 de Junho de 1930 exonerado do cargo de director e transferido para a Escola Industrial Faria Guimarães. Ao longo da sua vida como professor foi nomeado para as mais variadas tarefas. Fez parte da Comissão Executiva e Promotora do 1º Congresso das Escolas Técnicas em 1927, realizado no Palácio da Bolsa, no Porto; do júri de concurso para mestre da Oficina de Carpintaria Mecânica da Escola Industrial Emídio Navarro de Bragança, em 1931; do júri de exames na Escola de Palmaz, em 1929/30 e nas Escolas do "Comércio do Porto" e Palmaz, em 1930/31; do júri de concurso para o lugar de mestres contratados de Pintura Cerâmica da Escola Industrial Passos Manuel de Gaia, em 1932; do júri do concurso para o lugar de mestre contratado da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda em Guimarães, em 1932; foi Sindicante na Escola Comercial Mouzinho da Silveira em 1934 e na Escola Industrial Francisco de Holanda, em 1935; Membro de Inspecção na Escola Industrial e Comercial Nuno Álvares em 1934; Membro do júri do

[113] Revista *Portucale*. 2ª Série, 21-22, Maio-Agosto 1949, p. 163.
[114] VILA, Romero (Padre) - *O Escultor Sousa Caldas, Breve análise à sua vida de professor e artista*. Porto: [s.n.], 1965, p. 6.
[115] *Id., Ibid., p. 6.*
[116] *Id. Ibid.*, p. 8.

concurso feito na Escola Industrial Faria Guimarães para mestre de oficina de marcenaria da Escola de Águeda em 1937; Membro do júri de exames na Escola Industrial Baltazar do Couto e na Escola de Velho Cabral, em Ponta Delgada, em 1937 e 1940; fez parte do júri da Comissão Nacional dos Centenários para julgar os trabalhos apresentados para o concurso de cartazes alusivos ao Cortejo do Trabalho em 1939; foi vogal da Comissão de Reforma do Ensino Técnico em 1942/43.

Foi nomeado Director interino da Escola Industrial Faria Guimarães, por despacho de 22 de Julho de 1932 e Director efectivo por despacho, publicado em Diário do Governo nº 11, 2ª Série de 13 de Janeiro de 1933.

Exerceu funções docentes na Escola Industrial Faria Guimarães desde 1930 a 17.5.1964, ano da aposentação, tendo aí leccionado as disciplinas de desenho, modelação, flora e fauna, estilos, desenho ornamental. No período de 1 de Maio de 1948 a 30 de Abril de 1949, esteve afastado do serviço a fim de colaborar, na qualidade de escultor, na conclusão do Monumento Público comemorativo da Guerra Peninsular, existente na cidade do Porto na Praça Mouzinho de Albuquerque. Este afastamento foi equiparado, superiormente, a bolseiro no país [117].

A primeira vez que Sousa Caldas expôs o seu trabalho ao público foi no Porto em 1914, seguindo-se outras onde conseguiu vários prémios [118]. Assim foram-lhe atribuídos: a medalha de bronze na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1923; em 1928, primeira medalha da Sociedade Nacional de Belas-Artes; Prémio Teixeira Lopes na Exposição do Maio Florido do S.N.I., no Salão de Arte Contemporânea [119]. Participou ainda em outras exposições, com trabalhos seus, como em Barcelona, por exemplo. Em Abril de 1930 participa, ainda como professor da Escola Industrial de Passos Manuel de Vila Nova de Gaia, com três peças, na "Exposição de Arte por Professores das Escolas Técnicas", realizada no Porto [120]. Participou, igualmente, em 1935 na grande Exposição dos Artistas Portugueses realizada no Porto, com um Cristo em bronze, que lhe valeria a atribuição de uma medalha [121].

Pelo seu trabalho como docente e como artista foram-lhe concedidos vários louvores: pelo Conselho Escolar da Escola Passos Manuel de Gaia, em sessão de 2.5.1928 e 11.6.1930; pela Câmara Municipal de Gaia pelos serviços prestados ao Conselho de Gaia; pelo Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães em sessão de 3.10.1932, de 21.7.1933 e de 25 de Julho de 1934, «*pela forma como tem dirigido esta escola, e pelo es-*

[117] *Registo Biográfico do Professor José Fernandes de Sousa Caldas*, Processo F. 46, Caixa F. 46-48, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[118] VILA, Romero (Padre) - *O Escultor Sousa Caldas, Breve análise à sua vida de professor e artista*. Porto: [s.n.],1965, p. 10.
[119] *Registo Biográfico do Professor José Fernandes de Sousa Caldas*, Processo F. 46, Caixa F. 46-48, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[120] *Catálogo da Exposição de Arte por professores das Escolas Técnicas*. Porto: [s.n.], Abril de 1930.
[121] *Catálogo da Grande Exposíção dos Artistas Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1935, p. 59.

pírito de solidariedade que tem mostrado entre o corpo docente, sem esquecer a disciplina que sempre revela em todos os actos, resolvendo também que seja colocado o seu retrato na sala do conselho»; por Sua Exª o Sr. Ministro da Instrução no Diário do Governo nº 100, 2ª Série de 1 de Maio de 1930; em 17 de Dezembro de 1935, distinguido com a Cruz de Ouro dos Escuteiros de Portugal; em 16 de Dezembro de 1947, foi-lhe atribuído um louvor pelo Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa pelo trabalho realizado no primeiro Salão Provincial de Educação Estética do Douro Litoral; agraciado com o grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública, por decreto de 30 de Junho de 1955 e em 25 de Junho de 1966, a título póstumo, com o Grau de Oficial da Ordem Militar de Sant'lago de Espada, pelo Presidente da República [122].

Em 18 de Maio de 1937, data do seu aniversário natalício, Sousa Caldas foi objecto de uma homenagem dos alunos, a que se associaram os professores da escola, que foi materializada pela colocação de uma placa, que ainda hoje lá se encontra, que tem gravadas as seguintes palavras: *«Ao seu querido Director Sousa Caldas, Homenagem dos alunos da Escola de Faria Guimarães (Arte Aplicada) - 18-5-1937»*. Na ocasião, o arquitecto Marques da Silva, professor da Escola e Director da Escola de Belas-Artes do Porto, proferiu um discurso onde afirmava: *«(...) o escultor Sousa Caldas tem demonstrado a maior dedicação pela defesa da Escola, dotando-a com o máximo de elementos para a fazer progredir. [...] tem tido o nosso Director dois objectivos essenciais em vista: o desenvolvimento do ensino e o melhor acolhimento e bem estar dos alunos para receber êsse ensino. [...] E eu, que tenho assistido ao seu desenvolvimento, cumpro, neste momento, dois deveres: 1º o de felicitar o senhor Director pela obra organizada, que é justo assinalar e que é merecedora das homenagens dos alunos, professores e mestres; 2º, o de louvar os alunos pela sua atitude, que eu tenho prazer em realçar, acentuando que, quer agora, quer sempre, os tenho conhecido na sua simplicidade, respeitosos, sedentos de bom ensino, desejosos de levar desta Escola alguma cousa que lhes sirva pela vida fora»* [123].

Em 23 de Maio de 1964, numa homenagem feita pela Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis ao Escultor Sousa Caldas, Victor Duarte, professor da escola e antigo aluno deste, fez um retrato do Professor e do Artista, do seguinte teor: *«recordo como se fosse hoje as aulas de Vª Exª. Como elas nos cativavam!... pois a sua acção durante estas, tinha a seguinte finalidade: exercitar mais que criticar, sugerir mais que corrigir e propor mais que impor. [...] o seu lema foi educar o que se encontra potencialmente no aluno e satisfazer as suas qualidades, para que ele possa naturalmente afirmar a sua personalidade, e assim*

---

[122] *Registo Biográfico do Professor José Fernandes de Sousa Caldas*, Processo F. 46, Caixa F. 46-48, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[123] *Boletim da Escola Industrial de Faria Guimarães (Arte Aplicada). 1884 a 1939*. Porto: Edições Marânus, Ano I, 1939, nº 1, pp. 46-47.

despertar os seus valores pessoais: sendo por isso, todos os professores obrigados a respeitá-los e a enriquecê-los. [...] Como poucos, chegou a um maravilhoso sentimento da forma, o que o tornou um escultor capaz de discernir variações e gradações quase imperceptíveis das formas, insensíveis, em todo o caso, à visão ordinária. Incansável não somente com a preocupação de fazer qualquer coisa, mas sim de criar. Os seus trabalhos são cuidadosa e conscientemente estudados e depois elaborados e acusam uma formação da mão, da vista e do espírito, devido àqueles meios que conservam a vitalidade e desenvolvem a união do pensamento à acção» [124]. A essa homenagem juntaram-se vários directores de escolas do Porto e arredores: Escola Comercial Filipa de Vilhena; Escola Industrial Aurélia de Sousa; Escola Técnica Comercial Clara de Resende; Escola Comercial Oliveira Martins; Escola Técnica Elementar Ramalho Ortigão; Escola Técnica Elementar Gomes Teixeira; Escola Industrial e Comercial de Matosinhos; Escola Industrial e Comercial de Póvoa de Varzim; Escola Industrial e Comercial de Gondomar; Escola Industrial e Comercial de Vila Nova de Gaia e Escola Comercial e Industrial de Espinho.

Segundo Romero Vila, Sousa Caldas como artista *«era um escultor sequioso de perfeição, que algumas vezes alcançou alto grau, em algumas obras em que deixou bem marcados os seus momentos de alta inspiração plástica, como no belo monumento dedicado a D. António Barroso e na estátua de João das Regras, no Palácio da Justiça do Porto, onde denota em cada uma delas, a linha sempre elevada que, uma constante aplicação do seu esforço intelectual, soube incutir a toda a sua vida terrena - a de aprender e a de ensinar»* [125].

Das obras de escultura realizadas por Sousa Caldas, evidenciamos: de parceria com Henrique Moreira, a execução do Monumento da Guerra Peninsular na Praça Mouzinho da Silveira, projecto da autoria do Arquitecto Marques da Silva e do escultor Alves de Sousa; um baixo-relevo, na fachada do Teatro de S. João no Porto, com o título "Ódio"; um conjunto escultórico no Palácio de Cristal do Porto; a estátua do Padre Américo no Calvário do Carvalhido, no Porto; duas estátuas no edifício da Câmara Municipal do Porto; uma quantidade de bustos e monumentos públicos, desde o de D. António Barroso em Barcelos, Luís de Camões em Vigo, Cardeal Cerejeira em Lousada, Diogo Casseis no Jardim de Vila Nova de Gaia, Abade de Baçal em Bragança, Dr. Rebelo Moniz em Resende, Dr. Joaquim Borges em Vila Nova de Tazem, Alfredo Coelho em Lisboa, Pio X no Seminário da Sé do Porto, Carolina Michaëlis na Escola Secundária do mesmo nome, no Porto, Dr. João de Almeida no Hospital

---

[124] *Homenagem ao Director da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis Escultor Sousa Caldas*. Porto: Publicação editada pela Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, Ano Lectivo 1963/64.
[125] VILA, Romero (Padre) - *O escultor Sousa Caldas. Breve análise à sua vida de professor e artista*. Porto: [s.n.], 1965, p. 10.

da Misericórdia de Lamego [126]; Monumento aos Mortos da Grande Guerra em Aveiro; baixo-relevo existente na parede exterior da Escola Secundária Soares dos Reis na esquina das Ruas da Firmeza e de D. João IV; em instituições de caridade, associações e edifícios particulares deixou uma longa galeria de retratos, em bronze e mármore como os do Dr. Couto Soares, Barão de Nova Sintra, Conde de Agrolongo, maestro Hernâni Torres, Dr. Alfredo Magalhães, Dr. Sousa Júnior, Dr. Ricardo Jorge, Dr. Pinheiro Torres e outros[127], além de muitas outras estátuas, estatuetas, motivos de decoração artística, espalhados por jardins, edifícios públicos, museus e colecções particulares. Nos museus encontra-se representado no de Arte Contemporânea de Lisboa, no Soares dos Reis do Porto e no de Abade de Baçal em Bragança [128].

JÚLIO GONZAGA RAMOS, nascido a 21 de Junho de 1868, tinha como habilitações literárias os Cursos de Arquitectura (antiga organização) e de Desenho Histórico, de Pintura Histórica (antiga organização) e frequência do de Escultura, todos da Escola de Belas-Artes do Porto. Aí teve como mestres Soares dos Reis, João A. Correia e Marques d'Oliveira.

Foi distinguido com vários prémios: o 1º prémio em Arquitectura (Soares dos Reis) em 1888 e uma menção honrosa em Desenho Histórico da Escola de Belas-Artes do Porto (em 1886); 3 menções honrosas na Escola de Paris - Academie Julian - Ateliers de Peinture, de Sculpture et Dessin - situada na Galeria Montmartre, nº 27. Júlio Ramos trabalhou neste atelier sob a direcção de Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. Aí recebeu uma menção por um estudo, em Fevereiro de 1893; uma menção por uma figura desenhada, em Fevereiro de 1894 e uma menção por um estudo, em Março de 1894; expôs dois quadros no Salão de 1897 (Exposição Anual de Belas-Artes) Paris; segunda medalha (prata), com o quadro "Estudo de Barcos" na Exposição de Belas-Artes que teve lugar na Associação Católica, no Porto em Julho de 1897 [129]; medalha de prata no Grémio Artístico de Lisboa (Exposição de Belas-Artes) de 1898, com o quadro "Entrada de Barcos" (Bretanha); uma terceira medalha (de bronze) na Exposição Universal de Paris de 1900; duas medalhas de ouro nas Exposições do Rio de Janeiro de 1908 e 1922.

Júlio Ramos apresentou várias vezes ao público as suas obras tendo participado em diversas exposições, no Salon de Paris, em Berlim, Porto, Lisboa e Rio de Janeiro. Assim,

---

[126] VILA, Romero (Padre) - *O escultor Sousa Caldas. Breve análise à sua vida de professor e artista*. Porto: [s.n.], 1965, p. 10.

[127] *Id., Ibid., p.* 10.

[128] *Registo Biográfico do Professor José Fernandes de Sousa Caldas*, Processo F. 46, Caixa F. 46-48, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[129] *O Comércio do Porto* referia-se assim a essa exposição «*Encerra-se hoje o certame de belas-artes instalado no edifício da Associação Católica* [...] *O júri deu ontem a decisão: Na secção de pintura, 1ª medalha (ouro) ao quadro"Sitio da Bataria" de João Augusto Ribeiro; 2ª medalha (prata) ao "Estudo de Barcos" de Júlio Ramos; 3ª medalha (cobre) ao quadro "Conto do Rio Leça" de Torquato Ribeiro. Na secção de escultura, 1ª medalha (ouro) ao escultor Teixeira Lopes*». Jornal *O Comércio do Porto*, de 15 de Julho de 1897, nº 165.

em 1930 participou com 17 quadros, na qualidade de pintor e professor da Escola Industrial Faria Guimarães, na Exposição de Arte por professores das Escolas Técnicas[130]. Participou também em Maio e Junho de 1935 na grande Exposição dos Artistas Portugueses, no Porto com o óleo "Céu Nublado" [131].

Em Março de 1933, expõe no Salão Silva Porto. Sobre essa exposição e o trabalho de Júlio Ramos escreve Cláudio Bastos «*Júlio Ramos é artista completo. Sabe encontrar e sentir a beleza das coisas, e sabe reproduzir, tornar bem visível aos outros, com perfeição técnica, essa beleza animada de sentimento. As coisas sonham, - manifestação sensível da sua alma incompreendida. O seu vago sonho é não sei quê que lhes crepusculiza as formas, como se as coisas se estivessem desmineralizando tenuìssimamente e êsse "quê" misterioso se adensasse, bailante, incerto, por sôbre as superfícies... É como se a própria alma das coisas delas irradiasse num eflúvio que lhes indefinisse e espiritualizasse as linhas, os planos, as côres... O sonho das coisas - é a sua beleza.* [...] *Júlio Ramos tem o condão de ver e interpretar o sonho das coisas - o sonho da Natureza. Para êle, a Natureza é o Assunto, a Inspiração, o seu Amor, - é tudo. Poeta da Natureza, - é, lògicamente, pintor da Natureza. Não há nêle artimanhas, atitudes de homem-de-arte, modernismos de ocasião; nada soa nêle a falso. Pinta com sinceridade, - honestamente.* [...] *Júlio Ramos, pintor da Natureza, tem a Luz por divindade suprema. A Luz não tem enigmas para êle. Êle conhece-lhe todos os efeitos e tonalidades, todos os encantos, todos os segredos. Sabe encontrar-lhe sempre os melhores beijos, as melhores carícias.* [...] *É que a Luz é que torna visível o sonho das coisas - a sua beleza.* [...] *E a realização atenta, delicada, correcta e fiel, aquece-a, vivifica-a, transfigura-a, êsse divino sonho que o sentimento do Artista consegue transportar, maravilhosamente, da Natureza para a tela*» [132].

Iniciou a sua actividade docente na Escola Industrial Faria Guimarães, como professor provisório em 15 de Outubro de 1923 e em 21 de Julho de 1938 aposentou-se. Aí leccionou as disciplinas de desenho geral elementar, desenho ornamental e modelação, pintura decorativa e modelação [133]. Foi louvado no Diário do Governo nº 100, 2ª Série de 1 de Maio de 1930 [134].

Em 19 de Dezembro de 1938, a Escola Industrial Faria Guimarães, levou a cabo uma homenagem que se realizou no Teatro S. João no Porto, promovida pelo Conselho de Professores, ao professor e pintor Júlio Ramos e a um antigo aluno, o industrial portuense Ma-

---

[130] *Catálogo da Exposição de Arte por Professores das Escolas Técnicas*. Porto: [s.n.], Abril de 1930, pp. 7-8.
[131] *Catálogo da Grande Exposição dos Artistas Portugueses*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1935, nº 20, p. 12.
[132] *Cláudio Bastos*. Revista Portucale. Vol. VI: 32, Março-Abril 1933, pp. 81-82.
[133] *Registo Biográfico do Professor Júlio Gonzaga Ramos*, Processo F. 81, Caixa F. 79-85, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto,
[134] *Idem*.

nuel Pinto de Azevedo. Nessa cerimónia onde se encontravam várias personalidades da vida política e cultural, entre elas o mestre Teixeira Lopes, o então Director da Escola, escultor Sousa Caldas, fez o elogio do mestre e do aluno. Referindo-se a Júlio Ramos lamentou que fosse obrigado a abandonar o estabelecimento de ensino *«(...) que serviu com tão acentuado amor, deixando em todos os que nêle trabalham o perfume de uma saudade imperecível. Na sala onde ele trabalhou tantos anos, ficará a assinalar perenemente o sulco luminoso da sua passagem, um medalhão do companheiro querido. Esse medalhão que aqui vamos descerrar, simbolizando materialmente o preito da nossa vivíssima gratidão, exprime ainda mais o desejo veemente de, lutando corajosamente contra o tempo inexorável, conservar para sempre e muito perto do coração a figura de Júlio Ramos, fundida em bronze»* [135]. O arquitecto Marques da Silva, professor da Escola, fez nessa cerimónia um discurso sobre o professor e o artista Júlio Ramos de que salientamos: *«(...) concluindo o curso de Desenho Histórico, Júlio Ramos cursou Arquitectura Civil. O seu curso foi brilhantíssimo. Concluiu-o em 1887 e no ano seguinte obtinha o prémio pecuniário Soares dos Reis. A pintura havia dado à Escola grande número de brilhantes artistas, cujas obras povoavam as aulas e incitavam a aspiração aos alunos. Principalmente as executadas em França e na Itália pelos nossos pensionistas no estrangeiro. O nosso querido colega homenageado não ficou estranho à influência e tendo entrado no Curso de Pintura, meteu-se à luta, porque lutando é que os homens adquirem fôrça para vencer. Jamais se perde em terçar armas no campo da competência e do trabalho. E Júlio Ramos venceu, porque, em Novembro de 1891, partiu para Paris, a concluir os seus estudos de Pintura. Para quem percorreu igual caminho, não pode descrever-se sem emoção o que representa a realização dum pensamento de idealidade sempre vivido e persistente, desde os primeiros tempos da Escola.*[...] *Foi a paisagem que mais interessou a Júlio Ramos e como paisagista expôs nas exposições do Salon de Paris nos anos de 1886 e 1897. Segue-se uma série ininterrupta de triunfos. A sua vasta obra acha-se representada nos vários museus do país, tais como: o Museu Municipal do Porto; o Museu Municipal de Arte Contemporânea de Lisboa; o Museu Grão Vasco, de Viseu; o Museu Abade de Baçal, de Bragança e o Museu de Guimarães.*[...] *E, aposentar-se, o mesmo é que separação da sua escola, o desaparecimento da falta de convívio dos seus colegas, que muito o estimavam e continuam a estimar, dos seus alunos que o idolatravam* [...] *Eles lembrar-se-ão sem esquecimento, estou certo, do seu bom ensino e nesta festa que deve ser de alegria, dirão, saudosamente comigo: glória ao professor Júlio Ramos pelo bem que nos fez»* [136]. Não resistimos aqui a transcrever as palavras de agradecimento

---

[135] *Boletim da Escola Industrial de Faria Guimarães (Arte Aplicada)* - 1884 a 1939. Porto: Edições Marâmus, Ano I, 1939, nº 1, p. 49.
[136] *Idem*, pp. 51-52.

de Júlio Ramos aos discursos proferidos, reveladoras da sua profunda ligação à Escola Faria Guimarães. Assim apenas disse: *«Não sei como agradecer! Pouco fiz. Como artista, esforcei-me por ser sincero; como professor, diligenciei cumprir o meu dever. Quis, enternecidamente, à Escola ... Nem sei dizer! Muito obrigado a todos... Muito obrigado»* [137].

A Revista *Portucale* relata assim a homenagem prestada a Júlio Ramos na primeira quinzena de 1943: *«um grupo de amigos e admiradores de Júlio Ramos, pintor-paisagista de notáveis faculdades e obra famosa, prestou-lhe justa homenagem, em Dezembro: realizou no Salão de "Silva Pôrto", à Rua de Cedofeita, desta Invicta-Cidade, uma exposição retrospectiva da sua vasta obra, e reuniu numa plaquette (álbum literário e artístico), em preciosa colectânea, as opiniões e desenhos de alguns homens-de-letras e artistas plásticos. A exposição resultou a melhor consagração do artista. Porque através das salas do referido Salão de "Silva-Pôrto", quási duas centenas de telas, as que se conseguiram reunir, algumas de grandes dimensões, das mais variadas épocas e situações, marcaram bem a posição do Mestre-Pintor, como paisagista da melhor têmpera, no escol artístico de Portugal. Júlio Ramos, sendo um consagrado na pintura de ar livre, por índole e por feitio de encantado, de enamorado das coisas, da Natureza, pode considerar-se, sem favor e com muito brilho, apesar da sua maneira muito própria, um pintor-poeta das tardes de outono, dos recantos sonhadores, das nuvens encasteladas e das águas deslizantes ou adormecidas»* [138].

Em Abril de 1944, foram entregues a Júlio Ramos as insígnias da Ordem de Sant'lago de Espada pelo Ministro da Educação Nacional proposta pela Direcção-Geral do Ensino Técnico Elementar e Médio [139].

PEDRO DE FIGUEIREDO FERREIRA, natural de Tondela onde nasceu em 19 de Abril de 1880, veio estudar para o Porto em 1894, onde frequentou e concluiu no Instituto Industrial e Comercial do Porto, as cadeiras de desenho rigoroso de ornamento e modelação; desenho arquitectónico, topográfico e de minas; desenho aplicado à indústria, onde foi merecedor de algumas menções honrosas que lhe foram concedidas em 1896 e 1897 [140].

Segundo Bertino Daciano frequentou ainda a Academia Portuense de Belas-Artes onde *«(...) com a nota de distinção de 16 valores se classificou nos anos de 1897 e 1899 e ainda nas provas de exames finais dos 3º e 5º anos de pintura histórica. Nos anos de 1897 e 1903 foi julgado digno de elogio e em 1899 obteve prémio pecuniário nas provas de concur-*

[137] *Boletim da Escola Industrial de Faria Guimarães (Arte Aplicada)* - 1884 a 1939. Porto: Edições Marâmus, Ano I, 1939, nº 1, p. 53.
[138] *Homenagem ao Mestre-Pintor Júlio Ramos. Revista Portucale.* Vol. XVI: 96, Novembro-Dezembro 1943, p. 194.
[139] *Registo Biográfico do Professor Júlio Gonzaga Ramos*, Processo F. 81, Caixa F. 79-85, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[140] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista.* Porto: [s.n.], 1955, p. 7.

so em desenho histórico» [141]. Estudou ainda desenho rápido (croquis) no Grand'chaumière de Paris e *«completou a sua educação artística, percorrendo diversas cidades europeias, admirando os seus monumentos, visitando as suas galerias de arte e os seus museus»* [142].

Iniciou a sua actividade como professor na Escola Industrial Infante D. Henrique no Porto e na Escola Preparatória do Instituto Industrial e Comercial do Porto, no ano lectivo de 1915/16. Por despacho ministerial de 30 de Novembro de 1917, procedeu à instalação da Escola de Desenho Industrial de Gondomar por proposta do então Inspector do Ensino Industrial e Comercial, António Arroio, tendo elaborado um relatório sobre o primeiro ano lectivo da referida escola, em 1917/18. No ano lectivo de 1919/20, foi encarregado de fazer relatório sobre a forma como decorreram os exames das Escolas de Artes e Ofícios de Gondomar, Passos Manuel de Gaia e Fernando Caldeira, em Aveiro. Em 21 de Junho de 1920 foi colocado na Escola Industrial Faria Guimarães, onde se manteria até 19 de Abril de 1950, altura em que atingiu o limite de idade. Nos anos lectivos de 1920/21 e 1921/22, foi encarregue de elaborar relatórios sobre o ensino e os exames na Escola de Trabalhos Femininos de Vila Real e nos anos lectivos de 1926/27 nas Escolas de Palmaz e de Oliveira de Azeméis. Foi ainda nomeado por ordem de serviço de 13 de Janeiro de 1931, emanada da Direcção-Geral do Ensino Técnico, para fazer parte do júri de concurso para o lugar de Mestre contratado de modista e costura da Escola Industrial Faria Guimarães (Arte Aplicada). Substitui várias vezes o Director da Escola Industrial Faria Guimarães e foi convidado variadíssimas vezes para fazer parte de júris de concursos de trabalhos de alunos (Mocidade Portuguesa, Ateneu Comercial do Porto, etc). Foi louvado pelo Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães em Outubro de 1924 e pelo Ministério da Instrução Pública em Abril de 1930, louvor publicado em Diário do Governo nº 100, 2ª série de 1.5.1930. Na Escola Faria Guimarães, depois Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, leccionou as disciplinas de desenho ornamental, desenho geral, modelação e oficina de pintura decorativa [143].

Pedro de Figueiredo fez parte do grupo de professores que fundaram na cidade do Porto a Escola Nacional de Desenho por Correspondência, tendo elaborado centenas de lições escritas para Portugal e colónias. Foi sócio correspondente da Sociedade Nacional de Belas-Artes e do Grupo de Artistas Portugueses, tendo feito ainda parte do Círculo Dr. José de Figueiredo e de várias direcções da Sociedade de Belas-Artes do Porto. Por intermédio da Sociedade de Belas-Artes do Porto expôs no Porto, em Coimbra e em Lisboa vários dos seus trabalhos, merecendo da crítica palavras de elogio e estímulo plenamente justas [144].

---

[141] *Folha de Tondela*. 1323, 7 Maio 1950.
[142] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista*. Porto: [s.n.], 1955, p. 8.
[143] *Registo Biográfico do Professor Pedro de Figueiredo Ferreira*, Proc. F. 69, Caixa F, 66-72, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.
[144] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *op. cit.*, pp.9-10.

Segundo Bertino Daciano, os trabalhos de Pedro Figueiredo estiveram presentes nas seguintes exposições: Sociedade de Belas Artes - 11ª Exposição Anual no Salão do Ateneu Comercial (Abril de 1922): "Raparigas" (pastel) e "Pombas" (pastel); Sociedade de Belas Artes do Porto - 12ª Exposição Anual no Salão Nobre da Associação Católica (Maio de 1923): "Primavera" (aguarela); "Areinho arredores do Porto" (pastel); "Preparando a ceia" (pastel) e "Casa do Moleiro, Vale do Corgo" (pastel); Exposição de Arte - Por professores das Escolas Técnicas, na Escola Industrial Faria Guimarães (Abril 1930): "Folia"; "Quintais do Porto"; "Entre Campos"; "Hortênsias"; "Nuvem cor de rosa"; "Poente"; "Prole numerosa"; "Pintainhos"; "Laranjas"; "Idade Provecta"; "Pequena Aldeã"; "Mercado"; "Manhã"; "Fumista Precoce"; "Mocidade"; "Pequena Cozinheira"; "Notas da Praia"; "Árvores"; "Caminho de Lordelo"; "Borrachinhos" e "Stº Antoninho"; Exposição de Arte Popular, na Escola Industrial Faria Guimarães (Setembro de 1930) - (não se conhece que trabalho expôs); Exposição Histórica do Vinho do Porto, realizada em 1931, por iniciativa de Alberto Silva, Emmanuel Ribeiro, Pedro Vitorino, Antero Moreira e Oliveira Ferreira: "Lagareiras Durienses" (óleo) e "Fértil Colheita" (óleo); Sociedade de Belas-Artes - Exposição Anual no Salão Silva Porto (Maio de 1931): "A refeição" (óleo); "Poente" (impressão) - (óleo); "Retrato de Emmanuel Ribeiro" (óleo) e "Flores vermelhas" (óleo); Sociedade de Belas-Artes - Exposição Anual no Salão Silva Porto (Maio de 1932): "Tigres" (pastel); "Lições" esboceto (aguarela) e "Urso branco do Polo" esboceto (aguarela); Grande exposição dos Artistas Portugueses, Grande Sorteio Nacional de Arte, no Salão Silva Porto (1935): "Rapariga da aldeia" (óleo); Sociedade de Belas Artes - Exposição Anual no Salão Silva Porto (Março de 1935): "Paisagem" (óleo); "Banhistas" (óleo) e "Ondinas" (óleo); Exposição Marítima do Norte de Portugal (Porto 1939): "Traineiras no Rio Douro" (aguarela) e "Entre a Foz e Matosinhos" (aguarela); Exposição Etnográfica do Douro Litoral e IIª Feira das Colheitas - Palácio de Cristal Portuense (Outubro de 1940): "Caminho de Paranhos" e "Costumes do Porto"; "Como Alguns Artistas Viram o Porto" - Exposição documental e artística que esteve patente ao público nas Salas Alexandre Herculano de Biblioteca Pública Municipal de 20 de Fevereiro a 20 de Março de 1951: "Jardins do Palácio de Cristal" (óleo); Exposição de Arte Contemporânea dos Artistas do Norte. Secretariado Nacional de Informações (Porto - Junho de 1954): "Magia do Sorriso" (pastel) e "Flor Campestre" - Cabeça de rapariga, (óleo); Exposição de Arte Contemporânea dos Artistas do Norte. Secretariado Nacional de Informações (Porto - - Junho de 1955): "A Mulher da Maia" (pastel) e "Preparando o Enxoval" (óleo) [145].

Obras de Pedro Figueiredo figuram na Biblioteca-Museu de Tomaz de Figueiredo em Tondela. No Laboratório Médico do Prof. Alberto de Aguiar, na Rua da Restauração nº 362

[145] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista*. Porto: [s.n.], 1955, pp. 14-17.

no Porto, pode ver-se um amplo friso de azulejos com retratos de todos os médicos da antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, desde 1886 a 1919, assim como alguns químicos notáveis, nacionais e estrangeiros, da autoria de Pedro de Figueiredo. O Prof. Alberto de Aguiar refere *«(...) este friso subordinado à legenda Homenagem aos meus mestres e colegas da Faculdade de Medicina do Porto, período de 1886 a 1919, é da autoria do consciencioso artista e notável pintor ceramista Pedro de Figueiredo, que com penhorante amabilidade se prestou ainda à ingrata reprodução reduzida do mesmo, para servir às gravuras aqui intercaladas e com que pretendemos dar dele esboçada ideia; foi inaugurado em 23 de Junho de 1921»* [146]. Na publicação organizada para o Iº Centenário da Faculdade de Medicina do Porto (1825-1925) *Notícia Histórica da Química Portuguesa nas suas relações com o ensino médico no Porto* da autoria do Prof. Alberto de Aguiar, editado no Porto em 1925, há também referência a esse friso [147].

São ainda da sua autoria: o desenho e a pintura de vários azulejos existentes na Câmara Municipal de Tondela, oito painéis com composições que representam as principais actividades económicas do Concelho - madeiras, lavoura, rebanhos, costumes serranos, apanha da laranja, fábrica de louça preta de Molelos, cenas de feira e vindimas; na Câmara Municipal da Régua; *«(...) um painel de azulejos na frontaria da nova "Escola Primária" de Tondela; diversos grupos alegóricos, também pintados sobre azulejos, para decoração mural dos escritórios da Casa Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lda (Vila Nova de Gaia), com motivos báquicos, alguns baseados nos contos de Rabelais, em composições do pintor francês Garnier e de outros artistas estrangeiros (3); cinco painéis de azulejos, com motivos da capital do Minho, na residência do Sr. Francisco Pereira Farraz (Braga); diversos painéis de azulejos decorativos ("Cedros e Hortênsias"), na residência do Sr. Visconde de S. João da Pesqueira (com a colaboração do Prof. Van Kricken); alguns painéis de azulejos decorativos, na residência do Sr. Joaquim Soares Vieira (Tarouquela - Cinfães); alguns azulejos e uma tela decorativa no tecto da "sala de fumo" da casa do Sr. Adriano Pacheco (Vila Nova de Gaia); S. Pedro, óleo, no tecto da Igreja de Abaças, em Vila Real; vários azulejos decorativos, com desenhos de plantas aquáticas, no Balneário das Pedras Salgadas; etc, etc. Igualmente existem, com desenhos de Pedro de Figueiredo, dois painéis de azulejos ("Castelo de Guimarães" e "Ponte dos Bicos" - Braga), no Palácio António Pereira Ferraz, no Rio de Janeiro, assim como na casa Barbosa Pinto & Cª, também daquela Cidade.»* [148]

---

[146] Prof. Alberto de Aguiar - *O Laboratório médico do Prof. Alberto de Aguiar - Homenagem do mesmo à Faculdade do Porto* (destinado à Exposição Internacional do Rio de Janeiro) Porto, 1922. In GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. -*Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista*. Porto: [s.n.], 1955, p. 12.
[147] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista*. Porto: [s.n.], 1955, p. 11.
[148] *Id., Ibid.*, pp. 12-13.

Pedro de Figueiredo encontra-se representado com trabalhos seus em alguns museus: Museu do Abade de Baçal (Bragança); Museu Municipal Dr. Santos da Rocha (Figueira da Foz); na Casa Vitorino Ribeiro; no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral; na Casa da Criança "Engenheiro Cancela de Abreu" em Sabugosa e na Biblioteca-Museu de Tomaz de Figueiredo em Tondela.

Pedro de Figueiredo fez também vários desenhos para ilustração de obras didácticas, de livros de contos para criança, como é o caso do livro "O Senhor Sabe Tudo contou..." da autoria de D. Isaura Correia Santos, incluído na colecção Figueirinhas para Crianças, editado no Porto, s.d. Colaborou ainda com outros colegas nas ilustrações de "O Serapico e outras Histórias" e "Contos para Crianças". Ilustrou igualmente dois volumes (incluindo as capas): "Madalena e os pirilampos" e "Fernandinho e o A B C", da referida escritora [149].

Um desenho de Pedro Figueiredo intitulado "Adeus do Soldado" encontra-se inserido num volume editado pela "Junta Patriótica do Norte" (15-3-1916 - 25-6-1931). Nesse desenho se inspiraram os autores do monumento aos Mortos da Grande Guerra (1914-18), Emmanuel Ribeiro e Branca Alarcão que se encontra em Tondela. É também da autoria de Pedro de Figueiredo o ex-libris do Dr. Cláudio Bastos [150].

Em 1930, na *Ilustração Moderna*, Emmanuel Ribeiro escreveu algumas notas elogiosas sobre o trabalho de Pedro de Figueiredo e foram reproduzidos os seus quadros "Cabeça de Rapariga", "Entre Campos" e "Pintainhos" [151].

O Século Ilustrado, em 1948, refere-se assim a Pedro de Figueiredo *«(...) é uma das melhores expressões de artista que o Norte actualmente alberga entre as suas fronteiras. Natural de Tondela - vila onde realizou, como hoje ainda se pode ver, a série de notáveis painéis que revestem as paredes do átrio do seu município - cursou a antiga Academia Portuense de Belas Artes, onde obteve altas classificações, além do "Prémio Soares dos Reis". Depois, o artista e o professor, de mãos dadas, iniciaram a sua peregrinação - o caminho que a arte lhes impunha; ontem, como detentor de "cadeiras" em Institutos de Lisboa, Porto e Coimbra; hoje, como amanhã, vivendo e traçando o que a imaginação lhe proporciona; tudo enfim, o que o Mundo e as suas gentes lhe inspiram como, por exemplo, as cabeças de tipos femininos regionais, nas várias maneiras de pôr o lenço - que hoje nesta página publicamos - em reproduções interessantíssimas, a óleo, pastel, lápis e carvão»* [152].

Em 1950, no jornal *O Primeiro de Janeiro* do Porto, ao ser referida a homenagem prestada pela Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis ao professor e artista Pedro de

---

[149] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro Figueiredo, o Pedagogo e o Artista*. Porto: [s.n.], 1955, p. 13, nota (1).
[150] *Id. Ibid.*, p. 13.
[151] *Ilustração Moderna*. 5º ano: 46, Agosto 1930, pp. 188-189.
[152] *Pedro de Figueiredo um pintor regional*. O Século Ilustrado. 571, 11 Dezembro 1948.

Figueiredo no dia em que atingiu o limite de idade, diz-se *«(...) numerosos alunos tiveram-no como professor atento e dedicado nos primeiros e incertos passos da sua orientação profissional. Artista e pedagogo de merecimento, a sua carreira como professor foi um exemplo de perseverança e de carinhoso amor ao ensino. Os alunos encontraram sempre em Pedro de Figueiredo um guia e um conselheiro dedicado, tolerante e amigo»* [153].

Acerca de dois trabalhos de Pedro de Figueiredo, um a sépia e outro a pastel, que se encontram no Museu Municipal do Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz expostos na "Sala de Arte Mário Augusto", um ofício desse Museu, de 23 de Fevereiro de 1954, refere *«(...) ambos revelam, num traço impecável e uma equilibrada gama de cores, uma perfeita técnica de Mestre e o talento artístico do seu Autor»* [154].

O Arquitecto António Meneres que foi aluno de Pedro de Figueiredo, quando frequentou o Curso de Habilitação às Escolas de Belas-Artes na Escola Industrial de Faria Guimarães que iniciou em 1942, fez-nos dele o seguinte retrato: *«era um professor muito interessado, com grandes preocupações pedagógicas. Observava com cuidado os desenhos que os alunos iam fazendo nos seus cavaletes, e sempre que necessário e quando notava alguma incorrecção, explicava cuidadosamente tentando que o aluno a ultrapassasse. Nessa época era muito invulgar um professor dar aos alunos um apoio tão individualizado, e ao mesmo tempo ter tanta preocupação em incentivar os alunos criando-lhes confiança e vontade de se superarem a si próprios»* [155].

Não nos foi possível tomar contacto com alguns dos escritos de Pedro de Figueiredo referentes a conferências que realizou ou até a relatórios que como referimos elaborou, embora a sua mulher, por nós contactada, nos tivesse facultado a observação de parte do seu espólio. Assim, incluímos aqui apenas um artigo que Pedro de Figueiredo escreveu no Boletim Douro Litoral, revelador das suas preocupações com o desenho, onde afirma: *«em missão oficial dimanada do saudoso Inspector do Ensino Primário Técnico, António Arroio, fui em 1917 a Valbom, terra das filigranas por excelência, instalar uma Escola de Desenho, da qual, entre outras, aproveitassem as duas indústrias principais do concelho de Gondomar: o mobiliário de Marcenaria e a Ourivesaria com as suas famosas filigranas de ouro e prata. Visitando as respectivas oficinas, sobretudo aquelas em que se confeccionavam as finíssimas jóias, tão populares quanto apreciadas, encontrei os mais empíricos métodos de trabalho. Os pobres e hábeis artífices não sabiam desenhar. Habitavam em tugúrios com duas ou três divisões, numa das quais, ao lado da oficina cheia de utensílios, fumegava crepitante a lareira, onde a mulher, também artífice paciente, preparava as parcas refeições.*

---

[153] *O Professor e Artista Pedro de Figueiredo.* Jornal O Primeiro de Janeiro, 20.4.1950.
[154] GUIMARÃES, Bertino Daciano R.S. - *Pedro de Figueiredo, o Pedagogo e o Artista.* Porto: [s.n.], 1955, p. 13, nota (1).
[155] De acordo com entrevista ao Arquitecto António Meneres, realizada no Porto em 1996.

Como, entre os inúmeros trabalhos, prontos uns, em preparação outros, não visse um esboço de desenho sequer, pelo qual os artífices se guiassem, chamei-lhes a atenção para essa lacuna e, prontamente, me foi mostrado como procediam: compunham a jóia com o próprio material - finíssimos arames, alguns quase impalpáveis - procurando curvas graciosas, volutas e aspirais ao sabor da sua fantasia e depois imprimiam-na num livro com o auxílio do fumo duma primitiva candeia de petróleo ou azeite. O livro estava cheio de jóias estampadas. O fumo, contornando as delicadas formas, penetrando pelos orifícios e espaços abertos, deixava nítida a contextura ou esqueleto da jóia. Era assim que, acrescentando mais uma ramificação, uma curva ou linha, criavam novas formas, novos modelos!

Durante dois anos lectivos, por várias razões incompletos, na Escola foi ministrado aos estudantes o desenho geométrico e princípios de composição decorativa, bases indispensáveis para o progresso e desenvolvimento de tão simpática indústria. Outros professores me sucederam, e, quando volvidos anos, por mera curiosidade, visitei a Escola, esta tinha tomado outra feição; tinha passado a industrial e não me foi possível ver os resultados benéficos que, certamente, adviriam do ensino do desenho.

Desenharão ainda os humildes e habilíssimos artífices pelo processo do fumo da candeia? Oxalá que não» [156].

SILVESTRO SILVESTRI nasceu em Spoleto, Itália, em 1859. Começou os seus estudos em 1876 no Regio Istituto di Belle Arti di Roma, onde Domenico Bruschi era professor da disciplina de ornato. Este mesmo Bruschi será seu professor na Scuola del Museo Artistico Industriale onde Silvestro se inscreve também. Nesta escola recebe uma menção honrosa no concurso de 1876/77 com uma aguarela e vence o primeiro prémio em 1877/78 com uma aguarela de um prato e vaso em maiolica, em estilo do séc. XVI. Em 1878, apresenta também uma prova de ornato ao Istituto di Belle Arti. Tratava-se de um desenho para "gabinetto da bagno" inspirado em motivos renascentistas e na pintura pompeiana. Em 1879, obtém o diploma do Istituto di Belle Arti juntamente com o seu colega de curso Giuseppe Cellini e transfere-se de Roma para Nápoles e Spoleto, para ali prosseguir estudos no Istituto di Belle Arti com Domenico Morelli.

A ocasião para se fazer conhecer foi-lhe possibilitada através do concurso para o monumento a Garibaldi em 1882, lançado pelo Consiglio Comunale de Spoleto. Transfere-se para Roma em 1885 por ter recebido uma encomenda para uma série de pinturas na sala central do Aquário Romano.

[156] FIGUEIREDO, Pedro de - *Filigranas de Gondomar*. Boletim Douro Litoral. Porto: [s.n.],1953, nº IX, 5º, p. 74.

Em 1889, Silvestri transfere-se para Portugal, provavelmente junto com Giuseppe Cellini, revelando um novo interesse pela arte industrial[157], tendo sido nomeado para o cargo de professor de desenho ornamental na Escola Faria Guimarães, no ano lectivo 1888/89[158].

O seu nome aparece referenciado como fazendo parte do Conselho Escolar da Escola Faria Guimarães desde a acta da sessão nº 1 de 4 de Novembro de 1889 até à acta nº 13 de 3 de Junho de 1891. Como no Livro das Actas do Conselho Escolar se passa da acta nº 13 de 3 de Junho de 1891 para a acta nº 14 de 23 de Agosto de 1919, não conseguimos apurar se o referido professor esteve ao serviço da escola nesse período de tempo. Entre os documentos existentes no seu Registo Biográfico conta-se uma Guia de Apresentação enviada pela Escola de Desenho Industrial Passos Manuel de Gaia, datada de 8 de Julho de 1919, onde se pode ler «*Vae o professor contratado Sr Silvestro Silvestri apresentar-se na Escola Industrial Faria Guimarães no Porto, onde foi colocado, como adido, por decreto de 4 de Junho próximo passado, publicado no Diário do Governo de 19 do mesmo mês. Vae pago de todos os seus vencimentos até fins do mês passado*».

Existe ainda uma cópia do contrato autorizado por portaria expedida pelo Ministério do Comércio e Comunicações de 19 de Agosto de 1919. Esse contrato estabelecido por um prazo de 5 anos, embora tenha a data de 18 de Setembro de 1919, tinha efeitos desde 1 de Dezembro de 1918. Nele, o director da Escola Francisco Forte Torrinha contratava, em nome do Ministro do Comércio e Comunicações e do Governo da República Portuguesa, o Sr. Silvestro Silvestri para «*professor de desenho ornamental das Escolas de Ensino Industriaes Portuguezas*»[159]

Por esse contrato, Silvestro Silvestri leccionou na Escola Faria Guimarães a disciplina de desenho ornamental nos anos lectivos de 1918/19; 1919/20; 1920/21; 1921/22 e 1922/23. O contrato foi-lhe renovado por um ano nos anos lectivos de 1923/24 e 1924/25, tendo falecido em 19 de Fevereiro de 1925[160]. Na acta da sessão do Conselho Escolar de 4 de Junho de 1925 e «*como era este o primeiro Conselho que se realizava depois do falecimento do professor Silvestro Silvestri [o director da Escola] propõe que se exarasse na acta um voto de sentimento e que se dê conhecimento desta resolução à família do falecido professor*»[161].

---

[157] CARDANO, Nicolette - *Considerazioni e materiali per uno studio su Silvestro Silvestri*. Spoleto: Edizioni dell' Accademia Spoletina, 1987, pp. 97-108.

[158] *Relatório sobre as Escolas Industriaes e de Desenho Industrial da Circunscripção do Norte 1888-1889*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890, p. 14.

[159] *Registo Biográfico do Professor Silvestro Silvestri*, Processo e Caixa sem referência, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis - - Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

[160] *Idem*.

[161] *Livro das Actas do Conselho Escolar da Escola Industrial Faria Guimarães Bomfim – Porto*, Acta nº 48 da Sessão do Conselho Escolar de 4 de Junho de 1925, fl. 29v, Arquivo da Escola Secundária Soares dos Reis – Escola Especializada de Ensino Artístico, Porto.

Além da actividade como docente, Silvestro Silvestri desenvolveu em Portugal e, particularmente no Porto, uma actividade artística digna de referência.

Em 1897 participou na Exposição Industrial do Porto, na secção especial de pintura decorativa. Sobre os trabalhos aí expostos, o jornal *O Comércio do Porto* refere: «*N'esta secção encontram-se unicamente esboços, estudos e composições do distincto professor da eschola industrial "Faria Guimarães" snr. Silvestro Silvestri. São nada menos de 93 trabalhos, 36 dos quais referentes ao plano geral de uma capella particular construída, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição na Rua da Constituição. D'estes ultimos, é notável um fragmento circumstanciado, a fresco, que representa a coroação da Virgem, e que é um trabalho correcto, bem feito, que denota as qualidades artisticas do distincto professor. Notam-se ainda belos esboços a pastel, como por exemplo os que representam o casamento, a annunciação e a morte da Virgem e ainda outro representando o nascimento de Jesus. Bastariam estas composições para se fazer uma ideia das aptidões que estes trabalhos exigem, e nos quais se acham bem acentuadas as boas qualidades de artista decorativo que possue o snr. Silvestro Silvestri.*

Das outras composições, salientam-se o plano geral de uma igreja, o projecto de uma sala de espectáculos, outro de um salão de baile; um tecto de teatro, bella alegoria á cidade do Porto, um projecto de ornamentação para o campo de Santo Ovídeo, que devia executar-se por occasião do centenário henriquino; um outro projecto de escadaria; uma pintura caustica, estylo pompeiano, empregada nas paredes interiores e que resiste á influencia da humidade; o projecto geral de uma sala de espectáculos, executado segundo as dimensões de um terreno na praça da Batalha; uma tapeçaria, assunto religioso do séc. XIII, que é um trabalho de uma delicadeza extrema; um projecto de jarra ornamental, etc.

Seria longa a nomenclatura de todas as composições que n'esta secção especial se acham expostas e que abrangem assumptos variados; em todo o caso o que fica descripto patenteia perfeitamente o valor d'esta exposição de arte decorativa tão útil, tão artistica, tão agradável á vista e ao sentimento do bello e que em todos os países é cultivada de um modo distincto, achando-se diffundida e popularisada, a ponto de não se fazer um edificio de maior notoriedade sem que nela tome parte o artista decorador. Em Portugal, porém, não acontece assim e a exposição do snr. Silvestro Silvestri vem muito a propósito, mesmo para demonstrar o que é a importante arte decorativa, tão bem representada nos trabalhos proficientemente executados pelo talentoso professor da eschola industrial "Faria Guimarães"» [162].

Além dos frescos da Capela de Nossa Senhora da Conceição, realizados em 1898, pintou o tecto e as paredes laterais da capela-mor do Cemitério de Agramonte e os dos jazi-

[162] *O Comércio do Porto*, 25 Setembro 1897.

gos da família Martins Guimarães, no Cemitério da Lapa; desenhou o «panneau» em azulejos existente no exterior da Igreja da Ordem do Carmo; pintou o painel da Capela do Asilo dos Velhinhos do Pinheiro Manso; o quadro a fresco representando Cristo a coroar a Virgem, que se encontra em S. Mamede de Infesta, na residência de José Martins Quelhas de Lima; executou numerosos trabalhos em casas particulares do Porto, como por exemplo os que realizou no Salão de Concertos da família Honório Lima; ilustrou os *Perfis Suaves*, de Júlio Brandão; colaborou na revista *Portugália* entre 1899 e 1908; desenhou os "ex-libris" da Biblioteca Pública Municipal do Porto [163]; pintou a bandeira da Escola Industrial Faria Guimarães da qual apresentamos a imagem na capa desta dissertação.

[163] *Capela do Cemitério de Agramonte*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Pelouro da Reabilitação Urbana e Apoio às Actividades Económicas, 2 Novembro 1996.